

Universidade Federal de Ouro Preto

Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História
Núcleo de Pesquisa em: Poder e Linguagem
Linha: Ideias, Linguagens e Historiografia

Dissertação

**Vidas em ação: biografia e
história na *Historia de
Belgrano (1859)* de Bartolomé
Mitre.**

Augusto Martins Ramires

Ouro Preto

2019



Augusto Martins Ramires

Vidas em ação: biografia e história na *Historia de Belgrano*
(1859) de Bartolomé Mitre.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História

Área de concentração: Poder e linguagem

Linha de Pesquisa: Ideias, Linguagem e Historiografia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Miranda Mollo

R173v

Ramires, Augusto Martins.

Vidas em ação [manuscrito]: biografia e história na História de Belgrano (1859) de Bartolomé Mitre / Augusto Martins Ramires. - 2019.

154f.: il.: color; mapas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helena Miranda Mollo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

Área de Concentração: História.

1. Historiografia. 2. Biografia. 3. Espaços públicos - Argentina. 4. Mitre, Bartolomé, 1821-1906. I. Mollo, Helena Miranda. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 94(82)(043.3)



Augusto Martins Ramires

“Vidas em ação: biografia e história na História de Belgrano (1859) de Bartolomé Mitre ”

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Mariana, 26 de setembro de 2019.


Prof. Dra. Helena Miranda Mollo
Departamento de História - UFOP

**Participação por
videoconferência**

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto
Departamento de História – UNICAMP

**Participação por
videoconferência**

Prof. Dr. Evandro dos Santos
Departamento de História - UFRN

*Aos meus pais, por toda luta e apoio
incondicional.*

Agradecimentos

A escrita de uma dissertação em história, em grande medida, é um trabalho solitário. A pesquisa, muitas vezes, torna-se um labirinto em que só se é capaz de sair por conta própria. No entanto, este caminho fica muito mais difícil sem o apoio de pessoas próximas as quais de alguma forma nos ajudam na localização e nos dão força durante o percurso.

Agradeço imensamente aos meus pais, Elizete e Jalmir, por todo suporte. Sem eles nada disso seria possível, nem mesmo imaginável. Dedico esta dissertação a eles. Ao meu irmão Fernando, por todo incentivo e indagações sobre questões éticas e existenciais – “proceder pra vencer, pra crescer, prevalecer”.

À Prof.^a Dr.^a Helena Mirando Mollo, que desde a graduação acolheu este projeto sobre história da historiografia argentina e soube, da melhor maneira possível, lidar com minhas ansiedades e excessos. Obrigado pela orientação segura e precisa, e por me fazer entender que autonomia intelectual se constrói com rigor, seriedade e, principalmente, com imaginação. Sempre podemos melhorar, pois para o melhor também não há limites.

Agradeço aos meus professores da Unesp/Assis, onde iniciei meus estudos em história. A José Luis Bendicho Beired pela introdução à história intelectual argentina e à Karina Anhezini de Araújo, que despertou meu interesse em teoria e história da historiografia. Aos meus colegas de turma e aos meus companheiros de casa em Assis/SP, os quais me ensinaram o significado de viver com as diferenças, devo muito a vocês. Em especial a João Pedro Panini, por uma amizade que começou com os dramas existenciais de Fernando Sabino, cresceu com os diálogos sobre a opressão kafkiana, se desvirtuou com os excessos de Bukosvky e prolongou-se em Dostoievski e Hannah Arendt.

Aos docentes, discentes e amigos da Universidad Nacional de Cuyo em Mendoza, na Argentina, pela calorosa acolhida nas terras frias da cordilheira dos Andes. Ao professor Fernando Nicolazzi que, em 2013, em um encontro no *Interescuelas* em Mendoza, me sugeriu estudar teoria e história da historiografia na UFOP em Mariana/MG. Tenho certeza de que fiz uma ótima escolha indo às montanhas mineiras.

Sou grato pelo imenso suporte institucional dos funcionários da UFOP – secretaria do departamento de história, pós-graduação e funcionários da biblioteca e do ICHS em geral.

Aos professores do departamento de História da UFOP e a todos os integrantes do NEHM – Núcleo de Estudo em História da Historiografia e Modernidade, pela acolhida e todo aprendizado. Em Mariana encontrei um ambiente estimulante para refletir sobre as questões relativas à teoria e história da historiografia. Nesse sentido, foram fundamentais os

professores Sérgio da Mata, Marcelo Rangel, Luísa Rauter, Marcelo Abreu, André de Lemos Freixo e os professores das disciplinas de mestrado, Álvaro de Araújo Antunes e Mateus Fávaro Reis. Em especial, gostaria de agradecer à professora Helena Mollo e ao Rodrigo Machado pela confiança e oportunidade de trabalhar na revista *História da Historiografia*.

Aos professores Mateus Henrique Pereira e Valdeci Lopes de Araujo pela intensidade intelectual inigualável. Ao Mateus, pela saudável imoderação bibliográfica e por todo apoio. Ao Valdeci, por todo estímulo de pensamento, pela arguição precisa e valiosa em minha qualificação e pela oportunidade de ministrar uma aula sobre história da historiografia brasileira, um dos momentos mais estimulantes em meu percurso intelectual. Sou grato a ambos pelo trabalho em equipe desenvolvido na *História da Historiografia*, revista da qual fui secretário durante um ano; assim como pela oportunidade de participar, em alguma medida, do percurso de reflexão sobre o “atualismo”.

Ao professor Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, pela participação na banca de qualificação, cujos apontamentos foram fundamentais no desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores José Alves de Freitas Neto e Evandro dos Santos, pela participação e arguição na defesa desta dissertação. Sou imensamente grato pelas questões, sugestões e apontamentos. Foi estimulante debater este trabalho com especialistas que admiro e que contribuíram de forma fundamental no desenvolvimento das minhas reflexões. Obrigado!

Um agradecimento especial aos professores argentinos Alejandro Eujanian e Fabio Wasserman. Com ambos tive a oportunidade de trabalhar na revista *História da Historiografia* e, de forma simpática, acolheram minhas indagações e contribuíram com indicações bibliográficas.

Aos colegas de graduação e pós-graduação da UFOP. Em especial à amiga Larissa Breder Teixeira, pelo constante incentivo, “prudência” e presença essencial nessa jornada. Ao Rodrigo Machado, um romântico paulista em solo mineiro, obrigado pelas oportunidades e trocas intelectuais. Ao Renato Paes, hegeliano incansável, pelos diálogos e reflexões. Ao Walderez Ramalho, pelas conversas sobre teoria da história e por compartilhar leituras sobre Hayden White. Meus agradecimentos a outros tantos colegas tão importantes quanto os anteriormente citados para a construção e realização desta pesquisa.

À Lissa R. Trench, companheira de vida, por todo o carinho, amor e pelo apoio fundamental nesta fase “dissertação”, principalmente por ter tornado essa passagem em Minas Gerais muito mais leve e alegre. Obrigado por ter suportado as conversas sobre os “prolegômenos” abstratos sobre a concepção de tempo e sobre a tal da história da

historiografia. Deixo registrado meu agradecimento ao Jimi e ao Chully, dois gatinhos lindos que me ensinaram que o amor e as formas de se relacionar assumem diferentes modos.

À toda política de assistência estudantil da UFOP e das universidades públicas em geral, sem as quais não poderia ter concluído minha graduação. Agradeço a oportunidade e o privilégio de ter estudado em instituições públicas no ensino superior.

Finalmente, expresso meus sinceros agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio financeiro, fundamental para a execução desta pesquisa.

“A palavra, até mesmo a mais contraditória, preserva o contato – é o silêncio que isola.”

Thomas Mann, A montanha mágica. 1924.

Resumo

A presente dissertação tem como mote central a compreensão da relação entre biografia, história e espaço público na Argentina na década de 1850. Mais especificamente, o objeto principal desta pesquisa é a articulação da experiência da história na *Historia de Belgrano* (1859) de Bartolomé Mitre. A partir da análise da singularidade da edição de 1859, procuramos entender a ação da narrativa de Mitre por meio da articulação dos conceitos fundamentais, antitéticos e assimétricos de Reinhart Koselleck. Nesse sentido, compreende-se a categoria de ação no sentido de fundar e preservar corpos políticos, tal qual postulado por Hannah Arendt. Dessa forma, a biografia de Mitre é considerada uma proposta historiográfica na medida em que a historiografia é entendida como uma ação de ressignificação, que propõe novas ações para a compreensão da realidade do mundo. A hipótese que guia nossa indagação é a de que, se não se logra formular uma narrativa nacional genealógica através das primeiras obras de Mitre – *Biografía del General Belgrano* (1857) e *Historia de Belgrano* (1859) –, conforme argumenta grande parte da fortuna crítica, estas obras estabelecem bases públicas para uma construção simbólica e historiográfica da nação.

Palavras-chave

História da Historiografia; Bartolomé Mitre; Experiência da História;
Biografia; Espaço Público.

Abstract

The main purpose of this dissertation is to understand the relationship between biography, history and public space in Argentina in 1850. More specifically, the main object of this research is the articulation of the experience of history in the *Historia de Belgrano* (1859) by Bartolomé Mitre. By analyzing the singularity of the 1859 edition, we seek to understand the action of Mitre's narrative by articulating the fundamental, antithetical and asymmetric concepts of Reinhart Koselleck. In this respect, the category of action is understood in the sense of founding and preserving political bodies, as postulated by Hannah Arendt. Thus, the biography of Mitre is considered a historiographic proposal since historiography is understood as an action of resignification which proposes new actions for the understanding of the reality of the world. The hypothesis that guides our inquiry is that if one cannot formulate a national genealogical narrative through the first works of Mitre – *Biografía del General Belgrano* (1857) and *Historia de Belgrano* (1859) –, as argued in other critical essays on this author, these works establish public bases for a symbolic and historiographic construction of the nation.

Keywords

History of Historiography; Bartolomé Mitre; Experience of History;
Biography; Public space.

Sumário

| | |
|--|-----|
| Introdução | 1 |
| Entre biografias: 1810-1850..... | 2 |
| História, biografia e espaço público..... | 7 |
| Perspectivas historiográficas sobre a <i>Historia de Belgrano</i> | 16 |
| | |
| Capítulo 1. <i>Historia de Belgrano: conceitos fundamentais</i> | 24 |
| 1.1 <i>A Historia de Belgrano</i> | 24 |
| 1.2 Sentidos e projeções da <i>Historia de Belgrano</i> | 35 |
| 1.3 Conceitos fundamentais e antitéticos..... | 44 |
| 1.3.1 Aproximações sobre a emergência individual..... | 54 |
| | |
| Capítulo 2. Entre a história e a biografia: o individual e o epistemológico | 64 |
| 2.1 História e biografia: entre o indivíduo e o <i>coletivo singular</i> | 64 |
| 2.2 Formações de um aparato epistemológico na história biográfica..... | 82 |
| 2.3 Entre o epistemológico e a escrita afetiva..... | 92 |
| | |
| Capítulo 3. Ação e espaço público: dimensões do agir | 98 |
| 3.1 O espaço público, aparência e objetivos comuns: a nação..... | 98 |
| 3.2 Projeções sobre a ação: espaço público e opinião pública..... | 108 |
| 3.2.1 O escritor público e a ação: proposições éticas..... | 117 |
| 3.3 O corolário de Sarmiento: continuidades da ação..... | 124 |
| | |
| Considerações finais | 136 |
| Referências bibliográficas | 141 |
| Anexos | 150 |

Introdução

“Este pequeno espaço intemporal no âmago mesmo do tempo, ao contrário do mundo e da cultura em que nascemos, não pode ser herdado e recebido do passado, mas apenas indicado; cada nova geração, e na verdade cada novo ser humano, inserindo-se entre um passado infinito e um futuro infinito, deve descobri-lo e, laboriosamente, pavimentá-lo de novo.”

Hannah Arendt, Entre o futuro e o passado. 1961.

Os “tempos sombrios”, propostos pela filósofa alemã Hannah Arendt, não se referem exclusivamente às monstruosidades do século XX. Como argumenta a antropóloga política judia, os “tempos sombrios” não constituem uma raridade na história, nem tampouco uma constante emergente. Estes tempos se ligam de maneira enfática a um determinado “tempo histórico” e, assim, vinculam experiências, expectativas, ansiedades e traumas; passados e futuros.

Não é determinante afirmar se o tempo em que vivemos é, efetivamente, um dos “tempos sombrios”. Não obstante, não nos cabe desdenhar da súbita emergência de tal configuração. Como ressalta a teórica que foi Hannah Arendt, esse tempo não é, de tudo, “absoluto visível para todos”, embora seja “suficientemente real”. Nos cabe sim, como um compromisso e uma responsabilidade, permanecer em constante vigilância. Nos cabe, essencialmente, reestabelecer a dignidade da política a partir da conservação do estar entre os homens. Nos cabe, por fim, demarcar claramente as fronteiras daquilo que constitui o mundo comum em que nos inserimos, para que perspectivas limitadoras não sejam engendradas como hegemônicas e, conseqüentemente, torturadores não sejam aplaudidos no âmbito público. Como historiadoras/historiadores e/ou como homens/mulheres, é nosso dever realizar ações e ações sobre outras ações, para que sua irreversibilidade e imprevisibilidade não sirvam como plataforma de ascensão de “tempos sombrios”.

Particularmente, recuperar a mulher que foi Hannah Arendt e sua contribuição teórica é um ato de resistência aos sinais de escuridão que emanam em nosso tempo. Mais do que mera retomada de um humanismo cívico no âmbito político, recuperar Arendt é entender que o que determina a realidade é, fundamentalmente, a pluralidade, a compreensão, o respeito, o cuidado e a vigilância em face de nós e do mundo: *amor mundi*. Portanto, nos cabe preencher este espaço intemporal ressaltado na epígrafe e pavimentá-lo com este *amor mundi*, com ímpeto e sem resignação.

Entre biografias: 1810-1850.

Manuel Belgrano, Bartolomé Mitre e a futura nação argentina. Passado, presente e futuro. Personagens que se mesclam no contexto argentino na década de 1850 e em grande parte da segunda metade do século XIX. O herói que simboliza a virtude republicana, arauto da ilustração e da liberdade, Manuel Belgrano é considerado pela cultura histórica argentina um dos principais protagonistas da Revolução de 1810. Bartolomé Mitre, por sua vez, foi periodista, político, militar e historiador e um dos maiores nomes da vida letrada do século XIX argentino. Por fim, a presente necessidade na década de 1850 de tecer os contornos sobre a principal questão a ser pensada, vivida e projetada: o que foi, o que é e como será a nação argentina. Em síntese, tradição, ação e projeto.

A trajetória de Manuel Belgrano é marcada por uma intensa atividade pública e envolvimento em disputas políticas. Economista, advogado, político e militar, sua vida recorta o período de transição entre o fim do regime colonial e o desenvolvimento da independência na Argentina. É conhecido, principalmente, como o criador da bandeira argentina. Belgrano nasceu no Rio da Prata em 1770, estudou direito na Espanha pela Universidad de Valladolid e logo começou a se envolver em discussões sobre a revolução francesa e sobre os preceitos iluministas. Durante sua estadia na Europa, recebeu autorização do papa Pio VI para ler todo tipo de literatura, como Montesquieu, Rousseau entre outros. Foi nomeado secretário perpétuo do Consulado de Comércio de Buenos Aires (1797) e atuou em prol da liberdade de comércio a despeito das posições mercantilistas e monopolistas dos espanhóis residentes no Rio da Prata. Sua principal preocupação era direcionada ao âmbito educacional, articulando projetos voltados à criação de escolas e instituições de ensino durante sua atuação no Consulado. Participou das duas invasões inglesas em 1806 e 1807, servindo como capitão de milícias urbanas e como sargento do regimento de patrícios e, ainda, como ajudante militar após renúncia ao cargo de sargento.

Belgrano adquiriu notabilidade pública em 1810, devido à sua participação na revolução contra a metrópole espanhola, destacando-se como um dos principais protagonistas e dirigentes da revolução. Compôs a primeira “Junta” governativa em 25 de maio de 1810 como vocal e foi nomeado pela mesma “Junta” como mandatário da expedição ao Paraguai, responsável por conter as forças realistas que ali se encontravam.¹ Assim, impulsionou a

¹ O cargo de “vocal” na primeira junta se caracterizava pelo aspecto consultivo e pragmático, realizando funções designadas pelo diretor da Junta. Assim, Belgrano foi um dos assessores que administrava assuntos internos,

realização da independência do Paraguai, apesar de suas derrotas militares. Ainda, realizou expedições na banda oriental (Montevidéu), centro realista de resistência.

Em 1812 Manuel Belgrano foi nomeado pelo primeiro triunvirato ao cargo de chefe do exército do Norte, para combater a frente realista vinda do alto Peru – este episódio será um ponto central na vida de Belgrano, que através de derrotas e vitórias, desobediências às ordens centrais de Buenos Aires e outras tantas peripécias, fizeram do patriota um nome incontornável na vida pública argentina dos primeiros anos do século XIX. Foi substituído como general por San Martín e atuou como diplomata na Europa, ainda defendendo as causas revolucionárias de 1810. Em 1816, participou do Congresso de Tucumán e promoveu, junto a outros, a declaração de independência das províncias unidas na América do Sul.²

Bartolomé Mitre, o biógrafo de Belgrano, foi nada menos que o primeiro presidente de uma Argentina reunificada a partir de 1862, após décadas de conflitos políticos e quase uma década de secessão de Buenos Aires. Segundo Túlio Halperin Donghi, Mitre pode ser considerado o “padre de la Argentina moderna”.³ Governador de Buenos Aires, fundou o jornal *La Nación* e é considerado o pai fundador da moderna historiografia argentina a partir de suas duas grandes obras: *Historia de Belgrano y de la Independencia Argentina* (1887) e *Historia de San Martín y de la Emancipación Sudamericana* (1890).

Nascido em Buenos Aires em 1821, desde muito cedo mostrou grande interesse por livros. Em 1831 inicia sua carreira militar e sua vida de escritor em Montevidéu, compondo poemas, críticas literárias e pequenos contos. Por motivos políticos, trasladou-se à Bolívia em 1846 e pertenceu ao círculo íntimo do presidente general José Ballivián. Teve ainda passagens pelo Peru e pelo Chile, onde teve contato com personalidades como Juan Bautista Alberdi e Domingo Faustino Sarmiento. Seu posicionamento político contra Juan Manuel de Rosas⁴ o impedia de regressar a Buenos Aires. Assim, sua volta se efetivou a partir de 1852

como delegações e comissões. Uma de suas funções foi o comando da expedição militar ao Paraguai em 1810-1811.

² Este breve esboço biográfico tem como referência a obra de Bartolomé Mitre *Historia de Belgrano*, fonte central desta dissertação.

³ HALPERIN DONGHI, Tulio. "Mitre y la Formulación de una Historia Nacional para la Argentina". En: Anuario IEHS, Taldil, N. 11, 1996.

⁴ Alberto Lettieri nos fornece uma síntese elucidativa sobre Rosas: “Juan Manuel de Rosas (1793-1877) governou a província de Buenos Aires entre 1829-1832 e 1835-1852, impondo sua hegemonia sobre o resto do território nacional. Seu governo, de tom conservador, adquiriu características despóticas, impulsionando uma política de repressão sistemática e de restrições de liberdade públicas, obrigando os membros de sua oposição ao exílio. Seu mandato concluiu-se com a Batalha de Caseros, no dia 3 de fevereiro de 1852, através do levante de um de seus antigos aliados, o governador da província de Entre Rios, Justo José Urquiza, que ao romper com Rosas, organizou um exército com 25.000 efetivos (Ejército Grande Aliado).” *Tradução nossa*. Ver: LETTIERI, Alberto. “La Republica de la Opinión”. Poder político y sociedad civil de Buenos Aires entre 1852 y 1861. Revista Indias, 1997, vol.LVII, n. 210. p. 445-510.

integrando o exercício de Justo José de Urquiza⁵ contra Juan Manuel de Rosas na *Batalha de Caseros*. Após a derrota de Rosas e a ascensão de Urquiza como novo mandatário das províncias unidas do Rio da Prata, Mitre protagonizou oposição ao ex-governador de Entre Rios, refutando o *Acuerdo de San Nicolau*, que determinaria a forma de constituição de todas as províncias da Argentina.⁶ Com isso, foi expulso do país por Justo José de Urquiza, mas logo retornou sendo um dos arautos da revolução de 11 de setembro, evento que determinou a secessão de Buenos Aires em relação à Confederação Argentina liderada pelo mesmo Urquiza. Foi um dos líderes dos interesses portenhos e participou de inúmeras expedições militares contra os indígenas ou contra as forças bélicas de Urquiza. Em 1859 como ministro de guerra, comandou o exército na *Batalha de Cepeda* contra Urquiza e firmou o *Pacto de San José de Flores*, por meio do qual se comprometia com a reintegração de Buenos Aires junto à confederação. Já como governador da Província de Buenos Aires, em 1860 rompeu novamente com a Confederação e liderou a província na polêmica *Batalha de Pavón* em 1861 – conflito em que Urquiza se retirou do confronto e consagra a vitória aos portenhos. O *Pacto San José de Flores* foi efetivado com a reforma constitucional de 1860 e Mitre, por eleição unânime, tornou-se o primeiro presidente de uma Argentina reunificada. A presidência de Mitre (1862-1868), assim como a de Domingo Faustino Sarmiento (1868-1874) e Nicolás Avellaneda (1874-1880) forma o que o historiador Tulio Halperin Donghi denominou de período de “organização nacional”.⁷

Belgrano e Mitre foram homens públicos, que agiram no espaço público a partir da tentativa de estabelecer ações que procuravam compor a organização ou a reorganização nacional, independentemente dos meios propostos. Se o biografado agiu no seio da revolução de 1810, como ator e arauto de uma determinada posição política, o biógrafo age ao estabelecer uma resignificação da ação do ator de 1810 na década de 1850, abrindo uma continuidade e uma nova ação a partir do precedente. Em ambos os indivíduos, emerge como

⁵ Justo José de Urquiza foi um general militar e político argentino. Foi governador da província de Entre Rio durante o regime político de Juan Manuel de Rosas. Em 1851 realizou um levante contra Rosas, o derrotando na batalha de Caseros em 1852. Foi presidente da Confederação Argentina entre 1854 e 1860.

⁶ Sobre o acordo: “O Acordo de San Nicolás foi um pacto assinado em 31 de maio de 1852 por 13 das 14 províncias das Províncias Unidas do Rio da Prata, sendo a exceção a província de Buenos Aires. O tratado tinha como objetivo estabelecer as bases para a organização nacional. Também serviu como precedente à sanção da Constituição da Confederação Argentina de 1853. O acordo nomeou Justo José de Urquiza como encarregado provisório da Confederação Argentina”. *Acuerdo de San Nicolás*. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Acuerdo_de_San_Nicol%C3%A1s. Acesso em: 22/04/2018.

⁷ Este breve esboço biográfico tem como referência a biografia sobre Bartolomé Mitre escrita pelo historiador Miguel Ángel De Marco. Ver: De Marco, M. A. *Bartolomé Mitre*. Buenos Aires: Emecé, 2004.

ponto central a questão nacional, sempre nova em suas formulações e respostas.⁸ O que constitui e determina a nação argentina? Quais os significados da revolução de 1810? Quais suas tradições? Quais os meios políticos para se atingir tal objetivo? Qual o futuro da nação argentina? São estas as questões que perpassam biografado e biógrafo. Assim, ação e discurso são mobilizados intensamente para uma intervenção pública, seja no agir através de feitos ou no discursar através da escrita da história: a nação torna-se o objeto privilegiado.

Cabe ressaltar que na década de 1850 a atuação pública de Bartolomé Mitre, assim como de outros personagens coetâneos, buscou articular uma representação do passado para uma ação política. Esta ação pública buscava uma possível organização das dimensões do político e da política, compreendidas sob a chave de leitura da nação.⁹

Na década de 1850 a cidade de Buenos Aires condensou uma intensa atividade política e concebeu um provisório consenso interno dentro das premissas do liberalismo político, ainda que variado em suas efetivações práticas. A elite portenha procurou estabelecer um novo regime político, por meio de diversas instâncias, tais como as eleições, a livre opinião e o fomento dos debates através dos periódicos. Desta forma, articulou-se uma intensa mobilização política que fez emergir novos dirigentes que, ainda que ligados aos grandes

⁸ Não é o objetivo desta dissertação discutir de maneira pormenorizada a problemática da nação e da nacionalidade. A operação do conceito de nação, nacionalismo e nacionalidade é feita no intuito de demonstrar as representações do passado em Bartolomé Mitre. Para uma bibliografia sobre o tema, ver: ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989; BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000; BUCHBINDER, Pablo. La historiografía rioplatense y el problema de los orígenes de la nación. Cuadernos del CLAEH, n. 69. Montevideo: CLAEH, 2a serie, año 19, 1994; CHATTERJEE, Partha. Comunidade imaginada por quem? In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 227-238; CHIARAMONTE, José Carlos. Ciudades, provincias, Estados: orígenes de la Nación Argentina (1800-1846). Buenos Aires: Ariel, 1997; CHIARAMONTE, José Carlos. El mito de los orígenes en la historiografía latinoamericana. Cuadernos del Instituto Ravignani, n. 2. Buenos Aires: Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani, 1991; CHIARAMONTE, José Carlos. El problema de los orígenes de los estados hispanoamericanos en la historiografía reciente y el caso del Rio de la Plata. Anos 90. Revista do curso de pós-graduação em História. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 1, p. 49-83, 1993; GONZÁLEZ BERNALDO, Pilar. Civilidad y política en los orígenes de la Nación Argentina: las sociabilidades en Buenos Aires (1829-1862). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001; GUERRA, François-Xavier. Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas. México: Fondo de Cultura Económica, 1993; PIMENTA, João Paulo Garrido. Estado e nação no fim dos Impérios Ibéricos no Prata (1808-1828). São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

⁹ Para uma diferenciação entre as dimensões da política e do político, me remeto a obra de Pierre Rosanvalon: ROSANVALLON, Pierre. Por uma história do político. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010. Sobre o contexto argentino na década de 1850, ver: DONGHI, T. H. Una nación para el desierto argentino. Introducción. In: DONGHI, T. H. (org.) Proyecto y construcción de una nación (1846-1880). Buenos Aires: Ariel, 1995; SABATO, H. Ciudadanía, participación y la formación de la esfera pública en Buenos Aires, 1850-1880, en: *Entrepasados, revista de historia*. Año IV, Núm. 6, 1994; LETTIERI, Alberto. “La Republica de la Opinión”. Poder político y sociedad civil de Buenos Aires entre 1852 y 1861. Revista Indias, 1997, vol. LVII, n. 210. p. 445-510; BONAUDO, Marta (Org.). Nueva historia argentina: liberalismo, estado y orden burgues (1852-1880). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999; WASSERMAN, F. La Libertad de imprenta y sus límites: prensa y poder político em el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850. Almanack Brasiliense. São Paulo, n.10, nov. 2009. p. 130-146.

proprietários, “construyeron su lugar a partir de su propia actividad pública y política, ella misma fuente de poder.”¹⁰

A construção deste novo regime político, por parte da elite portenha, requeria duas Mobilizações fundamentais: tradição e projeto. Por um lado, o núcleo da tradição foi a ideia de liberdade política. Liberdade em contraposição à tirania, que, no momento, era associada à figura de Rosas e Urquiza.¹¹ Destarte, a articulação do passado em Buenos Aires na década de 1850 procurava se desvencilhar do fardo do passado rosista e federal, condensada nas figuras dos “caudilhos” para então recuperar uma outra perspectiva, a liberdade através do legado dos unitários.¹² Por outro lado, a construção dos projetos, pautada no legado dos unitários da Revolução de 1810, vinculavam as noções de liberdade, civilização e progresso. Tratou-se, em síntese, de projetos que se aglutinavam sob a rubrica da tradição política centralista e que, em última instância, seriam exportados para as outras províncias, tendo Buenos Aires como o centro irradiador da liberdade, civilização e progresso.¹³ São estes os elementos articulados no espaço público portenho.

Desta forma, Belgrano e Mitre são mobilizados nesta pesquisa como integrantes deste mundo comum, político por excelência, no qual a ação no espaço público é central para a construção da realidade. São os objetivos e problemas do mundo comum que ligam biografado e biógrafo, a saber, o objetivo da nação e da organização política. Assim, Mitre e Belgrano são tomados como indivíduos sintomáticos para estabelecermos a questão central aos propósitos desta pesquisa: compreender a articulação da ação através da biografia como proposta historiográfica. Portanto, através da *Historia de Belgrano* de Bartolomé Mitre, escrita em 1859, tentaremos evidenciar as elaborações públicas sobre o passado, articulados

¹⁰ SÁBATO, Hilda. “Prólogo. Disputas políticas por la construcción de la república (1850- 1880)”. In: TITTO, Ricardo de. (Comp.) *El pensamiento de Bartolomé Mitre y los liberales*. Buenos Aires: El Ateneo, 2009, p. 13. Reproduzo a nota de rodapé de Hilda Sabato sobre este trecho: “En ese marco, la figura de Bartolomé Mitre (1821-1906) ocupó un lugar central. Fue un hombre de acción y de reflexión, que articuló diferentes facetas en una compleja persona pública. [...] eran sobre todo, hombres públicos, que se consideraban parte de un patriciado destinado a representar al conjunto de la sociedad [...]”. SÁBATO, Hilda. “Prólogo. Disputas políticas por la construcción de la república (1850- 1880)”. In: TITTO, Ricardo de. (Comp.) *El pensamiento de Bartolomé Mitre y los liberales*. Buenos Aires: El Ateneo, 2009, p. 14.

¹¹ O ensaio de Domingo Faustino Sarmiento, de 1845, *Facundo: civilización y Barbarie*, é elucidativo desta nova articulação, provendo as bases simbólicas que estruturam as ressignificações operadas. Ver, sobretudo: MÄDER, Maria Elisa. “Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX”. *História Unisinos* 12.3, 2008, p. 263-270.

¹² EUJANIAN, Alejandro. *La Nación, la historia y sus usos en el estado de Buenos Aires, 1852-1861*. Anuario IEHS 27, 2012. p. 57-83.

¹³ Sobre as densidades semânticas destes conceitos no contexto platino, ver: Noemí Goldman (dir.) *Lenguaje y revolución: conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850*. Buenos Aires: Prometeo, 2010; FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (dir.). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. Tomo II, en 10 vols. Ver especificamente os verberes sobre Argentina.

na história biográfica de Mitre. O problema que subjaz a esta indagação se sintetiza a partir da dimensão da historiografia entendida como ação de ressignificação, ou seja, ação que estabelece continuidade e rupturas na compreensão da realidade do mundo.¹⁴

História, biografia e espaço público

“A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança [remembrance], ou seja, para a história.”

Hannah Arendt, A condição Humana, 1958.

A *Historia de Belgrano* foi escrita como um prolongamento de um primeiro esboço biográfico realizado por Mitre e publicado no empreendimento coletivo *Galeria de Celebridades Argentinas* em 1857.¹⁵ Segundo Mitre, o prolongamento do esboço biográfico de 1857 foi impulsionado pela grande recepção e aceitação pública da obra, construindo uma interpretação sobre a revolução com ênfase na ação orientadora dos personagens como principais agentes do processo histórico.

Desta forma, o objeto desta pesquisa é a composição da experiência da história na *Historia de Belgrano* (1859) de Bartolomé Mitre.¹⁶ A presente dissertação tem como objetivo principal destacar as especificidades da segunda edição da história biográfica de Bartolomé Mitre, que foi negligenciada pela análise crítica da historiografia, na medida em que sua compreensão se faz pela leitura de suas edições posteriores.¹⁷ Assim, a contribuição desta

¹⁴ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

¹⁵ O título da primeira biografia publicada na *Galeria é: Biografía del General Belgrano*.

¹⁶ Por experiência da história, entendemos um conjunto de articulações discursivas, imagéticas e sensoriais que procuram estabilizar representações que condensem uma orientação existencial a partir de um plano histórico, ou seja, representações que entrelacem passado, presente e futuro e, assim, proveem sentidos aos sujeitos históricos. Estas articulações de experiências não necessariamente se subscrevem sob a rubrica de uma historiografia *tout court*, abrangendo aspectos conflitivos e populares da representação histórica. Seguimos os usos heurísticos da categoria desenvolvidos por Valdei Lopes de Araujo. Ver: ARAUJO, Valdei Lopes de. Historiografia, nação e os regimes de autonomia na vida letrada no Império do Brasil. *Varia História*, Belo Horizonte, vol.31, n.56. 2015. p. 365-400; ARAUJO, V; RAMOS, A. A emergência de um ponto de vista cosmopolita: a experiência da história de Portugal na Universal History. *Almanack*, n.10. 2015. p. 465-491

¹⁷ Para os propósitos desta pesquisa, são centrais as interpretações de Alejandro Eujanian, Fabio Wasserman e Elias Palti sobre a historiografia argentina no século XIX. Os três autores, de forma geral, propõem interpretações sobre o conjunto da obra de Mitre, estabelecem rupturas significativas entre a segunda (1859) e a terceira (1876) edição de Mitre. No entanto, os autores privilegiam uma perspectiva analítica que compreende as quatro edições (1857, 1859, 1876, 1887) da obra de Mitre sob um mesmo plano analítico, no intuito de visualização da problemática da história genealógica nacional. Desta forma, estas interpretações não realizam análises pormenorizadas das especificidades de cada edições. Nesse sentido, nossa pesquisa procura contribuir para o entendimento destas singularidades da obra, especificamente para a década de 1850. Esboçaremos ao longo da introdução as perspectivas que embasam esta afirmativa. EUJANIAN, Alejandro. El surgimiento de la crítica. in: CATTARUZZA, Alejandro; EUJANIAN, Alejandro. Políticas de la Historia. Argentina 1860-1960.

pesquisa recai sobre uma análise pormenorizada da obra de 1859, a despeito de suas futuras edições, de 1876 e de 1887, quando Mitre consolida-se como grande historiador nacional no espaço público argentino. Em alguma medida, foi incorporada a primeira edição da obra, *Biografía del general Belgrano*, escrita em 1857. Não obstante, sua presença no escopo analítico se faz apenas como parte da composição historiográfica da década de 1850, da mesma forma que outros textos de Mitre, tais como os artigos publicados em periódicos e discursos públicos. Privilegiamos, assim, a segunda edição de 1859 como um momento de conclusão da experiência da história desta década.

A hipótese que guia nossa indagação é a de que, se não se logra formular uma narrativa nacional através das primeiras obras de Mitre: *Biografía del General Belgrano* (1857) e *Historia de Belgrano* (1858/59), conforme argumentam grande parte da fortuna crítica sobre Mitre, estas estabelecem, advogamos, possíveis bases públicas sobre o passado para a construção simbólica e historiográfica da nação.¹⁸ Assim, é nos anos de 1850 que começamos a visualizar as intervenções historiográficas de Mitre.

Para tanto, partimos de uma tese consolidada na historiografia argentina que postula que a não realização de uma história nacional antes da década de 1870 deveu-se justamente à ausência de aparatos políticos e institucionais que assegurassem as condições de estabilidade projetivas e epistemológica para a construção do relato da nação.¹⁹ Esta tese emerge a partir da renovação da história intelectual preconizados pelos estudos da linguagem na década de 1990, em uma nova abordagem que tem como mote a compreensão das condições de possibilidades das obras históricas e das representações sobre o passado.²⁰

Buenos Aires: Alianza, 2003. p. 17-42; WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008; PALTÍ, Elías. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani, tercera serie, n.21, 2000. p. 75-98.

¹⁸ Abordaremos a fortuna crítica sobre Mitre na próxima seção desta introdução.

¹⁹ EUJANIAN, Alejandro. El surgimiento de la crítica. in: CATTARUZZA, Alejandro; EUJANIAN, Alejandro. Políticas de la Historia. Argentina 1860-1960. Buenos Aires: Alianza, 2003. p. 17-42; PALTÍ, Elías. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani, tercera serie, n.21, 2000. p. 75-98.

²⁰ A renovação da história intelectual diz respeito a um deslocamento para as condições discursivas, a despeito das ideias e intenções autorais. Para uma análise da renovação da história intelectual pelo âmbito de estudos da linguagem, ver: CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. Topoi, Rio de Janeiro, n.1, pp. 123-152, 2000; ALTAMIRANO, C. Ideias para um programa de História intelectual. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.19, n.1.2007; PALTÍ, Elías. La nueva historia intelectual y sus repercusiones em América Latina. História Unisinos. Vol. 11 Nº 3 - setembro/dezembro, 2007; AVELAR, A; FARIA, D; PEREIRA, M. (org.) Contribuições sobre à história intelectual do Brasil republicano. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012; NICOLLAZI, Fernando. História da historiografia e temporalidades: notas sobre *tradição* e *inovação* na história intelectual. Almanack. Guarulhos, n.07, p. 27-32, 1º semestre de 2014; WASSERMAN, C. História intelectual: origem e abordagens. Tempos Históricos. v. 19, p. 63-79, 2015.

Em linhas gerais, tal interpretação tangencia as diferentes possibilidades historiográficas durante a primeira metade do século XIX, antes da consolidação institucional e centralização política da década de 1880 e, ainda, antes da emergência do relato nacional genealógico na mesma década. O problema fundamental desta tese diz respeito ao aspecto levantado pelo historiador Elias Palti sobre um “romanticismo” sem historiografia, ou uma “cultura historicista sin historiografia”.²¹ De acordo com o autor, observamos inúmeras produções literárias de cunho jurídico e sociológico, com características ensaísticas, sem que, contudo, a produção intelectual historicista articulasse um relato histórico ou uma historiografia. Dito de outra forma, o historicismo da região do Prata, mesmo postulando a perspectiva fundamental de que a historicização do real é uma condição para a sua apreensão – tal qual descreve Michel Foucault em *As palavras e as Coisas*²² –, não produziu uma narrativa especificamente histórica sobre o mundo histórico, relegando a outras perspectivas e gêneros literários a articulação das representações do passado.

Nesse sentido, nossa hipótese procura demonstrar que, mesmo sob o signo da ausência que ecoa desta interpretação, a experiência da história mobilizada pela *Historia de Belgrano* de Mitre possui densidade propositiva e propaga uma orientação temporal, no sentido de concretizar expectativas e consolidar aspectos históricos no presente, ou seja, fundar e preservar ações no espaço público.²³ Ainda, nossa hipótese incide no prolongamento da tese sobre o “historicismo sin historiografia”, em que, além da ausência institucional, estatal e política, afirma-se que os vários projetos políticos em disputa no contexto das décadas de 1850 e 1860 impossibilitaram a emergência de uma estabilidade política, ou um ponto de

²¹ Segundo Palti: “La producción del romanticismo rioplatense presenta una asimetría notable. Mientras su obra literaria y doctrinaria señala una cima en América Latina, su obra historiográfica resultará sumamente débil y tardía comparada incluso con la de otros países de la región, como Brasil y Chile. Y ésta no sería una carencia menor dentro de la economía discursiva del romanticismo, puesto que la historia no era un registro más dentro del universo de ideas romántico, sino aquel en función del cual se organizaban todos los demás géneros (la novela, el pensamiento político, etc.). La misma denuncia, en definitiva, las dificultades que se presentaron a lo largo del siglo pasado para concebir en nuestro país una idea de la evolución nacional comprendida en términos genealógicos. [...] Sólo la afirmación del orden político haría finalmente imperativo dotar discursivamente al nuevo Estado de bases menos precarias y contingentes que los azares en los campos de batalla durante las guerras de independencia y, al mismo tiempo, ofrecería las condiciones epistémicas para concebir una ‘historia nacional’.” PALTI, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani. n.21, 2000. p. 75-76. Fabio Wasserman destaca o mesmo argumento a partir da generalização de que, entre os anos de 1830 e 1860, pode-se observar uma “cultura historicista sin historiografia”. Ver: WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento historico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 246.

²² FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. 8a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

²³ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 10.

vista futuro para a projeção dos rumos históricos nacionais.²⁴ Como argumenta o historiador Fabio Wasserman, “la existencia de diversas alternativas de organización territorial y político-institucional, [...] hacía difícil trazar un rumbo histórico irrecusable que tuviera por protagonista a alguna comunidad nacional precisa.”²⁵ Acreditamos, sem desconsiderar por completo a perspectiva de Wasserman, que a dificuldade engendrada pelas diversas perspectivas políticas para a construção do relato nacional, antes de tudo, constituíram-se como um importante fomento para a experiência da história em sua efetivação narrativa, ou seja, a possibilidade bélica de diversas perspectivas fomentou a composição da experiência da história, produzindo práticas éticas, políticas e normativas.²⁶

²⁴ WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento historico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008.

²⁵ Destacamos a citação de forma completa: “La imposibilidad o la dificultad para dar forma a historias nacionales, problema que animó a la cultura rioplatense pero que se hizo aún más patente en aquellos que militaron en las filas del romanticismo, tuvo diversas causas que actuaron en conjunto potenciándose. Entre ellas hay sin embargo dos que merecen destacarse, no sólo por ser las de mayor peso, sino también por expresar ciertas paradojas o contradicciones políticas e ideológicas. Por un lado, porque si bien la matriz historicista imponía buscar el sentido de la experiencia histórica local y del rumbo que ésta debía tomar apelando al conocimiento del pasado, las convenciones ideológicas dominantes llevaban a abjurar del mismo. Por el otro, porque se suponía que el sujeto privilegiado de la Historia era la nación. Sin embargo, la existencia de diversas alternativas de organización territorial y político-institucional, superpuestas con los conflictos facciosos, hacía difícil trazar un rumbo histórico irrecusable que tuviera por protagonista a alguna comunidad nacional precisa”. WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento historico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 99-100. *Grifos meus*.

²⁶ Um aspecto importante a ser ressaltado é que esta pesquisa tem como horizonte interpretativo os estudos em história da historiografia brasileira. Grande parte dos problemas abordados fazem parte do conjunto de reflexões que a comunidade de pesquisadores brasileiros vem abordando a mais de duas décadas. Não se trata de postular uma pesquisa com foco na comparação, mas apenas indicar problemas desenvolvidos pela comunidade de especialistas em história da historiografia brasileira. Para um panorama geral da produção brasileira sobre história da historiografia e sobre as formulações teóricas e metodológicas do campo, ver: GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Sobre a história da historiografia brasileira como campo de estudos e reflexões. In: NEVES, Lúcia M. Bastos Pereira et. al. Estudos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, pp.19-35; ARAÚJO, Valdeí Lopes de. O século XIX no contexto da redemocratização brasileira: a escrita da história oitocentista, balanço e desafios. In: OLIVEIRA, Maria da Glória de e ARAÚJO, Valdeí L. de. (org.) Disputas pelo passado: história e historiadores no Império do Brasil. Ouro Preto/MG: Edufop/PPGHIS, 2012; e OLIVEIRA, M. G; GONTIJO, R. Sobre a história da historiografia brasileira: um breve panorama. R. IHGB, Rio de Janeiro, a.177 (472): 13-38, jul./set. 2016. Sobre uma abordagem teoricamente orientada, ver: ARAUJO, Valdeí Lopes de. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. Locus, Juiz de Fora, V. 12, p. 79-94, 2006. p.80; ARAUJO, Valdeí Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. História da Historiografia, n. 12, p.34-44, 2013. Para propósitos elucidativos, podemos ressaltar o exemplo brasileiro sobre a formação de diversas camadas significativas que engendram a experiência da história entre a primeira e segunda metade do século XIX. Em geral, a tese de um “projeto historiográfico” centraliza as reflexões sobre a experiência da história de maneira institucional. Não é fortuita a concentração de pesquisas sobre o IHGB oitocentista. No entanto, ao pensarmos outras fontes para a história da historiografia e, consequentemente, outras perspectivas analíticas, podemos observar que a aglutinação em torno de um “projeto historiográfico” não é tão homogênea quanto se postula. Valdeí Lopes de Araujo expõe alguns exemplos nesse sentido, argumentando que podemos encontrar tensões éticas-políticas sobre os modos de articulação das representações do passado. Em síntese, trata-se de momentos em que se acumula determinadas condições para a emergência de abordagens sobre o passado, condensando experiências e práticas. ARAUJO, Valdeí Lopes de. Historiografia, nação e os regimes de autonomia na vida letrada no Império do Brasil. Varia História, Belo Horizonte, vol.31, n.56. 2015. p. 365-400.

Desta forma, a principal proposta desta pesquisa é analisar a articulação entre biografia, história e espaço público na Argentina durante a década de 1850, mais especificamente, nos deteremos sobre os elementos operativos e constitutivos da *Historia de Belgrano*, a partir da perspectiva de Hannah Arendt para a formação de construtos simbólicos, políticos e históricos no espaço público e, ainda, da perspectiva da história conceitual elaborada por Reinhart Koselleck, no que concerne aos movimentos de temporalização e politização dos conceitos fundamentais, assimétricos e antitéticos.²⁷

Sobretudo, para Hannah Arendt, o espaço público assume centralidade fundamental em sua reflexão sobre a antropologia política.²⁸ Ao destacar os fundamentos antropológicos da condição humana, ou o que Hannah Arendt designa como *vita activa*, encontramos suas formulações em relação ao espaço público. Em síntese, tanto o *trabalho*, dimensão voltada às necessidades e a manutenção da vida, quanto a *obra*, dimensão da *mundanidade-do-mundo* e fabricante de durabilidade de “coisas”, remetem-se aos espaços privados, justamente porque não necessitam da pluralidade entre os homens para sua efetivação. Ao contrário, a ação, como dimensão política por excelência, pressupõe a pluralidade dos homens como condição – este é o ponto em que o espaço público se articula. A ação é o fundamento da política e o elemento configurador do espaço público, exercida através da palavra e do discurso. A ação produz durabilidade em um mundo mortal e perecível, construindo corpos políticos e interferindo na teia de relações simbólicas entre os homens, no intuito de configurar as dimensões de pertencimento e de poder no mundo. Portanto, o espaço público em Hannah Arendt diz respeito à pluralidade dos homens em um mundo comum em que se desenvolvem os princípios da ação.²⁹

²⁷ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 219-308; KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006. pp. 191-231

²⁸ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

²⁹ A escolha teórica sobre o espaço público obedece a orientações teóricas gerais que guiam esta pesquisa. Ao pensarmos a categoria de espaço público na obra de Hannah Arendt observamos a possibilidade de maior mobilidade conceitual para se pensar as dimensões do tempo histórico a partir da história da historiografia, justamente com as contribuições de Reinhart Koselleck. Sobre a aproximação entre os dois autores, ver: HOFFM, Stefan-Ludwig. Koselleck, Arendt, and the Anthropology of Historical Experience. *History and Theory* 49 (May 2010), p. 212-236; DIAS DUARTE, João de Azevedo. Tempo e crise na teoria da modernidade de Reinhart Koselleck. *História da Historiografia*. Ouro preto. N.8. 2012. p. 70-90. As categorias de “espaço público” e “esfera pública” remetem ao termo em alemão *Öffentlichkeit*. Para os propósitos de reflexão, estamos considerando o termo “esfera pública” para a matriz de pensamento habermasiana, no qual se baseia em um ideal normativo cuja articulação se pauta na racionalização; e o termo “espaço público” para a matriz de pensamento Arendtiana, compreendida como um espaço performativo de comunicação de uma determinada realidade. Não cabe aqui recuperar exaustivamente os argumentos de construção da categoria habermasiana, no entanto, sem prejuízos analíticos, apenas indicaremos alguns apontamentos elucidativos. A categoria de esfera pública em Habermas articula o aspecto centrado na ação comunicativa dos homens em seu exercer público. O movimento se configura a partir da separação público/privado que emerge com o Estado/nação, no qual os interesses

Acredita-se que os âmbitos constitutivos e operativos da história biográfica de Mitre configuram intervenções fundamentais no espaço público portenho e respondem à necessidade de se compreender historicamente a sociedade a partir do processo aberto com a Revolução de 1810, que estabelece uma abertura de futuro para as projeções políticas.³⁰

Desta forma, ao analisarmos os elementos operativos da história biográfica procuraremos indagar sobre o papel da *Historia de Belgrano* para a mobilização da experiência da história no espaço público da década de 1850. A ideia de operação diz respeito à ação intrínseca da biografia em sua projeção de concepções históricas no espaço público. Ou seja, quais as funções da história biográfica para a exposição da experiência da história? Quais os modos de tessitura e projeção desta experiência? A indagação sobre a arquitetura conceitual da história biográfica é a principal chave de leitura para a compreensão desta perspectiva. Assim, o arranjo metodológico dos conceitos fundamentais, antitéticos e assimétricos de Reinhart Koselleck é o recurso utilizado para a apreensão da dimensão operativa.³¹

A ênfase nos elementos constitutivos da *Historia de Belgrano* busca compreender os aspectos que configuram a biografia, ou seja, a anatomia da história biográfica em Bartolomé Mitre e a articulação de sua escrita como representação histórica.³² Acreditamos que a história

burgueses e privados constituem-se em alicerces de julgamentos e consensos que alimentam a mediação da esfera pública em relação ao poder decisório da política. Ou seja, a defesa pública do caráter privado da sociedade que, não necessariamente, constituem-se em realização política, passa pelo crivo racional da esfera pública, e, esta, por sua vez, articula uma mediação entre a sociedade civil e o Estado. Ver: HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. Para uma reflexão direcionada às críticas ao modelo Habermasiano, ver: FRASER, N. “Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy”. In: Craig Calhoun (org.) Habermas and the Public Sphere, Cambridge, MA, MIT Press, 1996. LOSENKANN, Cristiana. A esfera pública habermasiana, seus principais críticos e as possibilidades do uso deste conceito no contexto brasileiro. Pensamento Plural. Pelotas, janeiro/junho 2009. P. 37-57.

³⁰ O termo “operação” é entendido a partir de uma acepção que procura ressaltar as possibilidades de: intervenção, produção de efeitos, poder, manobras, medidas. De modo algum nos referimos a ideia de “operação historiográfica” de Michel De Certeau. Trata-se de um termo cuja sinonímia refere-se à ação.

³¹ KOSELLECK, Reinhart. A semântica histórico-política dos conceitos antitéticos assimétricos. Em: Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006. pp. 191-231; FERES JÚNIOR, João. El concepto de américa: ¿concepto básico o contraconcepto? In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014.

³² Assim, esta dissertação pretende indagar sobre as especificidades da biografia no século XIX, propondo um alargamento de sua concepção, através da análise entre a relação de história e biografia. Sobre a biografia, ver: DOSSE, F. A idade Heroica. In: O Desafio Biográfico: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 55-122; LORIGA, S. La escritura biográfica y la escritura de la historia em el siglo XIX y XX. Anuario IEHS 27 (2012), p. 163-186; OLIVEIRA, M. G. Biografia e historia magistra vitae: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista. Anos 90, Porto Alegre, v. 22, n. 42, 2015. p. 273-294; SCHIMIDT, B. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. História (São Paulo) v.33, n.1, 2014. p. 124-144; CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. Métis: história & cultura, v.2, n.3, jan.-jun. 2003, p.73-94; AVELAR, A. S. Escrita da história,

biográfica no contexto do Prata condensou uma experiência moderna da história e articulou um viés específico para a construção do conhecimento histórico no século XIX, através da instância mediadora da nação e da fundamentação epistemológica a partir dos recursos aos documentos e da crítica histórica. O uso dos documentos pauta a interpretação de Mitre, utilizando-os como recurso de estabelecimento de verdade para a narrativa. Nesse sentido, a abordagem sobre a tensão entre história e individualidade e a consequente indagação sobre os limites da história biográfica serão elementares para entendermos a potencialidade pública da obra de Mitre. Ainda, a visualização dos elementos de legitimidade e os aspectos epistemológicos da biografia, com ênfase em seus recursos constitutivos, completam o quadro de apreensão da história pela biografia, alargando a compreensão desta última no século XIX.

A principal questão entre biografia e história é evidenciada a partir da emergência do conceito moderno de história. Assim, a biografia surge como problema historiográfico na medida em que refletimos sobre a articulação individual dentro do quadro de referência do processo sintetizado no conceito moderno de história.

Conforme propõe Reinhart Koselleck, a emergência do conceito moderno de história revela-se a partir da formação de um campo de experiência novo, nos quais compreende uma série de processos, como a formulação de um coletivo singular. O coletivo singular aglutinaria diversas histórias singulares, transformando-as em um único movimento de inteligibilidade da realidade. A função deste processo na constituição do conceito de história pode ser resumida a partir da percepção de uma coerência em que todos os eventos formam o sentido total. Trata-se da “história em si”.³³

Junto à ideia de coletivo singular, podemos destacar o processo de estabelecimento das filosofias da história e a temporalização da história, em que se postula as condições conjecturais, hipotéticas e presuntivas para a história, seja através da ideia de progresso ou da

escrita biográfica: das possibilidades de sentido. In: Alexandre Avelar e Benito Schmidt (Org.) *Grafia da vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 65-80. Para uma abordagem que procurar sistematizar as implicações da modernidade no relato biográfico ver: ARAUJO, Valdei lopes de. *Sobre a permanência da expressão historia magistra vitae no século XIX brasileiro*. In: *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. (Org.) Fernando Nicolazzi, Helena Miranda Mollo, Valdei Lopes de Araujo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

³³ Segundo Koselleck: “A ideia do coletivo singular [...] permitiu que se atribuísse à história aquela força que reside no interior de cada acontecimento que afeta a humanidade, aquele poder que a tudo reúne e impulsiona por meio de um plano, oculto ou manifesto, um poder frente ao qual o homem pôde acreditar-se responsável ou mesmo em cujo nome pôde acreditar estar agindo. O advento da ideia do coletivo singular, manifestação que reúne em si, ao mesmo tempo, caráter histórico e lingüístico, deu-se em uma circunstância temporal que pode ser entendida como a grande época das singularizações, das simplificações, que se voltavam social e politicamente contra a sociedade estamental: das liberdades fez-se a Liberdade, das justiças fez-se a Justiça, dos progressos o Progresso, das muitas revoluções “La Révolution”. KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae*. Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento. In: *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006. p.52.

partilha de dimensões teleológicas. A temporalização da história compreende este movimento, cuja determinação do tempo é imanente à própria história. Em síntese, “a história se eleva a algo como última instância. Ela se transforma em agente do destino humano ou do progresso social”.³⁴

Com a emergência da ideia de coletivo singular e o conceito moderno de história, a história transcendeu os feitos individuais e as conotações singulares ao se concentrar em processos. Neste movimento, o sujeito implícito na articulação da história [*historie*] se perde em favor de uma abstração coletiva e processual [*geschichte*]. Com a fragmentação do *topos Historia Magistra Vitae*, a singularidade e a individualidade perdem centralidade na compreensão da realidade – é o que a historiadora Sabina Loriga denomina de “desertificação do passado”.³⁵ Conforme ressalta a autora, desde os fins do século XVIII, os historiadores “se desviaram das ações e sofrimentos dos indivíduos para se dedicarem a descobrir o processo invisível da história universal”.³⁶ Nesse sentido, a emergência do coletivo singular ressaltou uma história sem sujeitos. Apesar da individualidade humana, abundam potências, nações, povos, alianças e grupos de interesse. Desta forma, a dimensão individual da história ficou encoberta por forças históricas abstratas.

A biografia, ao tratar do individual e do singular, recebe fortes críticas por parte dos historiadores durante o século XIX.³⁷ Historiadores, filósofos da história e cientistas sociais desdenham o gênero biográfico. Quando o pensamento histórico se consolida como

³⁴ KOSELLECK, Reinhart. O conceito de história. Trad. René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.124.

³⁵ LORIGA, Sabina. O pequeno x: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.12.

³⁶ LORIGA, Sabina. O pequeno x: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.11.

³⁷ A perspectiva de Loriga diz respeito ao contexto francês e europeu no século XIX, em que se pode observar a emergência de relatos históricos de maiores consistências e aparatos científicos em vias de consolidação desde o início do século. No mesmo sentido, no caso francês, o historiador François Dosse descreve o gênero biográfico como uma escrita de menor valor para articulação histórica, revelando uma hegemonia da historiografia profissional na apreensão dos processos históricos de maior envergadura. Ver: DOSSE, F. A idade Heroica. In: O Desafio Biográfico: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 55-122. Cabe ressaltar que esta interpretação deve ser relativizada no espaço sul-americano, na medida em que podemos observar o gênero biográfico como um importante meio de escrita da história, ou seja, como uma performance historiográfica que procurou fundar uma interpretação histórica. O contexto chileno, argentino e brasileiro é sintomático desta performance da biografia. Nos três países podemos encontrar compêndios e galerias biográficas que compõem elementos para a compreensão histórica da realidade. Nesse sentido, nossa pesquisa procura interpretar estes fenômenos biográficos na América Latina e contribuir em interpretações que centralizam a biografia como performance historiográfica. Sobre estas perspectivas, ver: OLIVEIRA, M. G. Biografia e historia magistra vitae: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista. Anos 90, Porto Alegre, v. 22, n. 42, 2015. p. 273-294; CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. Métis: história & cultura, v.2, n.3, jan.-jun. 2003, p.73-94; ARAUJO, Valdeí Lopes de. Sobre a permanência da expressão historia magistra vitae no século XIX brasileiro. In: Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão. (Org.) Fernando Nicolazzi, Helena Miranda Mollo, Valdeí Lopes de Araujo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011; SANTOS, Evandro. Ensaio sobre a constituição de uma ética historiográfica no Brasil oitocentista: Francisco Adolfo de Varnhagen, o historiador no tempo. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

fundamento de compreensão da realidade a partir do conceito moderno de história no século XIX, as relações entre biografia e história são marcadas por conflitos de confins, ou delimitações rígidas de fronteiras sobre os campos de conhecimento. Sabina Loriga destaca que as fronteiras entre biografia e história se “incendeiam” sob o impulso de três forças dessemelhantes que fazem da totalidade a categoria explicativa do devir histórico.³⁸ São as mesmas características indicadas na ideia de coletivo singular proposto por Reinhart Koselleck.

Nesse sentido, no conjunto de articulações propositivas do conceito moderno de história e das balizas que demarcam as fronteiras entre biografia e história, se estabelece a pergunta: qual a relevância individual para a escrita da história? Qual a função da biografia para a escrita da história? Desta forma, é na indagação sobre o lugar do indivíduo dentro do arcabouço da história que tentaremos responder nossas indagações sobre a biografia.

Entendemos a biografia como um gênero híbrido e composto, de difícil estabelecimento de regras formais. Assim, seguiremos as sugestões metodológicas de Sabina Loriga no que concerne à apreensão biográfica.³⁹

Outrossim, a biografia como recurso historiográfico é utilizada por Mitre a partir da composição de um sentido histórico baseado na trajetória do biografado e tendo por base a dimensão epistêmica que sustenta a biografia, para o estabelecimento de uma verdade. A fixação de um *telos* que difunde uma liberdade política republicana estabelece um percurso histórico específico à *Historia de Belgrano*. Se em um primeiro momento a dimensão individual é o que conduz a narrativa da história biográfica, institui rupturas temporais – como

³⁸ A primeira fronteira entre biografia e história, de cunho político, diz respeito aos grandes sujeitos coletivos, como a nação, o povo e o Estado. São destacados o desenvolvimento histórico desses sujeitos coletivos, em que a primazia do político conduz a narração histórica. A segunda força dessemelhante remete à articulação das filosofias da história, que por sua vez, contribuíram para reduzir o alcance do aspecto biográfico. O indivíduo é submetido à lei geral da história, justamente pela preponderância de uma perspectiva teleológica. A terceira força destacada por Loriga é a força da ciência. No século XIX, a ênfase na profissionalização e cientificação do conhecimento social assumiu uma perspectiva que privilegiava a ênfase epistêmica e profissional das ciências humanas. Em seu ideal de cientificidade recorreu-se à preponderância do social e dos padrões, a despeito da singularidade e do individual. A palavra de ordem aqui é “regularidades” e o indivíduo é entendido como superficial e a impessoalidade assume centralidade como critério científico. Ver: Loriga, Sabina. O pequeno x: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. pp. 10-15.

³⁹ Sabina Loriga, ao indagar sobre a constituição da biografia no século XIX, ressalta que: “em vez de formular regras gerais sobre um gênero de escritura particularmente volúvel, parece-me mais fecundo meditar sobre essa fronteira fluida que separa a biografia da história e da literatura, e analisar as proibições, os abalos, as incursões recíprocas que a transpõem.” Nesse sentido, a indagação verte sobre o próprio conteúdo na biografia analisada, a despeito de regras do gênero de escrita. E é o conteúdo que define, historicamente, a especificidade da biografia, a despeito de regras do gênero. Assim, adotamos este princípio metodológico para analisar a *Historia de Belgrano*. Mais do que realçar sua constituição formal, abordamos sua articulação conceitual e epistemológica para uma definição. Nesse sentido, chegamos à conclusão que a denominação de Loriga, ou seja, a biografia como uma “história biográfica”, é particularmente rica para a apreensão heurística. Ver: Loriga, Sabina. O pequeno x: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. pp. 14-15.

no caso da passagem no sistema colonial aos anos revolucionários – e realça os sentidos históricos a partir da construção de instituições republicanas, em um segundo momento este percurso é estabilizado através da dimensão epistêmica que sustenta a narrativa. Portanto, são as dimensões propositivas de sentido e de verdade que são assumidas como mote da construção historiográfica da biografia de Mitre.

Assim, ao buscarmos as especificidades da *Historia de Belgrano* de Mitre, indagaremos sobre o protagonismo individual do biografado em face do curso da história interpretada por Mitre. Procuraremos estabelecer as tensões que esta indagação sugere através da relação entre a teleologia que existe na biografia e a condição individual. Ao mesmo tempo, a exploração dos recursos epistêmicos e a visualização das configurações de legitimidades são tomadas na presente pesquisa como aspectos fundamentais da história biográfica.

Portanto, as duas vias de indagação sobre a *Historia de Belgrano* – a partir dos aspectos de composição da história biográfica e seus modos de ação – convergem para o mesmo problema: a articulação da experiência da história no espaço público na década de 1850 em uma Buenos Aires em secessão. Assim, procuraremos tencionar a tese central de um “historicismo sin historiografia”, e ressaltar que os modos de composição das representações do passado não podem se restringir apenas às formas totalizantes das histórias nacionais – viés privilegiado pela historiografia argentina – mas que, ao contrário e de forma fundamental, assumem diversas formas e preenchem demandas existenciais de orientação prática no mundo histórico.

Perspectivas historiográficas sobre a *Historia de Belgrano*

Bartolomé Mitre foi um político, historiador, militar e publicista, mas sobretudo, foi um arauto nos grandes debates da vida pública, preocupado com os principais problemas de sua época.⁴⁰ É considerado pela historiografia do século XX o “pai fundador” da historiografia argentina, assim como Francisco Adolfo de Varnhagem para o Brasil.⁴¹ A

⁴⁰ Desde a Revolução de Mayo até consolidação das instituições e do Estado nacional na década de 1880, o combate entre diferentes plataformas políticas recebeu delineamentos centrais em todas as dimensões da vida, sejam elas culturais, sociais, políticas e econômicas. BONAUDO, Marta. A Modo de Prólogo. In: BONAUDO, Marta (Org.). Nueva historia argentina: liberalismo, estado y orden burgues (1852-1880). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999. P.11-26.

⁴¹ Sobre os estudos comparativos entre Mitre e Varnhagem, ver: PALTÍ, Elias. Imaginación Histórica e identidad Nacional en Brasil y Argentina: un estudio comparativo". En: Revista Iberoamericana, Vol. LXII, N.174, enero-marzo, 1996. pp. 47-69; DEVOTO, Fernando, “La construcción del relato de los orígenes en Argentina, Brasil y

posição de Mitre como autor central na historiografia argentina diz respeito à sua grande obra de maturidade, *Historia de Belgrano y de la Independencia Argentina* (1887), que constitui o primeiro grande relato nacional, tendo em vista a dimensão genealógica da nação como perspectiva.⁴²

Assim, tornou-se um lugar comum na historiografia argentina afirmar que a polêmica entre Bartolomé Mitre e Vicente Fidel Lopez constitui o “evento fundador” desta historiografia, no qual as interpretações tanto de Rómulo Carbia, na década de 1920, quanto de Nora Pagano e Fernando Devoto, nos anos 2000, afirmam seu caráter fundacional.⁴³ Da

Uruguay: las historias nacionales de Varnhagen, Mitre y Bauzá”. In ALTAMIRANO, Carlos (Director). *Historia de los intelectuales en América Latina. I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Buenos Aires, Katz Editores, 2008. p. 269-289.

⁴² Sobre a dimensão genealógica da nação, ver: PALTÍ, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: *Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani*. n.21, 2000. p. 75-98; PALTÍ, Elias. La nación como problema. Los historiadores y la "cuestión nacional", Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2002

⁴³ No primeiro grande balanço historiográfico argentino intitulado *Historia de la historiografía argentina* (1925) – reeditado em sua forma definitiva em 1940 sob a denominação de *Historia crítica de la historiografía argentina* –, o historiador Rómulo Carbia destaca duas correntes estruturantes da historiografia argentina, sendo ambas formuladas em finais da década de 1870. A primeira corrente seria embasada pela perspectiva de uma filosofia da história, ou “história filosofante”, em que, segundo o autor, a interpretação dos fatos teria maior importância que a averiguação do plano documental do relato. Seus maiores nomes seriam José Manuel Estrada (1842-1894) e Vicente Fidel López (1815-1903). A segunda corrente seria a “escuela erudita”, preocupada com postulados metodológicos que comprovariam os argumentos vertidos pelos autores, realizando uma orientação aos arquivos. A escola erudita possuiu quatro etapas ou “edades progressivas” e seria o movimento fundamental para a estruturação de uma historiografia profissional. Apesar das três primeiras etapas, é importante ressaltar a posição que Mitre ocupa nesta perspectiva, em que a historiografia erudita se completa – a quarta etapa – na “obra historiográfica de don Bartolomé Mitre”. No que concerne às duas primeiras biografias, para Carbia, estas são imprecisas e não possuem o “arsenal erudito” que Mitre, a partir de 1870, vai formalizar. Segundo o autor: “debo recordar que aunque la reedición de la Historia de Belgrano fué hecha en 1859, un año después de su primera publicación, no hay entre ambas diferencia alguna, [...] *El primer mejoramiento, pues, es el de la tercera edición (1876-1887), donde la obra comienza a tomar ya el carácter que había de cristalizar en la cuarta aparición (1887). Así fué, en efecto, pues en la primera y segunda edición de su Belgrano, Mitre no abunda en citas documentales, ni en acotaciones eruditas*. En la tercera, en cambio, inicia la exhibición de su arsenal bibliográfico y documental, indicando al pie del texto, en forma precisa y clara, las fuentes éditas e inéditas en que bebiera su información. Este modo lo conservó luego en toda su labor posterior. No puede dudarse de que las bonificaciones que se advierten en la tercera edición de la Historia de Belgrano, fueron el fruto de la polémica con Vélez [...]” (CARBIA, 1940. p.147) (*Grifos Meus*). Para os propósitos da reflexão, utilizamos a edição de 1940 de Rómulo Carbia. CARBIA, Rómulo. *Historia Crítica de la Historiografía Argentina*. Buenos Aires: Coni, 1940. Como destaca Valdeci Lopes de Araujo, a história da historiografia nasce junto com a consolidação da história como discurso autônomo no final do século XIX e seu principal objetivo foi traçar os progressos da pesquisa histórica desde a antiguidade à sua forma científica. Ver: ARAUJO, Valdeci Lopes de. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. *Locus, Juiz de Fora*, V. 12, p. 79-94, 2006. Neste sentido, as observações de Carbia procuram estabelecer um estudo sobre as condições disciplinares da pesquisa histórica, elaborando um catálogo de autores, obras e métodos empregados na pesquisa histórica. Não necessariamente se restringindo à produção disciplinar, o autor procura estabelecer as bases de uma historiografia orientada cientificamente através da análise de seus predecessores. Sobre o debate entre Mitre e o jurista Vélez Sarsfield, este ocorreu via imprensa em 1864 e mobilizou dois dos maiores periódicos do período *El Nacional* e *La Nación* e, por fim, resultou em um compêndio, transformando-se em um apêndice indispensável da *Historia de Belgrano* de Mitre, pois vertia outros argumentos apoiados em novos documentos, sobre temas polêmicos como a personalidade de Manuel Belgrano e o lugar ocupado pelo caudilho Güemes. Ver, especialmente: EUJANIAN, Alejandro. El surgimiento de la crítica. in: CATTARUZZA, Alejandro; EUJANIAN, Alejandro. *Políticas de la Historia. Argentina 1860-1960*. Buenos Aires: Alianza, 2003. p. 17-42.

mesma forma, o historiador brasileiro José Alves de Freitas Neto discorre sobre a centralidade do discurso histórico de Bartolomé Mitre na cultura de história da Argentina no século XX, e estabelece que o relato mitreista é um “patrimônio historiográfico” central na identidade nacional argentina, devido ao seu êxito na articulação entre história e política.⁴⁴

A ênfase central do lugar ocupado por Mitre na historiografia argentina, postulado desde as interpretações de Rómulo Carbia em 1920, constitui uma tradição ou um cânone no estudo sobre a historiografia argentina.⁴⁵ Tal perspectiva, ao nosso ver, embasou as análises posteriores das obra de Mitre, resultando em análises que assumiam a dimensão do Estado/nação como principal chave de leitura da historiografia.⁴⁶ Esta perspectiva desconsidera o momento de produção das duas primeiras edições. Isto implica, ao nosso ver, em um encobrimento sobre o caráter operativo que as duas primeiras edições de Mitre realizaram no espaço público de Buenos Aires, assim como as articulações do tempo dentro

⁴⁴ FREITAS NETO, José Alves de. Mitre e a edificação de um patrimônio historiográfico argentino. *História da Historiografia*, n. 7, p. 78-93, 2011; FREITAS NETO, José Alves de. As Histórias de Mitre: a Argentina e seus outros. In: Marcia Naxara; Izabel Andrade Marson. (Org.). *Figurações do Outro na História*. Uberlândia: EDUFU, 2009, v. 1, p. 389-410.

⁴⁵ PALTI, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: *Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani*. n.21, 2000. p. 75-98; PALTI, Elias. La nación como problema. Los historiadores y la "cuestión nacional", Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2002.

⁴⁶ O resultado deste deslocamento rumo ao nacional, realizado por Carbia e outros, produziu uma depreciação analítica sobre as produções históricas anteriores à década de 1870, considerando-as como momentos “primitivos” ou esboços precários das obras maiores de Mitre e Lopez, justamente por não incorporarem as dimensões disciplinares da escrita da história e a nação genealógica como instância mediadora de orientação. A título de exemplo, ao nos determos sobre a reflexão de Tulio Halperin Donghi, sobre a obra de Bartolomé Mitre, observamos uma perspectiva arquitetada pelo par balizador “erudição-nação” esboçado por Rómulo Carbia. Em texto de 1996, Halperin Donghi procura analisar as formulações da história nacional na obra de Mitre. O argumento principal do autor verte sobre a construção do relato histórico a partir de um novo sujeito central, a nação. Para tanto, Donghi realiza um corte na historiografia que separa as “crônicas facciosas” das décadas de 1850 e 60, pautadas pela representação de sujeitos diversos, como grupos sociais e políticos específicos, para uma história nacional, que tem por base a aglutinação desses sujeitos na configuração nacional a partir da década de 1870. Donghi expressa uma continuidade na narrativa mitreana desde a primeira edição da obra. Desta forma, as edições de 1857 e 1859 são tratadas como “esqueleto” da grande obra que plasmaria o relato nacional, iniciada com as modificações conceituais realizadas a partir de 1876 com a terceira edição. Sobre as mudanças conceitual da terceira edição, ver: HALPERIN DONGHI, Tulio. "Mitre y la Formulación de una Historia Nacional para la Argentina". En: *Anuario IEHS*, Taldil, N. 11, 1996, 57-69; PALTI, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: *Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani*. n.21, 2000. p. 75-98. Assim, em termos interpretativos, a terceira e a quarta edição da obra iluminam as edições de 1857 e 1859, estabelecendo um caráter processual de elaboração da biografia. Em consoante com essa perspectiva entre disciplinarização da história e nação, é importante ressaltar as interpretações de Ricardo Levene (1948) e José Luiz Romero (1943). O primeiro destaca a importância da obra de Mitre e se assume como um dos discípulos de suas diretrizes. Segundo o autor, a obra de Mitre forma: “un sistema coherente de ideas históricas [...] que ha sembrado en el alma colectiva una floración de ideas directrices [...] que han despertado y robustecido la conciencia del Pueblo”. O segundo destaca a importância dos trabalhos realizados por Mitre, no qual este “puso las piedras angulares del edificio de la Nación”. LEVENE, Ricardo. *Las ideas históricas de Mitre*. Buenos Aires, Institución Mitre, 1948; ROMERO, José Luiz. “Mitre, um historiador frente al destino nacional”. In: *La experiencia argentina y otros ensayos*. Buenos Aires: Taurus, 2004. (Impreso originalmente em el diario La Nación em 1943).

da narrativa biográfica e as implicações epistemológicas contidas na segunda edição da obra, fonte desta pesquisa.⁴⁷

Contudo, é com as análises de Elias Palti que podemos observar a emergência de uma perspectiva teórica que baliza a linguagem política como objeto analítico, ressaltando matizes retóricos e conceituais na produção da representação do passado em cada edição da obra de Mitre. Isto implica em um importante deslocamento aos problemas da história da historiografia. Em síntese, Palti ressalta a organização metafórica e conceitual de cada linguagem política vertida em seus contextos específicos e os limites de expressão que estes núcleos organizadores engendram, principalmente em sua relação com o espaço público e com a opinião pública. Desta forma, o autor estabelece uma ruptura discursiva em Bartolomé Mitre em 1874. A perspectiva de Palti abre inúmeras possibilidades para se pensar a obra de Bartolomé Mitre, descongelando interpretações canônicas produzidas pela historiografia argentina.

No entanto, a revisão efetivada pela história intelectual, apesar de estabelecer uma significativa ruptura em termos analíticos com a historiografia precedente, ainda pauta uma centralidade na abordagem do discurso histórico de Mitre a partir da dimensão do Estado/nação em termos genealógicos.⁴⁸ Assim, a principal contribuição desta historiografia, com base na história intelectual, reside em sua capacidade de desmembrar as articulações discursivas da biografia sobre Belgrano.⁴⁹

⁴⁷ No mesmo sentido, destacamos a obra de Nora Pagano e Fernando Devoto de 2009 denominada *Historia de la historiografía argentina*, outro grande balanço historiográfico, que tem como mote discutir a história da historiografia de forma geral e a partir de uma perspectiva cronológica. A obra traz a lume outras contribuições para se pensar a obra de Mitre. Com demarcações precisas sobre o que constitui o campo da historiografia argentina, Nora Pagano – responsável pelo capítulo que abre o livro e trata especificamente sobre a “escola erudita” – articula nuances na leitura da obra de Mitre ao introduzir uma série de perspectivas analíticas: desde os lugares de produção das representações do passado e sua dimensão de entrelaçamento com a política, observamos uma tentativa sistemática de ressaltar as condições discursivas e sociais em que a obra se insere. Nesse sentido, no que concerne às biografias de Mitre, podemos observar uma ruptura interpretativa entre as biografias dos anos de 1850 e as edições posteriores. No entanto, devido ao caráter geral e introdutório da obra, esses e outros aspectos articulados pela autora não recebem maiores desdobramentos analíticos. As rupturas interpretativas destacadas por Nora Pagano têm como base os estudos de Elias Palti sobre a obra de Mitre. DEVOTO, F. e PAGANO, N. *Historia de La Historiografía Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

⁴⁸ Ver especificamente os textos de Claudia Wasserman e Fernando Nicolazzi a respeito da apreensão analítica do tempo pela história intelectual: NICOLAZZI, Fernando. História da historiografia e temporalidades: notas sobre *tradição e inovação* na história intelectual. Almanack. Guarulhos, n.07, p. 27-32, 1º semestre de 2014; WASSERMAN, C. História intelectual: origem e abordagens. *Tempos Históricos*. v. 19, p. 63-79, 2015. Para uma apreensão das complexidades da historicidade e do tempo ver: ARAUJO, Valdeci Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. *História da Historiografia*, n. 12, p.34–44, 2013.

⁴⁹ PALTÍ, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: *Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana* Dr. Emilio Ravignani. n.21, 2000. p. 75-98; WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento historico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008.

Nesse sentido, Fabio Wasserman localiza as causas que impossibilitaram a construção do relato nacional, dando ênfase aos aspectos da descontinuidade: a ausência de historiadores, de instituições e de um relato orientado por uma meta-narrativa nacional, ao focalizar suas análises no conjunto de formações discursivas, tendo em vista as dimensões políticas e institucionais. Apesar de realizar rupturas significativas dentro da história da historiografia, as análises ainda se submetem a uma perspectiva que levam demasiadamente em consideração a dimensão política da formação do Estado nacional, o que ocasiona uma leitura que compreende a produção discursiva da década de 1850 a partir da ausência institucional para o relato histórico nacional.

Desta forma, para a apreensão de uma história da historiografia voltada à compreensão das articulações temporais, faz-se necessária uma perspectiva que leve em consideração as diversas formas e demandas da experiência da história a partir de um horizonte interpretativo que se desvencilhe, em alguma medida, da dimensão de formação do Estado/nação. Portanto, esta pesquisa pretende compreender a historiografia não como resultado da centralização do Estado/nação, mas ao contrário, como possibilidade para este. Assim, daremos ênfase aos modos de intervenção no espaço público e as diversas articulações temporais mobilizadas conceitualmente pelas representações do passado na *Historia de Belgrano*. Como sintetiza Hannah Arendt, o intervir no espaço público pela *ação*, e pela articulação do discurso histórico, funda e preserva corpos políticos, que em última instância, produzem estabilidade no fluxo constante de temporalidades do mundo histórico.⁵⁰

A presente dissertação tem como objetivo principal destacar as especificidades da segunda edição da história biográfica de Bartolomé Mitre. A *Historia de Belgrano* foi negligenciada pela análise crítica da historiografia, na medida em que sua compreensão se faz pela leitura de suas edições posteriores – em que se desconsidera, em alguma medida, as ações públicas e historiográficas das primeiras edições. Nesse sentido, como objeto central, investigaremos a composição da experiência da história no espaço público portenho da década de 1850.

A composição da pesquisa está organizada em três momentos. No primeiro momento da dissertação realiza-se uma aproximação à *Historia de Belgrano*, tratando de suas

⁵⁰ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

características e seu conteúdo. São destacados os principais sentidos e projeções da obra de 1859, assim como seu núcleo conceitual. Acreditamos que a elaboração do núcleo conceitual é fundamental para a articulação de um sentido histórico e de uma projeção temporal para a década de 1850. Condensado principalmente pelo conceito fundamental de liberdade, a *Historia de Belgrano* explora um curso histórico que tem como mote a perspectiva política centralista e unitária, aberta com a revolução de 1810. Este curso histórico, como veremos, reflete de forma incisiva sobre o presente de publicação da obra em 1859. Assim, a exposição conceitual da obra, em seus núcleos conceituais antitéticos e assimétricos, e o sentido futurista propagado por este arranjo, permitem que a obra de 1859 seja uma importante operação política para a década de 1850, condensada principalmente pela dimensão individual no curso histórico. Portanto, o “*Capítulo 1. Historia de Belgrano: conceitos fundamentais*” trata destas e outras questões relacionadas ao projetar da história biográfica, ou seja, sua articulação operativa.

Sobre o primeiro capítulo, acreditamos que a vinculação conceitual da *Historia de Belgrano*, de forma intencional, produz uma determinada dimensão afetiva que serve como recurso de convencimento ao leitor projetado pela história biográfica. Assim, o aporte metodológico baseado na história conceitual, principalmente pela descrição dos conceitos fundamentais antitéticos e assimétricos, nos permite uma aproximação a esta dimensão de pertencimento e empatia ao leitor. Ressaltamos que nosso principal objetivo se pautou pela indagação de como a história biográfica de 1859 articulou um sentido histórico e bases públicas para a articulação da experiência da história, mas também, de forma aproximativa, como a história biográfica de Mitre postula dimensões afetivas que embasam a dimensão pública da experiência da história.

O segundo momento da dissertação, o “*Capítulo 2. Entre a história e a biografia: o individual e o epistemológico*”, procura estabelecer as tensões que subjazem na história biográfica. Serão ressaltadas as relações entre história e biografia, assim como as confluências entre sentido histórico e a dimensão da individualidade da história. A partir dos argumentos precedentes sobre os conceitos antitéticos e assimétricos e a emergência da individualidade como dimensão fundamental de harmonização de forças históricas, procuraremos evidenciar os modos de configuração da anatomia teórica da biografia, através da visibilidade do lugar no sujeito na narrativa mitreana. No arcabouço desta anatomia teórica, encontramos um aspecto basilar da história biográfica, fundamental para a articulação da interpretação proposta por Mitre, ou seja, a dimensão epistêmica da história biográfica. Se por um lado a

atestação documental – ou segundo as reflexões de Paul Ricoeur, uma “dimensão veritativa”⁵¹ – realiza uma ruptura com as interpretações precedente sobre a revolução de 1810, por outro, esta dimensão constitui um recurso singular na tessitura narrativa de Mitre. Nesse sentido, serão ressaltados os aspectos de legitimidade e as articulações recursivas que estruturam a biografia.

Se por um lado os conceitos fundamentais e antitéticos embasam uma dimensão sentimental pela sua apropriação positiva ou negativa, aqui encontramos na relação entre autor e leitor um importante recurso de imputação de sentido e afeto. Em outras palavras, a dimensão de atestação documental que consolida uma verdade por seu aporte veritativo estabelece uma condição que potencializa as interpretações de Mitre, ao pautar a interpretação sob a condição necessária de atestação documental. Esta atestação veritativa, também, potencializa a dimensão afetiva articulada nos conceitos fundamentais, por criar as condições de possibilidade de aproximação entre autor e leitor através da ideia de “recurso de transparência”.⁵² A história biográfica, assim, é utilizada pelo autor de forma heurística por conduzir uma narração histórica e permitir uma atestação documental pautada em uma vida e, ao mesmo tempo, potencializar o sentido histórico pela aproximação biográfica. São estes os elementos constitutivos da história biográfica e que serão desenvolvidos no segundo capítulo.

O terceiro e último momento da dissertação procura estabilizar as interpretações precedentes realizando uma aproximação entre as dimensões operativas e constitutivas da história biográfica de Mitre. O “*Capítulo 3. Ação e espaço público: dimensões do agir*” procura delimitar teoricamente a ideia de espaço público a partir da antropologia política de Hannah Arendt e estabilizar seu modo de operação. A operação diz respeito à sua atuação no espaço público, como ação e como estabelecimento interpretativo de ações, ou seja, ação como história e história como ação. Serão abordadas as condições de possibilidade do espaço público portenho, assim como sua projeção a partir da *Historia de Belgrano*.

Nos atentaremos à performance do escritor público no espaço público portenho e os modos de efetivação discursivos no contexto da década de 1850. Ao descrever as singularidades da ação, teremos condições de compreender o alcance e a estabilização de sentidos propagados pela *Historia de Belgrano*. Por fim, realçaremos a ação e reação em

⁵¹ O termo veritativo é utilizado por Paul Ricoeur e diz respeito a ideia de “representar em verdade o passado”. O termo é mobilizado dentro da discussão sobre as dimensões do testemunho, arquivo e prova documental. Assim, as “operações veritativas” em Ricoeur articulam as provas documentais. Aqui, o utilizamos de maneira ampla no sentido básico que encontramos em Ricoeur, ou seja, mobilizar a verdade do passado através de provas documentais. Ver: RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 178.

⁵² Desenvolvemos esta categoria no decorrer do segundo capítulo.

relação à operação da história biográfica de Mitre, principalmente a perspectiva que pautam uma continuidade política de sua implicação – a análise do *Corolario* de Sarmiento no serve como ponto sintomático do que temos argumentado sobre a explanação de bases públicas para a construção da história.

Portanto, “*Vidas em ação: biografia e história na História de Belgrano (1859) de Bartolomé Mitre.*” indaga sobre as dimensões da individualidade na história, da biografia como narrativa histórica e ainda, a articulação do passado no espaço público em meio à pluralidade. Em síntese, a história biográfica como proposta historiográfica: biografia, história e espaço público.

Capítulo 1. *História de Belgrano*: conceitos fundamentais.

O principal objetivo deste capítulo é destacar os termos centrais mobilizados por Bartolomé Mitre na *Historia de Belgrano*. Procura-se, assim, delimitar as dimensões interpretativas do processo histórico estabelecido pelo autor por meios dos conceitos fundamentais articulados na história biográfica. Serão ressaltados os aspectos operativos da biografia a partir da condução de preceitos para a vida social. Assim, o processo histórico interpretado por Mitre é expresso na década de 1850 sob a forma de uma continuidade entre 1810 e 1850 e a mobilização da experiência da história é feita a partir de sujeitos que integram de forma simbólica o espaço público portenho. A primeira seção, de caráter descritivo, compreende uma exposição da *Historia de Belgrano* em seus detalhes. Procuraremos sintetizar os principais tópicos da obra. A segunda seção, de caráter analítico, tem por objetivo iluminar os principais significados expressos na história biográfica de Mitre e realizar uma aproximação aos conceitos fundamentais que serão mobilizados na obra. A terceira seção procura realizar uma discussão analítica sobre os conceitos fundamentais e antitéticos expostos anteriormente. Ainda, a última subseção, de caráter mais ensaístico, procura demonstrar como esta articulação conceitual da *Historia de Belgrano* era mobilizada no espaço público portenho da década de 1850, através da configuração de forças históricas do passado à dimensão individual.

1.1 A *Historia de Belgrano* de Bartolomé Mitre

Nas últimas páginas que compõem o segundo tomo da *Historia de Belgrano*, escrita por Bartolomé Mitre, podemos observar um apêndice em que os editores Ledoux y Vignal, da livraria *Victoria*, vinculam a divulgação de outras obras.⁵³ Curiosamente, além dos três dicionários – um de língua espanhola; outro bilingue: francês/espanhol; o novo dicionário da “lengua castellana” e a *Historia do consulado e do Império* de M. A. Thiers que fora

⁵³ A divulgação do apêndice contém as seguintes obras: *Galeria de Celebridades Argentina*, a *Historia de Belgrano* de Bartolomé Mitre, *Buenos Aires y las provincias del Rio de la Plata*, *Ensayos de la historia civil de Buenos Aires, Tucuman y Paraguay* de Gregorio Funes, *Glorias Argentinas y Recuerdos Históricos: 1818-1825* de Tomas Iriarte, *Vida de Facundo Quiroga* de Domingo Faustino Sarmiento, *La Amalia* de José Marmol, *Vida Militar y Política del General Argentino D. Juan Lavalle* de Pedro Lacasa, *Mapa del Estado de Buenos Aires* de Arrowsmith, *Plano de la ciudad de Buenos Aires y sus alrededores* de Sourdeaux, *Mapa de la Confederacion Argentina* de Parish, *Mapa de la Confederacion Argentina* de Brué y Picquet. Entre os dicionários: *Diccionario nacional. O Grau diccionario clasico de la lengua española* de Ramón Joaquin Dominguez, *Diccionario Universal. Frances-español y Español-frances* de Ramón Joaquin Dominguez, *Nuevo diccionario de la lengua castellana* da Academia Espanhola. Uma enciclopédia: *Enciclopedia Moderna* de Francisco de Paula Mellado. Além de uma obra traduzida: *Historia del consulado y del Imperio* de M. A. Thiers.

traduzida, todas as demais obras versam sobre história, mais especificamente, segundo o título do apêndice: “Obras históricas sobre a Confederação Argentina”.

Das doze obras históricas do apêndice, brevemente resenhadas ou apenas citadas, podemos observar títulos como *La Amalia*, novela histórica por D. José Mármol; *Vida de Facundo Quiroga*, por Domingo F. Sarmiento; *Glorias Argentinas y Recuerdos Históricos* escrito pelo General D. Tomas Iriarte; *Ensayos de la historia civil de Buenos Aires, Tucuman y Paraguay* de D. Gregorio Funes; *Galeria de Celebridade Argentinas*;⁵⁴ além da obra em que se reproduz o próprio apêndice de divulgação, a *Historia de Belgrano* de Bartolomé Mitre.⁵⁵

A *Historia de Belgrano* foi escrita como um prolongamento de um esboço biográfico realizado por Mitre e publicado no empreendimento coletivo denominado *Galeria de Celebridades Argentinas* em 1857 sob o título de *Biografía del general Belgrano*. Segundo Mitre, o prolongamento do esboço biográfico foi impulsionado pela grande recepção e aceitação pública da obra. A *Historia de Belgrano*, revista, ampliada e publicada em 1859 totaliza mais de mil páginas escritas. Mais especificamente, vinte e seis capítulos distribuídos ao longo de dois tomos.

Além de vinte e seis capítulos, a obra é composta por um prefácio no qual se ressaltam os caminhos de elaboração da história biográfica e a sistematização dos documentos utilizados, assim como os elementos filosóficos que embasam sua construção; um corolário que finaliza a obra, escrito por Domingo Faustino Sarmiento e, por fim, um apêndice contendo os “documentos” e “peças justificativas” da biografia.⁵⁶

A partir do anúncio das obras inseridas no apêndice, podemos afirmar que existe uma gama de publicações sobre história, e ainda, uma atenção comercial em tais publicações. Assim, não é despropositado afirmar a existência de um interesse por história na Argentina na década de 1850. Tal interesse por publicações que veiculam a dimensão histórica compreende uma determinada necessidade de historicização como recurso de inteligibilidade da realidade.⁵⁷ O interesse por história, ou a sua presença ostensiva a partir das publicações,

⁵⁴ A *Galeriade Celebridades Argentinas* foi um empreendimento coletivo que procurava destacar, segundo Mitre, os “hombres notables” da “história argentina”. Entre os autores deste empreendimento, vale destacar os nomes de Sarmiento, Gutiérrez, Frías, Domínguez, Álvarez y Thomas. Ver: MITRE, BARTOLOMÉ. “Introducción” En: MITRE, Bartolomé; SARMIENTO, Domingo F; GUTIÉRREZ, Juan M; FRÍAS, Félix; DOMÍNGUEZ, Luis; ÁLVAREZ Y THOMAS, Ignacio. E et. al. *Galeria de Celebridades Argentinas – Biografías de los personajes más notables del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Libreria de la Victoria, Imprenta Americana, 1857. p. I-III.

⁵⁵ Em citações e referências aos textos de Bartolomé Mitre, conservaremos a grafia original das publicações.

⁵⁶ A edição ainda conta com “Erratas e omissões notáveis”, uma lista de subscrições da publicação e, como ressaltamos, um apêndice de divulgação de outras obras do mesmo período.

⁵⁷ Nesse sentido, a necessidade de historicização compreende a predominância do historicismo na região do Rio da Prata desde a década de 1830. Sobre este aspecto, ver: PALTÍ, Elias. *La Historia de Belgrano de Mitre y la*

torna-se relevante na medida em que observamos que a autonomia discursiva que compõe o “campo” da história não está, naquele momento, plenamente configurada.⁵⁸ No entanto, a despeito da inexistência deste campo, não há empecilhos na articulação discursiva da história para a compreensão de “toda uma época” a partir de determinada “originalidade”. Este aspecto é compreensível no anúncio veiculado no compêndio do segundo tomo da obra de Mitre, sobre a própria *Historia de Belgrano*:

Historia de Belgrano — Por el Coronel D. Bartolomé Mitre, 2 tomos de 650 paginas cada uno — Este libro es no solamente la vida de un hombre sino la *historia de toda una época*, incluyendo la del régimen colonial, la de las invasiones inglesas, los sucesos que precedieron à la revolucion y la prepararon, y las gueras de la Independencia, y demas acontecimientos notables desde 1810 hasta 1820. *Es lo mas completo, exacto y lo mas original que hasta el presente se ha escrito sobre la historia revolucionaria* — 160 pesos. (MITRE, 1859, Tomo II. p.555) (*grifos meus*)

A *Historia de Belgrano*, segundo a nota expositiva, seria a obra histórica mais completa e original escrita até o ano de 1859. A “história completa” descrita pelo anúncio assume relevância na comparação com as outras obras sobre história do apêndice, estas, ou são memórias históricas pessoais e histórias provinciais de cunho memorialístico, ou recortes específicos com fins de ressaltar características geográficas. De modo geral, podemos afirmar que até fins da década de 1850 não se formulou um relato histórico de maior envergadura, de cunho nacional, tal qual a história biográfica de Mitre.⁵⁹

problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani. n.21, 2000. p. 75-76; WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento historico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008.

⁵⁸ O historiador Fabio Wasserman argumenta sobre a instabilidade da configuração de um campo discursivo específico para a história, no qual articularia regras próprias e modos de elaboração. Segundo o autor: “[...] el conocimiento del pasado era comprendido como una actividad literaria, entendiendo a este calificativo como un equivalente a lo que hoy podría ser ‘cultural’. [...] Es decir que en principio, y al igual que los otros fenómenos examinados en lo que hace a las modalidades ensayadas para indagar en el pasado, se evidencia la falta de autonomía de un espacio de conocimiento histórico al quedar subsumido en el más amplio mundo de las letras.” WASSERMAN, Fabio. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 84.

⁵⁹ Esta é a perspectiva de Fabio Wasserman e Elias Palti. Os autores apontam para a inexistência de uma história nacional que compreendesse o desenvolvimento histórico da nação. Assim, apenas com a terceira (1876) e a quarta edição (1887) da história de Belgrano de Mitre formou-se um relato nacional com uma perspectiva genealógica da nação. Ver: WASSERMAN, Fabio. Entre Clío y la Polis. Op. Cit; PALTÍ, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani, tercera serie, n.21, 2000. p. 75-98.

Nesse sentido, segundo o anúncio, a *Historia de Belgrano* irá propor uma narrativa que aglutina diversos momentos do passado em um único movimento, tais como o “régimen colonial”, “las invasiones inglesas”, “la revolucion”, “las gueras de la Independencia”. O percurso histórico é feito através do fio condutor específico da biografia e do argumento explicitamente exposto: o desenvolvimento da ideia de independência. Conforme expõe Mitre em seu prefácio: “el argumento del libro, es el desarrollo de la idea de independencia, desde sus origenes á fines del siglo pasado, hasta la descomposicion del sistema colonial en 1820”.⁶⁰

Assim, vale ressaltar os detalhes e os elementos que compõem a *Historia de Belgrano*. Como dissemos, a história biográfica de Mitre de 1859 é composta por dois extensos tomos.⁶¹ O primeiro tomo da *Historia de Belgrano* compreende os anos de 1770 a 1812. O plano narrativo deste primeiro tomo expõe os anos iniciais de Belgrano em sua formação para a vida pública, abrangendo seus estudos tanto no Rio da Prata, no seio religioso, quanto na metrópole espanhola, atuando como advogado e inserido nas conversações iluministas, como o estudo das ideias econômicas de Pedro Campomanes e da ciência política de sua época.⁶²

Neste primeiro tomo Mitre enfatiza aspectos institucionais e políticos, como os jogos de poderes do Consulado de Buenos Aires, com ênfase nas atuações de Belgrano em prol de um incipiente liberalismo econômico; além do envolvimento do personagem com o desenrolar da Revolução de Mayo e os desdobramentos políticos e econômicos derivados deste acontecimento.⁶³

⁶⁰ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p.6

⁶¹ Segue uma descrição dos dois tomos da *Historia de Belgrano*. Este movimento descritivo nos permitirá esboçar um quadro geral da história biográfica de Bartolomé Mitre e enfatizar questões relevantes para nossos objetivos.

⁶² Como resalta Mitre: “En medio de esta atmósfera calorosa de ideas nuevas, que cautivaban la atencion de los primeros hombres de la época; bajo los auspicios de un ministro ilustrado como Gardoqui, que acababa de llegar de los Estados Unidos, lleno de su espíritu progresista; y al mismo tiempo que se decretaban nuevas franquicias para el comercio de América, y con especial para el Rio de la Plata, fué que se dilataron los horizontes del pensamiento de Belgrano, poblando su imaginacion impresionable de visiones risueñas para el porvenir de su pátria. La direccion de estos estudios sólidos, que tenian en vista el bienestar de los pueblos, contribuyeron á fortalecer su recto juicio y a encender en su alma ese amor por sus semejantes, que es uno de los rasgos distintivos de su carácter. *Estos estudios de que él fué el importador, y que ayudado por Castelli, por Vieytes, Moreno y otras inteligencias Argentinas, popularizó en las orillas del Rio de la Plata, contribuyeron eficazmente á dar forma y direccion práctica a las ideas de progreso, ilustrando á la generalidad sobre sus verdaderos intereses. Ellos contribuyeron mas poderosamente aún, á preparar la revolucion política que estalló mas tarde, la que fué precedida por la revolucion económica del comercio libre, que emancipó mercantilmente á la colonia de su metrópoli, triunfo pacifico al cual no es extraño el nombre y la influencia de Belgrano.*” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 62-63. (*Grifos meus*)

⁶³ O consulado foi uma instituição colonial que tinha como principal objetivo o desenvolvimento econômico e social do território do vice-reinado do Rio da Prata. Segundo Mitre: “El Consulado de Buenos Aires fué instituído con un doble carácter. Al mismo tiempo de concedérsele la jurisdiccion mercantil, debia tener el carácter de junta económica, fomentando la agricultura, la industria y el comercio, razón por la cual tomó el título de Junta de Gobierno, obrando con independencia en lo relativo al fomento de esos tres ramos.” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 70.

A vida pública de Belgrano, para Mitre, inicia-se com suas atividades no consulado de Buenos Aires. O autor realiza uma descrição desta instituição colonial, ressaltando sua relevância nas determinações do comércio regional da colônia. Sua principal função seria gerir os planos econômicos regionais em sua relação com a metrópole. Nesse sentido, Mitre dedica algumas páginas sobre as tentativas de estabelecimento do Consulado na região do Prata e as intervenções do Consulado de Lima no intuito de impedir tal estabelecimento e, assim, assegurar a centralidade comercial em Lima. O autor descreve este último a partir de um caráter tirânico, e entende o estabelecimento do Consulado de Buenos Aires como fundamental para a expansão material e espiritual do corpo social platino.⁶⁴

Desta forma, começamos a vislumbrar o estilo narrativo de Mitre. As passagens temporais são assumidas a partir de uma perfectibilidade material e moral, pautada na ascensão dos princípios liberais do livre comércio e da ciência política iluminista. As situações convergem ao plano da liberdade política, a despeito das restrições tirânicas da metrópole. O enredo é marcado por este movimento que se inicia no aspecto tirânico, a partir de ações deliberadas ou consequências inevitáveis e se finda em princípios de liberdade política ao corpo social, transformando a sociedade.

A partir dos aspectos de atuação institucional de Belgrano no Consulado de Buenos Aires, através de suas intervenções baseadas na economia liberal, elabora-se a primeira tensão da obra: os monopolistas contra a perspectiva de livre comércio. Esta tensão é conduzida por Belgrano e seus companheiros “patriotas” no seio do Consulado, através de representações e estudos sobre a melhoria das províncias e do comércio de forma geral. Estas colocações eram direcionadas contra os comerciantes espanhóis que detinham o monopólio de exportação com a Espanha. A partir desta tensão é possível observar os fundamentos da liberdade como ação política e como curso histórico, através da política econômica, em face do despotismo monárquico. Esta liberdade, segundo Mitre, vinculada pela dimensão comercial, é responsável pelo aprimoramento de muitas esferas da sociedade, como a educação e o desenvolvimento moral. Este aspecto é ressaltado por Mitre ao investigar as memórias do consulado e a atuação de Manuel Belgrano para o desenvolvimento da educação, agricultura e pecuária. Para Mitre,

⁶⁴ Mitre associa, assim, tirania com monopólio comercial e liberdade com a ideia de livre comércio. Sobre o estabelecimento do Consulado no Rio da Prata, Mitre destaca uma interessante metáfora: “[...] como un río detenido al que se rompen repentinamente los diques, el comercio se precipitó como un raudal por sus canales naturales, derramando á su paso la riqueza y la abundancia”. Ainda: “Esta disposicion, aprobada [...], aproximó el comercio del Rio de la Plata á sus condiciones normales, emancipándolo del monopolio que lo tiranizaba” MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 68-69.

o aspecto econômico do livre comércio foi o motor de perfectibilidade da sociedade, obstaculizada pelo modelo mercantilista e monopolista.⁶⁵

Outro episódio importante neste primeiro tomo, talvez até mesmo um ponto fulcral da obra, são as invasões inglesas. O capítulo V do primeiro tomo trata das duas invasões inglesa e abarca os anos de 1806 e 1807. Capítulo extenso, o episódio torna-se fundamental pela exaltação e destaque do povo e das milícias de Buenos Aires na reconquista da cidade contra os ingleses, além dos primeiros ensaios sobre a ideia de independência. A reconquista impulsionou a construção de uma certa “autoconsciência nativa” para a ação e formação do corpo político. Esta incipiente formação política deveu-se à abertura de uma discussão pública sobre as dimensões políticas, liberando, assim, uma “actitud amenazadora del pueblo”, com base na formulação de uma “individualidad del pueblo, despues de adquirir la conciencia de su propio valor”.⁶⁶ Como destaca Mitre, “estos sucesos, aparte de su importancia militar, dieron origen á un cambio radical en el orden político de la colônia.”⁶⁷

Com base neste sobressalto que foram as invasões inglesas, desdobra-se da primeira tensão entre monopolistas e livre-cambistas uma outra tensão ainda maior entre nativos ou patriotas (os nascidos no território do Rio da Prata) e espanhóis. Estas tensões darão sentido aos conceitos opostos de liberdade e despotismo na obra de Mitre e se desdobram, em certa medida, em uma outra tensão, civilização e barbárie.⁶⁸

Ainda no primeiro tomo da obra, cinco capítulos são destinados ao ano de 1810 e a Revolução de Mayo, contabilizando mais de cem páginas ao episódio em sua preparação, desenvolvimento e desdobramento. Em termos contextuais, a narrativa de Mitre descreve a chegada do vice-rei Cisneros ao território do Rio da Prata, designado pela provisória Junta Central de Sevilha diante do caos político imposto pelas invasões napoleônicas na Espanha.

⁶⁵ Nesse sentido, Mitre destaca o empenho de Belgrano para o fomento do comércio interior; a construção de centros educacionais; a redução de impostos de produtos para o comércio interno; a construção de vias e estradas para melhor circulação comercial; a ampliação dos conhecimentos geográficos da região através da confecção de mapas e a realização de novas expedições territoriais no intuito de reconhecimento; reformas sociais dentre outras atuações. Estas passagens são encontradas no terceiro capítulo do primeiro tomo da obra: MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 89-102.

⁶⁶ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 144. Nesse sentido, é importante destacar o papel da “multidão” na deposição do Vice Rey Sobremonte por Santiago de Liniers. Segundo Mitre: “Resistiéndose las clases privilegiadas que componian el Cabildo abierto á entrar en este camino revolucionário en cierto modo, la multitud, tomando una actitud mas decidida pidió á grandes gritos que se invitiese en el acto á Liniers con el mando delas armas, y el Congreso bajo la presion popular proclamó este nombramiento desde lo alto de los balcones consistoriales, á los gritos de Viva España viva el Rey! Mueran los traidores! Fué esta una verdadera revolucion, y la primera en que ensayó su fuerza el pueblo de Buenos Aires, preparándose ‘para otra no lejana, dé un género mas sublime’, segun la espresion de Funes al hablar de este acontecimiento.” MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. p.127. Op. Cit.

⁶⁷ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. p. 125. Op. Cit.

⁶⁸ Sobre a articulação entre liberdade e despotismo, civilização e barbárie, ver seção 1.3 e 1.3.1 deste capítulo.

Descreve, ainda, as proposições dos patriotas em face do livre comércio, o desenvolvimento da imprensa, os jogos políticos encenados no “Cabildo abierto de 22 de Mayo” e a tensão entre povo e representantes, assim como o nascimento de uma incipiente opinião pública, central no curso da revolução.⁶⁹

Outros três capítulos deste primeiro tomo versam sobre a complicada campanha militar de Belgrano no Paraguai, com fins de expandir a revolução. Assim, a biografia começa a tecer os desdobramentos da revolução, sempre a partir das ações dos homens. O Paraguai é retratado por Mitre como o “pais mas atrasado y mas oprimido de la América del Sur”⁷⁰ e a campanha de Belgrano propagaria as luzes, a liberdade política e o progresso. Os capítulos abrangem uma breve descrição da história do Paraguai, assim como uma grande descrição de sua topografia. Ainda, podemos observar pequenas notas de Mitre sobre os indígenas, principalmente no que concerne às mesclas de “raças” e a ação do clima.⁷¹

A atuação militar de Belgrano no Paraguai é central nesta parte da narrativa da história biográfica. Através de densas descrições sobre as expedições militares do personagem, os erros e acertos do general são ressaltados. Suas ações cívicas novamente recebem delineamentos privilegiados, mas sobretudo, apesar das derrotas, as atuações de Belgrano na construção da revolução do Paraguai recebe maior ênfase. Mitre argumenta que a influência moral de Belgrano construiu as condições da revolução e o desdobramento para a emancipação política.⁷² Segundo Mitre: “Los copiosos documentos de que nos hemos valido para escribir esta página casi ignorada de la vida de Belgrano, prueban que él fué el verdadero autor de la revolucion del Paraguay [...]”⁷³

O capítulo XIV narra os acontecimentos sincrônicos que ocorreram em paralelo à expedição do Paraguai. Trata das mobilizações em Montevidéu, como a insurreição da “banda

⁶⁹ A discussão sobre a opinião pública na *Historia de Belgrano* será abordada no terceiro capítulo.

⁷⁰ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 272.

⁷¹ Sobre este aspecto, Mitre ressalta: “La sangre indigena predominó al fin sobre la sangre europea, y las madres americanas transmitieron á sus descendientes su índole suave, su idioma y su temperamento, inoculando en sus venas la pereza. Esta accion, combinada con la influencia del clima tropical, habia enervado la raza primitiva; y los dones espontaneos de la naturaleza, derramados en toda la estension de aquel suelo privilegiado, despojando al trabajo de sus enérgicos estímulos, acabaron por entregar aquella poblacion indolente y mediterránea a la avaricia rapaz de los explotadores de la madre patria [...]” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 273. Ainda: “Largas cadenas de esteros y pantanos producidos por la horizontalidad del suelo y poblados por millares de viboras ponzoñosas, se estienden á lo largo de las costas del Paraná, y la humedad de que impregnan la atmósfera unida á los ardores del clima, contribuyen á relajar la fibra de los que no es tã acostumbrados á respirar aquellas emanaciones enervantes.” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. p. 275. Op. Cit.

⁷² Segundo Mitre: “[...] las ideas revolucionarias se habian identificado con los hombres, y Belgrano, el rechazado en Paraguay, el capitulado en Tacuary, tenia en el Paraguay mas poder que su Gobernador, y podia decir con propiedad: ‘venció, vencida Roma’.” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 338.

⁷³ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. p. 341. Op. Cit.

oriental” – uma insurgência popular contra a dominação da metrópole encabeçado pelo vice-rei designado⁷⁴ – além dos diversos e controversos aspectos políticos da Junta em Buenos Aires, como o “golpe de estado” de abril.⁷⁵

Os três últimos capítulos que compõem o primeiro tomo tratam dos anos de 1811 e 1812, mais especificamente sobre os desdobramentos dos acontecimentos de 1810 e da revolução conservadora de 5 e 6 de abril. Há uma extensa exposição sobre a relação de Buenos Aires com o Paraguai e a tentativa de expansão da revolução para este território, no mesmo momento de ascensão política de José Gaspar Rodríguez França, futuro comandante do território do Paraguai. Este último é tido por Mitre como um ditador e “genio sombrío de la dominacion absoluta.”⁷⁶ França é descrito como um dos personagens propagadores das forças descentralizadoras da dominação tirânica. Por fim, Bartolomé Mitre realiza uma síntese histórica sobre as origens da autonomia das províncias e um debate sobre centralização e descentralização política destas províncias.

O autor segue expondo novas mudanças políticas, como a emergência do triunvirato e as primeiras atuações de Bernardino Rivadavia. Este último tido como arauto da centralização e promotor do bem público e da liberdade política, ao fundar instituições centralistas que realçavam o alcance das liberdades políticas e individuais ao corpo social.⁷⁷ Assim, o relato

⁷⁴ Segundo Mitre: “El instinto popular dirijia aquellas masas conmovidas por el soplo revolucionario, y de su seno surgian caudillos que se disputaban la supremacia, sin tener ninguno de ellos la capacidad, ni la energia suficiente para dominarlas. Belgrano era el hombre indicado para capitanear aquel movimiento”. MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 347. Aqui podemos observar uma primeira aproximação de Mitre sobre o fenômeno do “caudillismo”. Mitre ressalta que os movimentos populares da banda oriental, estimulados por algumas individualidades, dentre elas Artigas, prefiguraram uma condição anárquica, a despeito da ordem articulada sob a figura de Belgrano e, assim, pressagiando “una guerra civil inminente”. Segundo Mitre, ao relatar a perspectiva da junta de Buenos Aires sobre este movimento: “Parece como que la Junta presintiese que de aquella revolucion [levante popular da banda oriental] debia nacer el caudillage y la anarquia, que ya se diseñaba con caracteres sangrentos”. MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 348.

⁷⁵ Bartolomé Mitre, sobre o “golpe de Estado”, expressa os seguintes apontamentos: “La revolucion conocida con el nombre de 5 y 6 de Abril fué la primera conmocion interna que tuvo lugar despues del gran movimiento popular del 25 de Mayo, y ella puso de manifiesto las pasiones rencorosas y las tendencias opuestas que trabajaban al partido patriota.” MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 354. Ainda: “Fué este un verdadero desquicio del poder ejecutivo, y una confusion lastimosa de las nociones mas vulgares del sistema representativo, en que, segun las enérgicas palabras de un con temporaneo ‘los diputados sembraron viento para recoger tempestades.’” MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 356. Por fim: “Esta es la unica revolucion de la historia argentina, cuya responsabilidad nadie se ha atrevido á asumir ante la posteridad, a pesar de haber triunfado completamente: y esta es la condenacion mas severa que pesa sobre la cabeza de sus autores.” MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 365.

⁷⁶ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 378.

⁷⁷ Bernardino Rivadavia é considerado como o primeiro chefe de Estado das Províncias unidas do Rio da Prata, entre os anos de 1826 e 1827. Exerceu muitos cargos políticos desde 1811. É considerado como um dos principais protagonistas da constituição de 1826 e um dos arautos das tendências unitárias, tornando-se um símbolo do centralismo político e da unificação nacional por esta vertente organizacional. Apesar de seu lugar

desenvolve, novamente, a ascensão da tendência centralista na configuração política. O autor da *Historia de Belgrano* realiza um resumo histórico geral sobre as condições políticas externas, abrangendo desde o Alto Peru à “banda oriental”. Seu objetivo é estabelecer as condições de propagação da revolução de 1810, assim como os desafios impostos pela reconquista espanhola no território americano.

É importante observar que a todo momento a narrativa de Mitre vai configurando o espaço das províncias do Rio da Prata, construindo simbolicamente as características de cada território. Desta forma, a dimensão do espaço responde a esta narrativa na medida em que complementa as assimetrias temporais pautadas na tensão entre liberdade política e despotismo. Este aspecto fica visível na construção do território paraguaio e o “atraso” veiculado em sua condição política ligada à tirania. Outrossim, principalmente no segundo tomo da obra, as províncias do Norte são descritas de forma exaustiva, em que se ressaltam suas condições culturais e seu atraso em relação a Buenos Aires. Assim, a chegada de Belgrano e sua atuação neste território como general do exército do Norte foram fundamentais para estabelecer o aprimoramento moral e político que lhes faltavam.

O primeiro tomo termina com Manuel Belgrano assumindo o exército do Norte na guerra contra os realistas do Alto Peru (forças militares espanholas e americanas que tentavam reestabelecer a antiga ordem colonial, fiéis à coroa da Espanha), com um exército desmotivado e com inúmeras dificuldades de estabelecer os planos políticos centralizadores de Buenos Aires. Os povos do norte, argumenta Mitre, estavam em desacordo com as causas revolucionárias, exaustos pelos desgastes da guerra e da fome. Caberia a Belgrano a tarefa da conquista moral deste território. Para Mitre, a figura pública de Belgrano, ao suprir as necessidades básicas dos povos do Norte, expandia as forças políticas da centralização de Buenos Aires e realizava uma expansão das forças morais da revolução.⁷⁸

Eram grandes os desafios a serem enfrentados por Belgrano. Segundo Mitre:

El hombre que con tan claras vistas abarcaba así el presente y el porvenir, llevando de frente la complicada tarea de *fundar la libertad* por el triunfo de las *buenas ideas*, y de conquistar la independencia por la espada, se hallaba

central, Bartolomé Mitre não explora as atuações do personagem, restringindo-se a elucidar apenas alguns momentos de sua trajetória até o ano de 1816.

⁷⁸ Sobre a expedição de Belgrano, resalta Mitre: “Así, pues, un triple deber estaba encomendado al General en Jefe del ejército del Alto Perú: remontar el personal y la moral de un ejército desorganizado, infundiéndole aliento nuevo; proveer las necesidades imperiosas que reclamaba el miserable estado de su material de guerra, y lo que era mas arduo, levantar el espíritu de los pueblos abatidos ó enconados, atrayéndolos á la causa de la libertad y comprometiéndolos en la revolucion.” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 441.

en aquel momento oprimido por las congojas del que, concibiendo los medios de salvacion, lucha desesperadamente con los obstáculos materiales que se oponen á su realizacion. (MITRE, 1859, T.I. p. 453) (*grifos meus*)

O segundo tomo da biografia compreende os anos de 1812 a 1820 e é composto por nove capítulos. Por meio de uma narrativa detalhista, são descritos os acontecimentos da guerra de independência no Norte e os desenlaces políticos deste período. Mitre ressalta os movimentos militares das tropas de Belgrano em suas várias batalhas, dotando a narrativa de detalhes específicos sobre manobras militares, assim como os acertos e desacertos estratégicos de Belgrano.

Como dissemos anteriormente, a atuação de Belgrano como general permite a Mitre desbravar, através da narrativa, o extenso território do Norte. As jurisdições de Salta, Jujuy e Tucuman são descritas com grande erudição geográfica e histórica.⁷⁹ Estas descrições aproximam o leitor da biografia de Belgrano ao grande território que irá compor a futura nação argentina. Trata-se, em síntese, de uma justificativa de pertencimento destas províncias, através das ações de Belgrano em sua conquista e a composição de um imaginário territorial para o leitor, pela descrição minuciosa deste.⁸⁰

Os desenlaces políticos de Buenos Aires são descritos exaustivamente nos capítulos do segundo tomo. Revoluções internas, as ascensões federalistas e as convergências centralizadoras, assim como muitas medidas políticas para assegurar o triunfo da Revolução de 1810. São descritos os jogos de poder da capital Buenos Aires e a relevância das lojas maçônicas no estabelecimento político. Este último espaço é expressivo na medida em que esboça a ascensão do general San Martín, importante militar nas guerras de independência.⁸¹

⁷⁹ Conferir Mapa do Rio da Prata nos anexos da dissertação.

⁸⁰ Sobre a famosa desobediência de Belgrano das ordens do governo central, que compõem esta parte da narrativa, Mitre expõe: “En Tucuman se salvó no solo la revolucion argentina, sino que puede decirse contribuyó de una manera muy directa y eficaz al triunfo de la independencia americana. Si Belgrano obedeciendo las órdenes del Gobierno, se retira, las Provincias del Norte se pierden para siempre, como se perdió el Alto Perú para la República Argentina.” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 74. Ainda: “[...] en los campos de Tucuman se salvó no solo la revolucion argentina, sinó que se aceleró, si es que no se salvó en ellos, la independencia de la América del Sur. En presencia de estos grandes resultados, se ve que Belgrano hizo bien en desobedecer las órdenes de retirada, y arriesgar una batalla de dudoso resultado, puesto que el triunfo era la salvacion, y la retirada importaba tanto como la derrota oscura del que sucumbe sin combatir.” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 77.

⁸¹ José de San Martín foi um dos principais personagens públicos nas guerras de independência. Foi general do exército argentino e atuou nos territórios argentinos, chilenos e peruanos em prol da libertação do jugo colonial. Sobre Belgrano e San Martín, Mitre escreve: “Es un espectáculo digno de la atención de la posteridad el momento en que dos hombres eminentes se encuentran en la historia a la sombra de una misma bandera; y si ambos llegan á comprenderse y estimarse, haciéndose superiores a las innobles pasiones que les impiden hacerse reciproca justicia, entonces la escena es tan interesante como moral. Tal sucedió con San Martín y Belgrano, los

A partir do capítulo XXII, San Martín assume o protagonismo como general, substituindo Belgrano no comando do exército do Norte e, assim, Mitre encaminha a narrativa para a externalização da Revolução como meio de assegurar a liberdade política.⁸²

Prosseguindo a narrativa, além do “caudilhismo” propagado por José Artigas na “banda oriental”, os movimentos externos não eram melhores.⁸³ Segundo Mitre:

La revolucion de Chile sucumbia gloriosamente en Rancagua, y millares de emigrados atravesaban los Andes huyendo de la persecucion del enemigo. En Quito el pendon republicano caia abatido. En Caracas, se eclipsaba la estrella del Libertador Bolivar, y la revolucion venezolana era sepultada bajo los humeantes escombros del pueblo de Maturin, bañados con sangre americana. En Méjico triunfaban por todas partes los realistas. Lima, continuaba siendo el gran centro politico y militar de la reaccion, [...], se disponia á reforzar el ejército de Chile con el objeto de atacar á las Provincias Unidas por la cordillera, á cuyo pié disciplinaba el General San Martín unos cuantos reclutas, núcleo del inmortal ejército de los Andes, que debia llevar la bandera argentina hasta la linea del Ecuador. *El horizonte se nublabá* por el lado del Brasil, cuyo gobierno parecia dispuesto á cooperar con Fernando VII, en su lucha contra las Provincias argentinas. En medio de tantos desastres y amenazas, solo las Provincias Unidas del Rio de la Plata, permanecian de pié, vestidas con las armas del guerrero; pero vertiendo sangre de sus heridas y destrozadas por las *facciones interiores*. (MITRE, 1859, T.II, p. 296) (*Grifos meus*)

As “facções do interior” as quais o autor se refere dizem respeito à emergência dos movimentos internos a partir do “caudilhismo”, que para Mitre eram expressões da barbárie e desviavam o curso dos acontecimentos e o futuro da revolução de seu destino. A ascensão do caudilhismo e da barbárie constitui uma chave de compreensão na leitura da *Historia de*

dos hombres verdaderamente grandes de la revolucion argentina, y que merecen el titulo de fundadores de la independencia.” MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 281.

⁸² A externalização compreendia a expansão da revolução de Buenos Aires para as outras províncias do interior, assim como para países vizinhos, como o Chile, o Paraguai, Uruguai e mesmo, o Peru. Tendo em vista o panorama geral, a importância da generalização externa da revolução era fundamental. Sobre a necessidade de externalização da revolução, ressalta Mitre: “Ardientes partidarios de la independencia; los dos [San Martín e Belgrano] estaban convencidos de la necesidad de generalizar la revolucion argentina por toda la América, afín de asegurar aquella.” MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 284.

⁸³ José Gervasio Artigas foi um político e militar uruguaio e destacou-se como arauto do federalismo político na região do Rio da Prata. Atuou de forma intensa nas disputas políticas do período e na etapa revolucionária.

Belgrano, pois será um ponto de contraste ao desenvolvimento dos elementos da liberdade e da democracia que guiam o percurso histórico balizado na história biográfica.⁸⁴

Em seguida são tratadas as diversas tentativas para construção da ordem democrática e projetos de centralização política, através de expedições diplomáticas por parte de Belgrano e Rivadavia e das atuações bélicas de San Martín. Trata-se das diversas tentativas de estabelecer os princípios democráticos e fundar a ordem colonial sob a égide de um novo modelo político – republicano, unitário e centralista. Assim, a narração da *Historia de Belgrano* termina com a formulação destes princípios democráticos, representados pelo congresso de Tucumán em 1816 – ali se declarou a independência argentina e a configuração de uma incipiente ordem política centralista.⁸⁵

Em síntese, são estes os principais episódios tratados na *Historia de Belgrano* de Bartolomé Mitre. O fio condutor da biografia ilumina o percurso histórico desenhado, pois a vida do personagem principal perpassa todos estes acontecimentos, permitindo ao autor escrever a história de “toda uma época”, tal qual anunciada na divulgação do apêndice no final do segundo tomo. Assim, a despeito das outras obras históricas publicadas na década de 1850, a *Historia de Belgrano* mobilizará um conjunto maior de eventos e ações, não se restringindo a episódios ou períodos específicos, mas articulando um curso histórico ao território argentino. Cabe indagar, assim, a configuração deste curso histórico propagado pela biografia de Mitre.

1.2 Sentidos e projeções da *Historia de Belgrano*

“Pero el mundo es redondo, sea que se ponga la proa al sur o que se ponga al norte, siempre se viene a parar al mismo punto de la tierra, sin poderlo evitar, aunque se siga un camino diametralmente opuesto. Así es el punto que hoy ocupamos: cualquier rumbo que tomemos nos ha de conducir a la nacionalidad.”

*Bartolomé Mitre - El Nacional, 27 de marzo de 1854.*⁸⁶

⁸⁴ Voltaremos a este aspecto nas seções 1.3 e 1.3.1. deste capítulo.

⁸⁵ Sobre o congresso de 1816, Mitre destaca: “Aquel Congreso, que debe su celebridad á la circunstancia de haber firmado la declaratoria de la independencia de las Provincias Unidas del Rio de la Plata, presenta uno de los mas raros fenomenos de la historia argentina.” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 381. Ainda: “El Congreso presento en su origen la apariencia de un cuerpo homogeneo, por la circunstancia de estar animados todos sus miembros del sincero deseo de dar impulso á la revolucion, consolidar la union de los pueblos, y poner término à la anarquia que obstaba a los progresos de la guerra y de la paz, asi en lo exterior como en lo interior.” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 389.

⁸⁶ Apud EUJANIAN, Alejandro. *El pasado en el péndulo de la política. Rosas, laprovincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861*. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015. p. 251.

A *Historia de Belgrano* irá postular uma nova interpretação sobre a Revolução de Mayo, produzindo uma síntese sobre o percurso revolucionário de 1810.⁸⁷ Em primeiro lugar, destacamos a importância da crítica documental na construção da interpretação sobre os desdobramentos revolucionários. Assim, a narrativa de Mitre irá distinguir fontes, memórias, documentos e relatos orais e definir seus usos para a construção de um relato que abranja todos os outros tipos de relatos. Em segundo lugar, o modelo interpretativo em questão articulará a ideia de liberdade política e a ideia de civilização como um desdobramento necessário, mesmo que contingente, do desenvolvimento histórico.

A interpretação de Mitre diz respeito ao lugar do sujeito na construção narrativa sobre o passado. Sua especificidade se realiza na medida em que destaca a atuação dos sujeitos no curso do desenvolvimento histórico, principalmente pela atuação de Belgrano. Estes sujeitos guiarão o percurso histórico, através de suas ações e das consequências destas mesmas ações e, ainda, sua permanência se efetivará nas instituições e na organização nacional. Assim, podemos encontrar na *Historia de Belgrano*, de Mitre, a assertiva acerca da produção da história pelos homens, ou seja, os homens fazem a história.⁸⁸ Esta interpretação vincula um novo significado para a revolução de 1810, pois destaca a ruptura política realizada com a ordem precedente, a despeito de interpretações estruturais que, em grande medida, localizam a

⁸⁷ É importante destacar, seguindo as afirmações de Fabio Wasserman, uma certa singularidade sobre o caráter de ruptura interpretativa da história biográfica de Mitre de 1859. Segundo o autor, a geração romântica de 1830, de certa forma, formulou interpretações que se afastavam da compreensão da revolução como resultado da crise do sistema colonial espanhol. Assim, o autor destaca que os românticos de 1830 postulou que as representações sobre a revolução de 1810 podiam ser inseridas em um processo histórico mais amplo, como resultado de uma filosofia da história que tinha como força motriz “agentes internos”, sem que, contudo, demonstrasse efetivamente a condução destes agentes, sejam eles sujeitos ou forças históricas abstratas. No entanto, para os românticos de 1830 o “pensamento de mayo” ficou reduzido a apenas um pensamento, sem materializar-se de forma concreta. Nesse sentido, a fisionomia do regime republicano seguia de muito perto a fisionomia do regime monárquico, sem considerar mudanças substantivas. A ruptura interpretativa de Mitre se encontra, portanto, na ascensão de um sujeito revolucionário consciente de seus atos e apoiado pelo povo, o que lhe permitia postular a existência de uma comunidade vigorosa e consciente de seus direitos políticos. O que Mitre realiza, efetivamente, é singularizar o agente do desenvolvimento histórico e estabelecer uma densidade histórica nesse desenvolvimento a partir da maturação das ideias que guiavam o percurso histórico no seio da sociedade colonial. Para as interpretações de Wasserman sobre a geração de 1830 e as postulações interpretativas da segunda edição da biografia de Mitre, ver especificamente os capítulos X e XII: WASSERMAN, Fabio. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. pp. 201-217. pp. 227-242.

⁸⁸ O “fazer história”, segundo Hannah Arendt, é resultado do ato de derivar a política da história, ou antes, “a consciência política da consciência histórica”. Trata-se de uma das tentativas de escapar da imprevisibilidade e irreversibilidade da ação. Nesse sentido, compreende-se a ação a partir da mesma dimensão que a fabricação, ou seja, constrói-se a política ‘à imagem do fazer’. Assim, “se se toma a história como o objeto de fabricação ou elaboração, deve sobrevir um momento em que esse “objeto” é completado, e que, desde que se imagina ser possível ‘fazer a história’, não se pode escapar à consequência de que haverá um fim para a história. Sempre que ouvimos grandiosos desígnios em política, tais como o estabelecimento de uma nova sociedade na qual a justiça será garantida para sempre, ou uma guerra para acabar com todas as guerras, ou salvar o mundo inteiro para a democracia, estamos nos movendo no domínio desse tipo de pensamento.” Desta perspectiva, emerge a ideia de teleologia. ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 7ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2011. p. 114.

revolução de 1810 na crise do sistema colonial; assim, a atuação de determinados sujeitos históricos conduziria o percurso histórico ao ideal de liberdade política e civilização, realizando uma junção entre passado e presente pela dimensão da ação destes sujeitos.

A interpretação destacada pela *Historia de Belgrano* é potencializada pela comprovação documental, que, definitivamente, irá inaugurar uma nova forma de acesso ao passado.⁸⁹ A crítica documental será uma condição necessária e fundamental para a configuração de representações do passado após a obra de Mitre de 1859, estabelecendo parâmetros para as assertivas sobre a dimensão histórica.⁹⁰ Da mesma forma, a interpretação de Mitre é enriquecida pela articulação de conceitos fundamentais na projeção do processo histórico.⁹¹ O uso dos conceitos fundamentais, tais como liberdade, civilização, democracia, barbárie e etc. realizam uma arquitetura de significados que vinculam um processo histórico na narrativa mitreana.⁹²

Sobre os aspectos da crítica documental, o autor da biografia estabelece uma relevância fundamental para a escrita da história. Nesse sentido, quase trinta páginas do prefácio da obra são destinadas à enumeração, descrição e análise de alguns documentos que compõem a *Historia de Belgrano*.⁹³ Desta feita, tendo em vista a importância da exposição documental para a escrita da história, o autor alerta seu leitor:

⁸⁹ Retomaremos a discussão sobre a crítica documental no segundo capítulo.

⁹⁰ Segundo Mitre: “Siempre creimos que una historia completa de Belgrano, escrita sobre documentos auténticos, en que se presentase al hombre tal como fué; en que se le hiciese hablar con sus propias palabras y vivir la vida de su tiempo, reviviendo en torno suyo á sus contemporáneos; en que se iluminase con nuevo colorido su fisonomia histórica; en que se esplicase el móvil de las acciones y de los pensamientos que lo trabajaron durante su vida; en que la valentia de las pinceladas se armonizase con la sobriedad de las tintas; en que acentuando con vigor sus rasgos prominentes, se hiciese converger hacia ellos *la luz de la verdad*; en que se combinase la exactitud y la abundancia de los detalles, á las vistas filosóficas y á los estudios políticos que hiciesen comprender su rol postumo y su rol contemporaneo; siempre creimos que una obra semejante seria una verdadera revelacion para el pueblo que le vio nacer, y que se honra con sus virtudes y con su gloria, sin conocer ni al hombre ni al héroe. MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. pp. 14-15. (*Grifos meus*)

⁹¹ Como conceitos fundamentais nos referimos aos conceitos históricos elaborados por Reinhart Koselleck. Ou seja, um conceito básico. O termo é utilizado por João Feres Junior. Segundo o autor: “Según Koselleck, a diferencia de los conceptos en general, un concepto básico, tal como se entiende en el libro *Geschichtliche Grundbegriffe*, es un elemento ineludible e insustituible del vocabulario político. Éstos se vuelven al mismo tiempo profundamente polisémicos y fundamentales para el entendimiento del mundo.” FERES JÚNIOR, João. *El concepto de américa: ¿concepto básico o contraconcepto?* In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. p.53.

⁹² Sobre os conceitos fundamentais, abordaremos de forma analítica sua configuração na próxima seção.

⁹³ Segundo Mitre: “Para llevar á cabo este trabajo, emprendido contra nuestra voluntad, hemos compulsado mas de cinco mil documentos manuscritos, y todos los libros, folletos ó papeles sueltos que se han impreso sobre Belgrano; y creemos que de estos últimos muy raro sera el que haya escapado a nuestras investigaciones.” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 20. Sobre a necessidade de um apêndice para a publicação de documentos, Mitre ressalta: “Habiendo tenido que dividir esta obra en dos volúmenes á causa de su mucha estension, nos vemos en la necesidad de dividir igualmente el Apêndice en dos partes. Al fin de cada tomo irán los documentos y piezas justificativas correspondientes á él.

Para que el lector pueda juzgar por sí de la abundancia y pureza de las fuentes en que hemos bebido nuestra historia, daremos una idea de los materiales de que nos hemos valido, poniendo así de manifiesto los *cimientos del edificio*, a la vez que los *andamios* de que nos hemos servido para construirlo. (MITRE, 1859, TOMO I. p.20) (*Grifos meus*)

A manifestação dos “cimentos do edifício” seria fundamental para a visualização dos “andaimes de construção”. Nesse sentido, acreditamos que o uso metafórico expresso no excerto pelo autor diz respeito às duas dimensões que potencializam a perspectiva interpretativa que temos destacados na escrita da história de Mitre: as dimensões da crítica documental e a delimitação de conceitos fundamentais para a articulação do processo histórico. O primeiro aspecto diz respeito à construção documental que embasa a obra. O segundo aspecto diz respeito à dimensão conceitual vertida na obra. Os “cimentos do edifício” são os documentos e a crítica histórica, elementares para a sua construção. Os andaimes, por sua vez, são a dimensão conceitual, ou aquilo que efetiva a construção do edifício.

Sobre os conceitos fundamentais, é importante ressaltar que sua exposição na *Historia de Belgrano* não é tão visível como a demonstração da construção documental. Contudo, isso não implica que os conceitos são inexistentes, mas sim, que são elaborados de outras maneiras. O autor não realiza uma sistematização explícita, mas, antes, o dilui em diversas passagens. A articulação conceitual na história biográfica de Mitre sempre é acompanhada por delimitações de projetos e objetivos que constam em ações dos personagens, estabelecendo, assim, uma dimensão projetiva de sentidos para estes conceitos, ou seja, uma perspectiva futurista. Como exemplo, destacamos o relato de Mitre sobre o episódio em que Belgrano confere certa legitimidade à possibilidade de nomeação de princesa Carlota ao posto de rainha do território do Rio da Prata:

Todos los documentos que se insertarán en los Apéndices serán completamente inéditos, y en su mayor parte totalmente ignorados; con escepcion de dos ó tres, que por su rareza ò por haber sido publicados con muchos errores, hemos creído deber reproducir. Esta publicacion suplementária, á la vez que servirá de comprobante al texto, tiene por objeto salvar de la oscuridad ó de la destruccion algunos papeles interesantes, que los historiadores futuros explotaran con mas provecho. Hemos procurado insertar los menos documentos posibles, por no abultar el libro, de suyo bastante voluminoso, limitándonos á lo muy estrictamente necesario, y solo á aquellos que tienen una relacion directa con la vida de Belgrano; prescindiendo de los que no tienen una verdadera importancia histórica.” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 472.

Como se vé, el plan de Belgrano tenia por base *la independencia y la libertad* [...]. Si en su impaciente anhelo por dar á la patria un ser *independiente y libre*, se equivocaron en cuanto á los medios [...] isto no les quita la gloria de ser los primeros patriotas que abrigaron el osado pensamiento de fundar una *nacion independiente y libre*. [...] Despojado este proyecto [monárquico] de sus formas esternas y accidentales, y desentrañando de él lo que se ha llamado el *alma de las cosas*, encontraremos *los dos grandes principios fundamentales*, que definitivamente han triunfado: *la independencia y la libertad*.⁹⁴ (MITRE, 1859, TOMO I. 167-168) (*Grifos meus*)

A independência é uma consequência dos princípios de liberdade política. Liberdade é o conceito fundamental central em que Mitre constrói sua narrativa. O ato da independência política em relação à metrópole abre as condições de possibilidade para se efetivar a liberdade política. Liberdade como conceito fundamental na *Historia de Belgrano* compartilha o campo semântico do conceito de liberal/liberalismo.⁹⁵ Segundo Javier Fernández Sebastián o conceito de liberal/liberalismo foi configurado como um conceito “legitimador de las nuevas

⁹⁴ Segue citação completa: “Como se vé, el plan de Belgrano tenia por base la independencia y la libertad, y cualquiera que sea la forma de gobierno bajo la cual concibieron su realizacion, todos los patriotas que cooperaron á él, son dignos de la gratitud de la posteridad por haber sido los primeros que meditaron sacudir las cadenas de la esclavitud y establecer un orden de cosas regular, fundado en la justicia. Si en su impaciente anhelo por dar á la patria un ser independiente y libre, se equivocaron en cuanto á los me dios; si seducidos por las combinaciones dinásticas, por cuyo medio habian visto operarse en Europa los grandes acontecimientos, no se apercibieron que daban á una grande y bella causa una heroina indigna de levantar su bandera, - isto no les quita la gloria de ser los primeros patriotas que abrigaron el osado pensamiento de fundar una nacion independiente y libre. Si hay algo de admirable en este primer ensayo, es la fijeza y claridad de ideas políticas que presidió á su desenvolvimiento, y la persistencia con que sus autores persiguieron los dos grandes fines hácia los cuales tendian todos sus esfuerzos. Despojado este proyecto de sus formas esternas y accidentales, y *desentrañando de él lo que se ha llamado el alma de las cosas*, encontraremos los *dos grandes principios fundamentales*, que definitivamente han triunfado: *la independencia y la libertad*. Esto esplica el rol de Belgrano en esta mal apreciada negociacion, que creemos ser los primeros que presentamos bajo su verdadera luz. MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. pp. 167-168. (*Grifos meus*)

⁹⁵ Como destaca Javier Fernández Sebastián: “Es probable, en efecto, que en el origen del uso político de ‘liberal’ se encuentre también frecuentemente esa significación de base. Si liberal en sentido moral era toda persona desprendida, dispuesta a ofrecer algo valioso sin esperar nada a cambio, liberal en sentido político sería aquel que tiene la capacidad de liberar, es decir, de dar uno de los bienes políticos más importantes: la libertad (entendida como no dependencia). Numerosos ejemplos parecen abonar esta tesis de una relación semántica estrecha entre los primeros usos políticos de ‘liberal’ y la acción de dar o conceder libertad (frente a la esclavitud o el despotismo). Desde este punto de vista, el liberal no estaría muy lejos del ‘libertador’: aquel que da – o devuelve – la libertad a quienes antes eran esclavos o siervos, aunque fuera en un sentido político figurado (o sea, en el sentido de otorgar o reconocer derechos a quienes antes no los tenían”. FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Liberalismos naciotes en el atlántico iberoamericano: “liberal” como concepto y como identidad política, 1750-1850. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. p.719.

instituciones, equivalente en gran medida a modernidad política”. Ou seja, como um conjunto de “prácticas, valores, conceptos e instituciones interrelacionadas – gobierno representativo y economía comercial; constitución, derechos individuales y separación de poderes; soberanía nacional y opinión pública”.⁹⁶

A interpretação de Mitre postula uma continuidade histórica que potencializa o sentido histórico da Revolução de 1810.⁹⁷ Trata-se de uma continuidade entre o período colonial e o novo momento político republicano e revolucionário. Esta continuidade se dá a partir da formulação e desenvolvimento de ideias e projetos no seio da sociedade colonial. Assim, Mitre estabelece um percurso com densidade histórica em que a revolução primeiro foi consumada na dimensão material e moral e, em um segundo momento, na dimensão política. Isso permite a Mitre formular uma nova interpretação do processo revolucionário, dotando o evento de uma espessura histórica que abrange o período colonial; mesmo que localizando seu início nas últimas décadas do século XVIII, a despeito de interpretações que localizavam a revolução a partir das invasões inglesas de 1806 e 1807 ou mesmo o próprio ano de 1810. Ou seja, uma ruptura potencializada pela continuidade de ações que se subscrevem no seio da sociedade colonial. Segundo Mitre:

Como todas las grandes revoluciones, que, á pesar de ser hijas de un propósito deliberado, no reconocen autores, la revolucion argentina, lejos de ser el resultado de una inspiracion personal, de la influencia de un circulo, ó de un momento de sorpresa, fué el producto espontáneo de gérmenes fecundos por largo tiempo elaborados, y la consecuencia inevitable de la fuerza de las cosas. Una minoria activa, inteligente y previsora dirigia con mano invisible esta marcha decidida de todo un pueblo hacia destinos

⁹⁶ Trataremos de forma sistemática a construção dos conceitos fundamentais na próxima seção. FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Liberalismos nacientes en el atlántico iberoamericano: “liberal” como concepto y como identidad política, 1750-1850. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. p.698.

⁹⁷ Esta afirmação segue as colocações analíticas de Fabio Wasserman. Como argumentamos anteriormente, para o historiador a edição de 1859 oferece uma renovação nas series de representações e interpretações sobre a revolução, pois imputa uma mudança no eixo de discussão sobre o passado, a despeito de interpretações que pautavam uma ruptura total. Assim, o texto de Mitre estabelece continuidades entre o período colonial e republicano. Segundo Wasserman: “Mitre postula en forma insistente la existencia de este sujeto, procurando dejar atrás las interpretaciones que hacen énfasis en la crisis imperial como principal factor explicativo.” WASSERMAN, Fabio. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 228. Ainda: “Es que lo que Mitre pretendía hacer era algo que iba mucho más allá de una simple biografía laudatoria: también es un examen de las fuerzas que animaban al pasado tardo-colonial y revolucionario como parte de un mismo curso histórico.” WASSERMAN, Fabio. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 229.

desconocidos. Ella fué la que primero tuvo la inteligencia clara del cambio que se preparaba, la que contribuyó á imprimirle una direccion fija y a darle formas regulares el día en que la revolucion se manifestó en todo su esplendor; sin dejar por esto de representar un solo instante las necesidades y las aspiraciones colectivas de la mayoria, que á su vez le comunicaba su impulso y le inoculaba su espíritu varonil. (MITRE, 1859, T.I, pp. 214-215) (*Grifos nossos*)⁹⁸

Estes “germes fecundos”, nas palavras do autor, estabelecem o sentido histórico da narrativa. A “força das coisas” ou os “propósitos deliberados” conduzem necessariamente à liberdade política. A força histórica inscrita nestes propósitos deliberados manifesta-se a partir da concepção do liberalismo econômico e político – ideias do reformismo ilustrado. Desenvolvida no seio da sociedade colonial, esta liberdade emerge de diferentes formas sem perder seu ímpeto de guiar e emancipar, estabelecendo uma dialética da ação, entre elite e povo. Trata-se, em síntese, de um plano histórico realizado pelas elites letradas junto ao povo que conduz à liberdade e ao republicanismo, antagônicos ao despotismo e à barbárie. Portanto, fundamentalmente, a interpretação de Mitre enfatiza a atuação dos sujeitos históricos nos desdobramentos da revolução e na articulação de ideias revolucionárias. Em síntese, trata-se do fim da época colonial e a abertura, segundo o autor da biografia, de um novo curso para a história argentina.

Ao tratar da expedição de Belgrano no Paraguai, dizíamos na seção anterior que Mitre formulou uma assertiva em que o Paraguai era o “pais mas atrasado y mas oprimido de la América del Sur”.⁹⁹ É importante observar que afirmações como essa, recorrentes na biografia de Belgrano, esboçam uma dimensão de assimetria temporal a partir da vinculação de conceitos antitéticos e assimétricos.¹⁰⁰ Como ressaltamos, ao elaborar a narrativa através de conceitos fundamentais como liberdade, civilização e democracia, o autor expõe, também, seus pares antitéticos como elementos essenciais para a construção de significados. Ou seja, a potencialidade de um conceito fundamental se expressa na revelação de seu par antitético,

⁹⁸ Há aqui uma tensão fundamental para a compreensão da *Historia de Belgrano*, trata-se da relação entre a liberdade de ação indivíduo na realização do curso histórico e a dimensão teleológica deste processo. Abordaremos esta questão de forma aprofundada no segundo capítulo.

⁹⁹ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 272.

¹⁰⁰ Sobre os conceitos antitéticos e assimétricos, ver: KOSELLECK, Reinhart. A semântica histórico-política dos conceitos antitéticos assimétricos. Em: *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006. pp. 191-231. Abordaremos os conceitos antitéticos assimétricos de maneira analítica na próxima seção.

construindo uma solidez semântica através de seu oposto. Assim, escravidão, barbárie e despotismo confluem na articulação conceitual de seus opostos, a saber, liberdade, civilização e democracia. Nesse sentido, a “opressão”, ligada ao campo semântico do “despotismo” e da “tirania”, articulam uma ideia de atraso civilizacional e uma condição temporal específica ao Paraguai, enquanto liberdade define o percurso da civilização, encarnada em Belgrano e em Buenos Aires.

Um exemplo desta assimetria pode ser encontrado no capítulo XIV do primeiro tomo, que como dissemos, narra os acontecimentos sincrônicos aos episódios da expedição do Paraguai, como as insurgências populares da “banda oriental” e a capitalização deste movimento por parte de Manuel Belgrano. Neste capítulo podemos observar, de maneira incipiente, o desenvolvimento dos aspectos negativos que embasam os pares antitéticos da obra, representados pelo viés da tensão civilização/barbárie, ou seja, as origens do “caudilhismo” ou da “anarquia”. Nesse sentido, Mitre expõe as condições externas e as forças centrífugas internas dentro do jogo político da região. Para o autor, no território circundante a Montevideú desdobrou-se:

“escenas de violencia y de sangre, provocadas por la codicia de los nuevos caudillos de la democracia barbara, y su presencia [presença de Belgrano] le restituyo el orden y la seguridad de que tanto necesitaba.” (MITRE, 1859, T.I, pp. 348-349) (*Grifos meus*)

Assim, anarquia, tirania, caudilhismo e federalismo eram postos sob um mesmo plano no arranjo conceitual. Ainda no mesmo capítulo, evidenciam-se pequenas incursões explicativas sobre o federalismo, sendo este uma relação que se expressa na ausência de um vínculo mais harmônico e primevo: “animados de ese espíritu federalista que se manifiesta en todos los pueblos cuando se rompen violentamente los vinculos politicos que los ligam [...]”¹⁰¹ Desta forma, descentralização política para Mitre desdobra-se em desordem e anarquia.¹⁰²

¹⁰¹ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 356.

¹⁰² Sobre os conceitos antitéticos, cabe citar a descrição de Mitre sobre a instituição da grande junta governativa, que incorporava os deputados de grande parte das províncias do território do vice-reinado do Rio da Prata, que expõe os aspectos de descentralização política, federalismo e anarquia. Segundo Mitre: “Todos los diputados quisieron tomar parte en él y la tomaron en representacion de sus provincias, creandose asi una *autoridad sin unidad de pensamiento, con intereses y propósitos divergentes*. A esta concesion hecha al *espíritu descentralizador* siguióse muy luego el establecimiento de juntas provinciales dependientes de la Junta Gubernativa, á las cuales se encomendó el gobierno politico y militar de las localidades. Estas eran otras tantas *semillas del espíritu federativo*, que ‘á la manera de la bellota que lleva en si todas las ramificaciones del futuro gigante del bosque’, *contenian ya todos los elementos de desorden*, que debian esplotar mas tarde los caudillos de las diversas Provincias.” MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de

Apesar do cenário desalentador para a revolução, articulada pelas forças negativas dos pares antitéticos, Mitre expõe o curso interpretativo como um desenlace necessário:

Aun cuando la monarquía constitucional contase con algunos prosélitos en el Río de la Plata, *solo las ideas democraticas eran verdaderamente populares, solo la forma republicana era posible. La igualdad de todas las clases era un hecho que se habia producido espontaneamente, y todo sistema de gobierno que no se fundase en esta base se pondria necesariamente en pugna con la sociedad en masa.* (MITRE, 1859, T.II, p. 332) (*Grifos meus*)

Y sin embargo, apesar de lo generalizada que estaban en aquella época las ideas monarquicas entre los hombres mas eminentes de la revolucion, *jamás el sentimiento republicano habia sido mas fuerte, jamás las nociones del pueblo sobre la organizacion de una democracia habian sido mas correctas, pues hasta las multitudes que no alcanzaban á comprender sus teorías, tenían el instinto de lo mejor, aunque se estraviasen en cuanto a los medios de alcanzarlo.* (MITRE, 1859, T.II, p. 372) (*Grifos meus*)

Portanto, podemos afirmar que na narrativa de Mitre há a articulação de um evento, um sujeito e um enredo os quais produzem um sentido histórico que, apesar das lacunas, explicam a realidade.¹⁰³ Assim, a revolução de 1810 emerge como ponto balizador.¹⁰⁴ O evento abre as condições de possibilidade de futuro. Os membros da elite letrada figuram como sujeito de ação, assim como o povo em suas relações com tais membros, conduzindo e

Mayo, 1859. p. 381. (*Grifos meus*). Como argumenta o historiador Alejandro Eujanian, era fundamental para a década de 1850 lidar com problemas históricos no espaço público. Segundo o autor: “La asociación de los conceptos de tiranía y anarquía estuvo en la base de los debates jurídicos, políticos e históricos de la década de 1850: la anarquía, como causa y efecto de la guerra civil, y la tiranía como su consecuencia nefasta. Por esa razón, la pregunta que sobrevolaba los debates era acerca del origen de la anarquía, cuáles eran los factores que la habían provocado, pero más precisamente se trataba de develar cuáles habían sido las causas inmediatas que la habían generado antes que sus raíces más profundas.” EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Rosas, laprovincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015. pp. 286, 287.

¹⁰³ WHITE. Hayden. O Evento modernista. Lugar comum. N. 5-6, pp. 191-219, 1999.

¹⁰⁴ Como ressaltamos anteriormente, a narrativa de Mitre aglutina diversos movimentos e elabora uma totalidade: crise do império espanhol, ideias iluministas, revolução, atuação do povo, atuação de um sujeito revolucionário, separação de determinadas províncias, configuração e fatores de pertencimento de outras províncias, fatores políticos diversos como os aspecto de centralização e federalismo, origens da anarquia, barbárie e do caudilhismo, a atuação e centralidade da cidade de Buenos Aires, além das origens e causas da guerra civil, entre outros.

sofrendo as peripécias do processo histórico. O enredo se desdobra a partir da colocação em evidência dos acontecimentos e das ações do sujeito.¹⁰⁵

Em síntese, a *Historia de Belgrano* imputa um sentido específico para o final da década de 1850: o sentido da liberdade e da civilização, representados na democracia liberal para a nação. Desta forma, podemos observar que, em grande medida, Bartolomé Mitre em a *Historia de Belgrano* oscila entre a narração da vida do personagem e os grandes acontecimentos do período, transgredindo a simples narração de uma vida e realizando um resgate da tradição ilustrada e centralista através da mobilização do conceito fundamental de liberdade.

1.3 Conceitos fundamentais e antitéticos

Há certo consenso historiográfico em afirmar que desde a década de 1830 podemos visualizar o influxo historicista e sua estabilização para a compreensão da realidade no Rio da Prata. Entende-se historicismo como uma concepção na qual os fenômenos sociais são compreendidos a partir de sua historicidade, e assim, o conhecimento histórico se torna uma dimensão privilegiada para a compreensão da realidade. Nesse sentido, toda experiência seria concebida tendo como pressuposto seu desenvolvimento histórico, pois apenas com a reconstrução de processos que os fenômenos, estruturas e acontecimento sociais adquiririam inteligibilidade. Como escreveu Hannah Arendt em suas notas sobre o conceito moderno de história: “a ênfase deslocou-se do interesse nas coisas para o interesse em processos”.¹⁰⁶ No mesmo sentido, segundo Wasserman: “el saber histórico se tomó imprescindible no sólo para conocer el pasado y el presente de las sociedades sino también para juzgar sus características e, incluso, poder transformarlas”.¹⁰⁷ Da mesma forma, a partir do arcabouço teórico da

¹⁰⁵ Não é nosso intuito realizar uma análise tropológica da narrativa de Bartolomé Mitre, mas apenas evidenciar a construção moderna desta narrativa, elencando seus aspectos fundamentais que, em última instância, produzem sentidos políticos e ideológicos. Ver: WHITE, Hayden. *Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

¹⁰⁶ Como argumenta Hannah Arendt, o conceito de processo foi fundamental para a construção do moderno conceito de História. Segundo a autora: “afirmou-se frequentemente que a Ciência moderna nasceu quando a atenção deslocou-se da busca do “que” para a investigação do “como”. Essa mudança de ênfase é algo quase óbvio se se pressupõe que o homem somente pode conhecer aquilo que ele mesmo fez, na medida em que essa hipótese implica, por sua vez, que eu “conheça” uma coisa sempre que compreendo como ela veio existir. Ao mesmo tempo, e pelas mesmas razões, a ênfase deslocou-se do interesse nas coisas para o interesse em processos, dos quais as coisas iriam em breve se tornar subprodutos quase que acidentais.” ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 7ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2011. p. 88. Ver também: FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹⁰⁷ WASSERMAN, Fabio. *Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860)*. Buenos Aires: Teseo, 2008. p.20.

história conceitual, muitos pesquisadores vêm demonstrando o adensamento semântico de determinados conceitos fundamentais a partir da década de 1830 e sua consolidação nas décadas posteriores, compreendendo o período que Reinhart Koselleck denominou de “Sattelzeit”.¹⁰⁸ Portanto, é indubitável a articulação do moderno conceito de história e de toda sua configuração temporal a partir da década de 1830 na Argentina.

A *Historia de Belgrano* de Mitre é elaborada a partir dos preceitos do moderno conceito de história e das prerrogativas do historicismo. Em grande medida, sua tessitura narrativa evidencia um sentido histórico em que passado, presente e futuro são guiados por determinados princípios, como os ideais de liberdade e civilização.

A principal prerrogativa conceitual elaborada pela biografia de Mitre diz respeito ao sentido da liberdade. Atrelada à ação do sujeito, a liberdade seria um fim a ser alcançado e, para além de sua dimensão moral, liberdade é entendida em uma acepção política. Nesse sentido, na *Historia de Belgrano*, a liberdade torna-se uma dimensão que guiaria a luta dos americanos adeptos à teoria do livre comércio contra os monopolistas espanhóis; o ímpeto do povo de Buenos Aires contra as invasões inglesas; a conquista dos direitos dos americanos contra a tirania da metrópole condensada na Revolução de Mayo de 1810; as conciliações morais e civilizatórias junto às diversas províncias “atrasadas” no território platino; a expansão da revolução como deliberação de uma vontade emancipatória, e, por fim, a ordem contra as tendências da barbárie vinculadas aos elementos centrífugos de cunho interno, representados pelos caudilhos.

Nesta breve descrição, nota-se a articulação de fases subsequentes que dariam forma a um conjunto histórico maior e total a partir da imputação de um sentido: o desenvolvimento da ideia de independência argentina e, diríamos, a perspectiva aberta por esta proposição, a saber, o curso da liberdade. Segundo Mitre:

La humanidad no procede á saltos, y los pueblos adelantan sus jornadas en el *camino de la libertad*, guiados mas bien por sus instintos que por su razon. Precédienlos en esa via naturalezas privilegiadas, que presienten los acontecimientos futuros sin tener su clara inteligencia, y que mas atrevidos o mas generosos marchan á vanguardia de las revoluciones, *explorando el terreno en procura del bien desconocido*. Las revoluciones son como las

¹⁰⁸ Sobre as pesquisas em história conceitual e a articulação dos conceitos fundamentais na América Latina, me remeto a obra: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. Tomo II, en 10 vols.

grandes montañas que tienen sus distintos puntos de vista, en que los horizontes se ensanchan á medida que se van remontando, hasta que se llega á su cumbre y se domina desde ella toda una situacion, comprendiéndose recién entonces el alcance de los pasos que se han dado, y viéndose en lontananza el camino que aun queda por recorrer.(MITRE, 1859, T.I. p.209)
(Grifos meus)

Assim, a liberdade na obra de Mitre, como conceito fundamental, assume centralidade na medida em que é articulada como uma entidade de temporalização, ou seja, como um “gigantesco movimiento epocal apuntando hacia el futuro”.¹⁰⁹ O “bem desconhecido” é o “caminho da liberdade”, ou seja, um horizonte de mobilidade e movimento, mesmo que incerto. Nem sempre compreendido de forma plena na execução de seu plano, a liberdade, segundo a metáfora da montanha, assume centralidade na ressignificação de seu percurso e na chegada do “cume”, onde se abrem novas possibilidades para a efetivação da liberdade, em que os horizontes se alargam para o futuro. A liberdade em Mitre, assim, assume um aspecto de temporalização na medida em que é entendida como um *telos* do percurso histórico, ou seja, a finalidade das ações dos homens. No corpo social, são as instituições republicanas em seus aspectos democráticos que manifestariam este *telos* da liberdade, enfatizando sua característica política.

Dissemos que a liberdade em Bartolomé Mitre é entendida em uma acepção política. Em sua efetivação, este curso da liberdade é articulado a partir de manifestações do modelo político republicano, através da configuração de princípios democráticos. A manifestação da forma governativa republicana e dos princípios democráticos eram entendidos a partir do evento da independência. Segundo Mitre:

El sentimiento democrático era general; pero era mas bien un instinto que una convicción razonada; él fluía naturalmente del organismo social, y se había robustecido en la lucha, habiendo además destruido la revolución todos los antecedentes monárquicos de las colonias españolas, dejando tan solo en pie los elementos constitutivos de una democracia pura, cuya energía se revelaba hasta en sus mismos excesos. El pueblo y la juventud era republicana, aun cuando no se diese cuenta de sus creencias, ni remontase,

¹⁰⁹ FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Liberalismos nacientes en el atlántico iberoamericano: “liberal” como concepto y como identidad política, 1750-1850. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. p.719.

su inteligencia hasta la idea abstracta de un definido sistema de gobierno; *asi es, que lo que verdaderamente era popular, era la independencia, como hecho material mas fácil de comprenderse por las multitudes. La parte ilustrada, que podia formar juicios mas correctos, carecia de esperiencia, y tenia ideas muy incompletas sobre derecho público, no habiéndose popularizado aun las instituciones de la república norte-americana.* (MITRE, 1859, TOMO II. p. 304, 305) (*Grifos meus*)

Assim, cabe destacar que uma das características do conceito de liberdade como movimento temporal era sua capacidade de articulação sob uma forma “instintiva” da democracia, em que o curso não se revelaria de forma evidente aos seus atores. O sentimento de democracia emerge a partir do organismo social, que na biografia de Belgrano é desenvolvido desde os anos finais do regime colonial. Segundo o autor, os patriotas, “a la sombra de la corona de un monarca cautivo organizaban una verdadera república democratica.”¹¹⁰ A independência como ruptura política seria o marco de inteligibilidade dos elementos republicanos e dos princípios democráticos, pois configurou-se como um sobressalto determinante no contexto de 1810. Por fim, Mitre revela seu modelo de republicanismismo através da referência ao modelo republicano federalista norte americano.¹¹¹

Ainda sobre a democracia, é importante ressaltar que seus princípios, derivados do organismo social, possuem uma contingência ainda maior no plano narrativo de Mitre. Seriam estes mesmos princípios democráticos, cuja ampliação da representação política foi um marco após a independência, que gerariam a barbárie – trata-se de uma outra face do desenvolvimento democrático. Conforme argumenta Mitre, os preceitos de igualdade postulado pela democracia manifestavam-se de forma demasiadamente contundente a ponto de transbordar em excessos: “cuya energia se revelaba hasta en sus mismos escesos”. O excesso democrático seria a causa primeva da ascensão de caudilhos e da barbárie, estes entendidos como uma dissolução social:

¹¹⁰ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 420.

¹¹¹ LOMNÉ, Georges. De la república y otras repúblicas: la regeneración de un concepto. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. pp. 1253-1269. Ver también: DI MEGLIO, Gabriel. República. Argentina – Rio de la Plata. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. pp. 1270-1281.

La revolucion argentina se hallaba en un momento critico al terminar el año de 1814. *Los malos elementos que hasta entonces habian concurrido al movimiento general, empezaban a manifestarse*, como las espumas impuras que suben á la superficie del mar en medio de la tempestad. La lucha social empezaba, la sociedad trabajada por la guerra, se descomponia, se disolvia; las ambiciones bastardas alzaban impúdicamente la frente; *la virtud civica se relajaba*; el resorte de la autoridad estaba destemplado; el espiritu militar se desmoralizaba; el tesoro estaba agotado; *las ideas republicanas fluctuaban*; y la fuerza moral de la revolucion desvirtuada no podia suplir á la fuerza fisica de que carecia. (MITRE, 1859, TOMO II. p.297) (*Grifos Meus*)

Os “maus elementos” intrínsecos aos excessos democráticos desvirtuariam a república que, de forma natural e espontânea, havia de surgir dos elementos democráticos “puros”. Concorriam, assim, dois movimentos paralelos surgidos da revolução e de seus princípios democráticos. Estes são os elementos de origem da liberdade e da barbárie. No entanto, apesar do grande infortúnio aos fundamentos da revolução e da liberdade, Mitre postula que esta vertente bárbara, surgida dos princípios democráticos, não possui planos e objetivos, e assim, caracterizava seu fracasso em face aos princípios democráticos/republicanos. Segundo o autor da biografia:

No era una *revolucion social: era una disolucion sin plan, sin objeto, operada por los instintos brutales de las multitudes*, reunidas bajo el pendon de la guerra civil, armados de la espada de Cain y de la tea de la discordia. Era una tercera entidad que se levantaba, enemiga igualmente de los realistas y de los patriotas, dispuesta á luchar indistintamente con todo lo que se opusiese á su expansion. Hasta entonces, este elemento habia marchado aunado á la revolucion; pero elemento heterogeneo a ella, se separó al fin, afectando formas que lo hicieron aparecer como la subdivision del gran partido revolucionario. La revolucion que lo llevaba en su seno, solo habia servido para desenvolverlo, ó mas bien ponerlo de relieve. (MITRE, 1859, TOMO II. p.298-299) (*Grifos meus*)

Desta forma, em relação à articulação do conceito fundamental de liberdade, podemos observar na narrativa de Mitre a configuração dos elementos antitéticos e assimétricos ligada ao conceito central de liberdade. Ou seja, a dimensão da barbárie e do despotismo.

Portanto, a liberdade na *Historia de Belgrano* configura-se como um movimento de temporalização que embasa os horizontes de expectativas, projetando e articulando um processo histórico em que a efetivação da forma republicana de governo, baseada em princípios democráticos, torna-se o fim a ser perseguido. Como insistimos, o *telos* articulado nesta filosofia da história não é evidente aos sujeitos, sendo, antes, guiado por instintos a despeito da condução racionalizada, o que torna o processo histórico, de certa forma, contingente. A democracia seria o princípio de igualdade que embasa o organismo social em seu desenvolvimento teleológico e se manifestava, de forma objetiva, na condução dos negócios públicos, ou seja, na representação política da república. Como conclui Mitre: “Mientras tanto, la república era un hecho fatal, irrevocable, que se habia producido espontáneamente, y que no podia destruirse si no reaccionando contra la revolucion.”¹¹²

Tendo em vista estas reflexões, podemos inferir que a articulação do conceito de liberdade na *Historia de Belgrano* de Mitre postulou-se como mote central de expressão da inteligibilidade historicista na década de 1850. O conceito de liberdade, pautado nos princípios democráticos e na forma de governo republicana, manifestou-se desde os anos finais do antigo regime colonial, atingindo o ápice em sua encarnação na revolução de 1810 e consolidando-se nas instituições unitárias preconizadas por Rivadavia na década de 1820. A despeito das guerras civis e da ascensão de caudilhos e da barbárie, através de personalidade como Artigas, Ramires, Quiroga, Rosas e Urquiza, a liberdade na década de 1850 era um horizonte a ser alcançado e uma base para a compreensão da realidade através da visualização de um processo histórico potencializado com a independência.

Mitre ressalta que o argumento central da obra de 1859 é “el desarrollo de la idea de independencia, desde sus origenes á fines del siglo pasado, hasta la descomposicion del sistema colonial en 1820”.¹¹³ Nesse sentido, a independência é o evento fundador em que se manifesta uma força histórica específica: a força da liberdade como *telos* do processo histórico. O resgate da tradição ilustrada e centralista na década de 1850, realizado por Mitre e outros escritores públicos do período, reforça o evento da revolução como marco de inteligibilidade para a compreensão da realidade portenha, pois ressaltam um processo com espessura histórica que vincula o regime colonial à secessão provincial da década de 1850. Como descreve Mitre:

¹¹² MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 302.

¹¹³ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 06.

La concentracion del poder ejecutivo que tenia por objeto vigorizar la accion gubernativa, era un paso mas dado en sentido de la independencia. Los gobiernos colectivos que hasta entonces se habian sucedido unos á otros, no tenian un caracter definido, y parecian mas bien llenar un vacio, que ejercer una autoridad nacional. La unipersonalidad del gobierno, por el contrario, variando la esencia de la autoridad, la acercaba alas condiciones republicanas, haciendo efectiva la responsabilidad de los mandatarios, dándole un titulo que rompía abiertamente con los precedentes monarquicos, nacionalizando mas la representacion del poder, y haciendo mas palpable el hecho de que el gobierno de la República era una emergencia de la soberania del pueblo. (MITRE, 1859, TOMO II. p. 271, 272)

Portanto, liberdade, república, democracia e nação se ligam à compreensão historicista da realidade como conceitos fundamentais de articulação temporal e movimento histórico.

Do exposto, podemos inferir que, na obra de Mitre, a liberdade como conceito fundamental assume centralidade na medida em que configura uma constelação de conceitos fundamentais em seu eixo. Os conceitos de civilização, constituição, povo, opinião pública, república e nação estão intimamente relacionados com o curso e a expectativa aberta pelo conceito fundamental de liberdade.¹¹⁴ Nesse sentido, podemos observar nos atos de Belgrano, “infatigable obrero de la libertad y del progreso”¹¹⁵ a emergência destes conceitos.

No entanto, nem sempre são claras as referências de Mitre aos conceitos fundamentais que circundam o conceito de liberdade. Em muitos casos, concepções ou derivações dos conceitos básicos são articulados como significados implícitos na narrativa. Como dissemos anteriormente mobilizando as proposições de Javier Fernández Sebastián, o conceito de liberdade participa do campo semântico do conceito de liberal/liberalismo.¹¹⁶ Nesse sentido,

¹¹⁴ Em menor medida, podemos encontrar a articulação destes conceitos na *Historia de Belgrano*. Para os propósitos de nossa reflexão, será privilegiado o conceito de liberdade, pois este fornece os elementos para a compreensão do sentido histórico articulado por Bartolomé Mitre. Para os outros conceitos e suas densidades semânticas, ver: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014.

¹¹⁵ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 256.

¹¹⁶ Destacamos uma primeira aproximação ao significado do conceito de liberdade na segunda seção deste primeiro capítulo. Reproduzo, aqui, a reflexão precedente. Diziamos que segundo Javier Fernández Sebastián o conceito de liberal/liberalismo foi configurado como um conceito “legitimador de las nuevas instituciones, equivalente em gran medida a modernidad política”. Ou seja, como um conjunto de “prácticas, valores, conceptos e instituciones interrelacionadas – gobierno representativo y economía comercial; constitución, derechos individuales y separación de poderes; soberanía nacional y opinión pública”. FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Liberalismos nacientes en el atlántico iberoamericano: “liberal” como concepto y como identidad política, 1750-1850. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y

liberdade expressa uma tendência historicista por meio da qual se ditava um determinado sentido à realidade, ou seja, vinculava uma filosofia da história. É o que advogamos para o caso da *Historia de Belgrano*. Segundo Javier Fernández Sebastián:

La historización del liberalismo hasta convertirlo en una entidad temporalizada, en un gigantesco movimiento epocal apuntando hacia el futuro, en una suerte de concepto-guía de la modernidad, aunque no ha podido documentarse en algunos de los ensayos “nacionales”, probablemente se produjo de un modo u otro, antes o después, en todos o casi todos los espacios. Pero es muy posible que no siempre el “liberalismo” y la “libertad” pesaran lo mismo en esas filosofías de la historia, ni se les atribuyera necesariamente la misma importancia en todos los países; tales relatos podían ser muy bien protagonizados por otros sujetos no menos abstractos, como la “civilización”, la “razón”, el “Pueblo” o la “nación”. (FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, 2014. p.723)

[...] el “liberalismo” es un concepto eminentemente histórico, referido al pasado, mientras que para un importante sector de las élites euroamericanas de la primera mitad del siglo XIX, por mucho que ciertos autores le prepararan muy pronto un pasado a la medida, “liberalismo” era esencialmente un concepto dinámico, inscrito en una filosofía de la historia proyectiva y, por tanto, fuertemente volcado hacia el futuro. (FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, 2014. p.731)

Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. p.698. Como destaca Javier Sebastián: “Es probable, em efecto, que en el origen del uso político de ‘liberal’ se encuentre también frecuentemente esa significación de base. Si liberal en sentido moral era toda persona desprendida, dispuesta a ofrecer algo valioso sin esperar nada a cambio, liberal en sentido político sería aquel que tiene la capacidad de liberar, es decir, de dar uno de los bienes políticos más importantes: la libertad (entendida como no dependencia). Numerosos ejemplos parecen abonar esta tesis de una relación semántica estrecha entre los primeros usos políticos de ‘liberal’ y la acción de dar o conceder libertad (frente a la esclavitud o el despotismo). Desde este punto de vista, el liberal no estaría muy lejos del ‘libertador’: aquel que da – o devuelve – la libertad a quienes antes eran esclavos o siervos, aunque fuera en un sentido político figurado (o sea, en el sentido de otorgar o reconocer derechos a quienes antes no los tenían”. FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Liberalismos nacientes en el atlántico iberoamericano: “liberal” como concepto y como identidad política, 1750-1850. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. p.719. Aínda: “Mucho más importante resulta ser que en torno a esa palabra, hasta entonces usada raramente, a partir de la segunda década del siglo XIX fueran poco a poco cristalizándose nuevos sentidos hasta convertirse en un concepto fundamental, i. e., en un pilar que no podría eliminarse de la arquitectura argumentativa de los discursos políticos del mundo iberoamericano decimonónico sin poner en riesgo la estabilidad de todo el edificio.” FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Liberalismos nacientes en el atlántico iberoamericano: “liberal” como concepto y como identidad política, 1750-1850. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. p.698.

No entanto, é na assimetria do conceito de liberdade que observamos sua força semântica em prol de um sentido histórico.¹¹⁷ Como argumenta João Feres Júnior, a articulação de um conceito fundamental não impediria que este mesmo conceito fosse configurado como conceito antitético e assimétrico, ou seja, que esboçasse em sua densidade semântica oposições, principalmente sua negatividade.¹¹⁸ Segundo o autor, os conceitos antitéticos e assimétricos:

[...] marcan identidades colectivas y que surgen por pares con un término positivo que define las cualidades del colectivo que denomina y un término negativo que es definido por ese colectivo atribuyéndole características antagónicas a sus supuestas cualidades.” (FERES JUNIOR, 2014, p. 54)

Em contraposição ao conceito de liberdade, Mitre destaca o despotismo colonial como obstáculo de curso. Em outros momentos, a contraposição da liberdade é formulada pelos aspectos da tirania, barbárie, ditadura e da anarquia. Acreditamos que estes termos estão vinculados ao campo semântico antitético produzido pelo conceito de liberdade, e ainda, tornam-se obstáculos na realização do curso e do sentido histórico, assumindo conotações negativas. Ou seja, “la tirania é incompatible con la libertad”.¹¹⁹ Segundo Mitre, ao narrar a atuação de Belgrano no Consulado de Buenos Aires:

Cuando él creía haber cumplido sus votos y veía fructificar sus semillas, despues de tres años de afanes, llegaron órdenes terminantes de la Corte mandando suprimir los dos establecimientos por ser de mero lujo y reprobando severamente al Consulado por haberlos autorizado; *acto de*

¹¹⁷ Como argumenta Sebastián: “Al identificar el liberalismo con el progreso y la marcha ascendente de la humanidad, los intelectuales liberales estaban marcando un sentido para su época y el mundo venidero, estaban dando una dirección a los tiempos. Mientras que los adeptos al liberalismo se movían en la dirección correcta – hacia el futuro –, quienes se les oponían eran unos retrógrados que pretendían hacer retroceder a la sociedad hacia épocas pasadas”. FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Liberalismos nacientes en el atlántico iberoamericano: “liberal” como concepto y como identidad política, 1750-1850. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. p. 723.

¹¹⁸ Sobre estes aportes metodológicos, ver: FERES JÚNIOR, João. El concepto de américa: ¿concepto básico o contraconcepto? In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. p.66.

¹¹⁹ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 461.

barbarie, digno de un gobierno tiránico y enemigo de la ilustracion.
(MITRE, 1859, T.I. p.111) (*Grifos meus*)

Ou ao descrever a situação do Paraguai após a expedição de Belgrano e a ascensão de José Gaspar Rodriguez França no governo:

Muchas veces se prolongaban sus conversaciones hasta la hora de la queda, las que generalmente se contraian à lo mal preparados que estaban los pueblos sud-americanos para la libertad. Este era el tema favorito de Francia, que conecedor de la revolucion norte-americana se manifestaba al mismo tiempo severo republicano, condenando como absurdo el sistema monarquico, al mismo tiempo que declaraba inaplicable para la América española, el régimen de la libertad en toda su estension. *Estas ideas que contenian el gérmen de la mas bárbara tirania de los tiempos modernos [...].*
(MITRE, 1859. T.I. p.396)¹²⁰

Os conceitos antitéticos ao servirem como delimitadores de uma comunidade, possuem um delineamento afetivo que se baseia na negação de seu oposto. Assim, ao vincular a liberdade como uma dimensão política e moral, toda uma dimensão da tirania e da barbárie é posta como polo negativo. A dimensão antitética e assimétrica cumpre uma funcionalidade afetiva, pois tem o efeito de aproximar o leitor ao sentido histórico propagado por Belgrano, em que se ressaltam seus aspectos positivos: liberdade e civilização como elevação do bem público e organização da nação. Ainda, podemos observar um afastamento em relação à anarquia e à tirania, tidos como desvios do verdadeiro curso histórico e símbolo do “atraso” em face à civilização. Há, assim, uma valoração sobre o sentido histórico em que a liberdade recebe toda ênfase. Portanto, ao esboçar a antítese do conceito de liberdade, prefigurada na tirania e na barbárie, há uma potencialização valorativa do primeiro conceito.

¹²⁰ Mitre ainda associa tirania aos movimentos federalistas/decentralizadores: “Esta fué la primera vez que resonó en la historia argentina la palabra federacion, tan famosa despues en sus guerras civiles. Pronunciada sin comprender su alcance, en medio de los bosques del Paraguay, por Belgrano el hombre mas puro de sus anales, y por Francia el mas bárbaro de los tiranos, esa palabra consignada en un tratado público, tomando una forma visible, no debia tardar en poner en conmocion á todos los pueblos del Rio de la Plata, dando un punto de apoyo á la anarquia, y una bandera á la disolucion política y social.” MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 399.

O conceito de liberdade para Mitre foi usado como uma ferramenta no combate linguístico para sustentar suas posições políticas na década de 1850.¹²¹ Principalmente ao recuperar uma tradição histórica – a tradição revolucionária e unitária – e vincular seus desdobramentos no presente, observamos uma ação política de cunho liberal sobre este mesmo presente, com vista a projetos futuros. Assim, o arranjo conceitual que autor da *Historia de Belgrano* emprega para a formação do sentido da obra opera sob a égide de uma ação no espaço público da década de 1850. Institui um sentido histórico ao presente e ao mesmo tempo que preserva este sentido como força histórica, abre futuros a partir de sua formulação, através da aproximação dos leitores aos conceitos fundamentais versados na biografia.

1.3.1 Aproximações sobre a emergência individual

A década de 1850 foi um período de intensos debates políticos sobre o passado. A partir da destituição de Juan Manuel de Rosas pela *Batalha de Casero* em 1852 abriu-se um cenário no qual o passado recente e os significados da Revolução de 1810 foram a todo momento objeto de reflexão. A inflexão política que emergiu desta ruptura fomentou perspectivas que tentaram construir projetos para a criação de uma organização política e unificação da nação.

No entanto, eram muitos os obstáculos para a realização de uma coesão que possibilitasse o apaziguamento com o passado recente em Buenos Aires do início da década de 1850. Se por um lado a presença dos emigrados pelo regime rosista gerava novas disposições políticas implicadas principalmente na negação do regime de Rosas, por outro, apoiadores, simpatizantes ou aqueles que decidiram, sob a condução política de Rosas, permaneciam na cidade. Ainda, a presença de Justo José de Urquiza, ex-governador de Rosas, na liderança da Confederação Argentina exaltava ainda mais os ânimos da cidade portenha. Assim, caberia tomar algumas medidas para apaziguar o passado recente e estabelecer, efetivamente, uma resolução aos problemas políticos sobre a província e a nação.

¹²¹ Segundo João Feres Júnior: “es exactamente dentro de esa concepción schmittiana de política como conflicto donde debe entenderse la noción de concepto básico. Es el conflicto entre intereses y proyectos divergentes del mundo lo que genera las diversas interpretaciones semánticas, la polifonía que caracteriza a los conceptos básicos.” FERES JÚNIOR, João. El concepto de américa: ¿concepto básico o contraconcepto? In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. p.53.

Os debates acerca do passado recente, como bem demonstrou Alejandro Eujanian, foram centrais para a formação de uma elite dirigente em Buenos Aires.¹²² Em grande medida, as resoluções sobre o passado, ou seu apaziguamento, conduziram à formação de uma coesão interna no seio desta elite, projetando posições políticas de maiores alcances. Segundo Eujanian, havia duas alternativas para a elaboração do passado recente: 1. a construção nacional a partir do esquecimento do passado rosista e de sua “tirania”; ou 2. a coesão interna da própria cidade de Buenos Aires em contraposição ao continuador deste passado “tirânico”, Justo José de Urquiza. De forma provisória, a segunda alternativa se impôs, principalmente a partir das jornadas de julho e da Revolução de 11 de setembro, que ocasionaram na secessão de Buenos Aires frente a Confederação Argentina liderada por Urquiza.¹²³ Desta forma, afirmou-se uma perspectiva em que a cidade de Buenos Aires e seus homens públicos articulavam uma avaliação negativa em relação ao passado rosista. Segundo Alejandro Eujanian:

En este contexto, tempranamente se elaboró en Buenos Aires una interpretación del 11 de septiembre que presentó la revolución no como el triunfo de una fracción – la de los que se habían hecho de un prestigio por la lucha que desempeñaron frente a Rosas durante los años de la proscripción – contra la otra fracción – formada por los que habían permanecido en Buenos Aires fieles a Rosas –, sino, en cambio, como el triunfo absoluto y definitivo de la *libertad contra la tiranía*. De ese modo, se volvía a dotar a Buenos Aires del protagonismo que durante algunos días se había desplazado hacia el caudillo entrerriano. A partir de ese momento, el conflicto intentó ser colocado fuera de la ciudad. *Lo político, en la Buenos Aires posrosista, se fundó entonces en contraposición a la llamada “tiranía” y al terror*

¹²² EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Rosas, la provincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015.

¹²³ Segundo Eujanian: “Como sucede después de todo abrupto cambio político, la derrota de Rosas en Caseros por las tropas comandadas por Justo José de Urquiza generó incertidumbre respecto del futuro de quienes habían acompañado por años al gobernador depuesto desde la legislatura, el púlpito, el ejército y la prensa. Para Sarmiento, los mayores interrogantes se debían a las dudas que despertaba el líder de la revolución que, hasta poco tiempo antes, había sido de los más firmes aliados de Rosas en el Litoral: Lo que siguió a la batalla de Caseros pertenece a la historia; y solo recordaremos la ansiedad con que, en los primeros días después del cambio, el público trataba de adivinar por las manifestaciones del momento, pasados los primeros días de alborozo, cuál sería la política del termidoriano vencedor.” EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Op. Cit. p. 31. Aínda: “Por eso, en la década de 1850, la anarquía fue puesta fuera de los límites de la ciudad de Buenos Aires y fuera de los límites de la política que se desenvolvía dentro de la ciudad. De las afueras de la ciudad de Buenos Aires había venido la ‘tiranía’ de Rosas, como también Urquiza, por eso en Caseros no había sido derrotada Buenos Aires sino Rosas y sus secuaces. Mientras que el 11 de septiembre sí era Buenos Aires la que se imponía frente a Urquiza y triunfaba definitivamente contra la nueva tiranía.” EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Op. Cit. p. 287.

asociado a ella, que adquiriría continuidad en la existencia amenazante del poder de Urquiza en la Confederación [...]. (EUJANIAN, 2015. p. 286)
(Grifos nossos)

Nesse sentido, a coalizão da elite portenha, heterogênea em sua configuração, mas unificada frente ao eminente poder despótico de Urquiza, organizou as representações do passado recente em uma oposição: “la liberdade contra la tirania”. Para se obter um determinado consenso era preciso esquecer dimensões do passado rosista, como a atuação de alguns membros da sociedade portenha neste governo.

No entanto, de modo algum tal esquecimento foi completo. Nesse sentido, a solução pra o apaziguamento do passado e, conseqüentemente, a possibilidade para uma articulação política, baseou-se em um procedimento que vinculava o processo histórico e suas forças projetivas à dimensão biográfica. O fardo do passado do regime rosista foi articulado, principalmente, sob a figura de seu condutor, ou seja, do próprio Juan Manuel de Rosas. Este procedimento articulou uma resolução ao problema sobre a vivacidade do passado recente. Desta forma, esse encaminhamento liberava a coalizão de ex-membros do rosismo para atuar em prol da cidade de Buenos Aires junto aos ex-emigrados. A coalizão se deu pela ascensão de um novo inimigo: Urquiza – que era interpretado como a reencarnação da “tirania” do governo rosista contra a cidade de Buenos Aires.

Como argumentamos na seção anterior, a *Historia de Belgrano* de Mitre veicula um sentido histórico que expressa o desenvolvimento de um processo histórico. O sentido da história se efetiva a partir do conceito fundamental de liberdade, sendo sintetizado nas formulações institucionais estáveis e centralistas sob a forma republicana e a partir de princípios democráticos. O processo histórico potencializado com a revolução de 1810 tinha como base as ações dos indivíduos no espaço público. Ou seja, a determinação e consequência das ações de indivíduos incidiam na efetivação do processo histórico pautado no ideal de liberdade. Tendo por base a constatação precedente, é importante destacar um aspecto central no que concerne à elaboração do sentido histórico na *Historia de Belgrano* e sua articulação na década de 1850: a centralidade individual. Exploraremos este aspecto por um momento.

Na *Introduccion da Galeria de Celebridades Argentinas*, compêndio em que se publicou a primeira versão da biografia de Belgrano em 1857 – *Biografia del general Belgrano* –, Bartolomé Mitre escreve sobre a dimensão individual. Segundo o autor:

La historia argentina há sido fecunda en hombres notables. Si existiese entre nosotros un Plutarco, encontraria en ella todos los elementos necesarios para escribir un libro de Varones Ilustres, vaciados en el molde de los héroes y los sábios de la antigüedad. Llenos están nuestros anales de grandes caracteres históricos, de guerreiros famosos, de estadistas de primer orden, de poetas inspirados, en una palabra, de hombre de pensamientos y de hombres de accion, que se han immortalizado ó por sus hechos, ó por sus ideas, ó por sus virtudes. La gloria de estes hombres es la mas rica herencia del pueblo argentino, y salvar del olvido su vida y sus facciones, es recojer y utilizar esa herencia en nuestro honor y en nuestro provecho. [...].” (MITRE, Introduccion, 1857. p. I) (*Grifos meus*)

Ao ressaltar os aspectos dos “homens notáveis”, Mitre elabora uma justificação para a escrita de uma vida recorrendo à tradição clássica, principalmente a Plutarco, a partir da utilidade de se escrever sobre o indivíduo. Em um primeiro momento, o destaque do trecho recai na evocação dos Antigos como autoridade de reflexão. Esta autoridade postularia os princípios de imitação e exemplaridade, aproximando-se do que François Hartog denominou de *regime de historicidade antigo*, em que os eventos do passado são tomados como exemplos no presente a partir de uma continuidade temporal.¹²⁴

No entanto, além das reflexões sobre a presença dos antigos e suas normativas para a escrita biográfica ou sua articulação temporal, nos interessa destacar a presença incontestável da dimensão individual como aspecto central para a história. Ainda em sua introdução da *Galeria*, Mitre expõe que “la historia argentina há sido fecunda en hombres notables” os quais

¹²⁴ Em termos Koselleckianos, o espaço de experiência determinaria e condicionaria o horizonte de expectativa. O futuro, assim, estaria condicionado às experiências do passado no presente. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006; HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. No entanto, a respeito deste debate, cabe ressaltar que a reflexão da introdução não é vinculada ao texto de 1857, tampouco à edição de 1859. Acreditamos que a supressão das referências a Plutarco e as autoridades clássicas se devem ao fato de que, em grande medida, a articulação dos antigos na introdução de Mitre é realizada como recurso retórico, condizente com a compilação de biografias da *Galeria*. Este ornamento funciona como uma tentativa de articulação de autoridade, ou seja, a vinculação do *topos* que, em última instância, perderam sua “tessitura conjuntiva”, tal qual descreveu Sérgio Alcides sobre as configurações dos *topoi*. Nesse sentido, a despeito da introdução, o texto de 1857 e 1859 articulam uma incipiente filosofia da história como um processo histórico bem delimitado: o curso da liberdade. Sobre este debate, ver: ARAUJO, V. L. Sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro. In: NICOLAZZI, F.; MOLLO, H. M.; ARAÚJO, V. L. (Org.). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 131-147; CEZAR, Temístocles. *Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX*. Méti: história & cultura, v.2, n.3, jan.-jun. 2003, pp.73-94; LORIGA, S. La escritura biográfica y la escritura de la historia en el siglo XIX y XX. *Anuario IEHS* 27 (2012), pp. 163-186; OLIVEIRA, M. G. *Biografia e historia magistra vitae: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista*. Anos 90, Porto Alegre, v. 22, n. 42, 2015. p. 273-294; ALCIDES, Sérgio. *Estes penhascos*. Cláudio Manuel da Costa e a paisagem das Minas (1753-1773). São Paulo: Hucitec, 2003.

se circunscrevem ao território da Argentina desde os primeiros anos da colonização.¹²⁵ Enumera qualidades e virtudes, assim com ações e obras. São homens ilustrados que realizaram ações no sentido da civilização: poetas, teólogos, escritores, guerreiro, etc. No entanto, e esse é o ponto principal que queremos elucidar, da mesma forma que os homens ilustres, existe outro tipo de “hombres notables” no desenvolvimento do processo histórico argentino. Como na feita anterior, Mitre expõe seus nomes e suas características (neste caso, sempre negativas), são eles: Artigas, Lopez, Quiroga, Ramirez, Aldan, Ibarra, etc. Segundo Mitre:

Pero tenemos otro género de celebridades, que aunque no merezca como las anteriores, las bendiciones de la posteridade agradecida, se presentará á sus ojos com el *resplendor siniestro* de aquella soberba de Milton, que pretendia arrastrar en su caída las estrellas del firmamento. *Estes hombres verdadeiramente célebres bajo otros aspectos, ejerciam una grande influencia sobre los destinos de los pueblos del Rio de la Plata: su vida está rodeada de incidentes mas dramáticos, son los representantes de las tendencias dominadoras de la barbárie, y sus acciones llevan el sello de la enerjía de los tiempos primitivos.* (MITRE, Introduccion, 1857. p. III) (*Grifos meus*)

Desta forma, podemos observar a articulação do oposto de liberdade: as “tendências dominadoras da barbárie”. Como aludimos anteriormente, a organização conceitual da obra de Mitre tem em vista a tensão entre liberdade e barbárie. Esta tensão é expressa na configuração dos conceitos antitéticos e assimétricos. A exposição do polo negativo de um conceito fundamental embasa e potencializa seu polo positivo. Nesse sentido, a liberdade é melhor entendida e apreciada tendo em vista as negativas “energias dos tempos primitivos”. Segundo Mitre: “he ahí otra serie de retratos históricos, retratos terribles y ceñudos que inspiram horror, pero que *sirven para realzar las hermosas figuras* de los que se han hecho célebres por sus servicios, sus virtudes ó sus trabajos intelectuales”.¹²⁶ Ou seja, o destaque aos

¹²⁵ Nota-se, assim, a preocupação de Mitre com os aspectos do regime colonial e seu desenvolvimento, traçando um percurso de evolução. Nesse sentido, destacamos a divisão do texto de 1857, escrita em duas partes: época colonial e época revolucionária. Esta divisão expressa uma densidade histórica que vincula as duas épocas em questão.

¹²⁶ MITRE, Bartolomé. “Introducción”. En: MITRE, Bartolomé; SARMIENTO, Domingo F; GUTIÉRREZ, Juan M; FRÍAS, Félix; DOMÍNGUEZ, Luis; ÁLVAREZ Y THOMAS, Ignacio. E et. al. *Galeria de Celebridades Argentinas – Biografías de los personajes más notables del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Librería de la Victoria, Imprenta Americana, 1857. p. III.

indivíduos da barbárie serviriam para ilustrar e potencializar os indivíduos ilustrados, que em última instância, conservariam o aprimoramento do bem público como objetivo de vida. Conclui Mitre sobre o legado da tradição e seus herdeiros: “la galeria de celebridades argentinas no comprenderá sino los retratos y las biografía de los últimos, es decir, de los que tienen derecho á la gratitud de sus descendientes”.¹²⁷

Este deslocamento sobre a introdução da *Galeria de Celebridades Argentinas* nos serve de base para elucidar a questão da individualidade em Mitre. Assim, podemos observar de maneira contundente a vinculação de sentidos históricos a indivíduos específicos. Aqui, Mitre os posiciona em lados opostos: o sentido da civilização e da barbárie. São os indivíduos “representantes de tendências dominadoras” e “exerciam grande influência nos destinos” dos povos do Rio da Prata. Desta forma, são os indivíduos que determinam, em última instância, o curso do desenvolvimento histórico a partir das consequências derivadas de suas ações e dos princípios que os embasam.¹²⁸

Da mesma forma, na *Historia de Belgrano*, como observamos ao longo das seções anteriores, os indivíduos assumem centralidade na configuração conceitual e na propagação do curso histórico. Belgrano, Rivadavia, Moreno, San Martín, dentre outros, seriam a expressão do processo histórico pautado no ideal de liberdade, ao passo que, Artigas, López, Ramírez e outros caudilhos, a expressão da barbárie.

Em grande medida, esta vinculação de forças históricas à vida de indivíduos incide sobre uma questão da história no século XIX, a saber, o lugar do indivíduo na história e a ascensão interpretativa de grandes processos históricos – trataremos este aspecto de forma mais analítica no próximo capítulo. No entanto, cabe algumas considerações para elucidar nossa perspectiva.

A partir do início da era moderna e da elaboração do conceito moderno de história, podemos encontrar esgarçamentos no que concerne à centralidade do indivíduo no mundo histórico. Desta forma, privilegiou-se os grandes processos a despeito da dimensão individual e singular.¹²⁹ Ou seja, a partir da época moderna, existe uma ênfase nos processos históricos

¹²⁷ MITRE, Bartolomé. “Introducción”. En: MITRE, Bartolomé; SARMIENTO, Domingo F; [...] E et. al. *Galeria de Celebridades Argentinas*. Op. Cit. p. II.

¹²⁸ Como veremos no próximo capítulo, esta relação entre individualidade e história não se fazia de forma simples, assumindo complexidades no que concerne a efetivação teleológica.

¹²⁹ O primeiro aspecto a destacar diz respeito ao declínio da imortalidade como concepção de articulação tanto da natureza quanto da história. Segundo Hannah Arendt, na antiguidade, o denominador comum entre natureza e história era a imortalidade. A história, assim, acolheria para sua “memória aqueles mortais que, através de feitos e palavras, se provaram dignos da natureza, e sua fama eterna significa que eles, em que pese sua mortalidade, podem permanecer na companhia das coisas que duram para sempre.” A mortalidade era a marca distintiva do homem, ao passo que a imortalidade era a marca da natureza. Os feitos e palavras dos homens rompiam o ciclo

de grandes articulações, desdenhando o indivíduo. Para entendermos melhor este aspecto, podemos pensar na formulação de Reinhart Koselleck sobre o conceito moderno de história e a concepção de coletivo singular, a despeito das singularidades da história como *Historie*.¹³⁰ Em síntese, trata-se do desenvolvimento de grandes narrativas que condensam em sua articulação sujeitos abstratos, como a nação, o estado, a sociedade e o povo.¹³¹ Mesmo o grande homem hegeliano, no limite, seria a manifestação fenomenológica do espírito através da “astúcia da razão”, visibilizando, assim, uma maior ênfase no processo da liberdade.¹³²

Tendo em vista estas reflexões, acreditamos que a invocação do indivíduo em Mitre procura ressaltar justamente a individualidade na história, no intuito de estabelecer uma dimensão política no curso do processo histórico. Processo histórico e indivíduo se unificam através de um pêndulo em que ambos assumem a mesma relevância pública e política. Como nos diz Mitre nas palavras que abrem a *Historia de Belgrano*: “este libro es al mismo tiempo la vida de un hombre y la historia de una época”.¹³³

Nesse sentido, voltando ao debate sobre a década de 1850 e os conflitos sobre o passado, destacamos que a vinculação de um determinado sentido histórico à vida do indivíduo tornou-se um importante aspecto de configuração da experiência da história. Assim,

comum de sua vida perecível e mortal ao serem realçados para a história e, assim, adquiriam imortalidade. Segundo Hannah Arendt: “No início da história Ocidental, a distinção entre a mortalidade dos homens e a imortalidade da natureza, entre as coisas feitas pelos homens e as coisas que existem por si mesmas, era o pressuposto tácito da Historiografia. Todas as coisas que devem sua existência aos homens, tais como obras, feitos e palavras, são perecíveis, como que contaminados com a mortalidade de seus autores. Contudo, se os mortais conseguissem dotar suas obras, feitos e palavras de alguma permanência, e impedir sua perecibilidade, então essas coisas ao menos em certa medida entrariam no mundo da eternidade e aí estariam em casa, e os próprios mortais encontrariam seu lugar no cosmos onde todas as coisas são imortais exceto os homens. A capacidade humana para realizá-lo era a recordação, Mnemósine, considerada, portanto, como mãe de todas as demais musas.” ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 7ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2011. p. 72. Na era moderna, a imortalidade da natureza perde seu vigor na medida em que emerge uma subjetividade provinda da desconfiança em relação aos sentidos para apreensão do mundo e, ainda, uma desconfiança do próprio mundo, como objeto imutável. Este é o segundo aspecto aqui levantado. Trata-se do que Arendt descreve como um dos aspectos da alienação do mundo, a suspeita dos sentidos e a constatação de diferentes aspectos de manifestação da natureza a despeito de leis imutáveis. Com isso, há um deslocamento epistêmico em que a apreensão da realidade é realocada do “que” para o “como”. Como desenvolvemos em outro momento, isto envolve a emergência do conceito de processo como compreensão da realidade, a partir da ideia básica de que só podemos conhecer aquilo que criamos. Segundo Arendt: “Na época moderna a História emergiu como algo que jamais fora antes. Ela não mais compôs-se dos feitos e sofrimentos dos homens, e não contou mais a estória de eventos que afetaram a vida dos homens; tornou-se um processo feito pelo homem, o único processo global cuja existência se deveu exclusivamente à raça humana.” ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 7ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2011. p. 89.

¹³⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae*. Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento. In: Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006. p.48.

¹³¹ O mesmo processo é descrito por Sabina Loriga em *O pequeno x*, em relação a desertificação do passado, ou seja, o eclipse do indivíduo na história pela ascensão da ênfase de articulação de processos históricos maiores. Loriga, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.12.

¹³² HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da História*. 2ª edição. Brasília: Editora da UnB, 1999.

¹³³ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p.5.

para além dos consensos, apaziguamentos e dos mecanismos que imputaram uma transição ao novo cenário político em relação ao passado tirânico, nos interessa ressaltar que a mobilização do passado foi elaborada a partir de indivíduos. Em outras palavras, o passado era evocado pela presença, física ou simbólica, de sujeitos, articulando forças históricas à vida individual.

Podemos observar que a responsabilidade pelos crimes do regime rosista, atribuída apenas ao indivíduo Juan Manuel de Rosas, condensou em sua figura todo um significado histórico, ou seja, o sentido da “tirania” e, seguindo os apontamentos de Domingo Faustino Sarmiento em *Facundo*, da própria Barbárie. Esse sentido é recuperado na década de 1850 e condensado, de forma ressignificada, sob a figura de Urquiza. Desta forma, a figura de Rosas evoca um sentido da história: o passado tirânico de seu regime. E ainda, Urquiza evoca a tirania no presente.¹³⁴

A perspectiva antitética de significados sobre o passado recente em Buenos Aires se completa na ascensão da figura de Bernardino Rivadavia.¹³⁵ Se Rosas e Urquiza representavam o sentido das forças da barbárie e da tirania, que desde o início do século assolam a organização nacional, Rivadavia evocava em sua presença simbólica os aspectos da liberdade política. Esta liberdade era compreendida a partir dos valores liberais e da tradição unitária propagadas pela independência e no governo de Rivadavia na década de 1820, assim como a centralidade da cidade de Buenos Aires.¹³⁶

¹³⁴ Segundo Eujanian: “el uso político de esta figura sirvió en lo inmediato para avalar la confiscación, en el apuro por poder disponer de los bienes de Rosas. También para asociar su fantasma con la del otro tirano sanguinario, Justo José de Urquiza [...]” EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Rosas, la provincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015. p. 288.

¹³⁵ Sobre Rivadavia, Alejandro Eujanian sintetiza: “Durante ese año de 1857, que fue el preludio de una escalada del conflicto con la Confederación que culminaría en la batalla de Cepeda dos años después, se condensaba una serie de motivos históricos que servían a los fines de reafirmar la construcción de la identidad porteña y la legitimidad de sus dirigentes. Por una parte, la estigmatización de la “tiranía” en el juicio a Rosas que se aprobó en ambas cámaras. En segundo lugar, la reafirmación de la tradición unitaria en la repatriación de los restos de Bernardino Rivadavia.” EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Rosas, la provincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015. p. 102.

¹³⁶ Segundo Eujanian: “La fórmula fue exitosa – aunque no inhibió posteriores disputas –, y se impuso ese uso de la imagen de Rosas y su gobierno, que predominó en los años siguientes [...] La propia monstruosidad de la ‘tiranía’, tal como había sido elaborada, no facilitaba el olvido. A la vez, los recuerdos quedaron condenados durante muchos años a habitar un espacio exterior a la política, porque Rosas había sido criminalizado a condición de exonerar a los miembros de las élites sociales, la burocracia, los legisladores, el clero, la policía, el ejército y la justicia, que habían participado, de un modo u otro, en los hechos por los que unos pocos habían sido condenados. Se recordarán los hechos y las circunstancias, se omitieron los nombres de algunos cómplices. Como símbolo de una transacción, se impuso la solución que proponía encubrir a los cómplices o responsables de la ‘tiranía’. Cuando concluyó el debate, apenas unos días después se celebró en Buenos Aires el retorno de los restos de *Bernardino Rivadavia, el otro gran referente simbólico en el proceso de construcción de la memoria porteña durante la década de 1850, porque permitía enlazar la Revolución de Mayo de 1810 con la revolución del 11 de septiembre; ya sin obstáculos, una vez expurgada de la conciencia pública cualquier responsabilidad con la ‘tiranía’*”. EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Op. Cit. p. 290.

Com efeito, a evocação de Rivadavia procurava articular de forma mais incisiva a unidade em Buenos Aires e realizar um nexo temporal de continuidade de uma tradição política, ou seja, uma “continuidad del presente con la década de 1820”.¹³⁷ Segundo Eujanian:

Todos los discursos fúnebres que se dieron el día en el que llegaron sus restos eligieron como tema resaltar el lugar de nexo que simbólicamente cumplía Rivadavia: nexo entre los argentinos; nexo entre el pasado, el presente y el porvenir; nexo entre la provincia de Buenos Aires que él creó y la Buenos Aires de la década de 1850; nexo entre las instituciones republicanas y liberales que fundó y que resurgieron bajo los escombros de la “tiranía. (EUJANIAN, 2015. p. 108.)

Desta forma, tanto Rivadavia como outros sujeitos de vertente unitária e liberal – como Manuel Belgrano – foram alçados como representantes das continuidades do passado com o presente, ou seja, como articuladores de forças históricas. O mesmo procedimento acontece no polo oposto, ou seja, a continuação da barbárie por Rosas e Urquiza, a partir de Artigas.

Assim, acreditamos que este atrelamento de forças históricas ao indivíduo, na década de 1850, responde aos dilemas impostos pela relação entre individualidade e processo histórico. A dimensão individual através da biografia foi uma solução para contornar o problema da tessitura narrativa destes grandes sujeitos coletivos. Ainda, a ascensão da individualidade demonstrou-se bem-sucedida no apaziguamento do passado recente em Buenos Aires na década de 1850. Assim, acreditamos que a biografia e a emergência do indivíduo configuram um importante recurso narrativo, epistemológico e político para a realização de uma compreensão histórica da realidade.¹³⁸

Desta forma, ao articular um sentido histórico a partir das ações dos sujeitos e vincular uma carga conceitual aos seus atos, ocorre uma aproximação entre estes atos e a recepção

¹³⁷ Segundo Eujanian: “Ese lugar que se le confería a Rivadavia como padre fundador del Estado de Buenos Aires y el vínculo que se elaboraba entre la Buenos Aires de la década de 1820 y la de 1850, se reforzaba en una serie de símbolos destinados a conservar y perpetuar su memoria en el futuro: la calle Federación pasaría a llamarse Rivadavia, todas las escuelas tendrían su busto, se erigiría una estatua en la Cámara de la Asamblea General como tributo al fundador del sistema representativo en Buenos Aires. EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Rosas, la provincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015. pp. 105-106.

¹³⁸ Sobre a dimensão política, destaca-se a preponderância da tradição unitária na vinculação destes sentidos históricos. Assim, o principal objetivo desta emergência individual foi estabelecer os fundamentos conceituais da liberdade e da civilização, propagados a partir de uma perspectiva que vinculava a tradição unitária. O estabelecimento deste sentido histórico é efetivado pela emergência do sujeito como promotor do curso histórico e pelos usos antitéticos dos conceitos fundamentais vinculados em seus sentidos. Como expressamos anteriormente, a configuração antitética de determinados conceitos sempre produz uma negação, que é convertida em distanciamento e estranhamento, ou aproximação e empatia, valores e significados práticos.

pública destes devido a vinculação conceitual à individualidade. Assim, a publicidade que emana da vida do sujeito, que por sua vez é evocado como recurso de dimensão conceitual, configura a emergência de um sentido histórico e político ao público. Esta relação fica mais evidente quando pensamos a dimensão instrutiva que a biografia produz no leitor, principalmente na efetivação aproximativa produzidos pelos conceitos antitéticos. Portanto, a relação que se expressa a partir da evocação de determinados sujeitos e seus significados no espaço público é entendida como um recurso que produz sentidos e afetos.

Capítulo 2. Entre a história e a biografia: o individual e o epistemológico

O principal objetivo deste capítulo é evidenciar a construção da anatomia teórica da história biográfica em Bartolomé Mitre. Procuraremos demonstrar que a história biográfica de Mitre configura uma proposta historiográfica na década de 1850, articulando sentidos e projeções à realidade. Para elucidar as proposições que embasam a construção biográfica, discutiremos de forma aproximativa as tensões entre individualidade e história. Assim, ao indagarmos sobre o lugar do sujeito na *Historia de Belgrano* e sua relação com os aspectos do conceito moderno de história, como a dimensão teleológica, teremos condições de esboçar a anatomia teórica da história biográfica em Mitre – este é o mote da primeira seção do capítulo. Feito este movimento de construção das especificidades biográficas, abordaremos um dos aspectos centrais de sua construção, a saber, a dimensão epistemológica. Desta forma, elucidaremos os modos de construção de legitimidade da história biográfica, assim como o vislumbre da construção epistêmica da obra, pautado do amplo uso de fontes que sustentam o relato mitreano. A segunda seção do texto abordará as dimensões de legitimidade da *Historia de Belgrano*, destacando o longo período de maturação da crítica histórica. Por fim, a última seção procura analisar as articulações epistemológicas da história biográfica como um modo específico de organização de sentido à realidade, através de seu “recurso de transparência”, que potencializa uma compreensão pública ao leitor ideal projetado.

2.1 História e a biografia: entre o indivíduo e o coletivo singular.

“Na época moderna a História emergiu como algo que jamais fora antes. Ela não mais compôs-se dos feitos e sofrimentos dos homens, e não contou mais a estória de eventos que afetaram a vida dos homens; tornou-se um processo feito pelo homem, o único processo global cuja existência se deveu exclusivamente à raça humana”.

Hannah Arendt, Entre o futuro e o passado. 1961.

Dizíamos que uma das características singulares da *Historia de Belgrano* de 1859 foi o desenvolvimento de uma narrativa que aglutinou diversos momentos do passado através de um fio condutor e de um argumento, realizando, assim, a mais completa narrativa histórica até

o momento disponível.¹³⁹ O argumento da *Historia de Belgrano* é o desenvolvimento da ideia de independência desde o século XVIII. O fio condutor utilizado por Bartolomé Mitre é a forma biográfica. A biografia, como advogaremos, implicou uma proposta historiográfica que configurou um sentido histórico ao momento presente da década de 1850 – um sentido histórico que pauta os princípios da liberdade e da civilização.

Como visto anteriormente, a *Historia de Belgrano*, ao articular um processo histórico pelo conceito fundamental de liberdade e seus aspectos antitéticos e assimétricos, postula uma centralidade ao indivíduo. Dizíamos que as ações individuais no espaço público guiam o processo histórico, ou seja, seus feitos e discursos conduziram a dimensão teleológica. No entanto, cabe problematizar este aspecto. Como iremos observar, na *Historia de Belgrano* esta relação possui complexidades. Desta forma, os indivíduos em suas ações deliberam sobre o processo histórico, e, ao mesmo tempo, pelo fator da contingência, sofrem as determinações deste mesmo processo. Assim, indivíduo e processo histórico estabelecem uma relação em que não há determinação de um sobre o outro, mas uma tensão que compõe o curso histórico. Nesse sentido, ao indagarmos sobre a anatomia teórica da biografia em Bartolomé Mitre, podemos perceber as relações entre indivíduo e processo histórico, assim como as relações entre história e biografia.

Com o influxo do historicismo no Rio da Prata e a compreensão de que a realidade apenas seria compreendida a partir do estabelecimento de um processo histórico, é possível observar desde a década de 1820 a efetiva elaboração de “representaciones más complejas del proceso revolucionario, a la vez que afianzaron la necesidad de considerarlo como obligado punto de partida para todo examen del presente y futuro de la región.”¹⁴⁰ A partir da década de 1820, mais especificamente com o Congresso Constituinte de 1826, emergem indagações a respeito da autoria da revolução de 1810.¹⁴¹ A dificuldade de se estabelecer os nomes próprios

¹³⁹ Este movimento é o que distingue a obra de Bartolomé Mitre dos relatos precedentes, que em sua grande maioria, eram relatos biográficos sem maiores amplitudes narrativas, memórias ou compêndios documentais. A exceção se encontra nos trabalhos de Domingo Faustino Sarmiento.

¹⁴⁰ WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento historico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. P. 172.

¹⁴¹ Segundo Wasserman sobre o congresso de 1826: “La discusión fue motivada por un proyecto que envía el Ejecutivo para crear una fuente que, a modo de monumento, debía llevar inscriptos los nombres de los autores de la Revolución a quienes también se les daría una pensión. El proyecto, defendido por el Ministro de Gobierno Julián Agüero, proponía crear dos comisiones integradas por representantes de todas las provincias: la primera debía establecer los criterios de selección y la otra los utilizaría para deternlinar la autoría. Pero la comisión de legislación, a través de Juan José Paso, planteó que el proyecto es inoportuno. De ese modo, y contra lo esperado por sus promotores que imaginaron un consenso inexistente, se debatió largamente sobre su viabilidad y oportunidad, sobre su posible carácter aristocrático y antirrepublicano, y, por cierto, sobre las dificultades que entrañaba establecer la autoría. Finalmente, el proyecto se aceptó pero se resolvió que la fuente no incluya nombres propios, con lo cual, claro está, tampoco se otorgaron pensiones.” WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis. Op. Cit. p.172.

ao evento se deve, em grande medida, às diferenças políticas e ideológicas do debate.¹⁴² A despeito das interpretações dominantes sobre o processo revolucionário, as quais localizavam a revolução como efeito da crise monárquica,¹⁴³ nota-se o interesse de alguns deputados partidários ao governo de Bernardino Rivadavia em estabelecer a autoria do evento de Maio de 1810. Este desejo de perscrutar a autoria da revolução é um sintoma da necessidade de estabelecer sentidos ao evento revolucionário. A partir deste impulso, configurou-se uma necessidade de evidenciar os sujeitos implicados na ruptura com o antigo regime colonial.

Nesse sentido, a dimensão individual na revolução de 1810 foi desenvolvida em 1839 por Juan Bautista Alberdi em sua obra de teatro sobre a revolução.¹⁴⁴ Sua intervenção reflete, de maneira geral, as indagações da geração de 1837 sobre as causas da revolução e suas heranças, assim como seus problemas presentes.¹⁴⁵ A despeito da centralidade do indivíduo no ano de 1810, Alberdi destaca as atuações de um grupo, ou seja, uma minoria letrada pertencente à elite portenha. A obra de teatro de Alberdi realiza uma importante referência à dimensão individual ao veicular nomes próprios ao evento revolucionário:

Gloria eterna á los *padres de nuestra libertad*, á los *ilustres promotores de la revolucion de Mayo*, á los espíritus penetrantes y audaces que a traves de una noche de tres siglos han sabido *discernir con claridad nuestros destinos inmortales* [...] A su memoria, senores, y para su culto, un monumento será levantado en esta misma plaza, en cuyas láminas se describirán con letras de oro, los nombres armoniosos de Paso, Castelli, Belgrano, Larrea, Moreno, Vieites, Chiclana, Peña, Saavedra, Irigoyen, y diez nombres que mi boca, enervada de entusiasmo, calla, pero que los lábios de la fama harán resonar en los espacios del porvenir. (ALBERDI, 1839. pp. 121-122 apud WASSERMAN, 2008. p. 214) (*Grifos meus*)

¹⁴² WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis. Op. Cit. 2008. p. 173.

¹⁴³ WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis. Op. Cit. 2008. p. 176.

¹⁴⁴ ALBERDI, J. B. La Revolución de Mayo. Crónica Dramática. 1839.

¹⁴⁵ A geração de 1837 foi um movimento intelectual argentino que propagava o abandono das heranças coloniais espanhola e a instauração de uma democracia para garantir os direitos individuais dos cidadãos. Foi um movimento romântico composta por jovens provenientes das províncias do interior e portenhos, inspirados em grande medida pelo romantismo inglês e francês. A geração romântica de 1837 foi responsável pela criação de diversas obras literárias, jurídicas e sociológicas, que em sua maneira, influenciaram os movimentos políticos subsequentes e mesmo a constituição de 1853. Seus principais nomes são: Domingo Faustino Sarmiento, Juan María Gutiérrez, Esteban Echeverría e Juan Bautista Alberdi, dentre outros. Fabio Wasserman articula um capítulo sobre a geração de 1837, especificamente o capítulo X: “La generación de 37. La revolución como mandato inconcluso.” Ver: WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento historico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 201-216. Ver também: PALTI, Elias. El momento romántico. Nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX. Eudeba, Buenos Aires, 2009.

Assim, o texto de Alberdi é sintomático quanto à preocupação sobre a individualidade na história, mesmo que diluída em nome do grupo revolucionário, aspecto presente desde a década de 1820 no Rio da Prata.¹⁴⁶ A promoção da revolução, segundo o excerto da peça de teatro, seria efetivada por indivíduos, “padres de la libertad”, em grande maioria, sujeitos da vertente política centralista. Desta forma, a dimensão individual na história é considerada a partir das atuações dos sujeitos no processo revolucionário, em que se destaca ou não sua participação nos eventos, seu rol de atuação e importância individual para a efetivação da revolução de 1810. É importante ter em vista que a emergência do indivíduo e sua participação no processo revolucionário tem como base interpretações sobre o significado da revolução.¹⁴⁷

A centralidade do debate sobre a dimensão individual e sua posição na história acontece com maior intensidade na década de 1840. Ao elaborar esta preocupação sobre a dimensão individual, postula-se a necessidade de se pensar a biografia como relato histórico.¹⁴⁸ A biografia foi uma importante plataforma de articulação de representações do passado na Argentina na primeira metade do oitocentos. As intervenções de Domingo Faustino Sarmiento e Florencio Varela na década de 1840 são relevantes para elucidar este aspecto.¹⁴⁹ Segundo Sarmiento:

La biografía de un hombre que ha desempeñado un gran papel en una época y país dados, *es el resumen de la historia contemporánea, iluminada con los animados colores que reflejan las costumbres y hábitos nacionales, las ideas dominantes, las tendencias de la civilización, y la dirección especial que el genio de los grandes hombres puede imprimir a la sociedad.*

¹⁴⁶ Na interpretação de Fabio Wasserman, a peça de teatro de Alberdi remete-se, em partes, ao debate de 1826 sobre a autoria da revolução de 1810. Não obstante, o historiador argentino localiza a intervenção de Alberdi como uma articulação de um sujeito coletivo, a despeito da centralidade individual. WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento historico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p.214-215.

¹⁴⁷ Em grande medida, as interpretações dominantes sobre o fator estrutural que localizavam a revolução de 1810 na crise colonial tendem a omitir as atuações individuais. Nos baseamos na obra de Wasserman no que tange as análises das interpretações de 1810. WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento historico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008.

¹⁴⁸ Segundo afirma Wasserman: “En suma, los relatos biográficos y testimoniales se caracterizan por reivindicar a la Revolución y por la pretensión de posicionar a sus protagonistas como activos partícipes de la misma, pero también por las abundantes referencias a los conflictos internos que ésta desató.” WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis. Op. Cit. pp. 185-186

¹⁴⁹ Domingo Faustino Sarmiento e Florencio Varela foram dois letrados que agiram ativamente no espaço público portenho, principalmente contra o governo de Manuel de Rosas. Florencio Varela foi um letrado proeminente na cidade das letras de Montevideú durante a primeira metade do oitocentos.

(SARMIENTO. De las biografías. 1842 apud: WASSERMAN, 2008. p. 44)

(*Grifos meus*)

Para Sarmiento, a biografia seria o resumo da história contemporânea. Sua principal característica é articular os costumes e os hábitos nacionais, assim como as ideias dominantes ou as “tendências da civilização”. Neste último aspecto, trata-se da imputação de um sentido histórico baseado em uma filosofia da história que tem como mote o progressivo desenvolvimento das forças da civilização – ou seja, uma perspectiva teleológica que embasa o desenvolvimento histórico. Os costumes e os hábitos nacionais evidenciarão as singularidades e especificidades do sujeito-nação e seu desenvolvimento progressivo. Nesse sentido, não é fortuito que a articulação dos costumes e do meio geográfico do Pampa Argentino seja um mote no *Facundo* de 1845.¹⁵⁰ No excerto em questão, a individualidade baseada na ideia de grande homem conduziria o percurso histórico, guiando as direções necessárias ao desenvolvimento histórico.

Nesse sentido, podemos observar uma maior relevância do protagonismo individual em Sarmiento em comparação ao excerto de Alberdi. Para Sarmiento, o grande homem possui a força e a capacidade de guiar o processo histórico. Em Alberdi, o protagonismo se desfaz perante o grupo, mas ainda é presente. Assim, se em Alberdi a individualidade se apresenta diluída no seio de um pequeno agrupamento de “letrados”, em Sarmiento o sujeito histórico é posto em destaque como promotor das tendências da civilização, ou, no caso de *Facundo*, da barbárie.

Se por um lado Sarmiento ressalta a força individual a despeito de maiores considerações sobre a biografia, por outro, Florencio Varela se preocupa com a forma de elaboração biográfica. Para o letrado:

La biografía de un hombre público, si ha de llenar las condiciones y los objetos que la *razon universal* exige hoy del trabajo del biógrafo, *equivale casi á escribir la historia del pueblo y de la época en que el hombre público vivió.* (VARELA, 1847 apud WASSERMAN, 2008. p. 44) (*Grifos meus*)

Nesse sentido, a biografia para Varela assumiria uma importância histórica fundamental, pois a escrita de uma vida equivaleria a escrever a história de um povo e de uma época. No

¹⁵⁰ ALTAMIRANO, Carlos y Sarlo, Beatriz. Ensayos argentinos. De Sarmiento a la Vanguardia. Buenos Aires: Ariel, 1997. p. 113; HOSIASSON, Laura Janina. O prazer da leitura em *Facundo*. Novos estud. CEBRAP, São Paulo, n. 89, p. 183-192, Mar. 2011.

contexto platino da década de 1840, esta afirmação é contundente, se se tem em vista a exígua articulação de relatos históricos de maior envergadura no espaço público. As razões universais que descreve Varela, acreditamos, são as mesmas em que se baseia Sarmiento, ou seja, os princípios e as tendências da civilização e da liberdade como um *telos*. Da mesma forma que Sarmiento, a dimensão individual é ressaltada como força histórica destas tendências.

Realizar uma análise exaustiva dos três autores aqui em questão – Alberdi, Sarmiento e Varela – vai além de nossos propósitos. O intuito de visualização destas três perspectivas se justifica na medida em que podemos identificar uma preocupação sistemática sobre o lugar do sujeito em relação ao processo histórico e, ainda, uma preocupação sobre a biografia e sua função na representação histórica.¹⁵¹ Nesse sentido, podemos afirmar que desde a década de 1840 o gênero biográfico, ou a história biográfica – como preferencialmente postula Sabina Loriga¹⁵² – foi objeto de reflexão sobre seu modo de elaboração e sua condição para representar o passado.

No entanto, é com Bartolomé Mitre que encontramos o arcabouço reflexivo de maior consistência sobre o indivíduo e sobre a biografia, pois trata-se da maior história biográfica publicada até fins da década de 1850: a *História de Belgrano*. Esboçaremos, assim, os

¹⁵¹ Segundo Wasserman: “Las obras en las cuales se pueden encontrar mayor cantidad de representaciones del pasado, son las de carácter biográfico y testimonial como las autobiografías, biografías y memorias.” WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento historico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008.p. 43. De certo modo, nossas afirmações contrastam e confluem com as formulações de Fabio Wasserman sobre os usos da biografia entre os anos de 1830 e 1860. Para o Historiador argentino, a forma biográfica vinculou o maior número de representação do passado no período analisado. No entanto, segundo o autor, as biografias em suas formulações pautavam apenas uma disputa de memórias sobre o personagem, legando à opinião pública uma versão de seus méritos. Nesse sentido, dificilmente uma biografia vincularia a história e o sentido de uma época tal qual propõe Domingos Faustino Sarmiento e Florencio Varela. Para Wasserman, estes princípios vinculados por Sarmiento e Varela não foram de todos efetivados nas escritas biográficas. Ou seja, não se buscou elucidar um sentido histórico a partir dos personagens biografados, mas apenas recordar os personagens em questão para conflitos futuros de uma memória coletiva, dentro do marco das disputas facciosas, o que, de certa forma, impedia uma interpretação com maior envergadura. Segundo Wasserman: “Cabe señalar por último que muchos de estos textos tenían entre sus finalidades, y a veces era la primera o única, acreditar méritos o servicios que esperaban ser reconocidos no tanto por los deudos, los allegados o la opinión pública, sino más bien por los gobiernos, fundamentalmente en el caso de militares que esperaban ver recompensados sus servicios.” WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento historico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 46. No entanto, Wasserman postula uma interpretação específica para as biografias de Mitre. Para além dos conflitos de memória que a forma biográfica veiculava, a segunda edição de 1859 realçariam um sentido histórico específico, justamente pelo percurso do biografado. Ou seja, a presença de Belgrano tanto no período colonial quanto no período republicano como guia para captar a mudança de época, pautariam as inovações interpretativa de que já descrevemos anteriormente. Segundo Wasserman: “Si bien casi siempre en un segundo plano, Belgrano había tenido actuación pública tanto a fines del período colonial como en el revolucionario, por lo que el seguimiento de su trayectoria facilita la construcción de un relato capaz de explicar y describir el pasaje entre ambos momentos. WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis. Op. Cit. p. 232.

¹⁵² LORIGA, Sabina. O pequeno x: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. pp. 14-15. Para uma reflexão sobre as considerações de Loriga, ver nota de rodapé 36, 37 e 38 da introdução.

aspectos aproximativos que compõem a anatomia teórica da biografia e o lugar do indivíduo dentro da construção mitreana.

Antes, é preciso ressaltar que Mitre, em seu prefácio da *Historia de Belgrano*, dedica mais de 50 páginas sobre a construção da biografia. Ali são tratados os problemas que o levaram a construir a biografia, como sua troca intelectual com André Lamas, importante letrado de Montevideú; os desafios da composição histórica, como a procura de documentos, a catalogação e as incursões em arquivos desorganizados; além das elaborações de cada capítulo em relação às fontes utilizadas.

No primeiro parágrafo do prefácio já podemos encontrar as tensões entre biografia e história. Bartolomé Mitre expõe que: “este libro es al mismo tiempo la vida de un hombre y la historia de una época”¹⁵³ e segue uma descrição destes dois aspectos. Primeiro sobre a biografia:

Como biografia, *presenta un tipo de virtud republicana*, copiado al natural, con sus luces y sus sombras, con sus debilidades y su grandeza, con sus errores politicos y sus concepciones elevadas, en una palabra, *un héroe que no deja de ser hombre*; y que, *sin aparato teatral*, siguiendo las inspiraciones de una conciencia austera, *subordina sus acciones a un principio superior, consagra su vida á una idea*, y muere en su fé, legando á la posteridad el nombre mas puro y sin mancha de los fastos americanos. (MITRE, 1859, T.I, p.5) (*Grifos meus*)

Assim, como biografia, a *Historia de Belgrano* apresenta a virtude republicana construída a partir do personagem com seus erros e acertos, ou seja, “un héroe que no deja de ser hombre”, que subordina suas ações a um princípio superior. O princípio superior que nos fala o autor se baseia em suas proposições teleológicas a partir das concepções de liberdade e civilização.

A virtude republicana diz respeito à atuação de Belgrano em prol do bem comum, suas iniciativas e conduções no espaço público. Um dos exemplos é o caso dos primeiros anos da atuação de Belgrano no consulado de Buenos Aires, na criação de escolas e academias para a instrução pública. Conforme relata Mitre, Belgrano “aconseja que se abran escuelas en todos los barrios de la ciudad y en todas las villas de campaña para los niños de ambos sexos, en circunstancias que no existia en Buenos Aires [...]”.¹⁵⁴ E reafirma: “Cuando esta verdad se

¹⁵³ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 5.

¹⁵⁴ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Op. Cit. p. 98.

proclamaba, la estadística no había demostrado aun, que la producción y la riqueza de un pueblo están en razón directa de su instrucción, y que esta es el agente más activo del trabajo.”¹⁵⁵ Desta forma, biografado e biógrafo afirmam a condução de uma virtude em relação ao provimento do bem público. Para Mitre, são as qualidades republicanas que ressaltam o valor individual de Belgrano: “esto es lo que hace de él [Belgrano] un verdadero tipo, digno de presentarse á la admiración de un pueblo republicano, y lo que facilita más el amalgama de la historia general con su biografía particular.”¹⁵⁶

Como dissemos anteriormente, sobre o lugar do indivíduo no proceder de difusão desta virtude republicana, encontra-se o grande homem. Em primeiro lugar, podemos evidenciar o deslocamento, descrito por François Dosse, do herói virtuoso, vertido aos moldes antigos, para o grande homem, ou seja, o homem que aglutina e desprende uma força histórica a partir de suas ações.¹⁵⁷ A tópica do grande homem está presente em toda a *Historia de Belgrano*. O personagem é descrito em um enredo no qual se ressaltam suas qualidades públicas, principalmente no que concerne aos valores iluministas e da conservação das instituições patrióticas e republicanas e, ao mesmo tempo, se ressaltam seus erros e desvirtuamentos. Trata-se da moderna humanização do herói, na qual seus ornamentos são destituídos em prol de uma maior identificação com os homens da sociedade. Ou seja, uma vida “sin aparato teatral”.

No entanto, o indivíduo na *Historia de Belgrano* não é de todo promotor absoluto do curso histórico. A despeito do grande homem hegeliano, que no agir de seus interesses particulares desvela a dimensão universal – ou o sentido histórico universal –, em Mitre encontramos um homem comum cuja maior façanha é a promoção do bem público ou a virtude republicana, mesmo sob perspectivas errôneas. Este é o caso em que Mitre narra a tentativa de Belgrano de coroar a infanta Carlota de Portugal como rainha do Rio da Prata, ou seja, trocar uma monarquia absoluta por uma monarquia constitucional. No fim, é ressaltado o rumo errôneo que o personagem perfaz. Segundo Mitre: “este fué el último paso que dio Belgrano en este camino errado. Los sucesos le hicieron variar en dirección, corrigiendo sus ideas políticas y precipitándole en el ancho camino que debía conducirle á la inmortalidad.”¹⁵⁸ Assim, o contexto em que se insere o personagem é responsável pela correção de “sus ideas políticas”, justamente pelo “variar de direção” imposto ao indivíduo, e, conseqüentemente, do

¹⁵⁵ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Op. Cit. p. 97.

¹⁵⁶ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 11.

¹⁵⁷ A título de exemplo, podemos pensar no Grande Homem hegeliano. Ver: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da História*. 2ª edição. Editora da UnB, 1999.

¹⁵⁸ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 181.

rumo histórico a ser estabelecido. Nesse sentido, em Mitre o fator teleológico, quando não de todo equalizado com as ações individuais, formaria as próprias condições necessárias para que os sujeitos realizassem o bem maior em questão, a liberdade. Em outras palavras, ao contrário das interpretações de Sarmiento e Varela que localizam uma centralidade nas ações individuais como promotoras das “tendências dominantes”, o indivíduo em Mitre e, ainda, o processo histórico fundamentado no ideal de liberdade, estabelecem uma relação em que não há determinação de um sobre o outro, mas uma tensão que compõe o curso histórico.

Portanto, a dimensão providencial fornece ao leitor um *telos* que corrige o percurso dos acontecimentos e das ações do personagem. Este *telos* é produzido pela articulação da filosofia da história na narrativa e sintetizado pelos conceitos fundamentais de liberdade e civilização. As ações públicas de Belgrano, quando em cena na narrativa, são guiadas por estes valores teleológicos, condensados nas noções de patriotismo, civilização, instituições republicanas e liberdade. No entanto, a predominância deste *telos* não invalida a ação individual. A estrutura não dilui a singularidade. O indivíduo assume centralidade na medida em que age em prol da liberdade. Suas ações incidem sobre o próprio curso histórico, modificando-o.

A atuação individual centraliza o desenvolvimento do percurso histórico que a narrativa de Mitre ilustra. Desta forma, a história biográfica e sua ênfase na dimensão individual se faz necessária como meio de visualização deste processo de desvelamento da liberdade. Como ressalta Bartolomé Mitre: “entonces la antorcha de la biografía ilumina el libro de la historia, á la vez que el camino del historiador.”¹⁵⁹ Eis outro aspecto fundamental da anatomia da biografia em Mitre: sua dimensão epistemológica.¹⁶⁰

Assim, falta-nos indagar a dimensão histórica desta tensão. Como aponta Mitre em sua reflexão sobre as relações entre biografia e história:

Comó historia, presenta bajo un *plan lógico y sencillo, la cronologia, el movimiento, los sucesos, los hombres, las tendencias, las ideas, en una palabra, la fisonomia de la época en que vivió el personaje*, cuya figura ocupa el primer término; sin lo cual no se comprenderia ni su rol postumo, ni su rol contemporáneo. (MITRE, 1859. T.I, pp.5-6) (*Grifos meus*)

¹⁵⁹ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p 9.

¹⁶⁰ Abordaremos a dimensão epistemológica nas próximas seções.

Como história, a obra apresenta sob um plano “lógico e sensível” a cronologia, o movimento, os acontecimentos, os homens, as tendências e as ideias, ou seja, “la fisonomia de la época en que vivió el personaje”. Como destacamos anteriormente, mais do que se ater aos quadros que circundam o personagem, Mitre realiza um grande relato sobre os antecedentes da revolução de 1810, a Revolução e seus desdobramentos. Assim, são descritos diversos episódios narrados sob um único movimento, postulando um sentido único em que a liberdade assume centralidade em seu desenvolvimento desde o fim do regime colonial. Ao abordar as tendências dominantes, Mitre ressalta os valores monárquicos e suas respectivas forças históricas, baseadas em antigas instituições, como o Consulado de Buenos Aires. Descreve, ainda, os novos valores pautados pelos princípios democráticos, emergentes com a revolução de 1810, que se expandem em duas vertentes distintas. A primeira configurando um republicanismo democrático e a segunda, as forças centrífugas da barbárie.

Este último aspecto é central para a compreensão da ação individual face ao processo histórico. A partir da barbárie, que segundo Mitre seria a expressão desvirtuada dos princípios democráticos propagados com a revolução, encontramos a irreversibilidade da dimensão teleológica do processo histórico. Ao impulsionar o curso histórico para o sentido da liberdade, o próprio *telos* realiza uma abertura ambígua em relação aos seus meios de realização. A barbárie, como força contrária à civilização, é estabelecida como possibilidade de realização histórica pela expansão dos princípios democráticos. É na ação individual de Artigas que há a propagação destes princípios:

[...] Al frente de este elemento [exceso dos princípios democráticos abertos com a revolução] se pusieron caudillos oscuros, caracteres viriles fortalecidos en las fatigas campestres, acostumbrados al desorden y ala sangre, *sin nociones morales, rebeldes á la disciplina de la vida civil*, que acaudillaron aquellos instintos enérgicos y brutales, que rayaban en el fanatismo. Artigas fué su encarnacion: imagen y semejanza de la *democracia bárbara*, el pueblo adoró en él su propia hechura, y muchas inteligencias se prostituyeron á la barbarie. Tal fué el tipo de los caudillos de la federacion en el Rio de la Plata. La autoridad nacional débil contra este nuevo enemigo, que tenia aliados en los mismos centros de la civilizacion, puso á talla la cabeza de Artigas, dando asi pretextos á la anarquia, á la vez que revelaba su impotencia. (MITRE, 1859. T.II. pp. 298-299) (*Grifos meus*)

A exaltação do bem comum como virtude é o que diferencia o propósito deliberado de Belgrano. Apesar dos desvios como os citados acima, sem plano e sem objetivo expresso, o que predomina na narração é a convergência aos valores da liberdade e da civilização, representados pelo modelo da centralização política. O que determina a continuidade da ação é seu propósito deliberado, conduzido pela dimensão individual em junção à força motriz da liberdade. Assim, curso histórico e ação individual possuem o mesmo protagonismo, em que um não se dilui face ao outro.

Desta forma, a compreensão do “rol póstumo” destacado no excerto de Mitre¹⁶¹, legado por Belgrano e outros indivíduos, se faz na compreensão das forças históricas em disputas desde o início do século, que, de forma contundente, ainda se fazem presentes na década em que o autor escreve, em 1850. Portanto, como história, a obra de 1859 apresenta as forças históricas da liberdade como um processo. Há aqui a deliberação de um movimento teleológico no qual todos os acontecimentos e eventos estão sob o movimento progressivo de realização da liberdade. Em síntese, é o que Reinhart Koselleck denomina de “coletivo singular”, característica central do conceito moderno de história.¹⁶² A força deste movimento de aglutinação histórica é deliberada pela ação individual, pautada em princípios de ação como a virtude republicana de vertente política centralista.

Portanto, história e biografia formaram uma importante junção para o desenvolvimento narrativo e, conseqüentemente, para a construção de sentido sobre o passado recente em uma narrativa de alcance nacional. A biografia baliza a narrativa para instituir um sentido histórico. Argumenta Mitre:

Este proceder histórico, que seria el que habríamos adoptado en teoría, sino surjiese naturalmente de la naturaleza de la obra, y del carácter del héroe cuya vida historiamos, *creemos que es, por ahora al menos, el camino mas seguro para preparar los elementos del libro de los fastos nacionales, dando desde luego á los trabajos de este género que se emprendan, una tendencia*

¹⁶¹ Retomemos a citação: “Comó historia, presenta bajo un *plan lógico y sencillo, la cronologia, el movimiento, los sucesos, los hombres, las tendencias, las ideas, en una palabra, la fisonomia de la época en que vivió el personage*, cuya figura ocupa el primer término; sin lo cual no se comprenderia ni su rol postumo, ni su rol contemporáneo.” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. pp. 5-6. (*Grifos meus*)

¹⁶² A ideia de coletivo singular de Reinhart Koselleck é basicamente o que temos argumentado sobre a ideia de liberdade. Trata-se de um movimento de aglutinação de fatores singulares em um mesmo processo, retratando, assim, uma grande história que tudo compreende. Ou seja, diz respeito a reunião de todas as histórias singulares em uma única história como processo, de cunho teleológico. KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae*. Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento. In: *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006. p.52.

filosófica, de modo que sirvan á la vez para ilustrar nuestros anales, y educar al pueblo por la leccion moral que resulta del estudio de los *hechos subordinados á un principio*. (MITRE, 1859. T.I. pp.7-8.) (*Grifos meus*)

Otra ventaja que resulta de este proceder es que, al mismo tiempo que el héroe sirve de modelo á la posteridad, *auxilia al historiador en sus investigaciones*. Siguiendo la marcha de un hombre al través de los tiempos, como se sigue el venero de una mina, se llega al conocimiento de tesoros ignorados, que de otro modo habria sido dificil descubrir. (MITRE, 1859. T.I. p.8.) (*Grifos meus*)

A história biográfica, que em sua anatomia compreende uma tensão entre individualidade e processo histórico na condução de seu *telos*, aporta como o meio mais eficaz para a elaboração da história. Ao submeter os feitos e eventos a um princípio, e dotar de inteligibilidade a ruptura entre duas épocas, a biografia surge “naturalmente” como meio de elaboração do passado. Esta característica, de fato, se dá pela especificidade do personagem. Belgrano torna-se um elo de ligação entre passado colonial e presente revolucionário, permitindo ao historiador buscar uma condução narrativa a partir de sua vida.¹⁶³

Assim, a biografia de Belgrano é utilizada de duas formas: a primeira forma diz respeito à modulação republicana que a narrativa efetiva. A atuação pública de Belgrano fornece os elementos que configuram o sentido republicano expresso na obra: a criação de instituições educacionais, a exaltação moral da boa condução pública e a formulações de medidas para a integração do território do Rio da Prata, sejam elas morais ou materiais. Outra forma em que a biografia é utilizada se efetiva como recurso heurístico. Através da vida do personagem, o historiador alcança o quadro geral, compondo seus elementos pelo viés de participação do sujeito. Nesse sentido, Belgrano foi uma figura singular, pois permite que o historiador vincule as duas épocas em questão. Em outras palavras: a participação de Belgrano no seio da sociedade colonial, bem como seu protagonismo na Revolução e em seus desdobramentos, permitem que a narrativa exponha, a partir da dimensão individual, um

¹⁶³ Segundo Wasserman: “Es que lo que Mitre pretendía hacer era algo que iba mucho más allá de una simple biografía laudatoria: también es un examen de las fuerzas que animaban al pasado tardo-colonial y revolucionario como parte de un mismo curso histórico. WASSERMAN, Fabio. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 299.

sentido amplificado, ou seja, um processo histórico. Aqui o indivíduo fornece elementos para a vinculação do sentido histórico.

Portanto, a vida de Belgrano é considerada a partir de um princípio filosófico, em que suas ações refletem o percurso da liberdade como movimento de época e, ainda, como instrumento heurístico, ao permitir ao historiador balizas para percorrer o caos do passado, imputando-lhe sentidos. A biografia é um fio condutor diacrônico da narrativa, dando seguimento aos episódios e conferindo-lhes verdade através de seus recursos epistêmicos.

Nesse sentido, não é despropositado afirmar que a história biográfica em Mitre, mesmo que de forma incipiente, configurou uma proposta historiográfica que imputava um sentido histórico. Desta forma, acreditamos que a inflexão da obra de Mitre, no que concerne ao uso da história biográfica, pautou uma renovação na própria escrita biográfica. A inflexão em questão diz respeito à relação entre “princípio filosófico” e o caráter moral do biografado, ou seja, da relação entre indivíduo e percurso histórico. O indivíduo possui liberdade subjetiva para deliberar sobre o percurso da liberdade política e, ao mesmo tempo, o percurso da liberdade (*telos*) preenche as possibilidades de atuação do sujeito a partir da abertura de novos horizontes de expectativas.

Claro que a inflexão da *Historia de Belgrano* deve ser mitigada na medida em que podemos observar obras como *Civilização y Barbarie* e *Recuerdos de provincia*, de Sarmiento; no entanto, devemos lembrar a proposição epistêmica que a formulação da história biográfica de Mitre realiza ao pautar seu relato exaustivamente em documentos históricos e estabelecer uma crítica às fontes. Recuperamos por um momento os atuais debates historiográficos sobre a biografia na primeira metade do século XIX argentino no intuito de observar a inovação de Mitre.

Como argumentamos no capítulo anterior, a dimensão biográfica assumia fortes conotações políticas na década de 1850. O passado era articulado como força histórica a partir das principais figuras públicas e políticas do período, como Juan Manuel de Rosas, Rivadavia, Urquiza entre outros.¹⁶⁴ Nesse sentido, a história biográfica pode ser considerado um

¹⁶⁴ Desta forma, dentro da discussão historiográfica sobre a década de 1850, Alejandro Eujanian destaca o surgimento de uma determinada "consciência histórica" na década de 1850 a partir de uma elaboração do passado recente, ou seja, através de inúmeros dispositivos e conflitos que versavam sobre a memória e esquecimento, efetivou-se uma estabilidade interpretativa sobre o passado tendo por base o protagonismo de Buenos Aires. De acordo com Eujanian: “A partir de ese momento, las élites porteñas comenzaron a orientar un proceso de integración nacional que, en líneas generales, no confrontaba con el elaborado desde la Confederación respecto al ideal social y político que lo nutría, sino en cuanto a la preponderancia que debían tener la provincia de Buenos Aires y su élite dirigente. Para imponer ese liderazgo, las batallas sobre el pasado desarrolladas en Buenos Aires en la década de 1850 le habían aportado una identidad, habían resuelto provisoriamente algunas antinomias y le habían proporcionado una legitimidad histórica que provenía de la

importante recurso para tecer os contornos e significados que estes passados imputavam na década de 1850. Segundo Eujanian sobre a *Historia de Belgrano*:

[...] la biografía de Belgrano permitía ordenar los acontecimientos a través de los cuales una “colectividad” tomaba conciencia de su existencia como tal. Los sucesos posteriores a la Revolución de Mayo de 1810 serían marcados por la guerra contra la metrópoli y el surgimiento de una “guerra social”, que inauguraba un proceso en el que tras la descomposición política y social se accedía a una “recomposición orgánica” en la que se afianzaba el sistema republicano, representativo y federal en Buenos Aires. *Para esos últimos años, si bien los acontecimientos excedían el protagonismo que Belgrano podía tener en ellos, había servido a los fines de una narración que le permitía hilvanar en torno a su figura el origen y la evolución de la independencia argentina.* (Eujanian, 2015. p. 266) (*Grifos meus*)

Nesse sentido, Alejandro Eujanian destaca as funções narrativas articuladas na edição de 1859. Em primeiro lugar, em consonância com outras perspectivas¹⁶⁵, observa que a *Historia de Belgrano* efetivou a organização do relato histórico a partir da gradual transição entre colônia e república.¹⁶⁶ Em segundo lugar, a história biográfica, como já dissemos anteriormente, seria o fio condutor destas delimitações. Principalmente por destacar a experiência do sujeito em meio ao caos das estruturas. Este fio condutor estabelece um sentido e uma tradição política pelas atuações do personagem principal. Estes aspectos e funções podem ser observados, de alguma forma, nos relatos de Domingos Faustino Sarmiento. Para Eujanian:

Así elaborada, la biografía [Historia de Belgrano] guardaba notables similitudes narrativas con los Recuerdos de Provincia que escribió Domingo F. Sarmiento en 1850 [...] Era a la vez continuidad y ruptura respecto del orden colonial. Recogía lo mejor del viejo mundo y era el portador ejemplar

convicción de que el presente no era más que el resultado de la consagración de un destino cuyas raíces se hallaban en un pasado remoto.” Eujanian, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Rosas, la provincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015. p. 283.

¹⁶⁵ WASSERMAN, Fabio. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008.

¹⁶⁶ Esta transição imposta pela história biográfica, postula, em certa medida, uma organização e o estabelecimento de balizas temporais. Ou seja, realiza um crivo político que diz respeito as fronteiras do tempo, imputando sentido a partir destas delimitações. Ver: BEVERNAGE, Berber; LORENZ, Chris. (Org.) *Breaking up Time – Negotiating the Borders between Present, Past and Futher.* Vandenhoeck & Ruprecht, 2013.

de lo mejor del nuevo mundo que comenzaba a despertar con la revolución. [...] En ese proceso que nacía con la revolución, la biografía de Sarmiento se confundía con la historia de la nación [...].” (EUJANIAN, 2015. p. 267)

Assim, para Sarmiento, tal qual postula Alejandro Eujanian, a história biográfica seria o modo mais propício de representar e articular as forças históricas do passado na década de 1850, da mesma forma que a *Historia de Belgrano*.

Como salientaram Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano ao discutirem as especificidades da obra *Recuerdos de Provincia* (1850) de Domingos Faustino Sarmiento, o uso biográfico e autobiográfico foi um importante recurso e uma efetiva possibilidade para as interpretações dos processos históricos no século XIX argentino. O que os autores evidenciam em *Recuerdos* é uma gama de operação complexas e ambiciosas, em que “la subjetividad romántica no hace sino que potenciar una teoría de la historia nacional pensada a través de sus tipos fundamentales: un linaje de grandes hombres que culmina en el propio Sarmiento”.¹⁶⁷ Ou seja, história nacional e biografia se mesclam na evocação de uma interpretação histórica, em que as características do indivíduo assumem conotações nacionais. Segundo os autores, a biografia “vale sobre todo como medio de conocimiento histórico, como instrumento para decifrar enigmas, tal como *Facundo* resolvió los enigmas de la guerra civil y del rosismo”.¹⁶⁸

Assim, podemos destacar que tanto *Facundo* quanto *Recuerdo de Provincia* são tessituras de histórias biográficas que estabelecem determinados sentidos históricos que, em última instância, estruturam a compreensão histórica da realidade através de interpretações e sentidos históricos que influem na abertura de projeções. O mesmo vale para a *Historia de Belgrano*.¹⁶⁹ Ou seja, trata-se do que Sarlo e Altamirano denominam de “fragmento significativo de la historia nacional”. Em outras palavras, os ensejos biográficos são propostas historiográficas para a compreensão da realidade presente.

No entanto, a *Historia de Belgrano* postula uma relação complexa entre indivíduo e processo histórico. Como ressaltamos, não apenas uma determinação do sentido histórico sobre o indivíduo, mas antes, uma tensão. Retomando alguns excertos de Mitre e de

¹⁶⁷ ALTAMIRANO, Carlos y SARLO, Beatriz. Ensayos argentinos. De Sarmiento a la Vanguardia. Buenos Aires: Ariel, 1997. p. 107

¹⁶⁸ ALTAMIRANO, Carlos y SARLO, Beatriz. Ensayos argentinos. Op. Cit. pp. 113-114.

¹⁶⁹ Como destaca Alejandro Eujanian: “la similitud entre el Belgrano de Mitre y el Recuerdos de Provincia de Sarmiento es que ambos cumplen el rol de permitir organizar en torno suyo un relato biográfico en una trama que lo trasciende. La biografía sirve como amalgama entre la colonia y la revolución, porque permite rastrear los antecedentes de la inevitable ruptura [...]”. EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Rosas, la provincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015. p. 269.

Sarmiento expostos anteriormente, o indivíduo em Mitre não apenas expressa “la dirección especial que el genio de los grandes hombres puede imprimir a la sociedad”¹⁷⁰, mas, também, “subordina sus acciones a un principio superior”.¹⁷¹ Como conclui Mitre sobre este aspecto:

La vida de Belgrano está tan identificada á la vida del pueblo á que consagró su existencia toda, que es imposible escribir la una, sin historiar la otra. *Sin pertenecer precisamente al número de aquellos grandes hombres, que dominan y reasumen una época, á la que imprimen el sello de su génio,* Belgrano es una de aquellas figuras simpáticas, que, bajo cualquier punto de vista que se miren, se destacan en relieve, *haciendo converger hacia ellos los rayos luminosos de la historia.*” (MITRE, 1859. T.I, p.6) (*Grifos meus*)

Eis a tenção sobre o individual expressa na obra de Mitre. Não um homem que domina e resume uma época, mas uma individualidade comum que compõe a pluralidade dos homens. São suas ações e condutas práticas que sugerem o caminho à liberdade política e fornecem preceitos ao corpo social. Há aqui uma liberdade individual que não se submete totalmente ao direcionamento teleológico, mas antes, efetiva-se na tensão que estabelece com estes propósitos.¹⁷²

¹⁷⁰ SARMIENTO., D. F. De las biografías. 1842 apud: WASSERMAN, Fabio. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 44.

¹⁷¹ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 5.

¹⁷² Nesse sentido, tendo por base os apontamentos de Eujanian, Sarlo e Altamirano, podemos realizar uma pequena incursão no caso da história da historiografia brasileira a título de elucidar a consistência da história biográfica como articuladora de um processo histórico. Em uma série de estudo que privilegiam a biografia como problema historiográfico, os especialistas brasileiros têm destacado a importância da biografia como estrutura fundamental para a construção do relato histórico de cunho nacional. Assim, Temístocles Cezar, Maria da Glória Oliveira e Evandro Santos argumentam que a construção biográfica no oitocentos articulava traços de cientificidade e estruturavam uma “retórica da nacionalidade”, além de servir como instrumento heurístico para a elaboração do relato histórico. Para os autores, história e biografia se entrelaçam através da constante busca de marcas de cientificidade e como recurso heurístico para a construção da narrativa e, como fator principal, a tarefa de escrever a história da nação, a despeito de sua função exemplar ligada ao *topos Historia Magistra Vitae* e sua relação ao antigo “regime de historicidade”. Sobre este último aspecto, Valdei Lopes Araujo propõe uma teorização da condição biográfica para a estruturação do discurso histórico moderno. Segundo Araujo, a permanência ou a expansão de certos fragmentos do antigo *topos* são fundamentais no processo de constituição dos Estados nacionais, ou de seus arcabouços simbólicos, principalmente pela dimensão da educação cívica nacional, inscrita no modelo biográfico. Para o autor, a biografia não deixaria de cumprir com seu apelo educacional-moral e, ao mesmo tempo, serviria de delimitador espaço-territorial para satisfazer a necessidade de experienciar a nação. Nesse sentido, a permanência do *topos* tem função estrutural na constituição e consolidação da experiência moderna do tempo. É o que advogamos sobre a ação individual de Belgrano com base em sua virtude republicana na *Historia de Belgrano* de 1859. ARAUJO, Valdei Lopes. Sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro. In: Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão. (Org.) Fernando Nicolazzi, Helena Miranda Mollo, Valdei Lopes de Araujo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. No mesmo sentido que Araujo, Altamirano e Sarlo destacam uma

Portanto, são estes aspectos que singularizam a *Historia de Belgrano* de Bartolomé Mitre: as marcas da cientificidade e a formulação de um sentido histórico específico para a Revolução e para a nação. Assim, seus desdobramentos elaboram, em alguma medida, uma proposta historiográfica que busca articular um relato provisório para a compreensão do sentido da nação. Esta proposta historiográfica seria responsável por estabelecer as bases públicas do passado no espaço público portenho da década de 1850.

Desta forma, a imputação desse sentido no espaço público buscou articular aberturas de projetos e futuros, assim como assegurar uma tradição – ilustrada e centralista – que condensou e pautou tal perspectiva em meio às disputas políticas da década de 1850. Segundo o historiador Alejandro Eujanian:

[...] los conflictos derivados del proceso de organización nacional incluyeron un debate en torno a la construcción de representaciones del pasado que legitimaron diversos proyectos relativos al orden político, social y económico que debía orientar el destino de la naciente república unificada. En esa encrucijada histórica, las élites ilustradas esbozaron ficciones alternativas respecto de los orígenes de la nación en un contexto en el que tanto el debate de ideas como los medios de difusión cultural se hallaban íntimamente ligados a las batallas que se libraban en el campo político. La ausencia de un campo cultural relativamente autónomo – conformado por instituciones y un mercado de consumo de bienes culturales – favoreció el

exemplaridade histórica que concerne ao movimento moderno da história. ALTAMIRANO, Carlos y Sarlo, Beatriz. Ensayos argentinos. De Sarmiento a la Vanguardia. Buenos Aires: Ariel, 1997. p. 113; CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. Métis: história & cultura, v.2, n.3, jan.-jun. 2003, p.73-94; OLIVEIRA, M. G. Biografia e historia magistra vitae: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista. Anos 90, Porto Alegre, v. 22, n. 42, 2015. p. 273-294; SANTOS, Evandro. A História geral do Brasil, de Francisco Adolfo de Varnhagen: apontamentos sobre o gênero biográfico na escrita da história Oitocentista. História da Historiografia, Ouro Preto, n. 9, ago. 2012. pp. 88-105. Segundo Temístocles Cezar: “em todo o caso, esta primeira organização biográfica integra-se à escrita da história do Brasil. Ela auxilia na criação de uma ordem do tempo, o tempo da nação, e na definição de um espaço de atuação: o território brasileiro.” CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. Métis: história & cultura, v.2, n.3, jan.-jun. 2003, p.95. Assim, a biografia organizaria: 1. uma ordem do tempo, o tempo da nação; 2. a definição de um espaço de atuação, o território da nação. Para Maria da Glória Oliveira, ressaltam-se dois aspectos sobre a escrita biográfica no IHGB: 1. Político, que refletia os impasses no trabalho de conciliação simbólica dos elementos dispares da formação social e histórico; assim como a construção da “retórica da nacionalidade”, conjunto de estratégias discursivas utilizadas com vistas a persuadir, a despeito da natureza heterogênea e compósita de sua formação social, que partilhavam de um mesmo passado, e, por consequência, de uma mesma origem e identidade; 2. Implicações epistemológicas. A prática do gênero biográfico acompanhou o processo de institucionalização da pesquisa e escrita da história. Segundo a autora: “afora a sua eficácia como instrumento de pedagogia cívica e moral, as vidas e feitos dos grandes personagens revelavam o ‘movimento geral’ da história.” Ver: OLIVEIRA, M. G. Biografia e historia magistra vitae: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista. Anos 90, Porto Alegre, v. 22, n. 42, 2015. p. 283.

uso de los argumentos históricos vinculados a las pujas políticas, que fueron las que, por otro lado, les proveyeron a dichas historias el léxico para organizar la experiencia al servicio de causas inmediatas. (EUJANIAN, 2015. p. 291)

Portanto, são estes os aspectos da anatomia teórica da biografia e os recursos interpretativos articulados na *Historia de Belgrano*. Retomemos alguns pontos: 1. a biografia cumpriria uma função provisória como história nacional justamente por acoplar o aspecto *teleológico* da filosofia da história na vida do biografado. Se bem se trata de uma vida, a biografia de Belgrano não ilumina, fundamentalmente, o percurso histórico da Revolução de 1810, mas antes, a Revolução e o sentido que Mitre pretende lhe atribuir é que deve ser atestado pela vida do biografado. Assim, a história biográfica produzida por Mitre é antes de biografia, história, e sua função é, antes de moral e didática, epistemológica e heurística.¹⁷³ 2. A vida de Belgrano, como recurso heurístico, atesta a narrativa e o sentido histórico ao consolidar a dimensão de verdade no percurso biográfico e, ao mesmo tempo, fornece uma experiência da nação através da mobilização dos princípios patrióticos veiculado na vida do biografado.

Há, ainda, outro aspecto importante derivado da anatomia teórica da história biográfica em Mitre. Trata-se do caráter epistemológico que atesta a narrativa. Como observamos, a dimensão epistêmica, pautada exaustivamente no recurso e utilização das fontes para a sustentação da narrativa, é acompanhada pela articulação de conceitos fundamentais. Estes exercem um recurso para a configuração de valores e sentidos históricos na história biográfica de Mitre – delimitam uma comunidade através da emergência de afetos que se ligam aos seus polos: positivamente ou negativamente, produzindo empatia ao leitor. Da mesma forma, o recurso epistemológico utilizado por Mitre cumpre uma função parecida. Ou seja, eles produzem determinados sentimentos em relação ao leitor. Trataremos nas próximas seções destes aspectos que completam a anatomia teórica da história biográfica em Mitre. Serão destacados os aspectos de legitimidade, os aspectos epistêmicos e suas deliberações afetivas, fundamentais na relação entre biografia e história.

¹⁷³ Assim, o deslocamento do caráter puramente exemplar acontece com a emergência do sentido histórico moderno, através da vida do biografado. Isso não implica que a dimensão moral e exemplar, extraída do indivíduo, não esteja presente e possui sua funcionalidade; ela é apenas secundária. Ver: ARAUJO, Valdeí Lopes. Sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro. In: Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão. (Org.) Fernando Nicolazzi, Helena Miranda Mollo, Valdeí Lopes de Araujo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011; ALTAMIRANO, Carlos y Sarlo, Beatriz. Ensayos argentinos. De Sarmiento a la Vanguardia. Buenos Aires: Ariel, 1997. p. 113.

2.2 Formações de um aparato epistemológico na história biográfica.

Durante a primeira metade do século XIX, na Argentina, é possível observar a intensificação de uma prática intelectual realizada desde meados do século XVIII na Europa: o colecionismo. Podemos remeter tal prática aos preceitos antiquários do século XVII e século XVIII, que se constituíram em procedimentos intelectuais dominantes na produção dos saberes na Europa ocidental. Segundo Arnaldo Momigliano, a inovação dos antiquários, em grande medida, “representou uma revolução no método histórico”.¹⁷⁴ Ainda, radicalizando o argumento do historiador italiano, diríamos que o conjunto de práticas que se prescrevem nas coleções documentais, na numismática e conseqüentemente em todas as dimensões do antiquariado e da erudição, definiu uma nova percepção sobre o passado, no qual o uso das materialidades provindas do pretérito assumiu centralidade epistemológica na validação de representações sobre o passado.

A especificidade americana de tal prática é ressaltada pelo historiador argentino Horácio Crespo, o qual observa um tipo particular de erudito que aglutina em seus empreendimentos editoriais tanto as condições epistemológicas dos antiquários quanto a preocupação política e ideológica em sua prática. Em termos gerais, trata-se de um tipo de letrado que “ocupó un espacio medular en ese montaje”, mobilizando, através de suas coleções documentais e intervenções no espaço público, posições políticas e partidárias, assim como o estabelecimento de redes intelectuais, e abrindo a possibilidade para múltiplas interações entre membros de sociedades privadas e científicas. Ainda, conforme argumenta o autor, os colecionistas foram essenciais para o fomento das práticas letradas, “así como en la fundación de la historiografía de los nuevos países iberoamericanos en el siglo XIX”.¹⁷⁵

A título de exemplo de tal prática na região do Prata, destacamos a atuação de Pedro De Angelis durante o governo de Juan Manuel de Rosas (1835-1852). Segundo Jorge Myers, De Angelis foi “el más importante de los escritores del rosismo” e o principal periodista do regime, polígrafo e tipógrafo.¹⁷⁶ O erudito italiano chegou em Buenos Aires em 1827 e se estabeleceu como um dos principais interlocutores sobre os documentos e materialidades do

¹⁷⁴ MOMIGLIANO, Arnaldo. História antiga e o antiquário. Anos 90, Porto Alegre, v. 21, n. 39. jul. 2014. p. 19-76.

¹⁷⁵ CRESPO, Horácio. El erudito coleccionista y los orígenes del americanismo. In: ALTAMIRANO, C. (Dir.) Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz, 2008. p. 290-311.

¹⁷⁶ De cunho abertamente Rosista, Pedro De Angelis editou e redigiu inúmeros periódicos, tais como o *La Gaceta Mercantil*, *Los Muchachos*, *El Restaurador de las Leyes* e o *Archivo Americano*, dentre outros.

passado. Foi a partir de sua atuação nos periódicos que o italiano compilou documentos e os disponibilizou ao público.¹⁷⁷

As pesquisas de Deise Schell demonstram que De Angelis aventurou-se na escrita da história a partir de modulações colecionistas e eruditas, apesar de não ser caracterizado como historiador.¹⁷⁸ Para a historiadora, o editor italiano não chegou a produzir relatos nacionais ou monografias específicas. No entanto, sua ação sobre o passado se fez de outras maneiras. Entre os anos de 1835 e 1837, o erudito publicou sua *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata (Colección)*, primeira e mais completa coleção de documentos organizada e publicada no Rio da Prata. Deise Shell, ao indagar sobre a *Colección* e suas representações do passado no período rosista, enfatiza que a “fase escrituraria” está presente em todos os momentos da operação historiográfica e postula que a partir da *Colección* podemos observar uma articulação das três dimensões da operação descrita por Michel De Certeau, justamente pelo ato de selecionar e organizar os documentos compostos na edição.¹⁷⁹

A produção da *colección* e a operação inscrita em sua efetivação demonstram que podemos observar incipientes padrões normativos sobre como articular o passado e suas representações a partir da década de 1830. Mesmo que implicitamente, a presença da

¹⁷⁷ De acordo com a paleontóloga Irina Podgorny, Pedro De Angelis foi um dos principais articuladores sobre o estudo, vendas e transações de fósseis para coleções privadas ou sociedades científicas do período; assim como o maior colecionista de mapas, documentos burocráticos e memórias coloniais durante a primeira metade do século XIX. Segundo a autora, De Angelis assumia uma posição de antiquário, criando e gerenciando coleções de diversos temas e especificidades. Assim, durante a década de 1830 e 1840, o erudito seria um dos principais articuladores nas redes de transações que definiram as práticas sobre os saberes da ciência natural e principalmente sobre as práticas que definiram e envolveram a experiência da história no espaço do Rio da Prata. Ao nosso ver, trata-se de práticas colecionistas e antiquárias que ditavam sobre as condições de possibilidade de acesso ao passado, justamente por exigir uma prévia especialização para a articulação destes diversos materiais provindos do pretérito. Segundo a autora, “estos documentos y objetos tuvieron que ser detectados y lanzados al mercado por quienes conocían los resortes para acceder a ellos”, exigindo, assim, uma especialização e uma reflexão sobre os materiais em questão. PODGORNÝ, Irina. *Mercaderes del pasado: Teodoro Vilardebó, Pedro De Angelis y el comercio de huesos y documentos en el Río de la Plata, 1830-1850*. *Circumscribere*. 2011. p. 29-77.

¹⁷⁸ SCHELL, Deise. *Colecionando documentos, escrevendo história, imaginando uma nação: Pedro De Angelis e sua operação historiográfica*. *História Unisinos*. N. 18. janeiro/abril, 2014. P. 170-176; SCHELL, Deise. *Bajo los poderosos auspicios de Rosas: Pedro De Angelis e sua “Colección” de documentos históricos*. *Dimensões*, v. 35, jul.-dez. 2015, p. 84-109.

¹⁷⁹ Segundo a autora: “Podemos observar que esses escritos, ao se tornarem públicos através da “Colección”, já haviam recebido, pelas mãos de Pedro De Angelis, o tratamento inicial do “fazer história”: estavam já selecionados, reunidos, criticados, transformados, portanto, em “documentos”. [...] Nela, Angelis editava e publicava as fontes que acreditava que forneciam informações “confiáveis” como aporte para a construção de um passado relevante e triunfante para a Argentina”. A interpretação da autora se pauta no argumento desenvolvido por Paul Ricoeur derivado de sua leitura da obra de Michel De Certeau. SCHELL, Deise. *Colecionando documentos, escrevendo história, imaginando uma nação: Pedro De Angelis e sua operação historiográfica*. *História Unisinos*. N. 18. janeiro/abril, 2014. p. 170-176. Ver, também: RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007; CERTEAU, Michel de. *A Operação Historiográfica*. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

colección em sua efetiva publicação e publicidade – no sentido de tornar público a partir de uma ação – determina uma nova forma de acesso ao passado, um acesso controlado e específico, através da ideia de documento mobilizado na coleção. Em síntese, isso implica em um rearranjo metodológico e epistêmico sobre as condições de elaboração das representações do passado e uma condensação sobre os modos de articular a experiência da história, pautados pela experiência erudita.

Nesse sentido, não são fortuitos os elogios tecidos por Bartolomé Mitre sobre Pedro De Angelis durante a década de 1850. No contexto de organização do *Instituto Historico y Geográfico* em 1854, Mitre decide convidar De Angelis ao quadro de correspondentes do *Instituto* a ser fundado, a despeito de sua vinculação e atuação com o regime rosista.¹⁸⁰ Para Fabio Wasserman, “Mitre reconoce en el erudito napolitano a uno de los pocos letrados con conocimientos en el arte de hacer historia [...]”.¹⁸¹ Portanto, o intuito era criar condições de legitimidade para a prática desenvolvida na associação.¹⁸²

Para nossa reflexão e argumento, ao resgatar as reflexões sobre a *Colección* e as considerações sobre a operação erudita e colecionista na região do Prata, exemplificada na atuação de Pedro De Angelis, não procuramos esboçar um momento de origem que postularia as bases epistemológicas para a escrita da história no século XIX; ao contrário, procuramos elucidar algumas perspectivas que mobilizam, em alguma medida, um período de condensação e fomento das dimensões epistemológicas para a representação da experiência da história. Este momento, ao nosso ver, será fundamental para a articulação da história pela

¹⁸⁰ O Instituto Historico y Geográfico do Rio da Prata possui uma emergência efêmera, e constitui uma tentativa de estabelecimento de um centro institucional para a discussão sobre a história. Em 1857 o instituto já se encontra em inativo. Ver: OLIVEIRA, Suellen Mayara Peres de. A querela de Clío: as tensões e os diálogos entre os institutos históricos e geográficos do Brasil e da Região do Prata, 1838-1852. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 173(454): 115-156, jan./mar. 2012.

¹⁸¹ Em correspondência privada, Mitre emitiria juízo sobre este convite ao napolitano, para a composição do *Instituto*, estabelecendo uma comparação entre a reciprocidade dele com De Angelis no que diz respeito aos assuntos históricos: “aun cuando en materia de cambio de conocimientos históricos, sea como la reciprocidad marítima de la Gran Bretaña y de la República Argentina” e conclui: “por supuesto que no pretendo ser la Gran Bretaña”. Ainda, estes elogios não eram apenas de âmbitos privados. Em minuta direcionada a Pedro De Angelis, no intuito de retificar os comentários que o erudito expressou sobre a biografia do primeiro presidente argentino Bernadino Rivadavia, Mitre ressalta os “imponantes servicios que [De Angelis] ha prestado a la ilustración de la historia argentina, que le debe el único monumento que hasta hoy posee”. Apud: WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 82. Nota 101.

¹⁸² Sobre o intuito da associação, Mitre ressalta: “[...] De todos modos, una asociación contraída á tan nobles tareas, no sólo hará grandes servicios al país, no sólo le dará crédito y brillo en el exterior, sino que también contribuirá poderosamente á establecer el contacto entre todos los hombres capaces y de buena voluntad que quieran ponerse al servicio de su patria, trabajando en su interés y en su gloria y formando esa santa hermandad de las ciencias y las letras.” MITRE, Bartolomé. Instituto historico y Geografico. Discurso pronunciado en la biblioteca pública con el objeto de promover á la asociación. 3 de Setiembre de 1854. In: Arengas de Bartolomé Mitre. Buenos Aires: Imprenta y Libreria de Mayo, 1889.

Historia de Belgrano na década de 1850, pois lançará as condições vinculativas, os critérios e as normas para a representação do passado.

Portanto, tendo em vista as práticas eruditas e colecionistas, exemplificadas pelo caso de De Angelis, podemos supor que estas coleções documentais criaram uma plataforma central e pública para a mobilização do passado, estabelecendo critérios de como pensar e representar a história.¹⁸³ Acreditamos que o recurso produzido pela inserção de diferenciações de fontes e documentos históricos em relação a outros relatos, produziu um deslocamento epistemológico essencial na experiência da história a partir do final da década de 1830.¹⁸⁴ Nesse sentido, qualquer representação do passado deveria recorrer aos postulados de como representar a experiência da história, mobilizando fundamentalmente fontes e documentos históricos.

No entanto, cabe a pergunta: como se definia esta elaboração epistemológica? Ou seja, como se estabeleceram os parâmetros normativos que condensaram os modos de articulação das representações do passado? Acreditamos que a circulação e normatização deste saber pode ser observado na dinâmica estabelecida pelos vínculos das redes privadas mobilizadas pelas elites letradas e pela dinâmica do espaço público em sua ênfase na sociedade civil.¹⁸⁵ Nesse sentido, abordaremos um episódio descrito por Bartolomé Mitre no prefácio da *Historia de Belgrano*, no intuito de elucidar o aspecto acerca da circulação privada de documentos, ressaltando a função normativa e legitimadora sobre as dimensões epistemológicas da escrita da história.

¹⁸³ Com base nas proposições aqui elencadas, de que podemos observar certo grau de reflexão sobre os modos de articular a experiência da história a partir das práticas colecionistas e eruditas, podemos tencionar a explicação de que a *Colección* e outros conjuntos documentais publicados na primeira metade do século XIX eram despropositados de rigor epistemológico, e que, no limite, sua funcionalidade era meramente ilustrativa no sentido de explicitar níveis de “civilidade” tendo em vista os círculos intelectuais europeus. A disposição de que as coleções documentais são valiosas em si mesmo e que sua funcionalidade foi apenas ilustrativa em prol do grau de “civilização” da sociedade do Rio do Prata, compõe a arquitetura argumentativa de Fabio Wasserman e converge à sua proposição de que a primeira metade do século XIX, no que diz respeito a articulação histórica, se pauta por uma “práctica sin discurso”. Segundo Wasserman, “la edición de colecciones documentales era una práctica erudita pero desligada de un discurso capaz de dotar de sentido al pasado.” No entanto, não podemos desconsiderar que estas práticas eruditas e colecionistas possivelmente estabilizaram algum grau de condensação epistemológica e mesmo, uma certa reflexão sobre as normas de mobilizar o passado, sendo, desta forma, uma experiência epistemológica e normativa de como articular a experiência da história. Ver especificamente: *Capítulo II. Prácticas sin Discurso: la edición de colecciones documentales*. WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 63-74.

¹⁸⁴ Nesse sentido, ainda sobre a *Colección* sobre Pedro De Angelis, argumenta Wasserman: “el erudito napolitano tenía en claro la existencia de nuevas necesidades y modalidades para conocer el pasado, las cuales procurava satisfacer a través de su *Colección*”. E mais, argumenta que o italiano “buscava sentar nuevas condiciones que permitieran delimitar un terreno propio para el conocimiento histórico dentro del mundo literario.” WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 64.

¹⁸⁵ Estes aspectos serão retomados no Capítulo 3. Ação e espaço público: dimensões do agir.

No prefácio da *Historia de Belgrano*, Mitre explica que não pretendia escrever a biografia de Belgrano e que um antigo amigo, Andres Lamas, estaria a cargo da realização desta biografia. Por um erro da parte do editor da *Galeria de Celebridades Argentinas* (1857), foi publicamente anunciado que o autor da biografia de Belgrano seria Bartolomé Mitre.¹⁸⁶ Desta forma, segundo Mitre, nasceu a primeira versão da obra, publicada na compilação *Galeria de Celebridades Argentinas* e escrita a contragosto.¹⁸⁷ Dentro deste episódio de justificação dos porquês do nascimento da obra, ressaltamos duas passagens do prefácio que nos parecem centrais: 1. a correspondência de Mitre, Sarmiento e Lamas sobre a biografia de Belgrano e; 2. o parecer de Juan Maria Gutierrez ao editor da *Galeria* sobre uma biografia enviada por Mitre para compor a obra.¹⁸⁸

Na primeira passagem do texto, Bartolomé Mitre recebia de Domingo Faustino Sarmiento em 1853 uma carta provinda do Rio de Janeiro, capital do Império Brasileiro, onde se encontrava o letrado sanjuanino. Nesta missiva, dentre outros assuntos sobre a situação política da região do Rio da Prata, Sarmiento relatava seu encontro com o letrado André Lamas em Petrópolis. Conforme reproduz Mitre no prefácio da *Historia de Belgrano*, Sarmiento descreve que Lamas estaria muito próximo de concluir a escrita da biografia de Belgrano e que, “de simples biografia que vd. conocío, es ahora historia profunda, que como rio de largo curso atraviesa majestuosamente todas las fases de la revolucion [...]”.¹⁸⁹ Para Sarmiento, o trabalho histórico de Lamas seria um verdadeiro acontecimento, “haciéndole el mismo servicio que Guizot á la Inglaterra”, ou seja, realizando uma contribuição para a educação pública a partir da história nacional.¹⁹⁰

O informe de Sarmiento sobre o encontro com Lamas e sobre a produção da biografia de Belgrano por parte do letrado uruguaio assume relevância na medida em que podemos observar a reflexão sobre o atual estado de produção do conhecimento histórico entres estes letrados. Como adverte Sarmiento, a biografia de Belgrano é agora, em 1852, uma “história profunda” e verte sobre as diversas fases da revolução e seus desdobramentos. Tal

¹⁸⁶ Os editores da *Galeria*: Ledoux y Vignal, da livraria *Victoria*.

¹⁸⁷ Com o apoio do público e pelo entusiasmo gerado por sua recepção, Mitre resolve completar e aprimorar seu primeiro esboço, resultando na *Historia de Belgrano* de 1859.

¹⁸⁸ André Lamas foi um importante letrado uruguaio e um dos principais nomes nas redes letradas. Ver: OLIVEIRA, Suellen Mayara Peres de. A querela de Clío: as tensões e os diálogos entre os institutos históricos e geográficos do Brasil e da Região do Prata, 1838-1852. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 173(454): 115-156, jan./mar. 2012.

¹⁸⁹ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 16.

¹⁹⁰ Sobre a atuação do historiador francês François Guizot sobre a educação pública e a história nacional, me remeto ao texto: GUIMARÃES, Manoel Salgado. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. Topoi, Rio de Janeiro, p. 184- 200. 2002. Sobre a citação de Mitre: MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 16

constatação não é fortuita em um momento de renovação das interpretações sobre a experiência da história.

Em 1854 Bartolomé Mitre escreve a Andrés Lamas e realiza uma arguição sobre o estado da biografia de Belgrano, motivado em grande medida pelo informe de Sarmiento sobre a situação da obra em questão.¹⁹¹ Mitre é respondido com uma atualização da situação em que se encontrava a escrita da biografia e com um pedido por parte do uruguaio. Reproduzimos o trecho da correspondência exposta no prefácio:

Ya tiene vd. noticia por Sarmiento de la estension que ha tomado mi libro sobre Belgrano: no estrañará, pues, que ponga el mayor empeño en completarlo, y en *documentar bien todos mis juicios*. Esto es urgente para mi, pues tengo una negociacion pendiente para la impresion de ese libro. Desearia, pues, que me haga tomar copia de todos los documentos relativos á Belgrano, que *juzgue útiles* á mi propósito. La *esperiencia que he adquirido* en mi trabajo sobre Belgrano me hace rogarle que no precipite la publicacion del suyo sobre Artigas. (MITRE, 1859. T.I. pp. 16-17) (*Grifos Meus*)

O primeiro ponto a destacar nestes breves apontamentos, tanto de Sarmiento quanto de Lamas, é que ao observamos a mobilização realizada por Mitre sobre as correspondências, ou seja, sua incorporação no corpo do prefácio, podemos assumir que estas inserções justificam e embasam uma determinada notoriedade intelectual para o biógrafo de Belgrano. A inserção de correspondências privadas no prefácio da biografia de 1859 assume relevância na medida em que destaca a posição de Mitre dentro dos círculos letrados da região do Prata, funcionando como um dispositivo de legitimação para o autor.¹⁹²

¹⁹¹ Cabe lembrar que desde 1843 Mitre e Lamas trocavam correspondências e refletiam sobre “el modo de escribir la historia de las celebridades americanas”, estabelecendo acordos sobre o modo de confecção desta escrita. No entanto, o diálogo entre os dois letrados foi findado devida as circunstâncias políticas e os exílios derivados do rosismo. MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Op. Cit. p. 16.

¹⁹² Cabe lembrar que tanto Sarmiento quanto Lamas possuíam um considerável capital simbólico na década de 1850. O primeiro a partir de sua atuação como periodista no Chile e com as publicações de *Facundo: civilização e barbárie* (1845) e *Recuerdos de provincia* (1850); o segundo como fundador e presidente do *Instituto Histórico e Geográfico Nacional* do Uruguay (IHGN), e personagem reconhecido por sua articulação como colecionista e erudito sobre assuntos históricos. Eram, sobretudo, ativos participantes de redes intelectuais e membros de instituições que pensavam os modos de acesso ao passado, por exemplo, como sócios correspondentes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Segundo afirma Suelen Oliveira: “A maioria dos letrados rioplatenses exilados, ou em atividades diplomáticas que passaram pelo Brasil, se tornaram sócios do IHGB: são eles Alejandro Magariños, Valentim Alsina, Juan Maria Gutierrez e Domingos Sarmiento, mas foram os sócios correspondentes Florencio Varela, Andres Lamas e Teodoro Viladerbó que mais se corresponderam com o Instituto.” OLIVEIRA, Suelen Mayara Peres de. *A querela de Clio: as tensões e os diálogos entre os institutos históricos e geográficos do Brasil e da Região do Prata, 1838-1852*. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 173(454): 115-156, jan./mar. 2012. p.134.

Desde 1854, conforme demonstra a correspondência de Andrés Lamas com Bartolomé Mitre, a necessidade de “documentar bien” é um imperativo da escrita sobre o passado. Não qualquer documento sobre o passado, mas documentos que se “juzgue útiles”, envolvendo, assim, uma operação de seleção e organização. Operação que não é desprovida de critérios. A inflexão produzida pelo pedido de Lamas, sobre a cópia daquilo que é importante para a construção da biografia de Belgrano, em primeiro lugar, permite a Mitre se posicionar em relação ao leitor como um sujeito do conhecimento que estaria apto a distinguir aquilo que deveria ou não fazer parte na construção das representações do passado. Ou seja, um sujeito que reteria os critérios de acesso ao passado, traduzidos na síntese operacional do documento histórico. Em grande medida, os critérios de julgamento sobre aquilo que constitui o *corpus* documental, estariam balizados pela “experiência” no trato com os vestígios do passado. A “experiência”, acreditamos, é embasada pelos vínculos privados e por uma sistemática prática de seleção e publicação de documentos, abertos principalmente com a prática erudita inscrita na *Colección* de De Angelis.¹⁹³

Sobre a “experiência” compartilhada sobre os modos de proceder acerca do passado, a resposta de Mitre é elucidativa. Ainda no prefácio, após a inserção da correspondência de Lamas, Bartolomé Mitre descreve sua ida aos arquivos públicos em Buenos Aires, que no momento se encontrava em uma total “desordem”, e prossegue narrando seus esforços no intuito de uma possível organização. No ato de seleção e organização do arquivo, na busca pelos documentos, ressalta sua prescrição à Lamas:

Para llenar los deseos del Sr. Lamas me contraje à *buscar los documentos que sobre Belgrano* pudiesen existir en nuestros archivos. El completo desorden en que los encontré me hizo perder mucho tiempo en *organizar* los primeros que cayeron bajo mi mano; pero así que los hube *examinado* un poco, y apreciado el *valor de los tesoros* que me quedaban aun por explotar, rogué al Dr. D. Andres Somellera que escribiese á Lamas, *recomendando* le de mi parte no fuese á publicar su obra como pensaba, pues *conociendo los*

¹⁹³ Nesse sentido, cabe recuperar o argumento de Pablo Buchbinder, no qual destaca que no espaço do Rio da Prata até finais do século XIX não se consolidou instituições orgânicas para o desenvolvimento da investigação histórica, mas redes privadas de trocas intelectuais. Conforme argumenta o autor, um dos fatores fundamentais para a articulação destas redes foi o fator do exílio, que aglutinou e afirmou diversas relações, produzindo intercâmbio de ideias, livros e documentos sobre o passado. Assim, ser historiador era possuir uma grande biblioteca, ter apelo colecionista e deter uma vasta coleção e conhecimento sobre documentos públicos do passado. BUCHBINDER, Pablo. Vínculos privados, instituciones públicas y reglas profesionales en los orígenes de la historiografía argentina. Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana "Dr. Emilio Ravignani", Serie 3, 1996. p. 59-82.

documentos que él poseía (de todos los cuales tenía copia) le aseguraba que no podía ser sino un trabajo muy deficiente; ofreciéndole mandarle mas adelante las copias que me habia pedido. (MITRE, 1859. T.I. pp. 16,17) (Grifos meus.)

Outras vez mais a prerrogativa de autorização e legitimidade sobre o acesso às representações do passado. Desta vez, a própria atuação como “organizador” e “seletor” do material que compõe a escrita de Lamas. Desta forma, é possível observar uma série de implicações que legitimam uma prática, seja através do uso simbólico de inclusão e referências a outros letrados, seja através da mobilização da própria experiência efetivada, como no caso de organização e seleção dos documentos.

A aproximação do leitor em relação aos métodos e procedimentos de elaboração da biografia de Mitre, assim como seus antecedentes – como o caso da escrita da biografia por Lamas – disponibilizam um “aparato de transparência” na produção da escrita da *Historia de Belgrano*, no qual se ressaltam as condições de elaboração da obra. Trata-se de um recurso articulado no prefácio e na narrativa da história biográfica que fornece ao leitor uma amplitude das legitimidades que circunda o autor, criando uma constelação normativa em sua prática.¹⁹⁴

O segundo episódio descrito no prefácio atesta a condição normativa exercida pelas trocas intelectuais a partir dos vínculos privados – trataremos do parecer de Juan Maria Gutierrez para a composição da *Galeria de celebridades argentinas*. Desta vez o ano é 1857 e os documentos relativos a Belgrano estão em posse de Mitre, devido à seleção anterior realizada para Lamas. Segundo Mitre:

A esta altura de mi trabajo se anunció la publicacion de la Galería de Celebridades Argentinas, y entre las biografias que debian formar parte de ella, se incluyó, como era natural, la del General Belgrano, que el Editor por una mala inteligencia dijo que me estaba encomendada. No deseando hacer competencia literaria á un amigo [Lamas], y en el interes de que el editor llenase su compromiso, le proporcioné un bosquejo biografico, escrito por el general D. Ignacio Alvarez y Thomas, de que el Sr. Lamas me habia facilitado copia en 1845, con autorizacion del autor. Habiendo [o editor da Galeria] consultado á D. Juan Maria Gutierrez, este literato le manifestó, que

¹⁹⁴ Discutiremos a implicação do aparato de transparência na próxima seção.

por su *corta estension y poca profundidad, no lo consideraba un trabajo digno de la Galeria*, ni del personage, indicándole me pidiese *algo mas completo*. Cediendo a sus instancias y en el interes de la publicacion, me puse á escribir una biografía del General Belgrano [...]”. (MITRE, 1859. T.I. pp. 18-19) (*Grifos meus*)

Destacamos dois aspectos importantes nesta passagem, integrados ao processo de escrita da *Historia de Belgrano*. O primeiro diz respeito ao parecer dado por Juan Maria Gutierrez, proeminente letrado pertencente à geração de 37 e aliado ao governo de Urquiza. Segundo Mitre, em seu prefácio, o editor da *Galeria* recorreu ao letrado para avaliar a primeira versão enviada, pedindo um parecer substantivo sobre o simples “bosquejo”. Gutierrez, ao avaliar a versão, não o considerou como um “trabajo digno de la Galeria, ni del personage”, justamente por sua “corta estension y poca profundidad”. O exercício avaliativo por parte de Gutierrez ilustra uma crítica sobre as representações do passado, no qual se ressalta a qualidade do conteúdo e os aspectos formais do trabalho histórico para a incorporação na *Galeria*. Cabe lembrar que, e este é o segundo aspecto a destacar, o trabalho avaliado por Gutierrez foi um rascunho biográfico, escrito por Ignacio Alvarez y Thomas, provavelmente anterior ao ano de 1845, quando Lamas forneceu a cópia para Mitre. Desta forma, esta passagem destaca a vinculação de um proeminente letrado na avaliação de uma versão sobre a representação do passado, e mais importante, com poder de veto sobre a versão a ser publicada, exigindo novos parâmetros de qualidade para a incorporação da biografia em questão na edição da *Galeria*.

Em síntese, advogamos que a ausência de aparatos institucionais foi preenchida por uma rede de vínculos privados que se constituíram em intercâmbios intelectuais de historiadores de toda região do Prata – a partir destes núcleos e redes interativas, formou-se os princípios de distinções discursivas observadas com maior nitidez no final do século XIX. Não seria este o intuito de Mitre ao esboçar seus vínculos com os letrados mais proeminente do espaço do Rio da Prata, e de maneira explicita, a sua vinculação com as diversas instituições e associações de conhecimentos históricos e científicos em outras partes do mundo, tal qual inscrita na capa da *Historia de Belgrano*?¹⁹⁵

¹⁹⁵ No mesmo sentido, argumenta Fabio Wasserman sobre a lógica inscrita nas coleções documentais, em que o autor destaca a ênfase na dimensão de legitimidade. As coleções “[...] permitia el establecimiento de vínculos com personalidades y sociedades científicas europeas y americanas. Pero esta relación, más que producir un verdadero intercambio de conocimiento y experiencias, oficiaba de mecanismos legitimador de literatos y científicos ante la ausencia de instancias locales capaces de ejercer esa función.” WASSERMAN, Fabio. Entre

HISTORIA DE BELGRANO,

FOR
BARTOLOMÉ MITRE.

Presidente del Instituto histórico-geográfico del Río de la Plata; Miembro fundador del de la República Oriental; Socio Fundador de la Sociedad de Anticuarios del Norte de Copenhague, de la Sociedad geográfica de Berlin, etc., etc., etc.

TOMO I.

BUENOS AIRES.

Imprenta de Mayo, calle del Perú, 170.

1859.

(MITRE, 1859) (*Grifo meu.*)

Portanto, a legitimidade sobre as representações do passado deriva de quase 30 anos de fomento e interações sobre as dimensões “veritativas” da experiência da história, inauguradas com o aspecto público da *Collecion* de Pedro De Angelis e efetivadas pelas formas de sociabilidade intelectuais evidenciadas na década de 1850. Assim, a legitimidade sobre as representações do passado se efetivava na construção de uma rede de letrados em que estabelece uma normatividade para a configuração da representação histórica. Desta forma, o plano epistemológico será uma base fundamental para a articulação da história biográfica em Mitre, tendo em vista o alcance dos objetivos da *Historia de Belgrano* no espaço público: articular o processo histórico pautado na ideia de liberdade.

2.3 Entre o epistemológico e a escrita afetiva

A *Historia de Belgrano*, ao nosso ver, pode ser considerada como a forma acabada de uma experiência da história fomentada desde a década de 1830. Em sua arquitetura, podemos observar aspectos críticos, metodológicos e epistemológicos que embasam sua construção. O debate sobre as diversas interpretações das representações do passado com o intuito de ressaltar o ponto de vista próprio, o uso e delimitação da biografia como fio condutor para se escrever a história e a fundamentação a partir de fontes e documentos históricos fornecem consistência ao relato mitreano. Cabe, assim, realizar uma análise nas dimensões epistemológicas articuladas por Bartolomé Mitre na *Historia de Belgrano*, destacando as manifestações de legitimações que perpassam a relação autor/leitor.

Como argumentado anteriormente, os vínculos privados e o constante intercâmbio de experiência sobre a construção de relatos sobre o passado fomentaram a articulação de arranjos epistemológicos para a representação da experiência da história. No entanto, a dimensão de legitimidade que circunda a história biográfica de Mitre não se pautou apenas por estes mecanismos de legitimidade – como as redes de letrados e as trocas materiais e simbólicas sobre o passado. Acreditamos, ainda, que a biografia de Mitre cria sua própria legitimidade a partir de uma inflexão inédita no contexto do Rio da Prata, baseada no “recurso da transparência” entre autor e leitor, no qual a dimensão de proximidade em relação ao leitor sustenta e embasa o núcleo epistemológico.¹⁹⁶ Assim, o “recurso de transparência” opera sobre a constituição de uma autoridade sobre o discurso histórico através de argumentos de subjetivação, nos quais a produção do conhecimento é constituída a partir da deliberação do sujeito que enuncia.¹⁹⁷

¹⁹⁶ Chamamos “recurso da transparência” a relação estabelecida entre autor e leitor no que concerne ao modo de estruturação da representação histórica, ou seja, uma descrição exaustiva, por parte do autor, sobre os componentes “veritativos” que embasam sua representação histórica. Trata-se de uma construção documental e, em certa medida teórica, sobre a representação, que tem como objetivo principal convencer o leitor sobre a legitimidade e autoridade que a representação verterà, a partir do conjunto documental. Ainda, pode-se observar sistematizações que alcançam, em alguma medida, dimensões reflexivas de “balanços historiográficos”. Nesse sentido, a autoridade epistemológica é sustentada pela dimensão afetiva que perpassa a relação autor-leitor. Esta autorização epistemológica potencializa a conciliação aos conceitos fundamentais e antitéticos. Para a construção da categoria, ver também: KOSELLECK, Reinhart. Ponto de vista, perspectiva e temporalidade. Contribuição à apreensão historiográfica da história. In: Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006; RICOUER, Paul. “A representação Historiadora”. In. RICOUER, Paul. A memória, a história e o esquecimento. Campinas, 2007; ARAUJO, Valdei L. de; GIANEZ, Bruno. A emergência do discurso histórico na crônica de Fernão Lopes. Fenix: Rev. de História e Estudos Culturais, junho de 2006, vol. 3, ano 3, n. 2. pp. 1-20.

¹⁹⁷ Os argumentos de subjetivação, tal qual destaca Valdei Araujo e Bruno Gianez, referem a “subjetivação no sentido da constituição de um observador de segunda ordem, capaz de produzir conhecimento e não apenas descobri-lo.” Os argumentos de Araujo e Gianez são baseados nas descrições da modernidade, subjetividade e

Em grande medida, este recurso da transparência pode ser entendido como a manifestação por excelência de uma consciência historiográfica, que entende que todo relato histórico está condicionado a seu tempo e parte de um ponto de vista específico.¹⁹⁸ Como destaca Koselleck, “a posição do historiador deixa de ser um argumento contra o conhecimento histórico” – no sentido de influir negativamente sobre o aspecto de intervenção por meio da parcialidade do sujeito –, “passando a constituir um pressuposto deste conhecimento”.¹⁹⁹ Assim, toda articulação da experiência da história, na década de 1850 e desde a década de 1830, passaria pela intervenção autoral do sujeito do conhecimento.

Na edição de 1859 podemos observar a ênfase dada por Bartolomé Mitre sobre a estrutura reflexiva do passado, que compõe o recurso de transparência e potencializa a autoria do sujeito do conhecimento:

Para llevar á cabo este trabajo, emprendido contra nuestra voluntad, hemos compulsado mas de *cinco mil documentos manuscritos, y todos los libros, folletos ó papeles sueltos que se han impreso sobre Belgrano; y creemos que de estos últimos muy raro sera el que haya escapado a nuestras investigaciones.* Respecto á los primeros habrá muchos que no conozcamos; pero los que hemos *examinado hasta el presente*, bastan para escribir una *historia completa* de Belgrano, y la *culpa sera del autor*, que no ha sabido esplotar tan ricos materiales, si este libro no llenase las *condiciones apetecidas.* (MITRE, 1859. T.I. p. 20) (*Grifos meus*)

De forma simples, mesmo que de uma maneira exagerada, Mitre expressa sua consulta sobre todas as fontes históricas disponíveis até o presente, assim como todos os relatos sobre o personagem, pautados em fontes históricas ou não. O crivo autoral determina uma

epistemologia de H. U. Gumbrecht. Ver também: GUMBRECHT, Hans-Ulrich. A modernização dos sentidos. São Paulo: 34, 1998. p. 9-32. Sobre a articulação de argumentos de subjetivação que se colocam no lugar das instituições no estabelecimento de normativa para o discurso histórico, ver: ARAUJO, Valdei L. de; GIANEZ, Bruno. A emergência do discurso histórico na crônica de Fernão Lopes. Fenix: Rev. de História e Estudos Culturais, junho de 2006, vol. 3, ano 3, n. 2. pp. 1-20.

¹⁹⁸ A partir da formulação de Reinhart Koselleck de que na historiografia moderna podemos observar a construção de uma estrutura reflexiva do passado, pautada por aspectos epistemológicos e teóricos, derivados a partir de procedimentos metodológicos, ressaltamos uma certa “consciência historiográfica” consolidada a partir da *Historia de Belgrano*. KOSELLECK, Reinhart. Ponto de vista, perspectiva e temporalidade. Contribuição à apreensão historiográfica da história. In: Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006. p. 176. Ver, também: ARAÚJO, Valdei Lopes de. Cairu e a emergência da consciência historiográfica no Brasil (1808-1830). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira, et. all. (Orgs.) Estudos da Historiografia Brasileira. Rio de Janeiro: FGV & FAPERJ, 2011 .p. 75-92.

¹⁹⁹ KOSELLECK, Reinhart. Ponto de vista, perspectiva e temporalidade. Contribuição à apreensão historiográfica da história. In: Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Op. Cit.

diferenciação entre fontes e relatos. Trata-se, de certa forma, de um balanço geral sobre a produção de relatos sobre Belgrano, criando a possibilidade de um ponto de vista exterior às outras interpretações. O embasamento documental pauta uma melhor perspectiva, justamente pela perfectibilidade que assumiu o conhecimento sobre a experiência da história na década de 1850. Nesse sentido, como explicita Mitre, qualquer defeito ou falha interpretativa recairá no autor, sujeito inerente à interpretação.

Portanto, além da constatação da afirmação teórica de Koselleck sobre a articulação do ponto de vista e da historicização do conhecimento histórico, a figura autoral assume centralidade nesta inflexão da transparência. Assim, o “recurso de transparência” elabora uma incipiente disciplinarização, como é o caso de Mitre, ao estabelecer os parâmetros de acesso ao passado a partir de sua articulação documental e crítica. Em grande medida, o relato é direcionado ao leitor, como advogado, figura fundamental na constituição da legitimidade e da autoridade da biografia de 1859 – assim como na produção do sentido veiculado pelo conceito fundamental de liberdade e seu plano antitético. Sobre os documentos utilizados, retomemos uma citação de Mitre:

Para que el *lector pueda juzgar* por si de la abundancia y pureza de las *fuentes* en que hemos bebido nuestra historia, daremos una idea de los materiales de que nos hemos valido, poniendo asi de manifiesto los *cimientos del edificio*, a la vez que los *andamios* de que nos hemos servido para construirlo. (MITRE, 1859. T.I. p. 20) (*Grifos meus*)

Não é fortuito, nesse sentido, a menção de julgamento que cabe ao leitor na articulação da interpretação. Ao focalizar a figura do leitor como principal “juiz” sobre a legitimidade da representação do passado, Mitre impõe que toda representação histórica está condicionada ao crivo da opinião pública.²⁰⁰ Assim, a publicidade do passado assume a mesma dinâmica imposta ao discurso político – ela fundamenta o espaço público e retira sua legitimação do mesmo. Desta forma, este dispositivo frente ao leitor não se destina, exclusivamente, aos letrados versados na reflexão sobre o pretérito, ou seja, a legitimação não se faz apenas aos letrados pertencentes às redes de sociabilidades e que configuravam as normativas epistemológicas sobre as representações do passado, mas buscava, em certo sentido, o grande público, expresso pela opinião pública. Segundo Mitre:

²⁰⁰ Discutiremos as implicações de opinião pública e espaço público no terceiro capítulo.

Este trabajo preliminar me ahorra por otra parte el recargar de citas el texto, porque *esas citas poco importan a la generalidad de los lectores*, y los verdaderos eruditos no necesitan de ellas. *Para los primeros basta la certidumbre moral*, y para los segundos creo haber hecho lo bastante poniéndolos en via de cerciorarse por si mismos de la verdad de mis asertos, ó de *aprovecharse de estas noticias para explotar con mas fruto esos mismos documentos*. (MITRE, 1859. T.I. pp. 50-51) (*Grifos meus*)

A legitimação se expressa pelo *ethos* do sujeito que enuncia.²⁰¹ Aqui, a cientificidade em relação ao leitor, na afirmação de uma verdade, é pautada pela fidelidade às fontes, no qual as generalizações afirmativas derivam da virtude interpretativa que emana deste conjunto documental.²⁰² Mas além desta dimensão puramente “veritativa”²⁰³, a virtude interpretativa deriva do recurso de transparência e cria um vínculo em relação ao leitor a partir de uma escrita afetiva, na qual a autoridade emana também da consolidação das qualidades vinculadas ao escritor público, com base em sua atuação no espaço público.²⁰⁴

[...] porque mi objeto ha sido simplemente inocular en mis lectores la conciencia de que, en las paginas que van á leerse, no se narra un solo hecho, no se indica un solo gesto, no se avanza una sola opinion, que no pueda ser documentada, ó atestiguada por algun contemporáneo [...]. (MITRE, 1859. T.I. p. 50)²⁰⁵ (*Grifos meus*)

Estas citaciones tienen por *objeto inocular en el lector otro género de certidumbre moral*, para que, una vez convencidos de que el texto se funda

²⁰¹ Segundo afirma Rodrigo Turin, para o caso brasileiro, pode-se evidenciar as dimensões da “sinceridade, cientificidade e instrumentalidade” como um *ethos* da historiografia no século XIX e que estas dimensões qualificariam a atuação do sujeito. Segundo Turin: “três requisitos básicos dão forma ao ritual de escrita: o sentimento pátrio, o domínio técnico-científico e a pertinência do produto em relação ao seu uso.” TURIN, Rodrigo. Uma nobre, difícil e útil empresa: o ethos do historiador oitocentista. História da Historiografia. n. 2. 2009. p. 12-28.

²⁰² Aqui, destacamos a dimensão da cientificidade e da instrumentalidade do *ethos* historiográfico. No terceiro capítulo, ao tratarmos sobre a construção e ação do escritor público, desenvolveremos os aspectos da sinceridade e outras dimensões da instrumentalidade.

²⁰³ Sobre a dimensão “veritativa” como núcleo epistemológico da representação histórica, me remeto as reflexões de Paul Ricoeur. RICOEUR, Paul. “A Representação Historiadora”. In. RICOEUR, Paul. A memória, a história e o esquecimento. Campinas: UNICAMP, 2007. p.247-287.

²⁰⁴ Sobre os modos de atuação do escritor público, ver terceiro capítulo.

²⁰⁵ Ainda com Mitre: “Así, pues, si algun mérito tiene esta obra es la verdad, tanto por lo que respecta á la realidad de los hechos, cuanto por lo que respecta á las consideraciones de ellos deducidas. MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 51.

en documentos auténticos, tenga confianza en la rigurosa verdad de ellos [...]. (MITRE, 1859. T.I. p. 53) (*Grifos meus*)

Portanto, a legitimação epistemológica se sustenta na medida em que se pauta por um *ethos* que articula a escrita sobre a experiência da história. Trata-se, enfim, de um pacto de confiança proposto pelo autor tendo em vista o seu leitor. Somado ao conjunto de práticas que viabilizam a legitimidade do escritor, essa escrita afetiva em relação ao leitor fornece um fundamental mecanismo de consolidação narrativa das representações do passado.

Tanto a dimensão de legitimação fomentada pelo arranjo documental e efetivada na relação afetiva de aproximação entre autor e leitor a partir da cientificidade e da confiança, quanto o aspecto de reflexão sobre si mesmo da representação que o recurso da transparência produz, mobilizam um dos principais dilemas epistemológicos sobre a escrita da história no século XIX, a saber, o dilema entre parcialidade e objetividade.

Em síntese, a história biográfica de Bartolomé Mitre, ao esboçar sistematicamente os contornos de uma experiência da história fomentada desde a década de 1830, articula respostas a estes aspectos. Objetividade não exclui parcialidade. Esta última, como argumentado a partir de Koselleck, é um pressuposto para a segunda. Ou seja, com a *História de Belgrano* observamos que o conhecimento histórico na argentina articula as dimensões que compõe uma consciência historiográfica: historização e temporalização da interpretação. E mais importante, na obra de Mitre, até aqui analisada, se constata o deslocamento da articulação narrativa da própria verdade para à ênfase nas condições de acesso a esta verdade.

Todo este processo de viabilização dos mecanismos internos de legitimidade narrativa mobilizados por Mitre na relação entre autor e leitor, ao nosso ver, procuram responder a uma necessidade do contexto do Prata na década de 1850, a saber, a pragmatização do conhecimento histórico. Trata-se da terceira dimensão do *ethos* historiográfico: a instrumentalidade.²⁰⁶ A dimensão pragmática deste conhecimento se entrelaça ao *status* propositivo que este alcança no espaço público pela ação.²⁰⁷ Ou seja, um conhecimento com vias práticas para a efetivação política. O fundamento deste conhecimento se efetiva a partir da dimensão epistêmica da representação, condição “racional” articulada por Mitre. Segundo o autor:

²⁰⁶ TURIN, Rodrigo. Uma nobre, difícil e útil empresa: o *ethos* do historiador oitocentista. *História da Historiografia*. n. 2. 2009. p. 12-28.

²⁰⁷ Como veremos no terceiro capítulo, o objeto comum em que a ação de Mitre opera diz respeito à formulação da nação, ou seja, de uma ordem política e a configuração nacional.

A este hombre [Belgrano], sin embargo, su patria apenas le ha consagrado algunos breves é incompletos apuntes sobre su vida y sus servicios, *que apenas son el eco amortiguado de la tradicion*. En ellos se ensalzan sus virtudes y sus glorias, sin que uno solo de sus panegiristas ó de sus biógrafos se haya penetrado del carácter de su héroe, *porque ninguno de ellos ha tomado sus noticias de los copiosos documentos que con él se relacionan*, y que felizmente se han salvado para la historia. Por eso, a la vez que no hay un nombre mas popular que el de Belgrano, si se exceptúa el de San Martin, no hay tampoco una vida mas desconocida que la suya. Sus compatriotas solo le conocen por el nombre de sus victorias ó de sus derrotas, y por la fama tradicional de ser el varon mas justo y mas virtuoso de la República Argentina; *pero la admiracion que se tributa à su memoria, es, mas bien que el resultado de un convencimiento racional, el efecto instintivo de la tradicion oral*. (MITRE, 1859. T.I. pp. 12-13) (*Grifos meus*)

Portanto, um dos objetivos principais de Mitre é dar base para um convencimento racional sobre o indivíduo, articulado, como vimos, a partir do núcleo “veritativo” do documento. A este mecanismo epistemológico, soma-se a dimensão de relação autor/leitor construída pelo *ethos* historiográfico. Desta forma, a mobilização epistêmica da narrativa é o que fundamenta tal objetivo. A efetivação desta dimensão, como observamos, se dá a partir de uma escrita afetiva em relação ao leitor, aproximando-o ao nível “veritativo” pela configuração proposta em seu *ethos*. Desta forma, o jogo de escala na história biográfica produz uma determinada relação afetiva no leitor, principalmente pela aproximação ao sujeito biografado, próprio da narrativa biográfica. Assim, a “micro-atestação” documental produzida na biografia enseja no leitor a dimensão de verdade e a dimensão empática do patriotismo, através do personagem e da vinculação dos conceitos fundamentais e antitéticos. Em síntese, trata-se de uma comprovação documental exaustiva proporcionado pelo jogo de escala e a concomitante produção de empatia pela proximidade com o personagem em suas virtudes e erros humanos. Ou seja, uma relação que fundamenta a história biográfica de Belgrano e ao mesmo tempo, normatiza as condições de produção do conhecimento histórico na Argentina da década de 1850. Elaborar-se, assim, um sentido racional recorrendo as dimensões afetivas, sejam elas vertidas pelo núcleo epistêmico ou na configuração do sentido pelos conceitos fundamentais articulados.

Falta-nos, no entanto, indagar sobre as características do espaço público portenho e o lugar da *Historia de Belgrano* neste arranjo. Esse será o mote do próximo capítulo.

Capítulo 3. Ação e espaço público: dimensões do agir.

O principal objetivo deste capítulo é elucidar as dimensões da ação e a configuração do espaço público portenho na década de 1850 a partir da *Historia de Belgrano* de Mitre. Assim, na primeira seção abordaremos os aspectos teóricos do espaço público em Hannah Arendt, no intuito de estabelecer a constituição do “espaço de aparência”, a “teia de relações” e o próprio “espaço público” em referência a Buenos Aires da década de 1850. Serão destacados os “objetivos comuns” que embasam a ação mitreana. Na segunda seção, serão abordadas as projeções que a narrativa da *Historia de Belgrano* realiza sobre o espaço público, procurando desvelar a configuração da opinião pública e do espaço público em Mitre, como modelo projetivo e forma de atuação na década de 1850. Aqui há uma subseção que tentará articular, de forma aproximativa, as proposições éticas assumidas pelo escritor público, em sua atuação e legitimidade. Por fim, na última seção, indagaremos sobre uma das principais características antropológicas da ação, seu caráter de continuidade, ininterrupto e irreversível, através do *Corolario* de Domingos Faustino Sarmiento.

3.1 O espaço público, aparência e objetivos comuns: a nação.

“É a publicidade do domínio público que pode absorver e fazer brilhar por séculos tudo o que os homens venham a querer preservar da ruína natural do tempo”.

Hannah Arendt, A condição Humana, 1958.

“A *Polis* não era Atenas, e sim os atenienses”. Com esta síntese, retirada da obra de M. F. Schachermeyer, Hannah Arendt em *A condição humana* articula um importante aspecto da dimensão da ação, a saber, sua irrefutável capacidade para a criação simbólica de corpos políticos por parte dos sujeitos. Mais do que materialidades e instituições físicas-visíveis, a criação é simbólica e plural.

Para Hannah Arendt, a ação, na medida em que necessita da pluralidade dos homens para sua efetivação, torna-se uma dimensão política por excelência: a ação é o fundamento da política. No mesmo sentido, a pluralidade dos homens é a condição para a efetivação do espaço público, este é construído pela pluralidade dos homens a partir das ações que incidem, fundamentalmente, nos objetos comuns articulados pelos próprios homens. Assim, o espaço público arendtiano é simbólico e mobiliza a dimensão política entre os homens.

Antes de tudo, há que destacar a complexidade da elaboração arendtiana sobre o espaço público. Além de um espaço simbólico de ação, o espaço público em Hannah Arendt possui duas dimensões basilares. Trata-se do “espaço de aparência” e a “teia de relações humanas”.²⁰⁸ O primeiro diz respeito à visibilidade no mundo, o segundo à durabilidade do mundo comum dos homens. Ambos se relacionam na constituição do espaço público. Seguimos com a argumentação de Arendt para esclarecermos estes fundamentos.

De modo geral, Hannah Arendt, em sua obra *A condição Humana*, destaca dois fenômenos correlatos para o termo público.²⁰⁹ O primeiro significado diz respeito ao aspecto da aparência que emerge do termo público. Assim, a partir da pluralidade dos homens, tudo aquilo que aparece em público é compartilhado de forma vasta e abrangente. Como sintetiza a autora: “para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmo – constitui a realidade”.²¹⁰ O segundo aspecto do termo público implica na própria constituição de um mundo. Diferente da Terra ou da Natureza, o mundo que Arendt se refere relaciona-se com a pluralidade humana, ou seja, um “mundo comum” entre os homens e constituídos por eles. O mundo comum, assim, é o mundo que nos reúne uns aos outros e nos separa, constante de coisas e objetos interpostos [mundanidade do mundo], assim como objetivos em comum [teia de relações humanas].²¹¹ Ambos os aspectos derivados dos fenômenos correlatos do termo público constituem o espaço público. Ao destacarmos o primeiro aspecto, o espaço da

²⁰⁸ Ambos os aspectos são tratados na V seção do livro *A condição humana*. ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

²⁰⁹ Segundo a autora: “o termo ‘público’ denota dois fenômenos intimamente correlatos, mas não completamente idênticos.” ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p.61.

²¹⁰ Segundo Arendt: “significa, em primeiro lugar, que tudo o que aparece em público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade.” ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p.61. Nesse sentido, segundo argumenta a autora: “Ser e parecer coincidem”. ARENDT, Hannah. *A vida do espírito*. Trad. Antonio Abranches e Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000. p.17.

²¹¹ Expresso a citação de Arendt sobre este aspecto: “O termo ‘público’ significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Este mundo, contudo, não é idêntico à terra ou à natureza, enquanto espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas, com os negócios realizados entre os que habitam o mundo feito pelo homem. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que o possuem em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo espaço-entre [*in-between*], o mundo ao mesmo tempo separa e relaciona os homens entre si. O domínio público, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e, contudo, evita que caiamos uns sobre os outros, por assim dizer.” ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 64. Ainda: “[...] o mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro, preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência nele. É isso o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiverem antes e com aqueles que virão depois de nós.” ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p.67.

aparência, necessariamente somos remetidos ao segundo aspecto, a teia de relações humanas, que configura os objetivos comuns dos homens.

Desta forma, a revelação intrínseca ao espaço de aparência baseia-se em toda iniciativa do agir e discursar, revelando um agente.²¹² É importante ressaltar a singularidade da revelação do agente pois é esta especificidade que emerge no espaço de aparência que amplifica e expande a experiência do mundo, visibilizando novas questões e problemas e, assim, os disponibilizando como objeto comum do discurso e da ação entre os homens. Ora, se ser e parecer coincidem na medida em que “a aparência constitui a realidade”²¹³, e, se toda aparência emerge do desvelamento do homem em seu agir e discursar, a realidade abrigará novas perspectivas justamente pela ascensão de novos agentes provindos do fator ontológico da natalidade, ou seja, estruturam novas problemáticas ao já existente “mundo comum”, tendo em vista que “todos veem e ouvem de ângulos diferentes.”²¹⁴ Portanto, “a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos aparecem uns para os outros, certamente não como objetos físicos, mas *qua* homens.”²¹⁵

Assim, do primeiro significado do termo público, a saber, da aparência, podemos inferir que a possibilidade da visibilidade no espaço público pressupõe a permanência de uma determinada duração, ou a durabilidade de ações. Ora, se a ação e discurso, como argumenta Hannah Arendt, é “em si e por si absolutamente fútil”²¹⁶, seu ato de intervenção acontece na

²¹² Segundo a autora, esta revelação diz respeito à singularidade: “ao agir e falar, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais únicas, e assim fazem seu aparecimento no mundo humano, enquanto suas identidades físicas aparecem, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz.” ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 224. Ainda: “sem o desvelamento do agente no ato, a ação perde seu caráter específico e torna-se um feito como outro qualquer. Na verdade, passa a ser apenas um meio de atingir um fim, tal como a fabricação é um meio de produzir um objeto.” ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 225.

²¹³ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 61.

²¹⁴ Cabe ressaltar que a categoria de natalidade em Hannah Arendt vai além do aspecto biológico, configurando-se de forma estritamente política. Trata-se de um segundo nascimento em que o homem se insere nos assuntos humanos do espaço público. OLIVEIRA, José Luis. “Hannah Arendt e o sentido político da categoria da natalidade”. In: *Argumentos*, 3: 79-88. 2011. Conforme argumenta Hannah Arendt: “Pois, embora o mundo comum seja o local de reunião de todos, os que estão presentes ocupam nele diferentes posições, e, assim como se dá com dois objetos, o lugar de um não pode coincidir com o de outro. A importância de ser visto e ouvido por outros provem do fato de que todos veem e ouvem de ângulos diferentes. É esse o significado da vida pública [...]. Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, em uma variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que veem identidade na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo aparecer real e fidedignamente. Nas condições de um mundo comum, a realidade não é garantida primordialmente pela ‘natureza comum’ de todos os homens que o constituem, mas antes pelo fato de que, a despeito de diferenças de posição e da resultante variedade de perspectivas, todos estão sempre interessados no mesmo objeto. ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 70.

²¹⁵ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 220.

²¹⁶ Segundo Arendt: “A ação [...] como os gregos foram os primeiros a descobrir, é em si e por si absolutamente fútil; nunca deixa um produto final atrás de si. Se chega a ter quaisquer consequências, estas consistem, em

medida em que uma nova ação incide nos “problemas comuns” herdados pelos próprios homens.

Os “problemas comuns” são revelados pela dimensão da “teia de relações humana”.²¹⁷ Sua relevância acontece na medida em que a ação é inserida entre os homens e compreende os problemas comuns levantados pelos próprios homens. Desta forma, as ações forçam “as coisas em uma certa direção”, sem que, contudo, haja qualquer domínio sobre sua previsibilidade.²¹⁸

Se o pressuposto da aparência se efetiva na medida em que os discursos e ações incidem sobre os objetos comuns, ou os objetos de importância derivados das deliberações e ponderações na relação entre os homens, cabe ressaltar que a construção deste objeto comum pressupõe a incorporação de múltiplas perspectivas. Como ressaltamos, estas múltiplas perspectivas compõem o mundo comum. Afirma a autora: “a importância de ser visto e ouvido por outros provém do fato de que todos veem e ouvem de ângulos diferentes”.²¹⁹ Assim, a necessidade de perspectivas diversas se fundamenta na pluralidade e constitui o mundo.

Desta forma, as ações e os discursos dizem respeito, em grande medida, às questões do próprio mundo, este “espaço-entre” constituído pelos homens. Mesmo quando direcionado aos problemas do mundo que se interpõe fisicamente de forma objetiva e mundana – a Terra ou a Natureza –, as dimensões da ação e do discurso se movem no “espaço-entre” constituído

princípio, em uma nova e interminável cadeia de acontecimentos cujo resultado final o ator é absolutamente incapaz de conhecer ou controlar de antemão. O máximo que ele pode fazer é forçar as coisas em uma certa direção, e mesmo disso jamais pode estar seguro.” ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 91.

²¹⁷ Para a autora: “A ação e o discurso ocorrem entre os homens, uma vez que a eles são dirigidos, e conservam sua capacidade de revelar o agente [*agente-revealing*] mesmo quando o seu conteúdo é exclusivamente ‘objetivo’, dizendo respeito a questão do mundo das coisas no qual os homens se movem, mundo este que se interpõe fisicamente entre eles e do qual procedem seus interesses específicos, objetivos e mundanos. Estes interesses constituem, na acepção mais literal da palavra, algo que *inter-essa* [*inter-est*], que se situa entre as pessoas e que, portanto, é capaz de relaciona-las e mantê-las juntas. A maior parte da ação e do discurso diz respeito a esse espaço-entre [*in-between*], que varia de grupo para grupo de pessoas, de sorte que a maior parte das palavras e atos *refere-se* a alguma realidade objetiva mundana, além de ser um desvelamento do agente que atua e fala. Como este desvelamento do sujeito é parte integrante de todo, até mesmo da mais ‘objetiva’ interação, o espaço-entre físico e mundano, juntamente com os seus interesses, é recoberto e, por assim dizer, sobrelevado por outro espaço-entre inteiramente diferente, constituído de atos e palavras, cuja origem se deve unicamente ao agir e ao falar dos homens diretamente uns *com* os outros. *Esse segundo espaço-entre subjetivo não é tangível, pois não há objetos tangíveis nos quais ele possa se solidificar: o processo de agir e falar não deixa atrás de si tais resultados e produtos finais. Mas, a despeito de toda a sua intangibilidade, este espaço-entre é tão real quanto o mundo das coisas que visivelmente temos em comum. Damos a esta realidade o nome de ‘teia’ de relações humanas, indicando pela metáfora sua qualidade de certo modo intangível.*” ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. pp. 228-229. (*Grifos meus*)

²¹⁸ No entanto, como argumenta Arendt, existe a possibilidade de remediar este problema da ação. Trata-se da promessa e do perdão. Ver: ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. pp. 294-308.

²¹⁹ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 70.

pela pluralidade dos homens uns com os outros: o mundo comum. Este “espaço-entre” que destacamos não é um espaço tangível, “pois não há objetos tangíveis nos quais ele possa se solidificar”.²²⁰ No entanto, a despeito de sua intangibilidade, este “espaço-entre” é tão real quanto o mundo físico que se interpõe. Trata-se do que Arendt define como a “teia de relações” humanas, um espaço simbólico e intangível no qual se manifesta os assuntos humanos em sua duração. Nesse sentido, toda ação e discurso são efetivados a partir de uma “teia de relações” preexistente e cuja durabilidade é uma das condições de possibilidade para o início de novos processos, ou seja, uma nova ação inicia-se a partir do já existente.²²¹

A “teia de relações” humanas embasa o espaço de aparência e este, de forma incisiva, compõe o espaço público.²²² Segundo Arendt, “o espaço de aparência passa a existir sempre que os homens se reúnem na modalidade do discurso e da ação, e, portanto, precede toda e qualquer constituição formal do domínio público” em suas várias acepções de governo e organização.²²³ Aparecer diz respeito a interagir em um “mundo comum” entre homens, reunidos pela modalidade da ação e do discurso. O “mundo comum”, ou a “teia de relações”, possibilita a ascensão ao espaço de aparência, justamente por definir os problemas comuns e duráveis em que os sujeitos incidem.

Em síntese, a teia de relações define os objetivos comuns do mundo dos homens ao criar uma dimensão intangível, porém durável, de questões e problemas provindo do passado comum dos homens. O espaço de aparência permite a revelação do agente e o iniciar de uma nova ação. O espaço público compreende as duas dimensões precedentes e é, assim, a consequência da aglutinação da aparência entre os homens em sua pluralidade e a permanência de problemas e objetivos comuns que formam o cerne da política.

Por fim, cabe ressaltar que para Hannah Arendt a dimensão da ação é condição para a história. A história, entendida também como ação, produz durabilidade temporal sobre os feitos humanos, principalmente sentidos e significados temporais que orientam o homem dentro do mundo histórico.²²⁴ O modo de articulação que a história, como ação, produz sobre

²²⁰ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 228.

²²¹ Como sintetiza Hannah Arendt: “é em virtude dessa teia preexistente de relações humanas, com suas inúmeras vontades e intenções conflitantes, que a ação quase nunca atinge seu objetivo; mas é também graças a esse meio, onde somente a ação é real [...]”. ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 230.

²²² Assim: “a ação e discurso são circundados pela teia de atos e palavras de outros homens, e estão em permanente contato com ela”. ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 235.

²²³ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 249

²²⁴ Segundo Hannah Arendt: “como a ação atua sobre seres que são capazes de realizar suas próprias ações, a reação, além de ser uma resposta, é sempre uma nova ação que segue seu curso próprio e afeta os outros.” ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 238.

o tempo, influem na estrutura de significância do político. Assim, o espaço público apresenta-se como condição determinante para validação de configuração do tempo histórico entre os homens. Ora, se os conceitos fundamentais são expressões e cristalizadores da experiência, como argumenta Reinhart Koselleck, e ainda, se os conceitos fundamentais são núcleos temporais da ação, no sentido de projeção temporal e de durabilidade simbólica, a aceitação e articulação de um conceito fundamental está condicionada à representação que os agentes da experiência social produzem dela mesma. Portanto, para cristalizar o argumento, podemos afirmar que a experiência que ecoa no espaço público, através da ação, estabiliza representações do tempo histórico, através dos conceitos fundamentais.²²⁵

Nesse sentido, tendo em vista o arcabouço da antropologia política descrito por Hannah Arendt, podemos evidenciar algumas características que compõem os objetivos comuns do mundo dos homens que emerge no espaço de aparência. Trata-se, assim, de mobilizar os aspectos centrais que embasam o espaço público portenho na década de 1850.²²⁶ Ainda, busca-se compreender, de forma aproximativa, os modos de articulação da experiência da história neste arranjo.

A historiografia política argentina estabelece que os intentos para uma institucionalização da espaço público são formulados por intervenções discursivas que mobilizam, de forma fundamental, as esferas da história e da política; e ainda, pressupõem a

²²⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

²²⁶ Nesse sentido, constitui ponto pacífico na historiografia argentina afirmar que após a queda de Juan Manuel de Rosas na batalha de Caseros (1852) promoveu-se em Buenos Aires e na região do Prata uma renovação da vida pública. A emergência deste novo momento político é considerada por muitos autores como um ponto de ruptura cultural e política, em que podemos observar uma explosão de publicações editoriais, principalmente os periódicos; uma centralidade dos debates público-político no seio do espaço social; e a emergência de associações privadas na atuação política. Em síntese, a historiografia argentina aponta para a formação de uma incipiente esfera pública a partir de uma explosão da palavra pública política, que determinou um novo arranjo entre os sujeitos históricos e os intentos de institucionalização política durante a secessão da província. Ver: SABATO, H. *Ciudadanía, participación y la formación de la esfera pública en Buenos Aires, 1850-1880*, en: *Entrepasados, revista de historia*. Año IV, Núm. 6, 1994; LETTIERI, Alberto. “La Republica de la Opinión”. *Poder político y sociedad civil de Buenos Aires entre 1852 y 1861*. Revista Indias, 1997, vol .LVII, n. 210. p. 445-510; BONAUDO, Marta (Org.). *Nueva historia argentina: liberalismo, estado y orden burgues (1852-1880)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999; WASSERMAN, F. *La Libertad de imprenta y sus límites: prensa y poder político en el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850*. Almanack Brasiliense. São Paulo, n.10, nov. 2009. p. 130-146. Antes de tudo, a despeito de toda estrutura que configura uma possível esfera pública burguesa, ou em suas derivações como a esfera literária, podemos observar a criação de um espaço simbólico em que a ressignificação de sentidos se manifesta em uma dimensão intangível, pelo discurso público. Ou seja, o espaço de aparência é precedido e efetivado a partir de uma necessidade de criar durabilidade em meio ao mundo efêmero e contingente, marcado pelo conflito político, delimitando-o; necessidade de articular identidade e sentido. Segundo Arendt: “Antes que os homens comessem a agir, era necessário assegurar um lugar definido e nele erguer uma estrutura dentro da qual pudessem ocorrer todas as ações subsequentes; o espaço era o domínio público da *pólis* e a estrutura era sua lei; legislador e arquiteto pertenciam a mesma categoria [homo faber]. Mas essas entidades tangíveis não eram o conteúdo da política [...]”. ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 243.

constituição de uma forte sociedade civil como mediadora política.²²⁷ No entanto, tendo em vista as articulações do espaço de aparência e a teia de relações humanas em Hannah Arendt, cabe destacar os aspectos que fundamentam o espaço público, em sua dimensão simbólica. Em primeiro lugar, qual a instância homogeneizadora deste espaço público? Ou seja, quais os objetivos comuns e os horizontes de expectativa que os homens concentram suas projeções e intervenções? Acreditamos que um dos problemas comuns deste espaço público na década de 1850, mesmo que de forma incipiente, seja a nação.

A década de 1850 postulou uma nova abordagem sobre as representações do passado até então disponíveis, articulando novos mecanismos expositivos, epistemológicos e críticos. Fabio Wasserman afirma que podemos observar um “nacimiento de una incipiente labor

²²⁷ Tradicionalmente a historiografia argentina, ao tratar sobre os problemas da democracia moderna e as dimensões da representação (legitimidade e autoridade política), postula uma interpretação de continuação da separação entre sociedade civil e Estado. Neste sentido, postula-se que a separação foi continuamente prolongada desde a queda do antigo regime devido ao caos estabelecido pelas disputas facciosas pelo poder que, em última instância, minaram as possibilidades de instituir uma legitimidade representativa via sufrágio. Esta perspectiva postula um questionamento sobre a esfera pública (habermasiana) como mediação entre a sociedade civil e o Estado, tendo em vista as fraturas e distorções nos mecanismos de representação, ocasionados pelos conflitos esboçados desde o início do século XIX e findo na década de 1880. Ver: BOTANA, Natalio. La tradición republicana. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1984. A partir dos anos de 1990, no contexto argentino, observa-se a emergência de uma perspectiva historiográfica preocupada com os modos de articulação do poder a partir da sociedade civil. Em grande medida, buscava-se responder questões latentes que reverberavam das experiências ditatoriais das décadas de 1970-80. Nesse sentido, o foco analítico deslocava-se da articulação do Estado como principal fonte de poder político para se pensar as condições de poder que se entrelaçam horizontalmente na sociedade. Para a década de 1850, segundo a historiadora Hilda Sabato, a consolidação da sociedade civil, em algumas instâncias, precede a consolidação dos aparatos estatais, através de mecanismos de estruturação que legitimam as relações entre representantes e representados. A configuração de diversos núcleos associativos na sociedade civil, que Sabato denomina como “el fevor asociativo”, em junção com a forte presença e multiplicação de periódicos e uma intensa mobilização pública, formaram o conjunto de condições para a emergência de uma esfera pública. Assim, a autora aponta para uma certa democratização das formas de estruturação social, que recolhe sua autoridade e legitimidade não do acoplamento ao poder estatal estritamente, mas de uma certa notabilidade pública a partir de uma acumulação de capital cultural e de relações horizontais derivadas da sociedade civil. Ver: SABATO, Hilda. La política en las calles. Entre el voto y la movilización en Buenos Aires, 1862-1880. Buenos Aires: Sudamericana, 1998. Segundo a autora: “Los porteños se reunían y movilizaban para manifestar opinión, defender sus intereses, actuar pública y políticamente, y desarrollaron una capacidad especial para crear instituciones duraderas o efímeras que expresaran esa voluntad común de acción. Se trataba en general de organizaciones que cortaban verticalmente a la sociedad local, es decir, que reunían en su seno a gentes de diferente condición social, cultural y económica en torno de una causa común.” SABATO, H. La política em las calles. Op. cit. p.246. Ainda, segundo Sabato: “Las asociaciones, la prensa, las movilizaciones, materializaban a la ‘opinión pública’, y por lo tanto constituyeron un elemento insoslayable para las elites porteñas tanto en el proceso de construcción de su propio poder como en el intento por consolidar un orden político nacional. Al mismo tiempo, para la mayor parte de la población de la ciudad, estas instituciones fueron a la vez ámbitos de pertinencia y espacios de participación en la vida pública.” SABATO, Hilda. La vida pública em Buenos Aires. In: GOLDMAN, Noema (Org.) Nueva historia argentina: Revolución, República y Confederación (1806-1852). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999. p. 214. Apesar da análise da autora iniciar na década de 1860, em grande medida suas observações podem ser pensadas para a década de 1850. Nesse sentido, ver: SABATO, H. Ciudadanía, participación y la formación de la esfera pública en Buenos Aires, 1850-1880, en: *Entrepasados, revista de historia*. Año IV, Núm. 6, 1994. Usamos o conceito de “sociedade civil” conforme o uso da autora, de forma restrita, excluindo as instituições estritamente políticas como o parlamento, no qual sua autonomia estaria vinculada necessariamente às dimensões de ação do Estado. Ver: SABATO, Hilda. La política en las calles. Entre el voto y la movilización en Buenos Aires, 1862-1880. Buenos Aires: Sudamericana, 1998. p.71. nota: 1.

historiográfica”, conduzida por aspectos importantes, como a distância temporal entre a década de 1850 e a revolução de 1810; a presença de novos atores, discursos, práticas, instituições e meios de divulgação; e por fim, a presunção de que a queda de Rosas abriu um novo momento histórico, propício à reinterpretação da história recente.²²⁸ História e política se relacionavam na medida em que a articulação da história era pressuposto para a ação.²²⁹

Nesse sentido, podemos ressaltar a interpretação histórica proposta pelo deputado Bartolomé Mitre em discurso realizado na *Sala de Representantes de Buenos Aires* em 1854, a respeito do *Congreso Constituyente de la provincia de Buenos Aires*.²³⁰ Mitre realiza uma arguição a respeito da legalidade do Estado de Buenos Aires em exercer a soberania externa, tal qual formulada na proposta da Constituinte. Em termos gerais, o deputado argumenta que a soberania externa pertence ao “gobierno general”, e assim, qualquer província estaria impedida de exercer tal função soberana; e ainda, que este “gobierno general” estaria respaldado por um princípio e “una ley anterior y superior a toda Constitución”, até mesmo as futuras Constituições, tendo em vista a possibilidade futura de reunião da província de Buenos Aires com a Confederação. Segundo Mitre, “la nación argentina existe en el corazón de todos los argentinos, y con ella el acta de su independencia que lo simboliza”.²³¹ Segue Mitre:

Hay, señores, una *nación preexistente*, y esa *nación es nuestra patria, la patria de los argentinos* [...] El pacto social de esta nación, el derecho, la ley preexistente que debe servir de norma [...] *es el acto inmortal de nuestra independencia*, firmada en Tucumán el 9 Julio de 1816 por las provincias unidas en el congreso. (MITRE. Una nación preexistente. 1854)²³² (*Grifos meus*)

²²⁸ WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2006. p. 217.

²²⁹ EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Rosas, la provincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015.

²³⁰ Ali firmou-se a efetiva secessão em relação à Confederação Argentina, logo após rejeição do *Acuerdo de San Nicolás* em 1852. Cabe lembrar que os discursos da sala dos representantes eram amplamente divulgados pela “barra” (auditório) e pela imprensa portenha e, nesse sentido, assumiam conotação pública. Ver: EUJANIAN, Alejandro. La Nación, la historia y sus usos en el estado de Buenos Aires, 1852-1861. Anuario IEHS 27, 2012. p. 57-83.

²³¹ MITRE, Bartolomé. “Una nación preexistente”. Congreso Constituyente de la provincia de Buenos Aires. 4 de marzo de 1854. In: TITTO, Ricardo. (Comp.) El Pensamiento de Bartolomé Mitre y los Liberales. Buenos Aires: El Ateneo, 2009. p. 53-57

²³² MITRE, Bartolomé. “Una nación preexistente”. Congreso Constituyente de la provincia de Buenos Aires. 4 de marzo de 1854. Op. Cit. p. 53-57. No mesmo sentido e em outro contexto, em artigo publicado no periódico *El Nacional* no ano de 1852, Mitre esboçava os mesmos princípios: “*La tradición, los antecedentes históricos, la constitución geográfica, los sacrificios comunes, la identidad de creencias y de carácter, la unidad de raza, la llanura no interrumpida de la pampa, y esa atracción misteriosa que ejerce un pueblo sobre otro, todo conspira a hacer que la Confederación Argentina sea una indivisible* [...] *Este sentimiento, este principio es mas fuerte que*

A despeito das implicações da articulação do conceito de pátria ou as implicações iluministas-contratualistas desdobradas no conceito de nação, destacamos a centralidade em que a configuração histórica das representações do passado é construída nos debates públicos e políticos da década de 1850.²³³ O deputado utiliza-se de um argumento histórico para assegurar sua posição política: a nação preexistia ao acordo de San Nicolás e era remetida aos primeiros anos após a independência. Em 1854, mobilizando um passado recente, repleto de controvérsias interpretativas e disputas sobre seus legados, a perspectiva histórica antecede o argumento enfaticamente jurídico, como as elucidações sobre os dispositivos das constituições anteriores e, ou, estrangeiras.

Este deslocamento para a dimensão histórica responde a dois aspectos centrais na vida cultural bonaerense. Que são: 1. o influxo historicista nas mobilizações intelectuais na região do Prata desde a década de 1830;²³⁴ e 2. a necessidade de pensar a instância mediadora da nação como experiência disponível. Nesse sentido, ao postular a preexistência da nação, Mitre mobilizava os dois aspectos centrais em questão: a densidade histórica da realidade e a concentração da experiência para a projeção das expectativas. Trata-se, portanto, de uma abertura narrativa que instaura uma disponibilidade de perspectivas em uma realidade conflituosa, balizando narrativas e pontos de vista com base na experiência da história disponível na década de 1850.

Com a reformulação dos aspectos projetivos que derivam das mudanças políticas observadas no início da década de 1850, a articulação das representações do passado tornou-se basilar para qualquer ação ou discurso. Como visto no discurso de Bartolomé Mitre em 1854, a nação como unidade homogeneizadora da experiência e da expectativa, ou como objetivo comum, fundamentou-se como uma instância mediadora da experiência da história e, conseqüentemente, de todo relato ou representação do passado com vistas a maiores articulações públicas. Isso significa que as mobilizações do passado foram realizadas

los hombres, es mas fuerte que los pueblos mismos. En vano sería reaccionar contra él [...]. *La nacionalidad es una ley orgánica, una ley constitutiva de ese pedazo de tierra que se llama hoy Confederación Argentina.* Es independiente de la voluntad de los hombres, porque reside en todos los elementos esenciales de la sociedad, circula en su sangre, se aspira con el aire, es el alma de este cuerpo y como el alma todavía vivirá a semejanza del patriotismo romano cuando se disuelva el cuerpo que lo albergo. MITRE, Bartolomé. "Nacionalidad" em *El Nacional*. nº 137, 27/10/1852. Apud: WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2006. p. 94. (*Grifos meus.*)

²³³ Para a compreensão do conceito de pátria e nação, ver: CATROGA, Fernando. Pátria, Nação. Em: NAXARA, Marcia; CAMILOTTI, Virginia, (org.) Conceitos e linguagens: construções identitárias. São Paulo: Intermeios; Capes, 2003, p. 15-31; PALTI, Elias. La nación como problema. Los historiadores y la "cuestión nacional", Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2002.

²³⁴ Para uma síntese, ver: PALTI, Elias. El momento romántico: nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

necessariamente tendo em vista a experiência de mediação da nação. Como ressalta Mitre em 1857 em artigo publicado em *Los Debates*: “[...] el conocimiento de nuestra historia há de hacer mas por la nacionalidad argentina que las conferencias, los tratados, las guerras y las revoluciones”, assertiva contundente tendo em vista as principais ocupações de Mitre, ou seja, periodista, representante político e militar de carreira.²³⁵

Como ressalta o historiador argentino Alejandro Eujanian, os debates sobre as dimensões do passado constituíram-se como recursos indispensáveis no debate político pós-Caseros (1852), principalmente em relação às discussões sobre o *Acuerdo de San Nicolás* (1852) e sobre a “constitución bonaerense” (1854).²³⁶ O autor descreve outro ponto sintomático desta instância mediadora da nação, desta vez nos debates de 1852, sobre a possibilidade do acordo de San Nicolás. Ali, Vicente Fidel López, adversário político de Mitre, mobiliza uma interpretação do passado no qual afirma a preexistência da nação no intuito de viabilizar um argumento para a incorporação da província de Buenos Aires à Confederação liderada por Justo José de Urquiza. Observamos, assim, o mesmo procedimento discursivo de Mitre no ano de 1854, no qual os argumentos históricos são fundamentais para a articulação política e são vertidos tendo por base a experiência da nação.

Em síntese, Eujanian afirma uma intrínseca relação entre as dimensões históricas das representações do passado e as proposições políticas, em que, em grande medida, a primeira torna-se uma base para a segunda.²³⁷ Portanto, articular as múltiplas camadas de passados tornou-se um fundamento para a mobilização de discursos público e políticos, mesmo que pautados por uma indeterminação sobre aquilo que constitui essencialmente a nação. Assim, a nação em sua dimensão histórica e em sua mobilização experiencial será fundamento de reflexão sobre a realidade do Prata e de Buenos Aires. Trata-se de um ponto sintomático recorrente durante toda a década de 1850 e mesmo nas décadas posteriores. A nação constitui, desta forma, o objetivo comum que emerge no espaço de aparência e torna-se, assim, um dos pressupostos para a ação no espaço público, pois é um problema comum herdado aos homens do Prata na década de 1850.²³⁸

²³⁵ MITRE, Bartolomé. “Estudios Historicos” em *Los Debates*, 25/11/1857. Apud WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008. p. 94.

²³⁶ EUJANIAN, Alejandro. La Nación, la historia y sus usos en el estado de Buenos Aires, 1852-1861. Anuario IEHS 27, 2012. p. 57-83.

²³⁷ EUJANIAN, Alejandro. La Nación, la historia y sus usos en el estado de Buenos Aires, 1852-1861. Anuario IEHS 27, 2012. p. 57-83.

²³⁸ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007; EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Rosas, la provincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015.

3.2 Projeções sobre a ação: espaço público e opinião pública.

Com a *Historia de Belgrano* de Bartolomé Mitre podemos evidenciar a ascensão de um novo ator nas representações sobre o passado, mesmo que de maneira abstrata: a opinião pública. Temos insistido que uma das renovações interpretativas de Mitre é realocar o lugar do sujeito na construção narrativa sobre o passado, a despeito de interpretações estruturais que, em grande medida, desde a década de 1830, localizam a revolução de 1810 na crise do sistema colonial. Assim, a atuação de determinados sujeitos conduziria o percurso histórico a um ideal de liberdade e civilização.

No entanto, em conjunto com as atuações dos indivíduos, podemos evidenciar em determinados momentos na narrativa da *Historia de Belgrano* a emergência do “povo” e da “opinião pública” como dimensões fundamentais para a articulação da ação. Como destaca Mitre: “historia y biografía, es, ó un hombre que acaudilla á un pueblo, ó un pueblo que sigue su impulsion ó reacciona contra ella”.²³⁹ A opinião pública na narrativa mitreana, assim, seria a expressão deste “povo” na constituição da narrativa e do percurso histórico.²⁴⁰

Nesse sentido, Bartolomé Mitre ao narrar as invasões inglesas no capítulo V do primeiro tomo e evidenciar a emergência de uma determinada “individualidad del Pueblo, despues de adquirir la conciencia de su propio valor” – após a vitória dos “nativos”²⁴¹ sobre os ingleses nos anos de 1806 e 1807 – ressalta a importância da opinião deste “pueblo” para os futuros acontecimentos em prol da revolução e seus desdobramentos.²⁴² Com base no

²³⁹ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p.7.

²⁴⁰ É importante ressaltar que na década de 1850 a articulação da legitimidade pública passaria necessariamente pelo crivo da opinião pública. No entanto, nosso intuito é analisar o modo no qual Mitre em a *Historia de Belgrano* articulou tal categoria na narrativa. Isso nos permite ressaltar as projeções e, conseqüentemente, as intervenções discursivas do autor na configuração do espaço público a partir de sua formulação de opinião pública. PALTI, Elias. *La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional*. En: *Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana* Dr. Emilio Ravignani, terceira serie, n.21, 2000. p. 75-98.

²⁴¹ Segundo Mitre: “[...] Los nativos, emancipados por los sucesos, habian pasado de la condicion de siervos á la de iguales de los españoles, y como queda dicho, un sentimiento arrogante de nacionalidad se despertaba en ellos”. MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 151.

²⁴² MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. P. 144. As “invasões inglesas” foram duas expedições militares do Império Britânico na região do Rio da Prata em 1806 e 1807. O objetivo principal desta expedição foi a tentativa de conquista do território, devido aos conflitos entre Espanha e Inglaterra. Para Mitre: “Estos sucesos, aparte de su importancia militar, dieron à um cambio radical en el órden político de la colonia”. MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 125. As expedições de 1806 e 1807 foram rechaçadas por milícias urbanas da sociedade portenha. Nesse sentido, tal episódio possui uma força significativa no que concerne à ressignificação da importância de Buenos Aires frente a Revolução e a ascensão de uma consciência “nativa”. Assim, segundo Alejandro Eujanian: “[...] episodios como la defensa frente a las invasiones inglesas y la Revolución de Mayo de 1810 quedaban preservados como antecedentes de la identidad porteña y como origen de una tradición política

desenvolvimento narrativo deste episódio, ou seja, “[a partir de] la ciudad que ya se habia conquistada à si misma”, podemos observar a emergência de uma “opinião pública” como integrante dos movimentos subsequentes na narrativa biográfica.²⁴³ Desta forma, segundo afirmação de Mitre, Belgrano foi o “reflejo de la conciencia pública en aquella época.”²⁴⁴

Mais que um mero reflexo dos quadros gerais da consciência pública, é possível destacar sua intervenção e atuação nesta nova entidade, a opinião pública. Para Mitre, “un hombre como Belgrano, á quien debe considerarse como a uno de los representantes de la opinion en aquel tempo [...]”, exerceria um papel fundamental nas formulações de ideias e nas intervenções no espaço público.²⁴⁵ Esta atuação, longe de ser passiva, procurava articular ideias e valores ao espaço público, ou seja, era estritamente política em sua configuração. Desta forma, foi a “[...] opinion pública, [uma] nueva entidad de gobierno que se levantaba, como un heraldo precursor de la revolucion.”²⁴⁶ Como ressalta Mitre:

Esto manifiesta el inmenso camino que habian hecho las ideas en poco mas de tres años, á la par que los grandes progresos de la opinion. Una minoria pensadora era lo que constituia el nervio de esa opinion, y esa minoria fué la intrépida cabeza de columna de la revolucion argentina. (MITRE, 1859. T.I. p. 204) (*Grifos nossos*)

Desta forma, para Mitre a opinião pública era conduzida por uma elite ilustrada que ditava os rumos políticos, ou, dentro do arcabouço argumentativo mitreano, o percurso histórico pautado na ideia de liberdade e unificação política. A perspectiva iluminista é indubitável. O esclarecimento conduzido por determinados sujeitos em sua atuação na sociedade permitia o desenvolvimento das “ideias” e, ainda, sua difusão e aceitação pública atestava a condução do *telos* pautado na liberdade. Ou seja, “afirmarse el imperio de la opinion á medida que el pueblo se ilustraba por la irradiacion luminosa de las ideas.”²⁴⁷ Assim, mesmo que implicitamente, a condução do desenvolvimento histórico baseado na difusão de ideias e das ações de determinados sujeitos encontrava na opinião pública uma plataforma de atuação. As conduções políticas destes sujeitos, especialmente a atuação

que, finalmente, se había realizado plenamente con la revolucion del 11 de septiembre de 1852”. ver: EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Rosas, la provincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015. p. 225.

²⁴³ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 128.

²⁴⁴ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Op. Cit. p 150.

²⁴⁵ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Op. Cit. p 150.

²⁴⁶ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 160.

²⁴⁷ MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Op. Cit. p. 213.

pública de Belgrano, eram embasadas, afirmadas ou negadas por esta nova entidade denominada opinião pública. A opinião pública seria a todo momento lugar de intervenção destes atores, através de discurso, condutas e ações, assim como um importante fator para a condução do processo histórico. Portanto, no relato mitreano a opinião pública constitui importante instância para a legitimidade e efetivação do poder, principalmente no que concerne à condução política da elite letrada.

Naturalmente que o agir no espaço público e a tentativa de intervir nesta nascente opinião pública requereria uma plataforma de atuação. Nesse sentido, a intervenção de indivíduos no incipiente espaço público pode ser evidenciada pela importância da criação de um periódico para fins práticos políticos. Bartolomé Mitre ao relatar o contexto de governabilidade no Rio da Prata durante a atuação do vice-rei Hidalgo Cisnero,²⁴⁸ e a aproximação dos patriotas ao representante da junta de Sevilha, destaca a importância desta plataforma de atuação: “lo único que faltaba á los patriotas para *organizarse y dar tono a la opinion*, era un *centro comun*, y el Virey [Cisnero] se encargo de dárselos con la idea de la fundacion de un periódico.”²⁴⁹

A “organização” e o “centro comum” para constituir ou “dar tom” a uma “opinião”, passava necessariamente pela criação e projeção de um periódico. A atuação no espaço público tinha como fundamento a articulação propositiva de ideias e discursos via imprensa. Segundo o autor da *Historia de Belgrano*:

Todos se fijaron en Belgrano para realizar el pensamiento del Virey, explotándolo en el sentido de los intereses del país. *Su reputacion de hombre de letras y su experiencia en este género de publicaciones lo llamaba naturalmente a dirigir esta nueva empresa politico-literaria, que era una continuacion de los trabajos en favor del comercio libre, de la industria, de la agricultura, de la educacion pública, de la independencia y de la libertad*

²⁴⁸ Baltasar Hidalgo Cisnero foi um vice-rei nomeado pela junta suprema de Sevilha em meio ao confronto entre espanhóis e franceses, substituindo Santiago de Liniers, seu antecessor e nomeado “virey” por sua atuação nas invasões inglesas. O principal objetivo de Cisnero era restituir o poder espanhol e realizar a manutenção dos vínculos metrópole-colônia. Segundo Mitre: “Con la llegada de Cisneros habian creido los españoles que las cosas volvian á su antiguo ser; que la metrópoli recuperaba por el hecho sobre las colonias su debilitada influencia, y que los americanos quedaban nuevamente reducidos á la antigua condicion de que habian pretendido salir.” No entanto, devido a crises econômicas no Rio da Prata, autorizou medidas liberais na política econômica, como o livre comércio, o que gerou descontentamento por parte dos “españoles”. Foi destituído de seu cargo pela Revolução de Mayo. MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 201.

²⁴⁹ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p.202. (*Grifos meus*)

á que desde 1794 se habia consagrado, con tanta intelijencia como perseverancia. (MITRE, 1859, T.I. p. 202). (*Grifos meus*).²⁵⁰

Portanto, a principal plataforma de atuação no espaço público era a imprensa, necessariamente uma “empresa político literária”. Sua intervenção se efetuava a partir da difusão simbólica de ideais e proposições, ou seja, na articulação de palavras e discursos. Nesse sentido, como ressalta Mitre nesta longa citação a seguir, o objetivo deste empreendimento e das intervenções no espaço público era a liberdade política:

En efecto, el Diario, ocupándose de ilustrar materias científicas y literarias, y teniendo por *principal objeto fomentar los intereses materiales y popularizar los sanos principios de economía política*, no podia menos que formar contraste con el *atraso del pais*, con el *sistema despótico de la España* y con sus leyes restrictivas de industria y de comercio. Para llenar los objetos que los redactores se habian propuesto, el periódico tenia que enseñar lo contrario de lo que las leyes españolas mandaban, y *despertar por este medio en los naturales la aspiracion hácia un ideal desconocido; y las imaginaciones se precipitaban á su encuentro atraidas por un encanto irresistible*. Además de esto, que resultaba naturalmente del simple estudio de aquellas materias, *todos los escritos de Belgrado tenian un doble sentido y una doble intencion. Aquellos trabajos literarios que mas aceptacion merecian de parte del Virey, eran precisamente los que mas influencia ejercian sobre el pueblo, que comprendia las alusiones y las reticencias, que escapaban á la censura prévia, bajo el velo transparente que las envolvía*. Así sucedió que poco antes de la revolucion publico en el Diario un artículo con el titulo de Origen de la grandeza y decadencia de los imperios, en el que, *á pretesto de estudios sobre la filosofía de la historia, indicaba á los pueblos la marcha que debian seguir para elevarse; á la vez que los españoles no vieron en él sino consejos prudentes para prevenir los males que podian nacer de la desunion. Fué esta una conspiracion sorda y latente, llevada á cabo por medio del instrumento de la publicidad, que acabó de minar por su base los cimientos del poder colonial*. En su direccion desplegó Belgrano mucho tino, gran prudencia, caudal de ideas y de conocimientos

²⁵⁰ Outro aspecto de atuação no espaço público via imprensa é a notabilidade pública do sujeito que realiza a ação. Voltaremos a este aspecto na próxima subseção.

prácticos, á la vez que un espíritu metódico, sagaz y perseverante. (MITRE, 1859, T.I. pp. 206, 207) (*Grifos meus*)

Esta citação é elucidativa na medida em que podemos observar a articulação de diversos fatores que compõe as intervenções no espaço público. Em primeiro lugar, a ideia de popularização de princípios e ideias através de escritos. A condução narrativa do escritor criaria as condições do “despertar” aos valores mais elevados, como a cultura científica e literária. Esta prerrogativa atesta a relevância que Mitre destaca na condução dos sujeitos históricos para a ilustração. Nesse sentido, o “despertar” aos produtos culturais da civilização, pela “*aspiracion hácia un ideal desconocido*” implica no desvelamento paulatino do *telos* da liberdade política, ou seja, “*indicaba á los pueblos la marcha que debian seguir para elevarse*”. Em segundo lugar, a implicação desta ação de “iluminar” se faz necessária na medida em que existe um “atraso del país”. Desta forma, há a postulação daquilo que Reinhart Koselleck denominou de “contemporaneidade do não-contemporâneo”, dimensão intrínseca ao conceito moderno de história.²⁵¹ Não é fortuita a mobilização da expressão “filosofia da história” no excerto mitreano, além das expressões “surda e latente” que significam que, necessariamente, projetava-se um desvelamento de uma qualidade temporal específica, ou seja, um *telos*, que deveria se afirmar. Por fim, a ênfase no “instrumento de publicidade” denota a importância da articulação pública de discursos e ações para a efetivação dos fins políticos e históricos.

Em alguns momentos da narrativa de Mitre a opinião pública é invocada como um meio em que são postos em deliberação atitudes públicas do governo e de determinados sujeitos públicos. Em determinados casos, no arcabouço narrativo de Mitre, o conceito de opinião pública é utilizado de modo partidarizado, contendo inclinações políticas sobre específicas posições governamentais. Dito de outro modo, a opinião pública era utilizada como posicionamento de grupos e pessoas em prol ou contra as formas e atitudes governativas, principalmente em momentos de intensa crise política ou disputas pelo poder.²⁵²

²⁵¹ KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006. p. 317. Ver também: DIAS DUARTE, João de Azevedo. Tempo e crise na teoria da modernidade de Reinhart Koselleck. História da Historiografia. Ouro preto. N.8. 2012. p. 70-90. Para Duarte: “contemporaneidade do não contemporâneo” (*Gleichzeitigkeit des Ungleichzeitigen*), i.e., a percepção da convivência de uma multiplicidade de fenômenos históricos movendo-se segundo ritmos imanes e diferenciados. p. 75.

²⁵² Exemplos destas partidarizações exercidas pela opinião pública podem ser encontrados em algumas passagens da obra de 1859. Estão sempre relacionados a momentos de intensa disputa política. Exemplo: “El Cabildo, despues de haber obedecido momentaneamente al impulso de la opinion pública, se ponía imprudentemente á la cabeza de la contra-revolucion, abusando de la confianza que el pueblo habia depositado en él.” MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. pp. 235-236.

No entanto, como destacamos anteriormente, devemos ressaltar o caráter abstrato que a opinião pública assumia, como um pilar de legitimidade e estrutura decisória do percurso histórico balizado pelos sujeitos.

Esta observação torna-se relevante na medida em que analisamos a ideia de opinião pública que Mitre esboçava na década de 1850. A opinião pública foi um importante elemento de legitimidade do espaço público portenho na década de 1850, constituindo-se como uma entidade que projetava visibilidade e autoridade a determinados sujeitos e, conseqüentemente, afirmava e operava determinadas ideias e ações políticas.²⁵³

Nesse sentido, ao seguirmos as reflexões de Elias Palti sobre a configuração da opinião pública e do espaço público, podemos indicar de forma aproximativa os sentidos que estas duas categorias assumiam na ação política de Mitre.

Segundo Palti, o modo de ação política predominante da década de 1850 configurou um modelo específico de espaço público e, conseqüentemente, de opinião pública.²⁵⁴ O autor destaca a emergência do modelo “proselitista” ou “estratégico” de opinião pública, a despeito

²⁵³ Para Alberto Lettieri a década de 1850 evidencia-se como um momento de efervescência da palavra pública, ou uma “república de la opinión”, no qual a legitimidade política, a despeito das fraudes eleitorais, se sustenta a partir de determinados consensos elaborados pela opinião pública, a principal estrutura mediadora na relação com o poder político. A coesão da opinião pública é efetivada pela dimensão do debate na imprensa e nas diversas mobilizações públicas, cuja dinâmica supera as divergências em prol de consentimentos. Cabe lembrar que para Lettieri o consenso e preponderância da opinião pública como pilar de mediação com o poder político se sustenta a partir de três aspectos fundamentais: a articulação de uma retórica republicana comum, com base na experiência centralista dos anos de 1820 com Bernardino Rivadavia; a construção de um imaginário simbólico portenho tendo em vista o princípio da “cidade sitiada” e; a sanção da Constituinte de Buenos Aires em 1853, e seu desdobramento como Estado. Em síntese, a opinião pública seria responsável por integrar politicamente os setores da sociedade portenha, relativizando as diferenças e criando um aparato de legitimidade política. LETTIERI, Alberto. “La Republica de la Opinión”. Poder político y sociedad civil de Buenos Aires entre 1852 y 1861. Revista Indias, 1997, vol. LVII, n. 210, p. 445-510; LETTIERI, Alberto. La construcción de la república de la opinión: Buenos Aires frente al interior. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. Outro aspecto de configuração do espaço público na década de 1850 que deve ser destacado é dimensão física do plano da cidade e que incide fundamentalmente nos mecanismos de estruturação simbólica desse espaço público. Segundo Hilda Sabato, a partir da reformulação dos espaços físicos do centro de Buenos Aires, com a incorporação de prédios públicos e praças com a capacidade de aglutinar grande número de pessoas, formou-se uma cartografia para um novo imaginário político. Desta forma, a visibilidade do poder encarnada nas construções de prédios públicos no centro da cidade, descrita por Hilda Sabato, assim como a ampliação dos espaços comuns, configurou um imaginário político em que se postulou uma centralidade cosmopolita ao centro de Buenos Aires, demarcando fronteiras simbólicas para o Estado em secessão. Para uma reflexão sobre espacialidade e dimensões simbólicas. Ver: SABATO, Hilda. La política en las calles. Entre el voto y la movilización en Buenos Aires, 1862-1880. Buenos Aires: Sudamericana, 1998; MÄEDER, Maria Elisa. Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX. História Unisinos. Setembro/Dezembro 2008, Vol. 12 Nº 3, p. 262-270; NAXARA, M. R. C. Sobre o campo e a cidade – olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Campinas, SP: 1999. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de filosofia e Ciências Humanas.

²⁵⁴ PALTÍ, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani, tercera serie, n.21, 2000; PALTÍ, Elias. El tiempo de la política. Lenguaje e historia en el siglo XIX, Buenos Aires, Siglo XXI, 2007.

do modelo “jurídico” ou “forence” que predominava nos primeiros anos do século XIX.²⁵⁵ A mudança de concepção de opinião pública é formulada pelos atores em seus problemas políticos e dilemas práticos, ou seja, no uso e articulação de linguagens políticas.

Na era moderna, a opinião pública tornou-se um fundamento para a manutenção da ordem política.²⁵⁶ Com efeito, em consequência da dissolução do fundamento de legitimidade pautado pela transcendência divina, a opinião pública é invocada para manter e sustentar a representação política. Como ressalta Palti: “Según se admite, ningún gobierno podría sostenerse si contradijera las tendencias de la opinión”.²⁵⁷ No entanto, as formas de efetivação desta opinião pública foram a todo momento tencionado por dilemas práticos e políticos em que os atores ofereceram algumas soluções provisórias.

Desta forma, após a desestruturação do sistema colonial, Elias Palti aponta para a emergência do modelo “jurídico” de opinião pública, que basicamente era entendido como um tribunal neutro que atesta e averigua as evidências disponíveis na intenção de ascender a “verdade do caso”. Em grande medida, o modelo jurídico se assenta na qualidade de juiz das ações governativas. Ao projetar uma incipiente imprensa no intuito de combater rumores e outras formas de informações após a queda do antigo regime monárquico, o que se observa é a emergência da possibilidade de fiscalização do próprio governo, através da mesma imprensa que buscava expandir de forma oficial suas informações e ações. Assim surge o que o autor denomina de “tribunal da opinião”.²⁵⁸

No entanto, como destaca Elias Palti no elucidar sobre as fissuras e antinomias inerentes ao modelo “jurídico” de opinião pública, o posicionamento de Mitre diferia substancialmente deste modelo.²⁵⁹ Ou seja, o autor da *Historia de Belgrano* articulava uma outra concepção de opinião pública, baseada em uma nova configuração de linguagem política. Elias Palti destaca que a partir de determinadas mudanças nas práticas políticas,

²⁵⁵ PALTI, Elias. El tiempo de la política. Lenguaje e historia en el siglo XIX, Buenos Aires, Siglo XXI, 2007. p. 178.

²⁵⁶ PALTI, Elias. El tiempo de la política. Lenguaje e historia en el siglo XIX, Buenos Aires, Siglo XXI, 2007. p. 161.

²⁵⁷ PALTI, Elias. El tiempo de la política. Op. Cit. p. 162.

²⁵⁸ PALTI, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani, tercera serie, n.21, 2000. p. 85.

²⁵⁹ Segundo Palti: “En definitiva, lo que se ponía en cuestión era cómo concebir la posibilidad de orden republicano (expresión que aparecía como una suerte de oxímoron, una contradicción en los términos). La pregunta, en apariencia insoluble, sería: ¿cómo fundar un régimen de gobierno regular sobre la base de lo que es lo más transitorio y mutable por la naturaleza (las opiniones)?, en fin, ¿cómo instituir el sistema legal como un orden objetivo (es decir, colocado por encima de los antagonismos que se producen en su seno) siendo que su origen y fundamento se encuentran en la pura subjetividad, el reino de la contradicción, que es el de la ‘opinión’?”. PALTI, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani, tercera serie, n.21, 2000. p. 86.

como a emergência da sociedade civil e um sistema de imprensa com ampla articulação pública – que foram elementos de fundação de uma nova configuração representativa – elaborou-se em Mitre um conceito de opinião pública baseada na ação política.²⁶⁰ Trata-se do modelo “proselitista” ou “estratégico” de opinião pública. Esta é a concepção que embasa a *Historia de Belgrano* de 1859.

Ao entender o espaço público como um espaço de dissenso, pelas intrigas “facciosas” ou partidárias, e a constatação de diversas opiniões que não logravam uma convergência unívoca, Mitre revela uma nova configuração política, pautada na performance da palavra, ou seja, as palavras e os discursos são ações. Nesse sentido, “el periodismo aparecerá así como un modo de discutir y al mismo tiempo de hacer política”.²⁶¹ Na *Historia de Belgrano*, este aspecto emerge, dentre outros exemplos, pela intervenção pública de Mariano Moreno em sua *Representacion de los hacendados* sobre questões relativas ao livre comércio em seu embate com os monopolistas, relatado por Mitre ainda no primeiro tomo da biografia 1859. Segundo Mitre, os defensores do livre comércio:

Fijáronse para el efecto en el Dr. D. Mariano Moreno, *cuyos talentos empezaban á llamar la atencion pública, y cuya elocuencia viril hacia presagiar al tribuno de una democracia*. De aqui tuvo su origen la famosa Representacion de los Hacendados, monumento imperecedero del genio de su autor, en que la valentia del lenguaje campea á la par de las mas sanas ideas económicas. Moreno en representacion de sus comitentes no se limitó á pedir una gracia, *sino que combatiendo de frente el sistema restrictivo de la España respecto de sus colonias*, reclamó con entereza un derecho natural, que sin injusticia no podia negárseles, apoyandose para ello en los *intereses de la generalidad*. (MITRE, 1859, T.I. p. 196,197) (*Grifos meus*)

La influencia de este notable escrito fué decisiva, y sus doctrinas no tardaron en convertirse en hechos, declarándose por el Virey el comercio franco con los ingleses, en contravencion de las instrucciones que tenia. (MITRE, 1859, T.I. p. 197) (*Grifos meus*)

²⁶⁰ Segundo Palti: “La prensa política emerge finalmente en esos años en Buenos Aires como el ‘espacio republicano’ por excelencia (suerte de reñedo moderno del antiguo ágora), opuesto, por definición, al ámbito de las intrigas de la política facciosa.” PALTI, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani, tercera serie, n.21, 2000. p. 86.

²⁶¹ PALTI, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. Op. Cit. p. 87

Doutrinas que se convertem em fatos. Escritos e discursos que efetivam políticas. Trata-se de intervenções no espaço público que eram tomadas como “ações de fato”, que organizavam e difundían ideas à pluralidade que constituía tal espaço público.

Ainda com Elias Palti sobre a “performatividade” da palavra:

Esto infunde también una nueva conciencia respecto de la “performatividad” de la palabra en el sentido de su “creatividad”: la prensa periódica no sólo buscaba representar a la opinión pública, sino que tenía la misión de constituirla como tal. Ésta es una de las ideas que aparece más tempranamente en Mitre. Ella se encuentra ya presente en la primera de sus biografías, escrita en 1845, que dedica a José Rivera Indarte [...]. Es en esta biografía que aparece la analogía, que se convertirá en un motivo recurrente en Mitre, de la prensa como una bandera (*que es precisamente la que alegoriza la figura de Belgrano*). Según señala, la bandera no tiene meramente la función de representar las fuerzas en pugna: ella reúne materialmente a los ejércitos en los campos de batalla. (PALTI, 2000. p.87) (*Grifos meus*)

E segue:

Lo mismo ocurre con la prensa en el terreno de las batallas políticas. Ésta no representa una opinión pública preconstituida, sino que la constituye como tal con su propia prédica; ésta cumple un papel fundamental en la definición de las identidades colectivas permitiendo a los sujetos identificarse como miembros de una determinada comunidad de intereses y valores. (PALTI, 2000. p.87,88)

Desta forma, este modelo de opinião pública elaborado por Mitre deixa de ser um juiz ou um “tribunal da opinião” e se converte, paulatinamente, em um campo de intervenção, ou seja, “un espacio agonal para la definición de las subjetividades políticas y sociales”.²⁶² Isto

²⁶² PALTI, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani, tercera serie, n.21, 2000. p. 88. Segundo Palti: “basado en el modelo proselitista [...] como campo de intervención y espacio agonal para la definición de las identidades colectivas la política indica, en cambio, para Mitre, esa instancia fundacional por la que un pueblo se constituye como tal, esto es, la articulación histórica de los valores y normas que identifican a una comunidad. Este carácter creativo de sentido es lo que define una acción propiamente histórica”. PALTI,

implica necessariamente na própria construção da *Historia de Belgrano*, no sentido de que a obra se converte em uma intervenção no espaço público, ou seja, a *Historia de Belgrano* efetiva uma ação; esta ação, de forma decisiva, realiza uma operação no espaço público ao incidir sobre o principal problema comum: a nação.

3.2.1 O escritor público e a ação: proposições éticas.

Um exemplo reflexivo da dimensão da ação no espaço público portenho pode ser constatado, entre outras publicações do período, pelo editorial de Bartolomé Mitre no periódico *Los Debates* em abril de 1852.²⁶³ O editorial descreve a atuação e função do homem público na imprensa do período. A categoria central que estrutura sua reflexão sobre a imprensa é a de escritor público, que assumiria uma função mediadora entre a reflexão intelectual e o grande público. Segundo Mitre:

*El escritor público es el gladiador generoso del pensamiento, que escribe día por día, a la faz de todo un pueblo y sobre la arena sangrienta del periodismo, las páginas calurosas que hacen vibrar de entusiasmo el corazón de las masas. (MITRE. Profession de fé. 1852.)*²⁶⁴

Assim, a ação do escritor público efetiva-se na medida em que este se torna um arauto do pensamento e das ideias.²⁶⁵ Combatendo, a partir de uma base metafórica, em uma guerra no presente. A metáfora que recorre ao cenário romano não é fortuita. O “gladiador generoso

Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani, tercera serie, n.21, 2000. p. 98.

²⁶³ Segundo Fabio Wasserman, em 1852 Mitre “era una figura poco conocida en su ciudad natal a la que había llegado dos meses antes como oficial del ejército de Urquiza tras haber pasado buena parte de su vida en el exilio.” Ver: WASSERMAN, F. Prensa, política y orden social en Buenos Aires durante la década de 1850. Historia y Comunicación Social. Vol. 20, n. 1, 2015.p. 176.

²⁶⁴ MITRE, Bartolomé. Profession de fé. *Los Debates*, 1 de abril de 1852. In: DONGHI, Tulio Halperin. Proyecto y Construcción de una Nación. Argentina, 1848-1880. Biblioteca Ayacucho, 1984. p. 175.

²⁶⁵ PALTÍ, Elías. Tres etapas de la prensa política mexicana del siglo XIX: el publicista y los orígenes del intelectual moderno. In: ALTAMIRANO, C. (Dir.) Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz, 2008. p. 228. Segundo Paula Alonso, ao analisar a mesma citação de Bartolomé Mitre sobre o escritor público, a imprensa possuía uma função central para a vida cultural bonaerense, pois foi um importante veículo de projetos para a construção de imagens da sociedade, propulsor de valores e meio privilegiado de fazer política. Principalmente se considerarmos a amplitude que os periódicos assumem no plano social, através da divulgação pelo rumor, pelas leituras públicas e outros meios informais, que no caso de Buenos Aires, deveriam assumir um papel central. Nesse sentido, ver: ALONSO, Paula. Introducción. In: ALONSO, Paula (compiladora). Construcciones impresas: panfletos, diarios y revistas en la formación de los Estados nacionales en América Latina, 1820-1920. México: Fondo de Cultura Económica, 2004; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.). Práticas da leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 231-253.

do pensamento”, ao nosso ver, é aquele que luta em prol da civilização, combatendo a barbárie em lutas “sangrentas”. Um confronto através das palavras e das ideias, por meios dos periódicos, instrumento da civilização.²⁶⁶

Os escritores públicos explicitamente exerciam o crivo simbólico a partir da ação, debatendo ideias e discursos e articulando intervenções no espaço público. A ação no sentido em que Mitre impõe é ao mesmo tempo uma disputa invariavelmente necessária e uma obrigação. Ela torna-se o fundamento de qualquer mobilização e efetivação política. O escritor público tornou-se o gladiador moderno.²⁶⁷

Destacamos, ainda, uma mobilização pública paradigmática do que temos argumentado sobre o escritor público, a ação e a opinião pública. Trata-se da recepção dos restos mortais do primeiro presidente argentino Bernardino Rivadavia (1780-1845), que retornavam da Espanha.²⁶⁸ Em discurso eloquente e de apelo afetivo, o então diretor/redator

²⁶⁶ No mesmo sentido, em outro artigo: “los escritores públicos deben ejercer una activa vigilancia sobre las nuevas ideas que se pongan en circulación.” MITRE, Bartolomé. Bibliografía. Organización del crédito. Censura previa. *Los Debates*, 22 de mayo de 1852. In: DONGHI, Tulio Halperin. Proyecto y Construcción de una Nación. Argentina, 1848-1880. Biblioteca Ayacucho, 1984. p. 79. Sobre o *topos*, ver: MÄDER, Maria Elisa. “Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX”. *História Unisinos* 12.3, 2008, p. 263-270.

²⁶⁷ Ao consideramos o conjunto das implicações da ação e do espaço público portenho, podemos destacar que as possibilidades da emergência do escritor público são vinculadas através da notabilidade derivada dentro dos núcleos associativos e a partir de sua inserção nas manifestações públicas. Ver: LETTIERI, Alberto. “La Republica de la Opinión”. Poder político y sociedad civil de Buenos Aires entre 1852 y 1861. *Revista Indias*, 1997, vol. LVII, n. 210. p. 445-510; LETTIERI, Alberto. La construcción de la república de la opinión: Buenos Aires frente al interior. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006; SABATO, H. Ciudadanía, participación y la formación de la esfera pública en Buenos Aires, 1850-1880, en: *Entrepasados, revista de historia*. Año IV, Núm. 6, 1994; SABATO, Hilda. La política en las calles. Entre el voto y la movilización en Buenos Aires, 1862-1880. Buenos Aires: Sudamericana, 1998; SABATO, Hilda. La vida pública em Buenos Aires. In: GOLDMAN, Noema (Org.) Nueva historia argentina: Revolución, República y Confederación (1806-1852). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999. Como destacam os autores, as formas relacionais da sociedade civil adquirem centralidade na estruturação do espaço público portenho e em sua relação com o poder político. Não é fortuito a ênfase na opinião pública, nas dinâmicas dos periódicos e nas atuações públicas e associacionistas, meios informais de representação política. Como ressalta Elias Palti, para que surja uma opinião pública, é preciso, antes, constituir-se uma forte sociedade civil: “el desplazamiento del foco de la opinión hacia la sociedad civil redefinirá de manera radical la función del escritor público y los modos de ejercerla.” Portanto, a autonomia de performance da sociedade civil em face ao Estado é o que determina a singularidade do espaço público portenho e sua especificidade no que diz respeito à dimensão da ação. Ver: PALTÍ, Elías. Tres etapas de la prensa política mexicana del siglo XIX: el publicista y los orígenes del intelectual moderno. In: ALTAMIRANO, C. (Dir.) Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz, 2008. p.237.

²⁶⁸ Segundo Fabio Wasserman, a apropriação do passado “unitário” e “centralista” sob a rubrica de Bernardino Rivadavia não é desprovida de conflito. Segundo o autor, a propósito da recepção do corpo de Rivadavia, incitou-se um intenso debate acerca do legado histórico do personagem. Nas páginas do periódico “El Nacional Argentino”: “Si este generoso varon [Rivadavia] volviese á la vida, él se apresuraria á reprobar esta filiación bastarda, su corazon entusiasta se revelaria ante la idea de la escisión efectuada por hijos extraviados ó criminales, y que entre la gran mayoría de la nacion y un círculo egoísta que alaba las mas tristes pasiones locales, no vacilaria un instante. Dejemos á ese glorioso muerto en su tumba no vengamos a ostentar su cadáver para seducir el pueblo (Los dos caminos . en *EL Nacional Argentino* nº 423 15/1/1857.) apud WASSERMAN, F. Entre Clio y la Polis. Op. Cit. Para uma perspectiva mais circunscrita em relação a apropriação do passado

do periódico *Los Debates* e Ministro de Guerra e Marinha, Bartolomé Mitre, encarregado de discursar em nome do Exército do Estado de Buenos Aires, responde à pergunta retórica sobre aquilo que formaria o eixo de coesão da República Argentina, ou seja, “el fondo común del buen sentido del Pueblo”. Segundo Mitre, são os fundamentos institucionais que o primeiro presidente legou à nação, suas obras em relação ao fomento educacional, a assistência social e ao disciplinamento do exército.²⁶⁹ Ou seja, sua devoção e comprometimento em relação à cidade de Buenos Aires e aos argentinos. Segundo Mitre: “Rivadavia nos ha dejado un pedazo de su corazón en cada una de sus *instituciones* a fin de inmortalizar en ellas su amor a *Buenos Aires*”.²⁷⁰ E segue:

¿Por qué buscáis entre los muertos al que vive? No busquéis entre los muertos a don Bernardino Rivadavia; *él vive en sus obras, vive en nosotros y vivirá inmortal en nuestros hijos mientras latan corazones argentinos*, mientras en esta tierra se rinda culto a la inteligencia, al patriotismo y a la virtud. (MITRE, *Apoteosis de Rivadavia*. 1857) (*Grifos meus*)

A valorização da exemplaridade pública do primeiro presidente argentino mobiliza uma ação para o convencimento do público. Assim, são ressaltados os aspectos de pertencimento, empatia e patriotismo, em junção à projeção centralista provinda da administração de Rivadavia. Trata-se, em síntese, de uma ação que articula um projeto político de nação com base na experiência histórica dos anos de 1820. Nesse sentido, podemos observar, outra vez mais, a emergência dos problemas comuns herdados da teia de relações humanas no espaço público. Como argumentamos anteriormente, a problematização da nação é central para a articulação de um discurso histórico. Aqui, a mobilização do escritor público é direcionada, de forma bélica, para a afirmação dos contornos nacionais, neste caso, pela emergência da figura centralista de Rivadavia.

recente envolvendo a figura de Rivadavia em Buenos Aires, ver: EUJANIAN, Alejandro. La Nación, la historia y sus usos en el estado de Buenos Aires, 1852-1861. Anuario IEHS 27, 2012. p. 57-83.

²⁶⁹ Segundo De Marco: “*Los Debates* exaltó también, a lo largo de 1857, cual paradigmas de las glorias nacionales, lo nombre de Rivadavia [...] como alma de la organización del país, a través de una idea magna de nación que no habían sabido apreciar ni secundar, según Mitre, los caudillos provincianos.” De Marco, M. A. Bartolomé Mitre. Buenos Aires: Emecé, 2004. p.187. Como dito anteriormente, para Alberto Lettieri a recuperação do legado de Rivadavia torna-se uma configuração de base discursiva comum, ou seja, uma retórica republicana. Trata-se de uma junção e retomada do legado de base “centralista” com a nova camada liberal. Ver: LETTIERI, Alberto. “La Republica de la Opinión”. Poder político y sociedad civil de Buenos Aires entre 1852 y 1861. Revista Indias, 1997, vol. LVII, n. 210. p. 445-510.

²⁷⁰ MITRE, Bartolomé. Apoteosis de Rivadavia. In: DONGHI, T. H. (org.). Proyecto y construcción de una nación (1846-1880). Buenos Aires: Ariel, 1995. p. 202-206.

Portanto, além das características intrínsecas de atuação do escritor público, como a mobilização de discursos e ações no espaço público e seu entendimento bélico de atuação, a inserção da discussão sobre os passados recentes incorporou-se de forma contundente nas articulações da opinião pública e do espaço público. Desta forma, um dos pressupostos fundamentais para se projetar e intervir no espaço público seria a capacidade de refletir sobre o presente da década de 1850, agindo sobre determinados temas em debate, ou seja, intervir nos problemas políticos visualizados no espaço público.²⁷¹ No caso em questão, tanto nas atuações pela imprensa, quanto pelos discursos públicos, a principal temática a ser dominada pelo escritor público era sobre o passado, e mais especificamente, as dimensões da nação. Articular o passado recente no espaço público na década de 1850 em Buenos Aires significava intervir politicamente. Agir e projetar eram condições para a atuação no espaço público.

Do exposto podemos inferir uma importante dimensão de atuação deste escritor público: uma operação ética.²⁷² O historiador e escritor público Bartolomé Mitre conserva em sua atuação uma proposição ética em referência à nação. Na emergência da nação como problema comum provindo da teia de relações humanas, há uma afirmação do indivíduo que age, ou a constatação do “afirmar-se como agente”.²⁷³ Em Mitre, os discursos públicos e o discurso histórico, ações no sentido arendtiano, afirmam uma agência de atuação na constituição de projetos políticos, de cunho nacional. Este é o ponto que viemos argumentando sobre a relação entre política e história no espaço público portenho.²⁷⁴ Assim, “a história aparece constantemente no discurso do homem público, e a política emerge necessariamente do discurso da história”. Desta forma, “presente e passado, política e história,

²⁷¹ Segundo Fabio Wasserman: “Pero no sólo porque se trataba de su propia actividad, sino también porque al participar en estos debates, los medios y los periodistas podían ganar visibilidad, prestigio y legitimidad.” WASSERMAN, F. Prensa, política y orden social en Buenos Aires durante la década de 1850. *Historia y Comunicación Social*. Vol. 20, n. 1, 2015. p. 173-187.

²⁷² Seguimos as proposições de Evandro Santos e Rodrigo Turin no que concerne a relação entre ética e ofício do historiador. SANTOS, Evandro. Ensaio sobre a constituição de uma ética historiográfica no Brasil oitocentista: Francisco Adolfo de Varnhagen, o historiador no tempo. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014; TURIN, Rodrigo. Uma nobre, difícil e útil empresa: o ethos do historiador oitocentista. *História da Historiografia*. n. 2. 2009. p. 12-28.

²⁷³ Seguimos Santos sobre a definição de ética: “a capacidade de se afirmar como agente” e a “capacidade de se reconhecer como autor verdadeiro dos próprios atos”. O autor pauta-se a partir das concepções elaboradas por Paul Ricouer em uma leitura kantiana. SANTOS, Evandro. Ensaio sobre a constituição de uma ética historiográfica no Brasil oitocentista: Francisco Adolfo de Varnhagen, o historiador no tempo. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. p. 24.

²⁷⁴ EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Rosas, la provincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015.

interpenetram-se” a partir das ações no espaço público, sejam elas discursos públicos ou escrita da história.²⁷⁵

Como afirmamos na última seção do segundo capítulo, a experiência da história é articulada na *Historia de Belgrano* a partir de um *ethos* historiográfico.²⁷⁶ Cabe lembrar que a ética que modelou o trabalho do historiador oitocentista, tal qual expõe Rodrigo Turin para o caso brasileiro, é constituído por três *topoi* recorrentes nos textos históricos, “que indicam os contornos que qualificam a restrição do sujeito enunciante”: sinceridade, cientificidade e a utilidade. Como destaca Turin: “estes elementos fazem parte da formalização da prática historiográfica, indo ao encontro do tipo de relação estabelecida entre o historiador, a história e o projeto de nação que se procurava instaurar” e seriam requisitos básicos da escrita histórica: “o sentimento pátrio, o domínio técnico-científico e a pertinência do produto em relação ao seu uso”.²⁷⁷

As dimensões de sinceridade e utilidade que compõem o *ethos* historiográfico são construídas, a sua maneira, ao longo da *Historia de Belgrano*. O sentimento pátrio do autor, que compõe a dimensão de sinceridade, é formulado a partir da escolha do personagem principal Belgrano. Nesse sentido, a escolha não é fortuita. Mesmo ressaltando os argumentos heurísticos da escolha do personagem, em que a vida de Belgrano elucidaria os rumos da história nacional a partir da continuidade entre colônia e república, há, nesta eleição, um elemento político e prático. Assim, a partir da narrativa das ações de Belgrano, Mitre ressalta a todo momento os valores patrióticos e republicanos do biografado. Estes valores republicanos, baseados na ideia de liberdade política a partir de princípios democráticos, deveriam ser compreendidos pela sociedade presente da década de 1850 para a formulação da nação. Recuperemos um excerto de Mitre sobre este aspecto:

Este proceder histórico, que seria el que hábriamos adoptado en teoría, sino surjiese naturalmente de la naturaleza de la obra, y del carácter del héroe cuya vida historiamos, creemos que es, por ahora al menos, el camino mas seguro para preparar los elementos del libro de los fastos nacionales, dando desde luego á los trabajos de este género que se emprendan, una tendencia

²⁷⁵ SANTOS, Evandro. Ensaio sobre a constituição de uma ética historiográfica no Brasil oitocentista: Francisco Adolfo de Varnhagen, o historiador no tempo. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. p. 20.

²⁷⁶ Ao tratarmos da dimensão da cientificidade no segundo capítulo, a partir da articulação do “recurso de transparência”, demonstramos como a implicação do domínio técnico-científico efetiva uma autoridade na *Historia de Belgrano* em face ao leitor. Nesse sentido, ver: TURIN, Rodrigo. Uma nobre, difícil e útil empresa: o *ethos* do historiador oitocentista. *História da Historiografia*. n. 2. 2009. p. 12-28.

²⁷⁷ TURIN, Rodrigo. Uma nobre, difícil e útil empresa. Op. Cit. p. 14.

filosófica, de modo que sirvan á la vez para ilustrar nuestros anales, y educar al pueblo por la leccion moral que resulta del estudio de los hechos subordinados á un principio. [...] Ese principio en nuestro plan, debe resultar del carácter moral del personaje destinado á ocupar constantemente la atencion del lector, agrupando en torno suyo todos los hechos que directa ó indirectamente se relacionen ó tengan afinidad con su carácter [...]. (MITRE, 1859. T.I. pp.7-8.) (Grifos meus)

Assim:

Un hombre semejante merece que se le consagre un libro popular, que se lea en las escuelas, que ande en todas las manos, y forme con su ejemplo varones animosos, inoculando su espíritu viril en las organizaciones fuertes, capaces de comprenderle y de imitarle. (MITRE, 1859. T. I. p. 12)

É o mesmo procedimento que encontramos no discurso sobre a “Apoteosis de Rivadavia” exposto anteriormente. Patriotismo e virtude serão o mote de construção da nação a partir do sentimento patriótico.²⁷⁸ A relação do autor Mitre e do personagem Belgrano é o que estabelece este compromisso afetivo expresso pelo *ethos* historiográfico frente ao leitor:

Es muy difícil escribir con imparcialidad la vida de un hombre semejante. Por poco que el biógrafo se apasione por su héroe, corre peligro de convertir la historia en apologia, creándose un modelo ideal, sin sombras ni contrastes; una especie de abstraccion mas verosimil que verdadera. Aunque admiradores de la elevacion moral de Belgrano, creemos conocer sus flaquezas mejor que muchos de sus contemporáneos, porque puedo decir que he vivido largos años en intimidad con él, penetrándome del espíritu de sus escritos, identificándome con su ser moral. (MITRE, 1859. Tomo I. p. 14)²⁷⁹

A terceira expressão do *ethos* historiográfico é matizado no valor patriótico expresso por Belgrano. Nesse sentido, o autor da história biográfica, em seu compromisso com os valores

²⁷⁸ Destaca Mitre: “En este sentido Belgrano es uno de aquellos caracteres históricos que ganan en ser vistos y oídos de cerca, porque hasta sus mismos errores y debilidades, asimilándolos mas á la naturaleza humana, contribuyen á despertar la simpatia.” MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 4.

²⁷⁹ Cabe lembrar que a dimensão de cientificidade, tratada na última seção do segundo capítulo desta dissertação, realçaria as condições de verdade a despeito da mera opinião.

republicanos e liberais e em seu sentimento patriótico, ressalta a todo momento a finalidade e utilidade da obra: “[...] me he decidido á hacer esta publicacion, que espero podrá ser de alguna *utilidad* para la *historia nacional*, y servir de ejemplo y de leccion moral para las generaciones que se levantan”.²⁸⁰

Assim, o aspecto deontológico é expresso através da articulação de um dever público. São prescritos os elementos do patriotismo e do republicanismo através da elaboração e preservação das instituições políticas. Desta forma, efetivam-se preceitos ao corpo social projetando a configuração unitária, liberal e republicana da nação como viés de resolução. Efetivamente, trata-se de um dever do escritor público e do historiador ser responsável pela condução dos assuntos políticos na dimensão pública, principalmente no que tange a organização nacional. Portanto, o escritor público Mitre age sobre os problemas comuns do espaço público na resolução sobre o problema comum da nação e, ao mesmo tempo, a resolução do problema nacional afirma o historiador. Escritor público e historiador assumem a mesma relevância e responsabilidade em face aos problemas comuns do espaço público portenho.

Por fim, há que considerar outro aspecto importante a destacar no modelo de ação política de Mitre, que diz respeito ao gênero retórico subscrito ao modelo proselitista de opinião pública. Como dito anteriormente, um dos aspectos de atuação do escritor público se fazia na exposição eloquente de sentimentos para o convencimento público, como foi o caso do discurso de Mitre sobre Rivadavia, visto anteriormente. Desta forma, Elias Palti ressalta que a articulação do modelo proselitista em Mitre baseou-se no gênero retórico epidíctico, cuja dimensão temporal é voltada ao presente e sua principal característica é a performance do orador, no sentido de configurar afetos em sua eloquência.²⁸¹

O gênero retórico epidíctico na articulação mitreana vinculava uma ritualização das disputas retóricas, o que permitia deslocar os enfrentamentos físicos ao plano simbólico verbal, ou seja, uma ritualização da guerra. Segundo Palti, o orador epidíctico não se dirige a uma audiência pré-constituída, ele forma a audiência em sua oratória, em que realiza uma mobilização histórica entre determinados valores e normas que definem uma comunidade, “mediante procesos en los cuales la apelación a factores no racionales – tales como alentar el

²⁸⁰ MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 53. (*Grifos Meus*)

²⁸¹ PALTÍ, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: *Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana* Dr. Emilio Ravignani, tercera serie, n.21, 2000. pp. 97, 98.

orgullo, provocar vergüenza, etc –, resulta aun más decisiva que la argumentación racional”.²⁸² Nesse sentido, Mitre descreve, na biografia de 1859, as ações de Belgrano:

Sus progresos en la opinion de los pueblos fueron lentos; pero seguros. Su vasta correspondencia da una idea de sus trabajos en este sentido. A todos escribia de su puño y letra, y en sus cartas, por lo general cortas, aunque no precisas, *nunca descuidaba intercalar una linea sobre los deberes del patriotismo, difundiendo asi por el medio mas eficaz, las ideas y los sentimientos que queria inocular en los pueblos.* (MITRE, 1859, T.I. p. 246) (*Grifos meus*)

Portanto, a escrita da *Historia de Belgrano* obedece às diretrizes de intervenção deste modelo de ação política na década de 1850, em que articula no espaço público uma ação propositiva, no intuito de criar parâmetros para a condução pública e ao mesmo tempo, reabilitar uma tradição política e nacional. Ao projetar um espaço público na biografia de Belgrano, Mitre realiza uma definição daquilo que entende como ação, em um sentido estritamente político. Estabelece, assim, as regras do jogo. Estas regras são elucidadas, também, pela atuação do escritor público em sua perspectiva bélica a partir de suas proposições éticas. Desta forma, a ascensão da opinião pública como um ator no desenvolvimento da trama narrativa da biografia releva as condições de possibilidade da própria ação no presente, em suas características plurais e operativas.

3.3 O corolário de Sarmiento: continuidades da ação

Dizíamos que toda aparência é percebida por uma pluralidade de espectadores. A aparência exige uma intencionalidade em que o ato de aparecer pressupõe alguém que o perceba e, desta forma, constitua a realidade objetiva do mundo.²⁸³ Nesse sentido, o *Corolario* de Domingos Faustino Sarmiento constitui peça fundamental para entendermos o alcance da ação de Bartolomé Mitre no espaço público portenho de 1850.

²⁸² PALTÍ, Elias. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani, tercera serie, n.21, 2000. p. 75-98.

²⁸³ Segundo afirma Arendt: “aparecer significa sempre parecer para outros, e esse parecer varia de acordo com o ponto de vista e com a perspectiva dos espectadores.” ARENDT, Hannah. A vida do espírito. Trad. Antonio Abranches e Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000. p. 19.

O *Corolario* de Sarmiento está inserido como último texto do “apêndice” do segundo tomo da *Historia de Belgrano*. O capítulo “apêndice” tem como subtítulo “documentos e piezas justificativas” e basicamente vincula documentos históricos de relevância para a construção da obra de Mitre, ou seja, como complemento da obra e para que o leitor possa evidenciar a veracidade e o conteúdo da biografia.²⁸⁴ O subtítulo é adequado na medida em que podemos encontrar nesta seção documentos históricos e uma resenha crítica sobre a obra. A resenha crítica é o próprio *Corolario* de Sarmiento. Nesse sentido, como em outros dispositivos utilizados na obra, o conteúdo do apêndice trata de uma justificação da própria biografia, seja pela visibilidade dos documentos utilizados pelo autor, ou pela vinculação do texto de Sarmiento atestando, legitimando e expandindo o alcance da obra.²⁸⁵

Um aspecto interessante a destacar diz respeito ao título do texto de Sarmiento. No sumário do segundo tomo da *Historia de Belgrano*, o texto de Sarmiento é apresentado como *Corolario*. No entanto, o texto possui outro título, a saber, *Historia Del General Belgrano por El General Bartolomé Mitre*. Sobre o primeiro termo, no significado corrente da palavra datado de 1817, pela Real Academia Espanhola, encontramos que corolário diz respeito a uma “proposicion que se deduce de lo demostrado anteriormente.”²⁸⁶ Ou seja, uma consequência lógica derivada de pressuposto precedentes. O segundo termo aqui exposto converge com aquilo que seu conteúdo veicula, ou seja, uma resenha crítica da *História de Belgrano* de Mitre. Ambos os termos se interligam na medida em que procuram agir de forma propositiva na obra de Mitre, seja através de um acréscimo deduzido de proposições anteriormente expressas sob o significado de corolário, seja através da ênfase entre biógrafo e biografado, vinculado ao segundo termo. Assim, para além do mero aspecto de especulação sobre o título do *Corolario* e o título do texto, consideramos o escrito de Sarmiento ao final da *Historia de Belgrano* como um importante elemento na configuração da ação realizada pela história biográfica de Mitre.

O texto de Sarmiento, ao nosso ver, responde a duas premissas fundamentais para a performance da biografia no espaço público portenho. A primeira diz respeito a legitimidade

²⁸⁴ Assim como objetivar o propósito de salvar do esquecimento os “monumentos” da história nacional. Segundo Mitre: “En aquellos casos en que considere necesario fortalecer la certidumbre moral de que debe estar poseido el lector al recorrer estas pajinas, citaré mis autoridades, ò ilustraré el texto con algunas notas esplicativas; y colocaré al final por via de apêndice, algunos documentos inéditos, que sirvan, á la vez que para complementar el libro, para salvar del olvido esos monumentos de nuestra historia.” MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 51.

²⁸⁵ Este aspecto é, também, observável na caracterização da associação de Mitre com sociedades científicas estrangeiras e sua tentativa de legitimação a partir delas, como destacamos no segundo capítulo.

²⁸⁶ A definição data de 1817. INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN RAFAEL LAPESA DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (2013): *Mapa de diccionarios* [en línea]. < <http://web.frl.es/ntllet> > [Consulta: 04/04/2019]

que os apontamentos de Sarmiento fornecem à obra de Mitre, principalmente tendo em vista seu capital cultural no Rio da Prata. Assim, cabe lembrar que Sarmiento era uma figura solar na cidade das letras na década de 1850, sua aproximação à obra de Mitre configura uma certa notabilidade intelectual para o escritor da *Historia de Belgrano* e este aspecto corresponde aos aparatos de legitimidade que destacamos anteriormente.²⁸⁷ A segunda premissa fundamental a ser pensada a partir da intervenção de Sarmiento é postulada a partir da dimensão teórica da ação. Trata-se dos aspectos de interação entre homens, na dimensão do discurso e da aparência.

Nesse último sentido, o título do texto Sarmiento é elucidativo. Em a *Historia Del General Belgrano por El General Bartolomé Mitre*, como o próprio título indica de modo proposital, ambos os sujeitos estão relacionados através da função de general: “el vinculo que liga al héroe y al autor del drama, al general Belgrano y al general Mitre”.²⁸⁸ A relação não termina apenas no exercício público de uma função. De forma contundente, ator [Belgrano] e autor [Mitre] se vinculam na história a partir da elaboração da escrita da história. A ação realizada por Belgrano a partir dos anos da independência adquire significado no discurso e na tessitura narrativa de Mitre na década de 1850. Assim, Sarmiento realiza uma continuidade entre ações a partir dos dois sujeitos históricos envolvidos.

Desta forma, encontramos a articulação de uma continuidade histórica, argumento central do texto de Sarmiento. O principal objetivo do *Corolario*, ao nosso ver, é estabelecer uma continuidade entre passado e presente, através de fronteiras temporais bem delimitadas e organizadas. Essas fronteiras temporais dizem respeito aos marcos cronológicos específicos, como a derrocada do antigo regime colonial espanhol e a singularidade da independência em seu ideal para a liberdade política, as guerras civis após o congresso de 1816 entre as províncias, o período de consolidação institucional de cunho unitarista de Rivadavia nos anos de 1820, as guerras civis após Rivadavia e por fim, a ascensão e queda de Juan Manuel de Rosas e a emergência de Urquiza como um novo modelo de barbárie no presente.²⁸⁹ Para além dos marcos cronológicos, é possível observar uma incipiente filosofia da história no escrito de Sarmiento, que nesse sentido, constitui outro fator de fronteira temporal. Trata-se

²⁸⁷ Sobre os aspectos de legitimidade, ver segundo capítulo da presente dissertação.

²⁸⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Corolario*. In: MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 519-520.

²⁸⁹ Estes são, para Sarmiento, os principais momentos da História argentina.

do movimento pendular entre a emergência da civilização e os obstáculos produzidos pela Barbárie – um ciclo inconcluso que arrasta os problemas do passado para o presente.²⁹⁰

Sarmiento parte das conclusões da *Historia de Belgrano* para estabelecer sua própria interpretação do processo histórico argentino. O uso da história biográfica de Mitre potencializa sua interpretação de *Civilização y Barbárie*, pois confere maior densidade histórica para sua tese. Assim, os transcurros da barbárie e a efetivação da civilização se realizam a partir de uma luta social em que duas sociedades distintas se enfrentam e, conseqüentemente, disponibilizam dois movimentos históricos distintos. No entanto, este não é o aspecto ressaltado por Mitre, mas sim uma derivação interpretativa de Sarmiento.²⁹¹ Ainda sobre a relação entre Belgrano e Mitre, passado e presente, Sarmiento ressalta:

Iba la narracion de los acontecimientos históricos que se ligan a la vida del general Belgrano por donde la dejó el lector en la página 429 de este volumen, cuando el autor recibió, con las charreteras de general, la orden de acudir, abandonando *la pluma del historiador*, á contener con *la espada del soldado*, el desquicio de la República, que puso fin al noble papel de Belgrano en la guerra de la Independencia, con el alzamiento de caudillos provinciales, que desconociendo todo vinculo nacional, y encerrando su política y sus ambiciones, en los estrechos limites de la comarca que acertaban á dominar, paralizaron por tantos años la *accion colectiva* de las Provincias Unidas en la gloriosa lucha de la Independencia. *Asi la interrupcion de este libro viene á ser todavia, despues del lapso de treinta*

²⁹⁰ Esta interpretação é devedora, em grande parte, de suas conclusões de *Facundo* de 1845. Segundo Sarmiento em seu *Corolario*: “Si es ley que de lo fisico pasa á lo moral la sucesion periódica de la luz y de las tinieblas, como lo pretendia Vico: si es necesario que el crudo invierno suceda al estio para dar á los elementos orgánicos nuevas fuerzas de produccion; si hubieramos de recorrer ese ciclo que desde 1810 adelante vuelve de década en década al punto de partida, ensanchándose mas y mas en su órbita parabólica, un jénio investigador y paciente como el que ha revelado el General Mitre rehabilitaria como Tácito la memoria de los ilustres mártires de la libertad, los nuevos Belgranos oscurecidos por su propia virtud, los Rivadavias alejados voluntariamente de su patria como Licurgo, para dar á sus leyes la sancion del tiempo, los San Martines desposeidos dé sus laureles por las fuerzas desorganizadoras cuyo empuje no alcanzaron á dominar; pero en esta obra de restauracion, animaríale la consoladora perspectiva de acercarse ya al término final, pudiendo describir la marcha invasora de los principios republicanos, desde los escojidos que dirijieron con tan asombrosa prudencia la revolucion de Mayo de 1810, y la parte intelijente de las ciudades Argentinas, difundíéndolos por las armas en las otras secciones americanas, hasta hacerlos descender à las masas populares, desde las ciudades de las campañas, desde las clases cultas à las proletarias, y desde la capital a los extremos del territorio. La guerra interna de medio siglo vendria asi á ser una laboriosa preparacion de la Republica, una propaganda armada de los principios constitutivos del gobierno, experimentando las instituciones, haciéndolas pasar una à una por el crisol de la lucha, hasta obtener la sancion de la victoria. Asi los caudillos habrian sido los Viriatos de la barbárie primitiva, resistiendo la introduccion de las formas del derecho, y una civilizacion mas adelantada.” SARMIENTO, Domingo Faustino. *Corolario*. In: MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 538.

²⁹¹ Voltaremos a discutir, de forma aproximativa, as teses de Sarmiento e de Mitre adiante.

años, continuación de los sucesos que siguieron á la desaparicion de Belgrano de la escena. (SARMIENTO, Corolario. In: MITRE, 1859. T.II. p. 519)(Grifos meus)

Do exposto podemos ressaltar alguns aspectos sobre a intervenção de Sarmiento. Em primeiro lugar, podemos observar a relação intrínseca entre agir e discursar em Bartolomé Mitre. A ação em Mitre procurava estabelecer, na década de 1850, os significados abertos com a revolução de 1810 e a atuação de Belgrano neste processo, ou seja, uma continuidade histórica em que a proposição da liberdade seria o mote fundamental. Assim, para Sarmiento, a atuação de Mitre se pautava tanto na articulação do discurso via escrita da história quanto na atuação bélica do agir como general. Da “pluma del historiador” à “espada del soldado”. Em um mesmo movimento, escrever e realizar a história se condensam nas ações de Mitre. Segundo Sarmiento:

Los generales Belgrano y Mitre fueron publicistas cuando la Patria y la libertad requirieron el contingente de sus luces, y ambos abandonaron la pluma para ceñir la espada, cuando la invasion vino á llamar à las puertas de Buenos Aires ò los confines de la República. Comprenderase por estos signos de reconocimiento y afinidad porque el uno se complace en estudiar la vida y hechos del otro, y con cuanta prolijidad recoge sus pensamientos, dispersos en actas consulares, correspondencias secretas hasta hoy, proclamas, documentos públicos, y aun tradiciones orales que los han hecho llegar hasta nosotros. (SARMIENTO, Corolario. In: MITRE, 1859. T.II. p. 529)

Tanto o agir no discurso, especificamente na escrita da história, quanto o agir nos campos de batalha, assumem a mesma relevância em prol da finalidade da liberdade política. As ações de Belgrano, nesse sentido, assumem relevância no presente justamente por configurar um modelo de atuação e basear-se no objetivo comum que se revela no espaço da aparência, ou seja, a organização política da nação.

O agir pela escrita da história reafirma um significado primordial em relação ao problema comum da liberdade e da organização política do Rio da Prata. Além do aspecto de homem público, essa ação é respaldada pela dimensão de legitimidade que a escrita da história possui, a despeito de desvirtuações das ações ecoadas da tradição que vinculam um passado sem critério e sem legitimidade comprobatória:

La Historia de Belgrano, gracias a la paciente investigación del General Mitre a quien ha servido para esto ser á mas de literato, bibliófilo, militar, publicista y hombre de estado, ha revelado el hecho de que podemos, merced á la riqueza de nuestros archivos públicos, poner de pié la historia auténtica y documentada de los acontecimientos, palpitante de verdad y de vida, pues existen clasificados y ordenados los orijinales de los mas íntimos hechos, con la correspondencia de todos los Generales y diplomaticos, á mas de los actos gubernativos, por lo que es fácil corregir los errores de los mismos actores y testigos de los sucesos, y desvanecer los que venian acreditados por una constante y aceptada tradicion. (*SARMIENTO, Corolario. In: MITRE, 1859. T.II. p. 530*)

E segue, de forma incisiva:

Asi mutilada de lo supérfluo la vida de Belgrano se convierte en la Historia Argentina, cuyos diversos hechos se agrupan en torno del General que mejor ha representado su espíritu, su marcha y sus vicisitudes. (*SARMIENTO, Corolario. In: MITRE, 1859. T.II. p. 531*)

A ação de Bartolomé Mitre em sua *Historia de Belgrano*, segundo Sarmiento, constituiria um importante passo para a consolidação no presente da década de 1850 das ações passadas nos tempos da independência, principalmente através da escrita da história nacional. A história argentina, documentada de forma crítica, realizava uma operação sobre os rumos da nação, recolhendo do esquecimento e enaltecendo modos de agir e os modos de intervir nos duráveis problemas comuns do espaço público. Para Sarmiento “la Historia de Belgrano es pues una restauracion de un monumento medio sepultado ya bajo las movedizas arenas arrastradas por el Pampero [...]”²⁹² Segundo Sarmiento:

La falta de una historia de la República Argentina que como la de Belgrano muestre la unidad que la caracteriza, en medio del desorden aparente de sus actos, há sidó causa de graves males. (*SARMIENTO, Corolario. In: MITRE, 1859. T.II. p. 539*)

²⁹² SARMIENTO, Domingo Faustino. *Corolario. In: MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 228.*

O juízo sobre a obra de Mitre é erigido a partir das interpretações de Sarmiento sobre o processo histórico argentino. Desta forma, o autor de *Facundo* postula o confronto entre civilização e barbárie através de ciclos recorrentes na história argentina. Assim, Sarmiento enfatiza que a escrita da história e, mais especificamente, a *Historia de Belgrano*, balizaria um percurso histórico em fins de efetivação. Ou seja, uma unidade temporal que caracteriza uma ação precedente e uma ação no presente visando o futuro. Segundo Sarmiento:

Si quisiera conjeturarse que haria el General Mitre despues de destruido el sistema de caudillos, nosotros recomendariámos al curioso leer en la Historia de Belgrano, los trozos en que ha dejado su pensamiento propio, al describir los hechos que se ligan á la vida de su héroe. (SARMIENTO, *Corolario. In: MITRE*,1859. T.II. p. 226)

Y á este propósito viene muy oportunamente la Historia de Belgrano, escrita por el general mismo que vá á contener la última tentativa de gobierno vitalicio, y arrancar de la frente de los pueblos la vergonzosa divisa que Artigas solo impuso á sus chusmas de campecinos alzados. (SARMIENTO, *Corolario. In: MITRE*, 1859. T.II. p. 225)

Em segundo lugar, como adiantamos, podemos observar no texto de Sarmiento a evidencição do objetivo comum da teia de relação humanas, a saber, a organização nacional. Para Sarmiento, Mitre estaria agindo sobre a inquietude organizativa da república, combatendo os males estabelecidos pela barbárie e pelo caudilhismo, que desde os anos iniciais da independência, principalmente a partir de Artigas, configuraram um processo na contramão da realização da liberdade política e da unificação da nação. Para Sarmiento: “nosotros, cuan pequeños séamos hemos sido independientes, que era el punto de partida, y no hemos abandonado la empresa de nuestros mayores de constituir una República libre.”²⁹³ Esta república livre era o objetivo central a ser ainda alcançado, herdada das primeiras ações que buscavam a independência, e constituiria o problema comum na década de 1850.

As origens do problema comum se encontram na dissolução do sistema colonial. A partir da derrocada dos vínculos políticos com a metrópole e da abertura de um incipiente espaço público em que a representação política se fazia sentir. Sarmiento salienta um outro

²⁹³ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Corolario. In: MITRE*, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 543.

tipo de ação, que em sua interpretação, preconizava a barbárie. Uma ação sem objetivo deliberado e guiado por interesses pessoais:

Roto el vínculo que unia el virreinato á la metrópoli, las provincias propendieron á desligarse de la Capital, las ciudades y villas, de las cabeceras de provincia, y las campañas de las poblaciones. Vióse entonces el extraño fenómeno de masas populares arrancadas de sus hogares tan pacíficos antes, y *llevadas por un espíritu de acción casi sin objeto deliberado*, á amontonarse en bandas de ginetes, acaudilladas por el mas avisado de entre ellos, ó por ambiciosos inquietos desprendidos de los Ejércitos de la Patria, recorrer las campañas, atacar los pueblos, *pelear por el exeso de una exhuberancia de acción y de vida pública, sin plan, sin fines conocidos y sin bandera*, pues se improvisaron una divisa colorada, que nada podia significar ni como creollos, ni como españoles, sino es lo que ese color representa en las tradiciones de la humanidad, y en la infancia de los pueblos, sangre y barbarie. (SARMIENTO, *Corolario*. In: MITRE, 1859. T.II. p. 521) (*Grifos meus*)

Estas ações que preconizavam o sentido da barbárie ainda se faziam sentir no presente, estabelecendo um percurso que desviaria os verdadeiros rumos da nação, ou seja, a organização política da nação sob a perspectiva unitária. Como argumenta Sarmiento, ainda persiste o “desquicio interno de los pueblos que comienza con Artigas y Ramirez, y viene todavia labrando las entrañas de la República, aunque moderandose y tomando formas menos odiosas que las que revistió en su origen.”²⁹⁴ Sua continuação se estabelece por Rosas e por Urquiza:

Rosas vino á ser la encarnacion culminante, en su simbolo, en su pretesto, y en sus elementos de aquella descomposicion que principió campesina en Artigas; revistiéndose al andar del tiempo de formas constitucionales con Urquiza, aunque sin perder ninguno de sus caracteres distintivos, á saber: un caudillo de ginetes por gefe, el arbitrario por sistema de administracion, un trapo colorado por bandera, una provincia infeudada y esclavizada por base,

²⁹⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Corolario*. In: MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. pp. 520-521.

y la guerra y la violencia por derecho. (SARMIENTO, *Corolario. In: MITRE, 1859. T.II. p. 524*)

No entanto, a década de 1850 projetou uma perspectiva promissora para a efetivação da liberdade e da civilização articulada pelo modelo político unitário, tendo como centro a cidade de Buenos Aires. Como dito anteriormente, os confrontos entre Buenos Aires e a Confederação liderada por Urquiza em relação a organização nacional reabilitaram novas perspectivas em prol da organização nacional.²⁹⁵

[...] la federacion bárbara va acercándose á su pesar, impelida por la accion de los pueblos, á las instituciones civilizadas, y a la responsabilidad y amovilidad periódica de los mandatarios que es la muerte del caudillage, y que hará desaparecer al último de ellos en su tentativa de perpetuarse indefinidamente. (SARMIENTO, *Corolario. In: MITRE, 1859. T.II. p. 525*)

Asi el ultimo acto del sangriento drama de cuarenta años se presenta hoy bajo formas definidas. Por un lado el caudillo federal á la manera de Artigas y Ramirez que reclama la antigua capital del Vireinato como parte integrante del dominio que ha estendido del Entre-Rios á todas las otras provincias, vacantes de sus viejos caudillos, y por otro el Estado de Buenos Aires con las tradiciones y los elementos de la República argentina que acepta la union bajo las formas federativas que se han hecho orgánicas, con la sancion del tiempo; pidiendo á la federacion, para incorporársele, se depure del caudillo, del signo colorado, y de la violacion práctica de los principios fundamentales de la República que hacen todavia su esencia. (SARMIENTO, *Corolario. In: MITRE, 1859. T.II. p. 525*)

Em terceiro lugar, como ficou evidente anteriormente, Sarmiento destaca que a realização da liberdade e da unificação da nação se subscreve a partir das ações que propagaram e realizaram a independência. O processo histórico em que a barbárie e o caudilhismo se tornaram obstáculos para a realização, nesse sentido, inicia-se com os atos dos primeiros sujeitos que propagaram a independência e a liberdade política. Esta ação, com dito

²⁹⁵ Segundo Tulio Halperin Donghi, a década de 1850 postula um otimismo em relação ao futuro, devido à sua condensação de discursos e debates públicos, no qual interpretações “negativas” como as de Domingo Faustino Sarmiento cediam lugar a novas articulações públicas do passado, como as representações de uma futura nação reunificada e unida em prol de um futuro comum. HALPERIN DONGHI, Tulio. "Mitre y la Formulación de una Historia Nacional para la Argentina". En: Anuario IEHS, Taldil, N. 11, 1996. p. 59.

anteriormente, ainda não fora realizada no presente de 1850. Assim, emerge a necessidade por uma história que compreenda esse processo e que balize as novas ações no sentido específico da civilização e da liberdade, ou seja, em uma perspectiva cuja organização política seja a organização unitária da nação. O sentido da organização nacional apenas seria efetivado na vinculação de todas as províncias, desta forma, a organização nacional era um pressuposto para a efetivação do percurso histórico pautado na ideia de civilização; que fora, desde o princípio, impedido pelo transcurso da barbárie e seus caudilhosismos. Segue Sarmiento:

Es que la revolucion que *nos arrastra* y de que *somos á la vez agentes* va incorporando cada día nuevos elementos orgánicos, y difundiendo las buenas ideas sobre mayor masa de hombres. La nacionalidad estuvo casi exclusivamente representada durante la guerra de la Independencia por Buenos Aires, las Provinciasde Cuyo, Salta y Tucuman que la sostubieron, habiendo los caudillos sustraído sucesivamente á las otras de toda participacion en tan sagrado objeto. (SARMIENTO, *Corolario*. In: MITRE, 1859. T.II. p. 539) (*Grifos Meus*)

Portanto, o texto de Sarmiento postula uma continuidade histórica em que a efetivação da ação no presente tem como pressuposto a ação dos homens do passado em prol da independência. Os mesmos problemas comuns que emergem no espaço de aparência são herdados do passado e ressignificados no presente, cujo os principais objetivos ainda se fazem necessário: o agir e intervir para sua realização. Ou seja, “la misma unidad de propósito en la sociedade que entonces revive hoy”.²⁹⁶ Presente e passado são assumidos e relacionados de modo explícito no texto de Sarmiento. Como o autor de Facundo ressalta: “todo es análogo en la época presente á la época de Belgrano, y cada uno se siente artífice de la misma obra que llenó los dias todos de la vida de aquel simple y buen ciudadano”.²⁹⁷

Desta forma, o texto de Sarmiento assume relevância na medida em que procura agir sobre a própria ação de Mitre. Ou seja, a resenha de Sarmiento realiza uma interpretação histórica tendo por base a *Historia de Belgrano* de Mitre. Mais do que apenas enumerar os fatores e argumentos que compõe a obra, suas qualidades e méritos, Sarmiento vincula um sentido histórico que transcende as linhas da própria história biográfica de Mitre.

²⁹⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Corolario*. In: MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano*. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859. p. 229.

²⁹⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Corolario*. *Op. Cit.* p. 229.

Nesse sentido, a título de exemplo, o conflito entre civilização e barbárie, tido como central na interpretação de Sarmiento, não possui a mesma relevância na obra de Mitre. Em Mitre, a interpretação histórica se pauta a partir das ações dos sujeitos em sua efetiva prática política. A nação no processo histórico balizado por Mitre é resultado de ações dos próprios indivíduos e se localiza em fins do período colonial. A realização deste processo se evidencia na constituição da unificação nacional sob o marco institucional do Estado liberal. Em Sarmiento, o processo histórico se evidencia a partir do antagonismo de forças socioculturais. Assim, em Sarmiento existe um aspecto negativo no que concerne ao *telos* subjacente ao processo histórico. Ao constituir a história como um processo antagônico entre forças sociais distintas, a possibilidade de fracasso da ascensão da civilização está sempre em evidência. Ao contrário de Mitre que preconiza o futuro brilhante das instituições na ascensão da liberdade política, principalmente pelo aspecto da liberdade econômica provinda da província de Buenos Aires.²⁹⁸ Não é fortuito que Sarmiento termine seu texto com um tom de imprevisibilidade:

He aqui por donde vá al presente la noble historia argentina, esta Musa que no ha escrito en sus tablas de bronce, sino los hechos que halló envueltos en sangre al día siguiente de una batalla. (SARMIENTO, *Corolario*. In: MITRE, 1859. T.II. p. 546)

E termina seu corolário:

Hoy día está sentada á la márgen del Plata, con la punta de su cincel elevado en ademan contemplativo, y los ojos fijos en el horizonte, para escribir, segun lo dicten los sucesos “cuarenta años mas de guerra,” ó bien la paz fundada en instituciones, la República triunfante, la libertad hasta los Andes, Salta y Paraguay. (SARMIENTO, *Corolario*. In: MITRE, 1859. T.II. p. 546) (*Grifos Meus*)

A despeito do contraste aproximativo entre as interpretações históricas em Mitre e Sarmiento, que não se configuram como objetivos principais em nossa reflexão, ressaltamos as implicações dos atos interpretativos aqui mobilizados. Ou seja, a constituição do próprio espaço de aparência e as questões que se inserem no espaço público.

²⁹⁸ HALPERIN DONGHI, Tulio. "Mitre y la Formulación de una Historia Nacional para la Argentina". En: Anuario IEHS, Taldil, N. 11, 1996.

Ao realizar uma interpretação histórica com base na *Historia de Belgrano* de Mitre, Sarmiento propõe uma relevância fundamental à obra. Mais do que legitimação por capital cultural ou afirmativa pessoal, as assertivas de Sarmiento fazem aparecer, no sentido de emergência em um espaço de aparência, a obra de Mitre. Se vislumbra, assim, autor e obra, além da postulação da necessidade para a resolução dos objetivos comuns que compõe a teia de relações humanas. Como ressalta Sarmiento:

La vida de Belgrano tal como está escrita es, sin que el autor lo haya sospechado, la expresion de nuestra situacion actual, una aspiracion de la sociedad á impregnarse en el espiritu del héroe y una manifestacion por sus predilecciones especiales de las simpatias, deseos y propósitos del autor mismo. (*SARMIENTO, Corolario. In: MITRE, 1859. T.II. p. 526*)

Desta forma, a operatividade do texto de Sarmiento faz emergir a aparência de Mitre, justamente porque ao elucidar a ação mobilizada na *Historia de Belgrano*, confere necessariamente ao autor e à história biográfica uma determinada realidade no mundo comum. A evidenciação dos problemas comuns na teia de relações do espaço público portenho é outra peça fundamental no movimento de revelação de autor e obra. Cumpre-se, assim, todos os aspectos que embasam o espaço público, ou seja, a distinção de objetivos comuns cuja durabilidade permeia a teia de relações simbólicas preexistente, a revelação do aparecer no espaço de aparência e a relevância pública para o espaço público portenho. Eis, portanto, a importância de revelação de uma ação precedente para que novas ações se efetivem e continuem o tortuoso espaço simbólico da ação:

Pero llega la época en que la conciencia pública se despierta, y vuelve sus ojos al pasado para honrar el patriotismo puro, la abnegacion en la desgracia, la perseverancia en el propósito, y la lealtad á los buenos principios, en el colmo del poder, hastiada como está la opinion con el espectáculo de esos héroes de mala ley que le piden el sacrificio perdurable de sus libertades en cambio de la buena fortuna de una hora, y la noble figura de Belgrano empieza á sacudirse del polvo de olvido que la cubria y mostrarse esplendente de las dotes y virtudes que pide el pueblo, á fin de ver reflejadas en los objetos de su culto sus propias aspiraciones. (*SARMIENTO, Corolario. In: MITRE, 1859. T.II. p. 527*)

Considerações Finais

A intervenção pública de Bartolomé Mitre a partir de sua *Historia de Belgrano* de 1859 não assumiu, de imediato, caráter hegemônico nas disputas narrativas e políticas do período. Tampouco tornou-se a principal referência histórica na década de 1850. No entanto, é inegável que a intervenção realizada pela *Historia de Belgrano* foi complexa e estabilizou condições de possibilidade para se pensar e projetar o futuro. Fundamentalmente, a obra de Mitre realizou uma articulação temporal entre passado, presente e futuro.

A *Historia de Belgrano* recuperou o evento fundador da Argentina moderna, a revolução de 1810. A narração de Mitre inicia-se no fim século XVIII, nos últimos anos do regime colonial espanhol e finda após a independência Argentina, efetivada em 1816. Como ressaltou o próprio autor, “el argumento del libro, es el desarrollo de la idea de independencia, desde sus origenes á fines del siglo pasado, hasta la descomposicion del sistema colonial en 1820”. Desta forma, o que Mitre efetivamente demarcou foi uma fronteira temporal – estabeleceu os limites entre o regime colonial e a nova era republicana. Com a demarcação de fronteiras temporais no plano político, determinou, ainda, uma qualidade temporal específica ao novo arranjo republicano. Mitre imputou uma concepção temporal baseada no progressivo desenvolvimento da liberdade política como fator principal de desenvolvimento social e humano. Nesse sentido, abriam-se as condições de comparação com outras nações, principalmente no ato de medir o próprio grau de desenvolvimento em relação às outras nações “civilizadas”, os países europeus. A Argentina estaria, enfim, na grande corrida preconizada pela ideia de progresso do século XIX.

A *Historia de Belgrano* realiza um diagnóstico e um prognóstico na década de 1850. Determina as causas dos problemas presentes, ressaltando os empecilhos para a organização nacional – os movimentos centrífugos de cunho federalistas e a emergência de desvios do curso da liberdade política. O resultado é a postulação de uma política de cunho nacional centralista, cujo princípio patriótico, republicano e democrático era assumido pela liderança de Buenos Aires. Este era o projeto de nação na *Historia de Belgrano*. O prognóstico era a unificação nacional sob o ideal do liberalismo político.

O conflito narrativo da década de 1850 e as múltiplas perspectivas sobre os modos de organização nacional possível neste período foram o que efetivamente impulsionou a interpretação de Mitre. A disputa de narrativas históricas fomentou um intenso debate público sobre o passado, delimitando perspectivas políticas. Fundamentalmente, a ação de Mitre foi

política e histórica. Intervir no espaço público portenho no contexto de secessão de Buenos Aires e em meio aos conflitos de organização nacional requereria uma abordagem histórica que condensasse uma posição política, principalmente na visibilidade de uma tradição e a articulação de um projeto. Na *Historia de Belgrano*, a tradição centralista assumida pela figura de Belgrano foi a perspectiva escolhida. No mesmo sentido, o projeto de nação pautado no ideal político de liberdade e assumido pela centralidade da cidade de Buenos Aires completou as duas dimensões necessárias para a efetivação de um relato histórico que visava intervir politicamente. Portanto, a obra de Mitre de 1859 estabeleceu uma síntese histórica criando, assim, condições para orientações existenciais e políticas para a nação.

Nesse sentido, quais são as bases públicas sobre o passado mobilizados pela narrativa da *Historia de Belgrano*? Quais as principais relações entre história, biografia e espaço público vertidos na história biográfica de Bartolomé Mitre?

No que concerne aos significados públicos da *Historia de Belgrano*, em primeiro lugar, ressaltamos os aspectos conceituais vertidos na obra de Mitre. A articulação do conceito fundamental de liberdade foi o eixo central de construção da narrativa mitreana. Com diversas gradações, a liberdade foi assumida como preceito fundamental ao corpo social. A liberdade política e a liberdade no plano econômico tornaram-se os pilares de construção da narrativa da *Historia de Belgrano*. A concepção política republicana, a partir dos princípios democráticos, postulou um processo histórico inequívoco para a nação argentina, consolidando uma perspectiva política à década de 1850. O liberalismo econômico foi eleito como o grande motor deste processo e foi ressaltado como símbolo da civilização. Ambos, orquestrados em conjunto, seriam os fundamentos para o progresso das letras, da cultura e da sociedade argentina. De fato, é na perspectiva liberal assumida por Mitre que podemos encontrar as bases públicas sobre o passado mobilizado pelo autor no espaço público portenho. Desta forma, no intuito de potencializar a interpretação pública do sentido da liberdade, há na obra de Mitre a postulação de conceitos opostos, assumida a partir da tirania e da barbárie. Este movimento antitético e assimétrico realça um sentido pejorativo em relação à liberdade e assume conotações no que se refere a Justo José de Urquiza, presidente da Confederação argentina na década de 1850.

Em segundo lugar, a mobilização pública da interpretação histórica de Mitre é reforçada por sua especificidade epistemológica. No contexto bélico de articulações narrativas sobre o passado, o recurso epistêmico inaugurou um novo modo para a sustentação de autoridade e legitimidade, estabelecendo parâmetros e qualificando a elaboração do debate

histórico a partir de uma configuração epistemológica. Aqui, o recurso às fontes históricas delimita a potencialidade interpretativa, a despeito de memórias e narrativas biográficas sobre o evento revolucionário. Assim, a condição de verdade é realocada para a própria construção da narrativa histórica, esvaziando de autoridade o ato de ver e ouvir, privilégio dos sujeitos participantes do evento revolucionário. Evidentemente, esta alocação só é possível devido à distância temporal que separa os eventos de 1810 da década de 1850, momento em que muitos dos personagens da revolução já não estavam vivos. Portanto, o recurso epistêmico configura a possibilidade de prova e julgamento sobre as proposições do passado histórico, baseados na concepção de crítica histórica. Este aspecto fomenta a articulação pública da interpretação mitreana.

Nesse sentido, é na configuração dos conceitos fundamentais antitéticos e assimétricos e na proposição epistêmica da *Historia de Belgrano* que evidenciamos a história biográfica de Mitre como uma proposta historiográfica. O que se efetiva é a postulação de um sentido histórico e a realização de uma normativa em relação à construção deste conhecimento. Ao privilegiar determinados marcos temporais, ressaltar sujeitos e eventos, delimitar um espaço de atuação, e, ainda, postular temporalidades à nação, a ação de Mitre configura-se como historiografia na medida em que opera uma ressignificação das ações passadas no presente. Mesmo compreendendo que o campo discursivo da história ainda esteja estritamente relacionado ao campo político e cultural, estes fatores na narrativa de Mitre irão estabelecer, de forma incipiente, as regras para a construção da narrativa histórica. Trata-se de uma inovação nos modos de relatar o passado histórico. Assim, esta proposta historiográfica seria responsável por estabelecer as bases públicas do passado no espaço público portenho da década de 1850.

Sobre as relações entre história, biografia e espaço público na *Historia de Belgrano*, há que destacar suas complementariedades. Se por um lado a biografia torna-se um recurso heurístico para a narrativa histórica, por outro, a dimensão individual é o que potencializa o sentido desta narrativa, configurando um percurso histórico inevitável. A história é atestada pela condição individual e seu sentido é afirmado na individualidade do biografado. A prescrição de valores patrióticos e republicanos é o que afirma o sentido histórico. No entanto, a potência de sua interpretação se encontra justamente na articulação destes sentidos no espaço público, destinadas aos leitores ideais da obra.

Assim, é na repercussão da *Historia de Belgrano*, no estabelecimento de seu sentido histórico no espaço público, que evidenciamos a ação operada pela narrativa da vida de

Belgrano. Trata-se da imputação de um sentido histórico no espaço público – uma ação historiográfica. Em outras palavras, o *ethos* historiográfico em Mitre é o que determina fundamentalmente a relação entre biografia, história e espaço público. Um dever público em face à construção da nação. O patriotismo é assumido pela forma biográfica e afirmado na dimensão epistêmica do relato histórico, e o sentido da história em Mitre é articulado de forma pragmática no presente, servindo à organização nacional a partir dos projetos políticos mobilizados na narrativa. Portanto, é na dimensão propositiva da ação que encontramos o mote central da relação entre biografia, história e espaço público.

O objetivo desta dissertação foi analisar os modos de articulação da experiência da história no espaço público portenho, a partir da análise sobre as especificidades da *Historia de Belgrano* de Bartolomé Mitre. Nesse sentido, indagamos sobre como a segunda edição de 1859 propôs um sentido histórico no intuito de fornecer bases públicas sobre o passado para a organização nacional.

A organização da dissertação obedeceu a uma escolha temática provinda da delimitação de nosso objeto. Ao perguntarmos sobre a articulação da experiência da história através da história biográfica de Mitre, realizamos um percurso que tentou demonstrar as dimensões constitutivas e operativas da obra. Ao realçar os conceitos fundamentais, antitéticos e assimétricos, assim como o sentido histórico e as tensões da anatomia teórica da biografia de Mitre, percebemos que ambos os elementos – constitutivos e operativos –, de certa forma, são permeados pela necessidade de intervenção ética no espaço público no intuito de intervir politicamente. Assume-se, assim, que a *Historia de Belgrano* configurou-se como uma ação de ressignificação e de uma nova ação no sentido proposto por Hannah Arendt.

Dito isto, cabe destacar os limites de nossa interpretação e sua contribuição analítica sobre a história da historiografia argentina. É evidente que as proposições desta dissertação remetem apenas à *Historia de Belgrano* e que uma interpretação geral do fenômeno historiográfico na primeira metade e do século XIX exigiria um maior escopo de análise e um amplo recorte temporal. No entanto, nossas considerações são pertinentes na medida em que podemos vislumbrar novas perspectivas analíticas sobre a construção historiográfica do oitocentos e ampliar o entendimento do conceito de historiografia, se desvencilhando, em alguma medida, do relato genealógico na nação como historiografia *tout court*.

Assim, há que considerar outros modos de compreensão historiográfica, principalmente se entendermos o fenômeno historiográfico a partir de uma perspectiva que entenda a produção/emergência do tempo histórico como sua identidade. Como ressalta

Valdei Lopes de Araujo: “as condições que prefiguram a escrita da história não são apenas condições historiográficas, mas são também ontológico-existenciais.”²⁹⁹

Portanto, acreditamos que as análises desta dissertação representam uma contribuição para o entendimento do fenômeno historiográfico na década de 1850, principalmente no que concerne ao acúmulo da experiência da história fomentado desde o início do século XIX. A história da historiografia – como análise das condições temporais, éticas e políticas sobre a produção historiográfica – tem muito a contribuir para o entendimento da construção de histórias ou relatos históricos e das ações dos historiadores. Desta forma, “Vidas em ação: biografia e história na *Historia de Belgrano (1859)* de Bartolomé Mitre” torna-se uma contribuição para pensarmos os múltiplos modos de articulação do conhecimento histórico no espaço público. Como destaca o historiador José Alves de Freitas Neto: “a história global e linear de Mitre é conhecida; desafiador é reconhecer descontinuidades, fragmentos e silêncios de uma história que é apreendida pelas pessoas de forma muito diversa daquilo que registram os livros.”³⁰⁰

²⁹⁹ ARAUJO, Valdei Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. História da Historiografia, n. 12, p.34–44, 2013.

³⁰⁰ FREITAS NETO, José Alves de. As Histórias de Mitre: a Argentina e seus outros. In: Marcia Naxara; Izabel Andrade Marson. (Org.). Figurações do Outro na História. Uberlândia: EDUFU, 2009, v. 1, p. 408.

Referências Bibliográficas

Fonte primária:

MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Tomo I e II. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859.

Fontes secundarias:

MITRE, Bartolomé. Apoteosis de Rivadavia. In: DONGHI, T. H. (org.). Proyecto y construcción de una nación (1846-1880). Buenos Aires: Ariel, 1995. p. 202-206.

_____. Bibliografía. Organización del crédito. Censura previa. *Los Debates*, 22 de mayo de 1852. In: DONGHI, Tulio Halperin. Proyecto y Construcción de una Nación. Argentina, 1848-1880. Biblioteca Ayacucho, 1984.

_____. Instituto histórico y Geográfico. Discurso pronunciado en la biblioteca pública con el objeto de promover a la asociación. 3 de Setiembre de 1854. In: Arengas de Bartolomé Mitre. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, 1889.

_____. "Introducción"; "Biografía del General Belgrano" En: MITRE, Bartolomé; SARMIENTO, Domingo F; GUTIÉRREZ, Juan M; FRÍAS, Félix; DOMÍNGUEZ, Luis; ÁLVAREZ Y THOMAS, Ignacio. E et. al. Galería de Celebridades Argentinas – Biografías de los personajes más notables del Río de la Plata. Buenos Aires: Librería de la Victoria, Imprenta Americana, 1857. p.1-3; p.37-116.

_____. Profesión de fé. *Los Debates*, 1 de abril de 1852. In: DONGHI, Tulio Halperin. Proyecto y Construcción de una Nación. Argentina, 1848-1880. Biblioteca Ayacucho, 1984. p. 175.

_____. "Una nación preexistente". Congreso Constituyente de la provincia de Buenos Aires. 4 de marzo de 1854. In: TITTO, Ricardo. (Comp.) El Pensamiento de Bartolomé Mitre y los Liberales. Buenos Aires: El Ateneo, 2009. p. 53-57

Bibliografía:

ALBERDI, J.B. La Revolución de Mayo. Crónica Dramática. 1839.

ALCIDES, Sérgio. Estes penhascos. Cláudio Manuel da Costa e a paisagem das Minas (1753-1773). São Paulo: Hucitec, 2003.

ALONSO, Paula. Introducción. In: ALONSO, Paula (compiladora). Construcciones impresas: panfletos, diarios y revistas en la formación de los Estados nacionales en América Latina, 1820-1920. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

ALTAMIRANO, Carlos y Sarlo, Beatriz. Ensayos argentinos. De Sarmiento a la Vanguardia. Buenos Aires: Ariel, 1997.

ALTAMIRANO, C. Idéias para um programa de História intelectual. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v.19, n.1.2007.

ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989.

ARAUJO, V; RAMOS, A. A emergência de um ponto de vista cosmopolita: a experiência da história de Portugal na Universal History. Almanack, n.10. 2015. p. 465-491.

ARAUJO, Valdei L. de; GIANEZ, Bruno. A emergência do discurso histórico na crônica de Fernão Lopes. Fenix: Rev. de História e Estudos Culturais, junho de 2006, vol. 3, ano 3, n. 2. pp. 1-20.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. Cairu e a emergência da consciência historiográfica no Brasil (1808-1830). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira, et. all. (Orgs.) Estudos da Historiografia Brasileira. Rio de Janeiro: FGV & FAPERJ, 2011.p. 75-92.

_____. História da historiografia como analítica da historicidade. História da Historiografia, n. 12, 2013. p.34-44.

_____. Historiografia, nação e os regimes de autonomia na vida letrada no Império do Brasil. Varia História, Belo Horizonte, vol.31, n.56. 2015. p. 365-400.

_____. Observando a observação: sobre a descoberta do clima histórico e a emergência do cronótopo historicista. In: CARVALHO, J. M. & CAMPOS, A. P. Perspectivas da Cidadania no Brasil Império. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2009.

_____. O século XIX no contexto da redemocratização brasileira: a escrita da história oitocentista, balanço e desafios. In: OLIVEIRA, Maria da Glória de e ARAÚJO, Valdei L. de. (org.) Disputas pelo passado: história e historiadores no Império do Brasil. Ouro Preto/MG: Edufop/PPGHIS, 2012.

_____. Sobre a permanência da expressão historia magistra vitae no século XIX brasileiro. In: Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão. (Org.) Fernando Nicolazzi, Helena Miranda Mollo, Valdei Lopes de Araujo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

_____. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. Lócus, Juiz de Fora, V. 12, p. 79-94, 2006.

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. A vida do espírito. Trad. Antônio Abranches e Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

_____. Entre o passado e o futuro. 7ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2011.

AVELAR, A. S. Escrita da história, escrita biográfica: das possibilidades de sentido. In: Alexandre Avelar e Benito Schimidt (Org.) Grafia da vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 65-80.

AVELAR, A; FARIA, D; PEREIRA, M. (org.) Contribuições sobre à história intelectual do Brasil republicano. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BEVERNAGE, Berber; LORENZ, Chris. (Org.) Breaking up Time – Negotiating the Borders between Present, Past and Future. Vandenhoeck & Ruprecht, 2013.

BONAUDO, Marta (Org.). Nueva historia argentina: liberalismo, estado y orden burgues (1852-1880). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999.

BOTANA, Natalio. La tradición republicana. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1984.

BUCHBINDER, Pablo. La historiografía rioplatense y el problema de los orígenes de la nación. Cuadernos del CLAEH, n. 69. Montevideo: CLAEH, 2a serie, año 19, 1994.

_____. Vínculos privados, instituciones públicas y reglas profesionales en los orígenes de la historiografía argentina. Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana "Dr. Emilio Ravignani", Serie 3, 1996. p. 59-82.

CARBIA, Rómulo. Historia Crítica de la Historiografía Argentina. Buenos Aires: Coni, 1940.

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. Topoi, Rio de Janeiro, n.1, pp. 123-152, 2000.

CATROGA, Fernando. Pátria, Nação. Em: NAXARA, Marcia; CAMILOTTI, Virginia, (org.) Conceitos e linguagens: construções identitárias. São Paulo: Intermeios; Capes, 2003, p. 15-31.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. Métis: história & cultura, v.2, n.3, jan.-jun. 2003, p.73-94.

CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.). Práticas da leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 231-253.

CHATTERJEE, Partha. Comunidade imaginada por quem? In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 227-238.

CHIARAMONTE, José Carlos. Ciudades, provincias, Estados: orígenes de la Nación Argentina (1800-1846). Buenos Aires: Ariel, 1997.

_____. El mito de los orígenes en la historiografía latinoamericana. Cuadernos del Instituto Ravignani, n. 2. Buenos Aires: Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani, 1991.

_____. El problema de los orígenes de los estados hispanoamericanos en la historiografía reciente y el caso del Río de la Plata. Anos 90. Revista do curso de pós-graduação em História. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 1, p. 49-83, 1993.

CRESPO, Horácio. El erudito coleccionista y los orígenes del americanismo. In: ALTAMIRANO, C. (Dir.) Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz, 2008. p.290-311.

DE MARCO, Miguel Ángel. Bartolomé Mitre. Buenos Aires: Emecé, 2004.

DEVOTO, F. e PAGANO, N. Historia de La Historiografía Argentina. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

DEVOTO, Fernando, “La construcción del relato de los orígenes en Argentina, Brasil y Uruguay: las historias nacionales de Varnhagen, Mitre y Bauzá”. In ALTAMIRANO, Carlos (Director). Historia de los intelectuales en América Latina. I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires, Katz Editores, 2008. p. 269-289.

DI MEGLIO, Gabriel. República. Argentina – Rio de la Plata. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. pp. 1270-1281.

DIAS DUARTE, João de Azevedo. Tempo e crise na teoria da modernidade de Reinhart Koselleck. História da Historiografia. Ouro preto. N.8. 2012. p. 70-90.

DONGHI, T. H. Una nación para el desierto argentino. Introducción. In: DONGHI, T. H. (org.) Proyecto y construcción de una nación (1846-1880). Buenos Aires: Ariel, 1995.

DOSSE, F. A idade Heroica. In: O Desafio Biográfico: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 55-122.

EUJANIAN, Alejandro. El pasado en el péndulo de la política. Rosas, la provincia y la nación en el debate político de Buenos Aires, 1852-1861. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, Bernal, 2015.

EUJANIAN, Alejandro. El surgimiento de la crítica. in: CATTARUZZA, Alejandro; EUJANIAN, Alejandro. Políticas de la Historia. Argentina 1860-1960. Buenos Aires: Alianza, 2003.

EUJANIAN, Alejandro. La Nación, la historia y sus usos en el estado de Buenos Aires, 1852-1861. Anuario IEHS 27, 2012. p. 57-83.

FERES JÚNIOR, João. El concepto de américa: ¿concepto básico o contraconcepto? In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014.

FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. Tomo II, en 10 vols.

FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Liberalismos nacientes en el atlántico iberoamericano: “liberal” como concepto y como identidad política, 1750-1850. In: FERNÁNDEZ

SEBASTIÁN, Javier. (dir.). Dicionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. 8a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRASER, N. "Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy". In: Craig Calhoun (org.) Habermas and the Public Sphere, Cambridge, MA, MIT Press, 1996.

FREITAS NETO, José Alves de. As Histórias de Mitre: a Argentina e seus outros. In: Marcia Naxara; Izabel Andrade Marson. (Org.). Figurações do Outro na História. Uberlândia: EDUFU, 2009, v. 1, p. 389-410.

_____. Mitre e a edificação de um patrimônio historiográfico argentino. História da Historiografia, n. 7, p. 78-93, 2011.

GOLDMAN, Noemí. (dir.) Lenguaje y revolución: conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850. Buenos Aires: Prometeo, 2010.

GOLDMAN, Noema (Org.) Nueva historia argentina: Revolución, República y Confederación (1806-1852). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999.

GONZÁLEZ BERNALDO, Pilar. Civilidad y política en los orígenes de la Nación Argentina: las sociabilidades en Buenos Aires (1829-1862). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

GUERRA, François-Xavier. Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Sobre a história da historiografia brasileira como campo de estudos e reflexões. In: NEVES, Lúcia M. Bastos Pereira et. al. Estudos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, pp.19-35.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. Topoi, Rio de Janeiro, p. 184- 200. 2002.

_____. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. Rio de Janeiro, Estudos Históricos 1(1) 1988, p.5-27.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Cascatas de modernidade. In: Modernização dos Sentidos. São Paulo: Editora 34, 1998.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALPERIN DONGHI, Tulio. "Mitre y la Formulación de una Historia Nacional para la Argentina". En: Anuario IEHS, Taldil, N. 11, 1996.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Filosofia da História. 2ª edição. Brasília: Editora da UnB, 1999.

HOFFM, Stefan-Ludwig. Koselleck, Arendt, and the Anthropology of Historical Experience. *History and Theory* 49 (May 2010), p. 212-236.

HOSIASSON, Laura Janina. O prazer da leitura em Facundo. *Novos estud. CEBRAP*, São Paulo, n. 89, p. 183-192, Mar. 2011.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

_____. *O conceito de história*. Trad. René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LETTIERI, Alberto. *La construcción de la república de la opinión: Buenos Aires frente al interior*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

_____. “La Republica de la Opinión”. *Poder político y sociedad civil de Buenos Aires entre 1852 y 1861*. *Revista Indias*, 1997, vol. LVII, n. 210. p. 445-510.

LEVENE, Ricardo. *Las ideas históricas de Mitre*. Buenos Aires, Institución Mitre, 1948.

LOMNÉ, Georges. De la república y otras repúblicas: la regeneración de un concepto. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. (dir.). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. pp. 1253-1269.

LORAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAIS, Adauto (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LORIGA, S. La escritura biográfica y la escritura de la historia em el siglo XIX y XX. *Anuario IEHS* 27 (2012), p. 163-186.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOSENKANN, Cristiana. A esfera pública habermasiana, seus principais críticos e as possibilidades do uso deste conceito no contexto brasileiro. *Pensamento Plural*. Pelotas, janeiro/junho 2009. P. 37-57.

MÄDER, Maria Elisa. “Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX”. *História Unisinos* 12.3, 2008, p. 263-270.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *História antiga e o antiquário*. Anos 90, Porto Alegre, v. 21, n. 39. jul. 2014. p. 19-76.

NAXARA, M. R. C. O (des)conhecimento do outro: pensando o provinciano. En: MARSON, I; NAXARA, M. (Org.) *Sobre a Humilhação. Sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia, EDUFU, 2005. p. 349-361.

_____. Sobre o campo e a cidade – olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Campinas, SP: 1999. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de filosofia e Ciências Humanas.

NAXARA, Marcia; CAMILOTTI, Virginia, (org.) Conceitos e linguagens: construções identitárias. São Paulo: Intermeios; Capes, 2003.

NICOLAZZI, Fernando. História da historiografia e temporalidades: notas sobre *tradição e inovação* na história intelectual. Almanack. Guarulhos, n.07, p. 27-32, 1º semestre de 2014.

OLIVEIRA, José Luis. “Hannah Arendt e o sentido político da categoria da natalidade”. In: Argumentos, 3: 79-88. 2011.

OLIVEIRA, M. G. Biografia e historia magistra vitae: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista. Anos 90, Porto Alegre, v. 22, n. 42, 2015. p. 273-294.

OLIVEIRA, M. G; GONTIJO, R. Sobre a história da historiografia brasileira: um breve panorama. R. IHGB, Rio de Janeiro, a.177 (472): 13-38, jul./set. 2016.

OLIVEIRA, Suellen Mayara Peres de. A querela de Clio: as tensões e os diálogos entre os institutos históricos e geográficos do Brasil e da Região do Prata, 1838-1852. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 173(454): 115-156, jan./mar. 2012.

PALTI, Elias. El momento romántico: nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

_____. El tiempo de la política. Lenguaje e historia en el siglo XIX, Buenos Aires, Siglo XXI, 2007.

_____. Imaginacion Historica e identidad Nacional en Brasil y Argentina: un estudio comparativo". En: Revista Iberoamericana, Vol. LXII, N.174, enero-marzo, 1996. pp. 47-69.

_____. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. En: Boletim del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani, tercera serie, n.21, 2000.

_____. La nación como problema. Los historiadores y la "cuestión nacional", Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2002.

_____. La nueva historia intelectual y sus repercusiones em América Latina. História Unisinos. Vol. 11 Nº 3 - setembro/dezembro, 2007.

_____. Tres etapas de la prensa política mexicana del siglo XIX: el publicista y los orígenes del intelectual moderno. In: ALTAMIRANO, C. (Dir.) Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz, 2008.

PIMENTA, João Paulo Garrido. Estado e nação no fim dos Impérios Ibéricos no Prata (1808-1828). São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

PEREIRA, M; SANTOS, Pedro A. C dos. Mutações do conceito moderno de história? Um estudo sobre a constituição da categoria. In: Ana Rosa Cloquet da Silva; Fernando Nicolazzi; Mateus Pereira. (Org.). Contribuições à história da historiografia luso-brasileira. 1ed. São Paulo: Hucitec, 2014, v. 1, p. 15-73.

PEREIRA, Mateus; SANTOS, Pedro A. C dos; NICODEMO, T. Brazilian Historical Writing in a Global Perspective: a Study on the Emergence of the Concept of Historiography. *History and Theory*, v. 53, 2015. p. 84-104.

PHILLIPS, M. S. *On Historical Distance*. London: Yale University, 2013.

PHILLIPS, M. S. *Society and Sentiment*. New Jersey: Princeton University Press, 1997.

PODGORNY, Irina. Mercaderes del pasado: Teodoro Vilardebó, Pedro De Angelis y el comercio de huesos y documentos en el Río de la Plata, 1830-1850. *Circumscribere*. 2011. p. 29-77.

RANGEL, M. M; RODRIGUES, T. O. História e Modernidade em Hans Ulrich Gumbrecht. *Revista Redescrições – Revista online do GT de Pragmatismo* Ano 4, Número 1, 2012.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROMERO, José Luiz. “Mitre, um historiador frente al destino nacional”. In: *La experiencia argentina y otros ensayos*. Buenos Aires: Taurus, 2004.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.

SABATO, H. Ciudadanía, participación y la formación de la esfera pública en Buenos Aires, 1850-1880, en: *Entrepasados, revista de historia*. Año IV, Núm. 6, 1994.

_____. La vida pública em Buenos Aires. In: GOLDMAN, Noema (Org.) *Nueva historia argentina: Revolución, República y Confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999.

_____. La política en las calles. Entre el voto y la movilización en Buenos Aires, 1862-1880. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.

_____. “Prólogo. Disputas políticas por la construcción de la república (1850- 1880)”. In: TITTO, Ricardo de. (Comp.) *El pensamiento de Bartolomé Mitre y los liberales*. Buenos Aires: El Ateneo, 2009.

SANTOS, Evandro. *Ensaio sobre a constituição de uma ética historiográfica no Brasil oitocentista: Francisco Adolfo de Varnhagen, o historiador no tempo*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

SCHELL, Deise. Bajo los poderosos auspicios de Rosas: Pedro De Angelis e sua “Colección” de documentos históricos. *Dimensões*, v. 35, jul.-dez. 2015, p. 84-109.

_____. Colecionando documentos, escrevendo história, imaginando uma nação: Pedro De Angelis e sua operação historiográfica. *História Unisinos*. N. 18. janeiro/abril, 2014. P. 170-176.

SCHIMIDT, B. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. *História (São Paulo)* v.33, n.1, 2014. p. 124-144.

TURIN, Rodrigo. Uma nobre, difícil e útil empresa: o ethos do historiador oitocentista. *História da Historiografia*. n. 2. 2009. p. 12-28.

WASSERMAN, F. Entre Clío y la Polis: conocimiento historico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008.

_____. História intelectual: origem e abordagens. *Tempos Históricos*. v. 19, p. 63-79, 2015.

_____. La Libertad de imprenta y sus límites: prensa y poder político em el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850. *Almanack Brasiliense*. São Paulo, n.10, nov. 2009. p. 130-146.

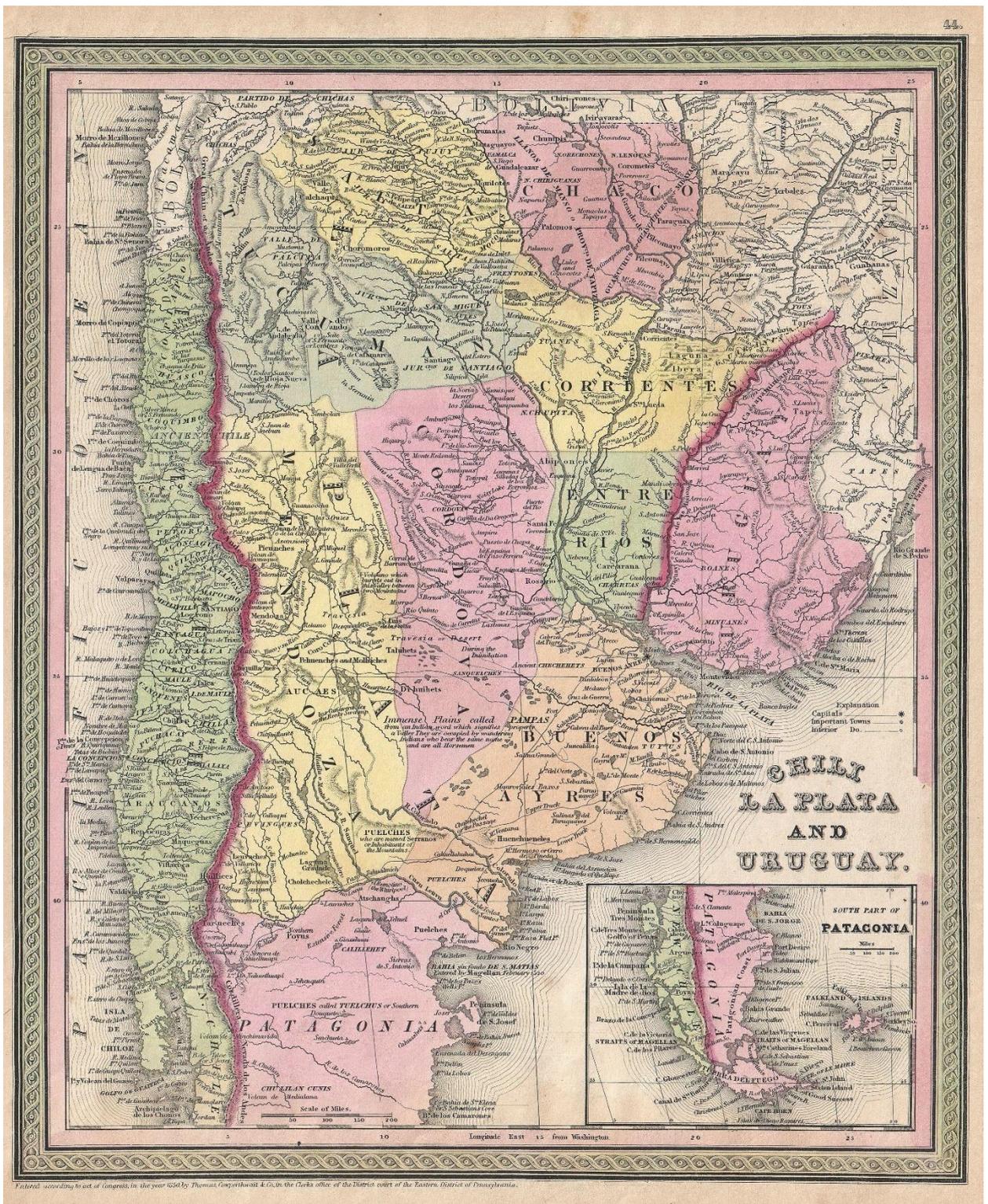
_____. Prensa, política y orden social en Buenos Aires durante la década de 1850. *Historia y Comunicación Social*. Vol. 20, n. 1, 2015.

WHITE, Hayden. *Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

_____. *The practical past*. Evanston: Northwestern University Press, 2014.

_____. O Evento modernista. *Lugar comum*. N. 5-6, pp. 191-219, 1999.

Anexos



Samuel Augustus Mitchell (1790-1868)

Chili La Plata and Uruguay – South Part of Patagonia (1853).

Retirado de: <https://www.geographicus.com/P/AntiqueMap/LaPlata-mitchell-1850>. Acesso em 15/05/2019.

Cronologia

Argentina – Rio da Prata³⁰¹

1750-1775

Gobernaciones de Pedro de Cevallos (1756-1766) y Juan José de Vértiz (1770-1777).

Expulsión de los jesuitas (1767).

Se integró a Buenos Aires dentro del sistema de correos marítimos implantado en 1767.

1776-1810 Periodo tardo-colonial: reformas Borbónicas.

1776 Creación del Virreinato del Río de la Plata.

1782 Real Ordenanza de Intendencias.

1785 Real Audiencia en Buenos Aires.

1794 Consulado en Buenos Aires.

1801-1802

Primeros periódicos: Telégrafo Mercantil, Rural, Político, Económico e Historiográfico y Semanario de Agricultura, Industria y Comercio.

1806 Primera invasión inglesa. Militarización de la ciudad.

1807 Segunda invasión inglesa.

1809 Llegada de Cisneros como nuevo virrey designado por la Junta Central. Movimientos juntistas de Chuquisaca y La Paz. Reglamento provisorio que autoriza el comercio con los ingleses. Creación del Correo de Comercio.

1810-1820

Revolución y Guerra de Independencia. Primeros gobiernos provisionales. Declaración de la independencia y debates por la forma de gobierno. Artigas y la Liga de los Pueblos Libres.

1810 Formación de la Primera Junta de gobierno en Buenos Aires. Desconocimiento del Consejo de Regencia. Envío de expediciones militares al interior (Paraguay–Alto Perú). Creación de la Gaceta de Buenos Aires. Formación de la Junta Grande.

1811 Creación del Primer Triunvirato. Estatuto Provisional de 1811. Levantamiento de la campaña oriental liderada por José G. Artigas que se adhiere al gobierno provisional de

³⁰¹ Cronologia retirada da obra: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales. Universidad del País Vasco, 2014. Tomo II, en 10 vols. pp. 1383-1386.

Buenos Aires. Fracaso de la expedición al Paraguay. Enfrentamiento entre los sectores radical (morenistas) y moderado (saavedristas) de la revolución.

1812 El grupo morenista organiza la Sociedad Patriótica. Llegada de José de San Martín y Carlos de Alvear a Buenos Aires y creación de la Logia Lautaro. Segundo Triunvirato.

1813 Asamblea General Constituyente. En la fórmula de su juramento queda excluida la fidelidad a Fernando VII. Los diputados artiguistas presentan las Instrucciones a la Asamblea, que constituyen una propuesta clara de organización confederal de las provincias del Río de la Plata.

1814 Creación del Directorio. Artigas conforma la “Liga de los Pueblos Libres”.

1815 Estatuto Provisional.

1816 Congreso de Tucumán: Declaración de la Independencia.

1817 Traslado del Congreso a Buenos Aires. Reglamento Provisorio de 1817. Campañas de San Martín.

1819 Constitución centralista rechazada por las provincias del litoral (Entre Ríos y Santa Fe).

1820 Batalla de Cepeda: tropas milicianas comandadas por los caudillos Estanislao López (Santa Fe) y Francisco Ramírez (Entre Ríos) exigen la disolución del Congreso. Caída del Directorio y disolución del Congreso Constituyente.

1820-1829

Formación de los Estados Provinciales Autónomos. Las provincias dictan sus propias leyes y reglamentos para regular la vida política, social y económica de los territorios que quedan bajo su soberanía. En Buenos Aires se inicia un periodo de importantes reformas denominado “feliz experiencia”. Expansión de la prensa periódica. Guerra con el Brasil. Congreso Constituyente 1824-1827.

1820 Creación de Legislaturas provinciales. La Sala de Representantes de Buenos Aires nombra a Martín Rodríguez como gobernador. Artigas es derrotado por los portugueses (Tacuarembó) y se exilia en Paraguay.

1821 Buenos Aires: “Partido del Orden”. Ley electoral. Reformas rivadavianas. Anexión de la Banda Oriental como provincia Cisplatina al Imperio luso-brasileño.

1824 Propuesta británica para la firma de un tratado de amistad, comercio y reconocimiento de la independencia. Convocatoria al Congreso General Constituyente. Surge

un grupo de oposición al entonces llamado Partido del Orden, organizado por los líderes federales Manuel Dorrego y Manuel Moreno.

1825 El Congreso Constituyente dicta la Ley Fundamental. Tratado de Amistad, Comercio y Navegación con Gran Bretaña. Declaración de guerra del Brasil.

1826 Ley de Presidencia (Rivadavia). Divisiones en el seno del Congreso entre unitarios y federales. Constitución unitaria.

1828 Manuel Dorrego, jefe del partido federal porteño, es elegido gobernador de la provincia. Se disolvió el Congreso Constituyente. Firma de la paz con Brasil. Revolución del General Lavalle.

1829-1852

La confederación. Gobierno de Juan Manuel de Rosas en la Provincia de Buenos Aires. División del “partido” federal porteño. Las facultades extraordinarias y la suma del poder público. Guerras civiles. El movimiento romántico. Los bloqueos francés y británico al puerto de Buenos Aires. La alianza federal antirosista.

1829 Rosas derrota a Lavalle. Juan Manuel de Rosas es elegido gobernador de la provincia de Buenos Aires con facultades extraordinarias.

1830 Liga del Interior (unitaria) formada por las provincias de Salta, Catamarca, La Rioja, San Juan, Mendoza, San Luis, Santiago del Estero, Tucumán y Córdoba. Enfrentamientos militares con el bloque de provincias del Litoral (Buenos Aires, Santa Fe, Entre Ríos y Corrientes).

1831 Derrota de la Liga del Interior. Pacto Federal.

1832 Rosas rechaza la reelección porque no se le otorgan las facultades extraordinarias. La Sala de Representantes designa gobernador a Juan Ramón Balcarce.

1833 Campaña del desierto de Rosas. División del partido federal porteño: federales “cismáticos” opuestos a Rosas y federales “apostólicos”, rosistas. Revolución de los Restauradores. Renuncia de Balcarce. La Sala nombró como gobernador a Juan José Viamonte (federal cismático). Creación de la Sociedad Popular Restauradora.

1835 Asesinato de Facundo Quiroga. La Sala de Representantes elige a Rosas como gobernador con facultades extraordinarias y la suma del poder público.

1837 “Generación del 37” (movimiento romántico).

1838-1840 Bloqueo francés. Exilio de los jóvenes románticos (Montevideo, Chile, Europa).

1845-1848 Bloqueo anglo-francés.

1851 Pronunciamiento de Justo José de Urquiza (Gobernador de Entre Ríos), quien reanuda las relaciones exteriores de su provincia. Alianza entre Brasil, Uruguay y Entre Ríos contra Rosas. Participación de los exiliados románticos.

1852-1862

Organización nacional: caída del régimen de Rosas. Proclamación de la Constitución Nacional Argentina y separación de Buenos Aires. Inicio de la unificación nacional.

1852 Batalla de Caseros: victoria de Urquiza sobre Rosas. Acuerdo de San Nicolás. Urquiza, director provisional de la Confederación. Revolución del 11 de septiembre en Buenos Aires: se separa de la Confederación.

1853 Congreso General Constituyente. Proclamación de la Constitución.

1854-1860 Presidencia de Urquiza. Organización de la Confederación argentina. Buenos Aires permanece separada de la Confederación entre 1852 y 1859. Formación en Buenos Aires del Partido Liberal (Mitre y Alsina); Constitución provincial (1854). Enfrentamiento militar entre la Confederación y Buenos Aires (1859). Pacto de San José de Flores: Buenos Aires se declara parte de la Confederación.

1860-1861 Presidencia de Santiago Derqui. Batalla de Pavón (1861). Buenos Aires se incorpora a la Confederación.

1862-1868 Presidencia nacional de Bartolomé Mitre.

